



A
lista
de Brett



Lori Nelson Spielman

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Lori Nelson Spielman

A
lista
de Brett

A small black silhouette illustration of a person sitting at a desk, writing. The person is facing left, and the desk is a simple three-legged table. The person is sitting on a chair with a curved back.

Tradução
Ana Death Duarte



VERUS
EDITORA

Editora: Raïssa Castro

Coordenadora editorial: Ana Paula Gomes

Copidesque: Cleide Salme

Revisão: Tássia Carvalho

Capa: Adaptação da original (© Arrow Books / The Random House Group Limited)

Ilustrações da capa: Sarah Gibb

Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva

Título original: The Life List

ISBN: 978-85-7686-418-9

Copyright © Lori Nelson Spielman, 2013

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

Tradução © Verus Editora, 2014

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S734L

Spielman, Lori Nelson

A lista de Brett [recurso eletrônico] / Lori Nelson Spielman ; tradução Ana Death Duarte. - Campinas, SP : Verus, 2015.

recurso digital

Tradução de: The Life List
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-418-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Duarte, Ana Death. II.
Título.

15-19302

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Sumário

Dedicatória

Epígrafe

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Epílogo

Agradecimientos

Colofon

Para os meus pais, Frank e Joan Nelson

Quem olha para fora sonha;
quem olha para dentro desperta.
— CARL JUNG

1



Vozes vindas da sala de jantar ecoam pela escadaria de nogueira acima, indistintas, um zumbido, intrusivas. Com as mãos tremulas, tranco a porta atrás de mim. Meu mundo fica silencioso. Apoio a cabeça na porta e inspiro fundo. O quarto ainda tem o cheiro dela, do perfume Eau d'Hadrien e do sabonete de leite de cabra. Sua cama de ferro range quando me arrasto para cima dela, e é um som tão tranquilizador quanto o tilintar do sino dos ventos em seu jardim ou sua voz sedosa dizendo que me amava. Eu vinha para esta cama quando ela a dividia com meu pai, reclamando de dor de barriga ou de monstros debaixo de minha cama. Todas as vezes, minha mãe me deixava ficar, me abraçava forte e acariciava meus cabelos, sussurrando: "Haverá outro céu, meu amor, é só esperar". E então, como que por milagre, eu acordava na manhã seguinte e via fitas âmbar esvoaçando entre minhas cortinas de renda.

Chuto meus sapatos pretos de salto para longe e esfrego os pés, aliviada. Jogo o corpo para trás e me ajeito nos travesseiros de estampa paisley amarelos. Decido que vou ficar com a cama. Não importa quem mais a queira, ela é minha. Mas vou sentir falta desta casa de arenito pardo, antiga e cheia de classe. "Ela é tão resistente quanto a sua avó", minha mãe costumava dizer. Para mim, porém,

nenhuma casa e nenhuma pessoa nunca foi tão firme quanto a filha de minha avó — minha mãe, Elizabeth Bohlinger.

De súbito, tenho um pensamento. Piscando para me livrar das lágrimas, dou um pulo para fora da cama. *Ela a escondeu aqui, sei que escondeu. Mas onde?* Num ímpeto, abro a porta do closet. Minhas mãos tateiam às cegas em meio a casacos e vestidos de grife. Mexo em um cabideiro de blusas de seda, e elas se abrem como as cortinas de um teatro. Ali está, aninhada na prateleira de sapatos, como um bebê no berço. Uma garrafa de champanhe Krug, guardada no closet pelos últimos quatro meses.

Uma vez que ela está em minhas garras, a culpa me invade. Esse champanhe pertence à minha mãe, não a mim. Ela se permitiu o luxo dessa garrafa exorbitantemente cara a caminho de casa depois de sua primeira consulta com o médico, e prontamente a enfiou ali para que não fosse confundida com as garrafas comuns lá embaixo. Ela justificava que era um símbolo de promessa. No fim do tratamento, quando minha mãe recebesse o certificado de saúde plena, ela e eu abriríamos o exclusivo champanhe para celebrar a vida e os milagres.

Passo o dedo no papel prateado da garrafa e mordo o lábio. Não posso beber isto. Estava reservado para um brinde de celebração, não para ser tomado por uma filha em luto, fraca demais para aguentar até o fim o almoço do funeral.

Então outra coisa atrai o meu olhar, enfiada entre o lugar onde achei o champanhe e um par de mocassins de camurça. Estendo a mão para pegá-la. É um caderno vermelho fino — suponho que seja um diário —, amarrado com uma fita amarela desbotada. A capa de couro está rachada e desgastada. “Para Brett”, ela escreveu na etiqueta em formato de coração. “Guarde isto para o dia em que estiver se sentindo mais forte. Hoje, erga um brinde a nós, minha querida. Que dupla nós éramos. Com amor, sua mãe.”

Deslizo o dedo por cima da caligrafia, nunca tão elegante quanto se esperaria de uma pessoa tão bonita. Minha garganta dói. Apesar de sua promessa de um final feliz, ela sabia que chegaria o dia em que eu precisaria ser resgatada. Ela me deixou o champanhe para o

dia de hoje, e um retrato de sua vida, seus pensamentos íntimos e suas reflexões para amanhã.

Mas eu não posso esperar até amanhã. Fixo o olhar no diário, desesperada para ler suas palavras agora mesmo. Apenas uma espiada rápida, só isso. Porém, quando puxo a fita amarela, uma imagem de minha mãe toma forma em minha mente. Ela balança a cabeça, gentilmente criticando minha impaciência. Olho de relance para o bilhete que ela me deixou, dizendo para eu esperar até que estivesse mais forte, e fico dividida entre os meus desejos e os dela. Por fim, coloco o diário de lado.

— Por você — sussurro e dou um beijo na capa do caderno —, vou esperar.

Rompendo o silêncio, um gemido sobe do meu peito. Cubro a boca rapidamente com a mão para impedi-lo de sair, porém é tarde demais. Eu me dobro ao meio, abraçando o meu corpo, e literalmente sinto dor pela perda de minha mãe. Como vou conseguir andar por este mundo sem ela? Ainda tenho tanto de filha em mim...

Pego o champanhe. Segurando a garrafa entre os joelhos, estouro a rolha, que dispara até o outro lado do quarto e derruba um frasco de Kytril da mesa de cabeceira. Seu remédio antinauseante! Vou me arrastando até a mesinha, reúno os comprimidos triangulares na mão e me lembro da primeira vez em que ofereci um deles à minha mãe. Ela havia acabado de passar pela primeira sessão de quimioterapia e, pelo meu bem, estava cheia de uma valentia fingida. “Estou me sentindo bem, mesmo. Já tive cólicas menstruais que me fizeram sofrer mais.”

Porém naquela noite a náusea a atingiu como um tsunami. Ela engoliu o comprimido branco e depois me pediu outro. Fiquei deitada ao lado dela enquanto o remédio fazia seu efeito misericordioso, permitindo que o sono chegasse. Eu me aninhei junto à minha mãe, exatamente como ela havia feito comigo tantas vezes. E então, tomada de desespero, cerrei os olhos e implorei a Deus que a curasse.

Ele não me ouviu.

Um fluxo de comprimidos cai da palma de minha mão para dentro do frasco plástico. Deixando a tampa solta, posiciono-o na beirada da mesinha, perto da cama, de maneira que ela possa alcançá-lo com facilidade. Mas não... minha mãe se foi. Ela nunca mais vai tomar outro comprimido.

Eu preciso do champanhe.

— A você, mãe — sussurro com a voz embargada. — Eu tinha tanto orgulho de ser sua filha. Você sabia disso, não?

Em pouco tempo o quarto está girando, e minha dor misericordiosamente é amenizada. Coloco a garrafa no chão e afasto o edredom. Os lençóis frescos cheiram levemente a lavanda. A sensação de ficar deitada aqui é de decadência, longe da multidão de estranhos no andar de baixo. Eu me afundo ainda mais sob as cobertas e me permito mais um momento de silêncio antes de voltar para a sala. Só mais um minuto...



O som alto de alguém batendo à porta me arranca do torpor. Eu me sento na cama. Levo um segundo para me dar conta de onde estou... *Droga, o almoço!* Pulo com tudo da cama, tropeçando na garrafa de champanhe enquanto caminho com dificuldade até a porta.

— Ai! Ah, droga!

— Você está bem, Brett? — pergunta minha cunhada, Catherine, abrindo a porta.

Antes que eu possa responder, Catherine ofega e apressadamente entra no quarto. Ela se abaixa diante do tapete ensopado e ergue a garrafa.

— Meu Deus! Você derramou uma garrafa de Clos du Mesnil 1995?

— Bebi um bom tanto antes.

Eu me prostro no chão ao lado dela e fico tentando limpar o tapete oriental com a barra de meu vestido.

— Meu Deus, Brett. Essa garrafa custou mais de setecentos dólares!

— Arrã. — Eu me esforço para ficar de pé e aperto os olhos ao olhar para o relógio; os números estão borrados. — Que horas são?

Catherine alisa seu vestido de linho preto.

— Quase duas horas. O almoço está sendo servido.

Minha cunhada prende um cacho rebelde atrás de minha orelha. Mesmo eu sendo mais alta uns bons dez centímetros, ela ainda consegue fazer com que eu me sinta uma criancinha despenteada. Eu meio que espero que ela lamba os dedos para colocar meu cabelo no lugar.

— Você está evidentemente abatida, Brett — diz ela, ajeitando meu colar de pérolas. — Sua mãe seria a primeira a dizer que, apesar do luto, você precisa cuidar de si.

Mas isso não é verdade. Minha mãe diria que estou linda, mesmo que minha maquiagem tenha borrado por causa do choro. Ela me convenceria de que a umidade havia realçado minhas longas ondas castanho-avermelhadas — e não que elas criaram um encrespado ninho de rato —, e que meus olhos inchados e vermelhos ainda eram os olhos castanhos e cheios de sentimentos de um poeta.

Sinto que lágrimas ameaçam cair, então desvio o olhar. Quem vai aumentar a minha autoconfiança agora que minha mãe se foi? Eu me curvo para pegar a garrafa vazia, mas o chão treme e dá uma guinada para o lado. Ah, meu Deus! Estou num barco no meio de um furacão. Eu me agarro na travessa lateral da cama como se ela fosse meu bote salva-vidas e espero que a tormenta passe.

Catherine inclina a cabeça de lado e me analisa, batendo de leve no lábio inferior com a unha perfeitamente pintada.

— Escute, querida, por que você não fica quietinha aqui? Eu trago o seu almoço.

Ficar quietinha aqui o caramba! É o almoço do funeral da minha mãe. Eu quero descer, mas o quarto está confuso e não consigo encontrar meus sapatos.

Eu me viro em círculos. O que eu estava procurando mesmo? Saio cambaleando em direção à porta, descalça, e então me lembro.

— Ok. Sapatos. Apareçam, apareçam, onde quer que vocês estejam.

Eu volto e me agacho para dar uma espiada debaixo da cama.

Catherine então me agarra pelo braço e me levanta.

— Brett, pare. Você está bêbada. Vou colocá-la na cama e você poderá dormir até a bebedeira passar.

— Não! — Dou um puxão para me livrar do aperto da mão dela.

— Não posso perder isso.

— Ah, pode sim. Sua mãe não ia querer que você...

— Ah, ali estão eles. — Pego meus sapatos de salto pretos e me esforço para enfiar os pés neles. Senhor, parece que meus pés cresceram dois números.

Saio para o corredor rapidamente, fazendo o melhor que posso, com os pés metade para fora dos sapatos. Com os braços esticados para me manter equilibrada, vou cambaleando de uma parede à outra, como uma bola em um jogo de fliperama. Atrás de mim, ouço Catherine. A voz é austera, mas ela a mantém em um tom baixo, como se estivesse falando com os dentes cerrados.

— Brett! Pare agora mesmo!

Ela está louca se acha que não vou ao almoço do funeral da minha mãe. Da minha amada mãe...

Já estou descendo os degraus e ainda tentando enfiar os pés inchados em sapatos que caberiam na Barbie. Quando alcanço metade da escadaria, torço o tornozelo.

— Aaaaai!

Imediatamente um mar de convidados se vira para mim, várias pessoas que vieram prestar a última homenagem à minha mãe. Eu vislumbro mulheres horrorizadas levando a mão à boca, e homens ofegantes que correm para me segurar.

Só paro quando aterrisso no fim da escada, com o vestido preto levantado até o meio das coxas e sem um dos sapatos nos pés.



Sou despertada pelo som de pratos batendo. Limpo a baba que escorre pelo canto da boca e me sento. Minha cabeça lateja, pesada e confusa. Pisco diversas vezes e olho ao redor. Estou na casa da minha mãe. Que bom. Ela vai pegar uma aspirina para mim. Noto que a sala está cheia de sombras e vejo os empregados andando de um lado para o outro, empilhando pratos e copos em caixas plásticas marrons. O que está acontecendo? A verdade me atinge como um taco de beisebol. Um nó se forma em minha garganta e cubro a boca com a mão. Toda a dor, cada pedacinho da agonia e da tristeza, me atinge mais uma vez.

Certa vez me falaram que uma longa batalha contra o câncer é pior que uma curta batalha, mas não estou convencida de que isso seja verdade para os sobreviventes. O diagnóstico e a morte de minha mãe vieram com tamanha rapidez que parece quase surreal, como se fosse um pesadelo do qual vou acordar com um grito de alívio. Em vez disso, com muita frequência eu acordo depois de ter esquecido a tragédia, e sou forçada a reviver a perda repetidas vezes, como Bill Murray em *Feitiço do tempo*. Será que algum dia vou me sentir bem sem ter aquela única pessoa que me amava incondicionalmente? Algum dia serei capaz de pensar em minha mãe sem sentir um aperto no peito?

Enquanto massageio as têmporas doloridas, fragmentos de imagens confusas surgem com tudo em minha mente, recriando meu humilhante fiasco nos degraus da escadaria. Eu quero morrer.

— Ei, dorminhoca.

Minha outra cunhada, Shelley, se aproxima com sua filhinha de três meses nos braços, a Emma.

— Ah, meu Deus! — Eu solto um gemido e apoio a cabeça nas mãos. — Sou tão imbecil.

— Por quê? Você acha que é a única pessoa que já ficou levemente embriagada na vida? Como está o tornozelo?

Ergo um saco de gelo já bem derretido do tornozelo e faço movimentos circulares com o pé.

— Vai ficar bom. — Balanço a cabeça. — Vai sarar mais rápido que o meu ego. Como eu pude fazer isso com a minha mãe? — Jogo

o saco de gelo agitado no chão e me forço a sair do sofá. — Em uma escala de um a dez, Shel, quão ruim eu estava?

Ela faz um gesto com as mãos, como quem diz que não foi nada.

— Falei pra todo mundo que você estava exausta. E eles acreditaram. Foi fácil convencê-los disso, considerando que sua aparência era de alguém que não dormia havia semanas. — Ela dá uma espiada em seu relógio. — Escuta, eu e o Jay estamos nos preparando para ir embora, já passa das sete.

No hall de entrada, vejo Jay se abaixando na frente do filho de três anos deles, Trevor, enfiando os bracinhos do menino em uma capa de chuva de um amarelo berrante que o faz parecer uma miniatura de bombeiro. Seus olhos azuis como cristal encontram os meus, e ele solta um gritinho agudo:

— Titia Bwett!

Meu coração bate descompassado, e em segredo nutro a esperança de que meu sobrinho nunca aprenda a pronunciar os erres. Devagar, vou andando até ele e bagunço seus cabelos.

— Como vai o meu garotão?

Jay fecha com um clique o prendedor de metal no colarinho da capa de chuva de Trevor e se põe de pé.

— Aí está ela.

Tirando algumas ruguinhas em torno do largo sorriso com covinhas, que o denunciam, parece que meu irmão tem vinte e seis anos, e não trinta e seis. Ele passa um dos braços ao meu redor.

— Tirou um bom cochilo?

— Eu sinto muito — digo, puxando um pedaço de rímel seco do olho.

Ele dá um beijo em minha testa.

— Não se preocupe. Todos nós sabemos que isso é mais difícil para você.

O que ele quer dizer é que, dos três filhos Bohlinger, eu ainda sou solteira, a única sem uma família própria. Eu contava muito com a mamãe. Meu irmão sente pena de mim.

— Todos nós estamos de luto — afirmo, afastando-me dele.

— Mas você era a única filha dela — diz meu irmão mais velho, Joad.

Ele aparece no canto do hall de entrada, com seu corpo magro, mas musculoso, quase escondido por um grande vaso de flores que traz nos braços. Ao contrário de Jay, que penteia os ralos cabelos cacheados para trás, Joad raspa a cabeça, máquina zero, lisa como um ovo, o que, com os óculos de armação transparente que ele usa, lhe dá um ar artístico-urbano. Ele se vira para o lado e me dá um beijo rápido e estalado no rosto.

— Vocês duas tinham uma ligação especial. Eu e o Jay não teríamos conseguido sem você, especialmente perto do fim.

É verdade. Quando nossa mãe foi diagnosticada com câncer no ovário na última primavera, eu a convenci de que lutaríamos juntas contra a doença. Fui eu quem cuidou dela depois da cirurgia, ficou sentada ao seu lado em todas as sessões de quimioterapia, insistiu em ter uma segunda e depois uma terceira opinião médica. E, quando todos os especialistas concordaram com um prognóstico sombrio, era eu quem estava com a nossa mãe no dia em que ela decidiu parar com os terríveis tratamentos.

Jay aperta a minha mão de leve, e seus olhos azuis brilham marejados de lágrimas.

— Estamos aqui para o que precisar. Você sabe disso, não sabe?

Confirmo com um aceno de cabeça e puxo um lençinho de papel do bolso.

Shelley quebra nosso luto silencioso quando entra no hall arrastando a cadeirinha de automóvel da Emma. Ela se volta para Jay.

— Querido, você pode pegar aquela árvore da amizade que meus pais mandaram? — Ela olha de relance para Joad e depois para mim. — Vocês não querem aquilo, querem?

Joad faz um aceno indicando o jardim botânico em seus braços, para o caso de ela não ter visto.

— Já peguei a minha.

— Pode levar — respondo, perplexa com o fato de alguém se importar com uma planta quando nossa mãe acabou de morrer.

Meus irmãos e as esposas saem lentamente da casa de nossa mãe e adentram a noite brumosa de setembro, enquanto eu fico parada, mantendo a porta de jacarandá aberta, tal como nossa mãe

costumava fazer. Catherine é a última a passar, enfiando uma echarpe da Hermès para dentro de sua jaqueta de camurça.

— Nos vemos amanhã — ela diz e me dá um beijo na bochecha, deixando-a marcada com seu batom da cor Casino Pink.

Solto um suspiro queixoso. Como se decidir quem fica com qual planta não fosse divertido o bastante, no dia seguinte, às dez e meia da manhã, todos os bens de nossa mãe serão distribuídos entre os filhos, como uma cerimônia de prêmios dos Bohlinger. Em questão de horas, eu me tornarei a presidente da Cosméticos Bohlinger e a chefe de Catherine, e não estou nem um pouco confiante de que conseguirei lidar com alguma dessas posições.



A tempestuosa casca da noite se rompe, revelando uma manhã sem nuvens e um céu azul. Decido que isso é um bom presságio. Do banco traseiro de um Lincoln, fixo o olhar na orla do lago Michigan e ensaio mentalmente o que vou dizer. *Uau, estou comovida. É uma honra. Nunca vou substituir minha mãe, mas farei o melhor que puder para levar a empresa adiante.*

Minha cabeça lateja e novamente me amaldiçoo por ter bebido aquele maldito champanhe. O que eu estava pensando? Sinto náuseas, e não é algo apenas físico. Como pude fazer aquilo com minha mãe? E como posso esperar que meus irmãos me levem a sério agora? Pego o pó compacto de minha bolsa e dou umas pinceladas nas bochechas. Hoje eu devo mostrar uma aparência de competência e serenidade, como uma presidente deve se apresentar. Meus irmãos precisam saber que consigo dirigir os negócios, mesmo que nem sempre consiga lidar com o álcool. Será que eles ficarão orgulhosos da irmãzinha, passando de executiva de publicidade a presidente de uma grande empresa aos trinta e quatro anos de idade? Apesar do desastre de ontem, acho que sim. Eles já deslançaram na própria carreira e, exceto pela participação nas

ações da empresa, pouco têm a ver com os negócios da família. E Shelley é uma fonoaudióloga e mãe ocupada. Ela não está nem aí para quem dirige a empresa de sua sogra.

É de Catherine que eu tenho medo.

Graduada pela prestigiada Escola de Administração Wharton, da Universidade da Pensilvânia, e membro da equipe de nado sincronizado dos Estados Unidos durante os Jogos Olímpicos de 1992, minha cunhada tem o cérebro, a tenacidade e a competitividade para dirigir três empresas ao mesmo tempo.

Ela ocupa o cargo de vice-presidente da Cosméticos Bohlinger há doze anos e era o braço direito de minha mãe. Sem Catherine, a Cosméticos Bohlinger ainda seria um pequeno, embora próspero, negócio de família. Mas ela entrou na empresa e convenceu minha mãe a expandir sua linha. No início de 2002, Catherine ficou sabendo que Oprah Winfrey começaria em seu programa um novo quadro, chamado "Minhas coisas prediletas". Durante vinte e uma semanas seguidas, Catherine enviou aos Estúdios Harpo belíssimas embalagens de loções e sabonetes orgânicos da Bohlinger, com fotos e artigos sobre a empresa totalmente natural e ecológica. Quando estava preparando o vigésimo segundo envio, Catherine recebeu uma ligação. Oprah havia escolhido a máscara facial orgânica de sementes de uva e chá preto como uma de suas coisas prediletas.

O episódio foi ao ar, e os negócios bombaram. De repente, todos os spas e lojas de departamentos de luxo começaram a pedir a linha da Bohlinger. A fabricação dos produtos quadruplicou nos primeiros seis meses. Três grandes empresas imediatamente ofereceram somas escandalosas para comprar a Cosméticos Bohlinger, mas Catherine convenceu minha mãe a não vendê-la. Em vez disso, ela abriu lojas em Nova York, Los Angeles, Dallas e Miami, e dois anos depois houve a expansão para o mercado estrangeiro. Eu adoraria pensar que minhas proezas no marketing têm algo a ver com isso, mas a empresa se tornou um empreendimento multimilionário em grande parte por causa de Catherine Humphries-Bohlinger.

É inegável. Catherine é a abelha-rainha, e como diretora de marketing eu tenho sido uma de suas leais abelhas-operárias, mas em questão de minutos nossos papéis serão invertidos. Eu me

tornarei a chefe dela, e só de pensar nisso fico aterrorizada até a alma.

No último mês de junho, quando minha mãe estava sofrendo os transtornos causados pelo tratamento e raramente comparecia à Cosméticos Bohlinger, Catherine me chamou até sua sala.

— É importante que você aprenda como funciona a empresa, Brett — disse ela, empertigada atrás da mesa de cerejeira, com as mãos juntas à sua frente. — Por mais que tentemos negar, nossa vida está prestes a mudar. Você precisa estar preparada para assumir o seu papel.

Ela já pensava que minha mãe ia morrer! Como ela pôde presumir o pior? Mas Catherine era uma pessoa realista, e raramente errava. Fui tomada por um calafrio.

— Naturalmente, todas as ações da sua mãe irão para você quando ela falecer. Afinal, você é a única filha envolvida nos negócios da família. Também é parceira dela nos negócios há mais tempo do que qualquer outra pessoa.

Um nó se formou em minha garganta. Minha mãe costumava se vangloriar dizendo que eu ainda usava fraldas quando me juntei à empresa. Ela me colocava no carregador do tipo canguru e então partíamos, tentando vender sabonetes e loções para as lojas locais e em feiras.

— Como acionista majoritária — prosseguiu Catherine —, você terá direito a assumir o cargo de presidente.

Algo no tom frio e medido da voz de Catherine fez com que eu me perguntasse se ela se ressentia disso. E quem poderia culpá-la? A mulher era brilhante. E eu... eu só era filha de Elizabeth.

— Vou ajudá-la a se preparar para isso; não que você já não esteja preparada. — Ela abriu o calendário em seu computador. — Que tal começarmos amanhã, às oito em ponto?

Não era uma pergunta, e sim uma ordem.

Então, todas as manhãs, eu puxava uma cadeira ao lado da de Catherine e ficava ouvindo enquanto ela me explicava coisas sobre transações de negócios no exterior, códigos de impostos internacionais e operações diárias da empresa. Ela me fez assistir a um seminário durante uma semana na Escola de Administração de

Harvard, para que eu me atualizasse das últimas técnicas de gerenciamento, além de me matricular em workshops online sobre tópicos que variavam de otimização de orçamentos a relações empregatícias. Embora muitas vezes eu tenha me sentido sobrecarregada, nunca considerei desistir. E ficarei honrada em usar a coroa que foi de minha mãe. Apenas espero que minha cunhada não se ressinta a cada vez que tiver de ajudar a poli-la.

O motorista de minha mãe me deixa no número 200 da Randolph Street, Chicago. Ergo os olhos para a estrutura de aço e granito do Aon Center. O metro quadrado aqui deve ser caríssimo. Obviamente, o advogado de minha mãe não é nem um pouco incompetente. Sigo até o trigésimo segundo andar e, às dez e meia em ponto, Claire, uma ruiva atraente, me conduz até o escritório do sr. Midar, onde meus irmãos e as respectivas esposas já estão reunidos a uma mesa de mogno retangular.

— Deseja um café, srta. Bohlinger? — Claire me pergunta. — Ou talvez chá? Água?

— Não, obrigada.

Encontro um lugar ao lado de Shelley e olho ao redor. O escritório do sr. Midar apresenta uma combinação do velho e do novo. O espaço sugere modernidade, todo de mármore e vidro, aparência suavizada por tapetes orientais e vários móveis antigos. Tal combinação produz um efeito de tranquilidade e lucidez.

— Belo lugar — comento.

— Não é? — diz Catherine do outro lado da mesa. — Adoro a arquitetura de Stone.

— Eu também. E há granito suficiente aqui para abrir uma pedreira.

Ela ri como se eu fosse uma criança que acabou de fazer uma gracinha.

— Não quis dizer Stone por causa da pedra, e sim Edward Durell Stone — explica ela. — Ele foi o arquiteto deste prédio.

— Ah, certo.

Não existe nada que essa mulher não saiba? Em vez de me impressionar, a inteligência de Catherine faz com que eu me sinta ignorante, sua força faz com que eu me sinta fraca, e sua

competência faz com que eu me sinta tão inútil quanto um par de meias modeladoras na Victoria Beckham. Eu adoro a Catherine, mas é um amor com uma pitada de intimidação, seja isso resultado da minha insegurança ou da arrogância dela, não sei ao certo. Minha mãe certa vez disse que eu tinha todo o intelecto de Catherine, mas apenas uma fração de sua autoconfiança. E depois ela sussurrou: “Graças a Deus”. Foi a única vez em que ouvi minha mãe falando algo negativo sobre Catherine, a Grande — mas essa única declaração sem censura me traz um tremendo conforto.

— Foi construído originalmente para a Companhia de Petróleo Standard — ela continua, como se eu estivesse interessada. — Por volta de 1973, se não me engano.

Jay movimentava a cadeira para trás, além da linha de visão de Catherine, e faz a mímica de um bocejo exagerado; Joad, no entanto, parece fascinado com a conversa de sua esposa.

— Muito bem, querida. O Aon Center é o terceiro edifício mais alto de Chicago — diz Joad, olhando para Catherine, parecendo buscar confirmação. Embora meu irmão seja um dos jovens arquitetos mais respeitados da cidade, sinto que ele também fica um pouco intimidado pela capacidade e pelo talento da mulher com quem se casou. — É ultrapassado apenas pela Trump Tower e pela Willis Tower.

Catherine olha para mim.

— A Willis Tower, sabe? Que antes era conhecida como Sears Tower.

— Sears Tower? — pergunto, esfregando o queixo com uma cara de quem está confusa, zombeteira. — Por que uma loja de departamentos precisaria de um prédio inteiro?

Do outro lado da mesa, Jay abre um sorriso, mas os olhos de Catherine estão voltados para mim, como se ela não estivesse inteiramente certa de que estou brincando antes de recomeçar sua aula.

— Esse lugar tem oitenta e três andares acima do solo e...

O jogo de curiosidades sobre arquitetura chega ao fim quando a porta se abre e um homem alto e desalinhado entra apressado na sala, um pouco sem fôlego. Ele parece ter uns quarenta anos.

Imediatamente passa a mão pelos cabelos escuros e endireita a gravata.

— Oi, pessoal — diz ele, indo em nossa direção. — Meu nome é Brad Midar. Peço desculpas por ter deixado vocês esperando. — Então caminha ao redor da mesa e aperta nossa mão enquanto nos apresentamos. A intensidade de seu olhar é moderada por uma ligeira sobreposição nos dentes da frente, o que lhe confere um charme autêntico de garoto. Eu me pergunto se meus irmãos estão pensando o mesmo que eu. Por que nossa mãe contratou esse jovem, um completo estranho, em vez do sr. Goldblatt, advogado da família há anos?

— Acabei de voltar de uma reunião do outro lado da cidade — diz Midar, que se senta em uma cadeira à cabeceira da mesa, ficando em minha diagonal. — Eu não esperava que fosse acabar tão tarde.

Ele coloca uma pasta cheia de papéis sobre a mesa. Olho de relance para Catherine — pronta para fazer anotações, com seu bloco de notas amarelo e sua caneta a postos — e me encolho. Por que não pensei em tomar notas? Como vou controlar uma empresa inteira se nem me lembro de pegar um mísero bloco de anotações?

O sr. Midar pigarreia.

— Permitam-me começar dizendo quanto sinto pela perda de vocês. Eu gostava muito da Elizabeth. Nós nos conhecemos apenas no mês de maio passado, logo depois de ela receber o diagnóstico de câncer, mas de alguma forma sinto como se a tivesse conhecido durante anos. Não pude ficar por muito tempo no almoço ontem, mas estive presente no funeral. Gosto de pensar que eu estive lá como amigo, e não como advogado.

De imediato eu gosto desse advogado que, mesmo entre suas ocupações, arrumou um tempo para ir ao funeral de minha mãe, uma mulher que ele conhecia havia apenas dezesseis semanas. Então penso no advogado que tenho em minha vida, meu namorado Andrew, que conhecia minha mãe fazia quatro anos e ainda assim não conseguiu arrumar um tempo em sua agenda para estar presente no almoço de ontem. Tento me livrar da dor que começa a

invadir meu peito. Afinal, ele estava no meio de um julgamento. E deu uma escapada para ir ao funeral.

— Dito isso — prossegue o sr. Midar —, sinto-me honrado em ser o testamenteiro de seu espólio. Podemos começar?

Uma hora depois, as instituições de caridade prediletas de minha mãe estão com quantias financeiras substanciais, e tanto Jay quanto Joad têm dinheiro suficiente para passar o restante de seus dias em uma extravagância ociosa. Como nossa mãe conseguiu acumular tamanha riqueza?

— “Brett Bohlinger deve receber sua herança posteriormente.” — O sr. Midar tira os óculos de leitura e olha para mim. — Há um asterisco aqui. Explicarei isso em detalhes depois.

— Ok — respondo, literalmente coçando a cabeça.

Por que minha mãe não me daria a herança hoje? Talvez ela vá explicar a razão naquele pequeno diário vermelho que me deixou. E então a ficha cai. Vou ficar com a empresa inteira, que hoje vale milhões, mas só Deus sabe como ela vai se sair sob a minha liderança. Uma dor surda domina as minhas têmporas.

— Agora é sobre a casa da mãe de vocês. — Ele coloca os óculos no nariz e acha o ponto em que havia parado no documento. — “O número 113 da North Astor Street e todo seu conteúdo devem permanecer intactos durante doze meses. Nem a estrutura nem o que ela contém devem ser vendidos ou alugados durante esse período. Meus filhos não podem permanecer na casa por mais de trinta dias consecutivos e são bem-vindos para fazer uso pessoal dos utilitários domésticos.”

— Sério? — diz Joad, encarando o sr. Midar. — Nós temos nossa própria casa. Não há necessidade de manter a dela.

Sinto meu rosto queimar e então volto a atenção para minhas cutículas. É óbvio que meu irmão pensa que também sou proprietária do loft que divido com Andrew. Embora eu esteja morando lá desde que ele o comprou, há três anos, e tenha investido mais dinheiro ali que o próprio Andrew, meu nome não está na escritura. Tecnicamente, o loft é dele. E para mim, na maior parte do tempo, está bom assim. Dinheiro nunca foi tão importante para mim quanto é para o Andrew.

— Mano, é a vontade da mamãe — diz Jay em seu costumeiro tom amigável. — Precisamos respeitar os desejos dela.

Joad balança a cabeça em negativa.

— Bem, isso é loucura. São doze meses de impostos absurdos. Isso sem falar nos custos de manutenção daquela relíquia.

Joad herdou o temperamento de nosso pai: decisivo, pragmático e desprovido de sentimentalismo. Sua natureza impassível pode ser útil, como na última semana, enquanto fazíamos os preparativos para o funeral. Hoje, porém, parece desrespeitosa. Se fosse por Joad, provavelmente seria colocada uma placa de “VENDE-SE” no jardim da casa de nossa mãe e uma caçamba de lixo na entrada de carros ao final do dia. Em vez disso, vamos ter tempo para separar seus pertences cuidadosamente e dizer adeus a pedacinhos dela, um de cada vez. A casa é tradicional demais para o gosto de Andrew, mas é possível que um de meus irmãos decida manter a estimada propriedade de nossa mãe.

No mesmo ano em que fui para a Universidade Northwestern, minha mãe comprou a propriedade de arenito pardo, que estava caindo aos pedaços, quando foi a leilão por inadimplência no pagamento da hipoteca. Meu pai lhe deu uma bronca, dizendo que ela era maluca de adquirir um imóvel tão imenso precisando de tantas reformas. Porém ele já era seu ex-marido na época. Minha mãe estava livre para tomar as próprias decisões. Ela viu algo de mágico além dos tetos apodrecidos e dos carpetes malcheirosos. Foram necessários anos de trabalho árduo e abnegação, mas, por fim, sua visão e sua paciência prevaleceram. Hoje, o edifício do século XIX, localizado na cobiçada vizinhança de Gold Coast, em Chicago, é admirável. Minha mãe, filha de um metalúrgico, costumava brincar que era como Louise Jefferson, depois de ter “subido na vida”, saindo de sua cidade natal, Gary, em Indiana. Gostaria que meu pai tivesse vivido tempo o bastante para testemunhar a transformação espetacular da casa, assim como da mulher que eu sentia que ele sempre subestimara.

— Você tem certeza de que ela estava lúcida quando fez esse testamento? — pergunta Joad.

Vejo algo de conspiratório no sorriso do advogado.

— Ah, ela estava lúcida, sim. Garanto a vocês que sua mãe sabia exatamente o que estava fazendo. Para falar a verdade, nunca vi um planejamento tão elaborado.

— Vamos prosseguir — diz Catherine, sempre bancando a administradora. — Lidaremos com a casa em seu devido tempo.

Sr. Midar então pigarreja.

— Certo, vamos passar agora para a questão da Cosméticos Bohlinger?

Minha cabeça lateja e sinto quatro pares de olhos fixos em mim. A cena de ontem ressurge em minha mente e me sinto paralisada de pânico. Que espécie de presidente fica bêbada no almoço do funeral de sua mãe? Eu não mereço essa honra. Mas agora é tarde demais. Como uma atriz indicada ao Oscar, tento manter uma expressão neutra no rosto. Catherine está sentada, a caneta pairando sobre o papel, esperando para tomar nota de todos os últimos detalhes da oferta de negócios. É melhor eu me acostumar com isso. Subordinada ou não, a mulher vai me observar pelo resto da minha carreira.

— “Todas as minhas ações da Cosméticos Bohlinger, assim como o cargo de presidente, vão para a minha...”

Aja com naturalidade. Não fique com os olhos pregados em Catherine.

— “... nora” — eu ouço, como se estivesse tendo uma alucinação —, “Catherine Humphries-Bohlinger.”



— Que diabos...? — pergunto em voz alta.

Em um instante me dou conta de que perdi o maldito Oscar e, para o meu horror, não sou nem um pouquinho polida. Na verdade, estou abertamente furiosa.

O sr. Midar olha para mim por cima da armação tartaruga de seus óculos.

— Desculpe. Você gostaria que eu repetisse?

— Si-sim — gaguejo, passando os olhos de um membro da família para outro, na esperança de ver alguma demonstração de apoio. Os olhos de Jay me oferecem empatia, mas Joad nem consegue me olhar. Ele está rabiscando algo em seu bloco de notas, contraindo espasmodicamente o maxilar, de um jeito mecânico. E Catherine, bem, ela poderia mesmo ser uma atriz, porque a expressão de incredulidade em seu rosto é totalmente crível.

O sr. Midar se inclina em minha direção e fala deliberadamente, como se eu fosse sua avó velha e enferma:

— As ações de sua mãe da Cosméticos Bohlinger vão para sua cunhada, Catherine. — Ele estende o documento para que eu o veja. — Cada um de vocês receberá uma cópia do testamento, mas se sintam à vontade para ler o meu agora.

Franzo a testa e o dispenso com um aceno, fazendo a droga do meu melhor para tentar respirar.

— Não, obrigada — consigo dizer. — Prossiga, por favor. Me desculpe.

Eu me ajeito na cadeira com uma postura relaxada e mordo o lábio para impedi-lo de tremer. Deve ser um erro. Eu... eu tenho trabalhado tanto. Queria deixar minha mãe orgulhosa de mim. Será que a Catherine armou para cima de mim? Não, ela nunca seria assim tão cruel.

— Com isso, encerramos esta parte do processo — ele nos informa. — Tenho apenas uma questão particular para tratar com a Brett. — Ele olha para mim. — Você tem tempo agora ou devemos marcar para outro dia?

Estou perdida em meio a um nevoeiro, lutando para achar a saída.

— Pode ser hoje — diz alguém em uma voz que parece a minha.

— Certo, então. — Ele olha atentamente para cada um que está à mesa. — Alguma pergunta antes de encerrarmos?

— Está tudo certo para nós — diz Joad. Ele se levanta da cadeira e procura a porta como um prisioneiro tentando fugir da cela.

Catherine verifica se há mensagens em seu telefone, e Jay se apressa até o sr. Midar, cheio de gratidão. Ele olha de relance para mim, mas rapidamente desvia o olhar. Sem sombra de dúvida, meu irmão está constrangido com a situação. E eu sinto náuseas. A única pessoa amigável comigo é Shelley, com seus rebeldes cachos castanhos e agradáveis olhos cinzentos. Ela abre os braços e me puxa em um abraço. Nem mesmo ela sabe o que me dizer.

Um por um, meus irmãos se despedem do sr. Midar enquanto eu fico sentada na minha cadeira, em silêncio, como uma aluna indisciplinada obrigada a ficar na classe depois da aula. Midar fecha a porta assim que eles saem. Paira um silêncio tão grande na sala que posso ouvir o som sussurrado de meu sangue subindo em ritmo acelerado até as minhas têmporas. Midar volta para seu assento na cabeceira da mesa, de maneira que podemos nos ver sem dificuldade. O rosto dele é suave e bronzeado, e os olhos castanhos

são incongruentes, mas de um modo agradável, com suas feições angulosas.

— Você está bem? — ele me pergunta, como se realmente desejasse ouvir uma resposta. Devemos estar lhe pagando por hora.

— Estou bem — respondo.

Pobre, sem mãe e humilhada, mas bem. Muito bem.

— Sua mãe ficou preocupada que hoje pudesse ser especialmente difícil para você.

— É mesmo? — digo com uma risada um pouco amarga. — Ela achou que eu poderia ficar chateada de ter sido excluída do testamento?

Ele afaga minha mão de leve.

— Isso não é totalmente verdade.

— A única filha dela, e não fico com nada. Nada. Nem mesmo um móvel como prêmio de consolação. Eu sou filha dela, droga!

Puxo a mão da dele e a enterro no colo. Abaixo o olhar para meu anel de esmeralda, vou subindo até o Rolex em meu pulso e por fim para minha pulseira Trinity da Cartier. Ergo os olhos e vejo algo parecido com repulsa estampado no adorável rosto do sr. Midar.

— Sei o que está pensando. Você acha que sou egoísta e mimada. Acha que isso tem a ver com dinheiro ou poder. — Minha garganta fica apertada. — Mas, ontem, tudo o que eu queria era a cama dela. Isso mesmo. Só queria aquela antiga... — esfrego a garganta na esperança de desfazer o nó que se forma ali — cama... para que eu pudesse ficar ali e sentir a presença dela...

Para meu horror, começo a chorar. Um choro fraco, a princípio, mas que dá lugar a soluços tempestuosos e disformes. O sr. Midar corre até sua escrivaninha em busca de lenços de papel. Ele me entrega um deles e afaga minhas costas enquanto luto para recuperar a compostura.

— Sinto muito — eu digo, com uma voz baixa e rouca. — Isso tudo... é muito difícil para mim.

— Eu entendo. — A sombra que passa por seu rosto me faz pensar que ele pode realmente entender a minha situação.

Seco os olhos com batidinhas leves do lenço de papel.

Respira fundo. Agora, de novo.

— Tudo bem — digo, oscilando na margem da compostura. — Você disse que tínhamos negócios para discutir.

Ele puxa um arquivo com papéis de dentro de uma pasta de couro e o coloca na mesa à minha frente.

— Elizabeth pensou em algo diferente para você.

Ele abre o arquivo e me entrega um pedaço de papel, uma folha de caderno amarelada. Fico com os olhos grudados nela. Um mosaico enrugado no papel revela que ele já foi uma bola amassada bem firme e pequena.

— O que é isso?

— É uma lista de sonhos — ele me diz. — A *sua* lista de sonhos.

Preciso de vários segundos para reconhecer que a letra é realmente minha. Minha floreada caligrafia aos catorze anos de idade. Aparentemente eu fiz uma lista de sonhos, embora não tenha mais nenhuma lembrança dela. Dou uma espiada na lista e vejo, ao lado de algumas metas, comentários escritos à mão por minha mãe.

Minhas metas de vida

***1. Ter um filho, talvez dois**

~~**2. Beijar Nick Nicol**~~

~~**3. Ser líder de torcida**~~ Parabéns. Isso era tão importante assim?

~~**4. Tirar apenas A nas provas**~~ A perfeição é superestimada.

~~**5. Esquiar nos Alpes**~~ Como nos divertimos!

***6. Ter um cachorro**

- ~~7. Dar a resposta certa na aula quando a irmã Rose me chamar e eu estiver conversando com a Carrie~~
- ~~8. Conhecer Paris~~ Ah, temos tantas recordações!
- *9. Continuar amiga da Carrie Newsome para sempre!
- ~~10. Entrar na Northwestern~~ Estou tão orgulhosa da sua determinação!
- ~~11. Ser simpática e agradável~~ Está indo bem!
- *12. Ajudar os pobres
- *13. Ter uma casa bem legal
- *14. Ter um cavalo
- ~~15. Participar de uma corrida de touros~~
Nem pense nisso!
- ~~16. Aprender francês~~ Très bien!
- *17. Me apaixonar
- *18. Fazer uma apresentação ao vivo em um palco imenso
- *19. Ter um bom relacionamento com meu pai
- *20. Ser uma professora maravilhosa!

— Hum — digo, analisando a lista. — Beijar Nick Nicol. Ser líder de torcida. — Abro um sorriso e passo a lista de volta para ele,

deslizando-a pela mesa. — É uma graça. Onde você arrumou isso?

— Com a Elizabeth. Ela guardou essa lista durante todos esses anos.

Inclino a cabeça.

— Tá... e daí? Ela me deixou como herança a minha antiga lista de sonhos? É isso?

O sr. Midar não sorri.

— Bom, mais ou menos.

— O que está acontecendo?

Ele coloca a cadeira mais perto da minha.

— Muito bem, o negócio é o seguinte. A Elizabeth pegou essa lista do lixo faz alguns anos. Com o passar do tempo, toda vez que você realizava uma de suas metas, ela a riscava. — Ele aponta para APRENDER FRANCÊS. — Viu?

Minha mãe tinha riscado a meta e ao lado dela escrevera *Très bien!*

— Mas dez metas da lista ainda não foram realizadas.

— Não brinca. Essas metas não têm nada a ver com as que tenho agora.

Ele balança a cabeça.

— Sua mãe achava que essas metas eram válidas ainda hoje.

Eu franzo a testa, magoada ao pensar que ela não me conhecia tão bem.

— Bom, ela estava errada.

— E ela quer que você complete as metas da lista.

Fico boquiaberta.

— Você deve estar de brincadeira. — Balanço a lista na frente dele. — Escrevi essas coisas faz vinte anos! Eu adoraria realizar os desejos da minha mãe, mas isso não vai acontecer com essas metas!

Ele estende as mãos como um guarda de trânsito.

— Ei, sou apenas o mensageiro.

Inspiro fundo e aceno com a cabeça.

— Desculpe. — Afundo de novo na cadeira e esfrego a testa. — O que será que ela estava pensando?

Folheando o arquivo, o sr. Midar pega um envelope cor-de-rosa claro. Reconheço-o imediatamente. É da Crane, a marca de artigos para escritório predileta da minha mãe.

— A Elizabeth escreveu uma carta para você e pediu que eu a lesse em voz alta. Não me pergunte por que eu não posso apenas lhe entregar a carta. — Ele abre um sorriso engraçadinho. — Você sabe ler, não?

Escondo um sorriso.

— Escuta, eu não faço a mínima ideia do que minha mãe estava pensando. Antes de hoje, eu diria que, se ela pediu a você que lesse a carta em voz alta para mim, é porque havia um motivo. Mas hoje já não sei de mais nada.

— Imagino que ainda seja esse o caso. A Elizabeth tinha seus motivos.

Meu coração bate acelerado ao som do envelope sendo rasgado. Eu me remexo na cadeira na tentativa de relaxar o corpo e entrelaço as mãos no colo.

Midar coloca os óculos no nariz e limpa a garganta antes de iniciar.

Querida Brett,

Quero começar dizendo que sinto muito por tudo que você aguentou nesses últimos quatro meses. Você foi minha força, minha alma, e por isso eu lhe agradeço. Eu não queria ter deixado você ainda. Tínhamos tanta vida e tanto amor pela frente, não é? Mas você é forte, vai aguentar, vai até ficar mais forte, embora não acredite em mim agora. Eu sei que hoje você está triste. Deixe que essa tristeza fique um pouco com você.

Eu gostaria de estar aí para ajudá-la a passar por esse período. Eu a envolveria em um abraço

apertado até você retomar o fôlego, como eu costumava fazer quando você era uma menina. Ou talvez a levasse para almoçar. Encontraríamos uma mesa aconchegante no The Drake e eu passaria a tarde toda ouvindo sobre seus medos e suas mágoas, afagando seu braço para você saber que sinto a sua dor.

A voz de Midar soa um pouco densa. Ele olha para mim.

— Você está bem?

Respondo que sim com um aceno, incapacitada de falar. Ele segura o meu braço e o aperta de leve antes de continuar:

Você deve ter ficado muito confusa hoje, quando seus irmãos receberam a herança deles e você não recebeu a sua. E posso apenas imaginar o tamanho da raiva que sentiu quando o cargo mais alto da empresa foi dado a Catherine. acredite em mim: sei o que estou fazendo, e tudo que faço é pelo seu bem.

Midar sorri para mim.

— Sua mãe amava você.

— Eu sei — digo em um sussurro, com o queixo tremendo.

Um dia, há quase vinte anos, eu estava esvaziando a sua lixeira da série Barrados no baile e encontrei uma bolinha de papel amassada. É claro que fiquei curiosa demais para simplesmente deixar pra lá. Você pode imaginar como fiquei feliz

quando a abri e descobri que você tinha escrito uma lista de sonhos. Não sei ao certo por qual motivo você a jogou fora, porque eu a achei adorável. Mais tarde eu lhe perguntei sobre a lista, naquela mesma noite, você se lembra?

— Não — digo em voz alta.

Você me disse que sonhos eram coisa para os tolos. E falou que não acreditava em sonhos. Acho que isso teve alguma coisa a ver com o seu pai. Ele deveria ter ido buscá-la para sair naquela tarde, mas não apareceu.

A dor se apodera do meu coração, torcendo-o em um nó miserável de vergonha e raiva. Mordo o lábio inferior e aperto bem os olhos, fechando-os. Quantas vezes meu pai me deixou esperando e não apareceu? Perdi as contas. Depois de uma dúzia de vezes, eu devia ter aprendido. Mas eu era muito ingênua. Acreditava em Charles Bohlinger. Como um mítico Papai Noel, meu pai certamente apareceria, eu só precisava acreditar.

Suas metas de vida me tocaram profundamente. Algumas eram engraçadas, como a número sete. Outras eram sérias e compassivas, como a número doze: ajudar os pobres. Você sempre foi uma pessoa que gostou de doar, Brett, um espírito sensível e bondoso. Me dói ver que muitas de suas metas ainda não foram realizadas.

— Não quero essas metas, mãe; eu mudei.
O sr. Midar lê:

É claro que você mudou.

Arranco a carta da mão dele.

— Ela disse isso mesmo?

Ele aponta para a linha no papel.

— Bem aqui.

Sinto um arrepio nos braços.

— Que estranho. Continue.

É claro que você mudou, mas, querida, temo que tenha abandonado suas verdadeiras aspirações. Você ao menos tem alguma meta hoje em dia?

— É claro que tenho — digo, torturando meu cérebro para mencionar uma que seja. — Antes de hoje, eu esperava gerenciar a Cosméticos Bohlinger.

Os negócios nunca foram a sua cara.

Antes que eu tenha tempo de apanhar o papel, o sr. Midar se inclina na minha direção, apontando para a frase.

— Ah, meu Deus, é como se ela estivesse me ouvindo!

— Talvez seja por isso que ela queria que eu lesse a carta em voz alta. Para que vocês duas tivessem algo parecido com um diálogo.

Seco os olhos com um lençinho de papel.

— Ela sempre teve sexto sentido. Quando algo me incomodava, eu não precisava falar pra ela. Ela falava comigo. E, quando eu tentava convencê-la do contrário, ela olhava para mim e dizia: “Brett, você está esquecendo que fui eu quem fez você. Sou a única pessoa no mundo que você não consegue enganar”.

— Que bom — diz ele. — Esse tipo de conexão não tem preço. Novamente vejo aquele lampejo de dor em seus olhos.
— Você perdeu um dos seus pais?
— Ambos estão vivos. Moram em Champaign.
Mas ele não me diz se estão bem de saúde. Deixo isso para lá.

Eu me arrependo de ter deixado você trabalhar para a Cosméticos Bohlinger durante todos esses anos...

— Mãe! Muito obrigada!

Você é sensível demais para aquele ambiente.
Você é uma professora nata.

— Professora? Mas eu odiei dar aulas!

Você nunca deu uma chance de verdade para isso. Teve uma experiência terrível naquele ano em Meadowdale, lembra?

Balanço a cabeça.

— Ah, se lembro, lembro muito bem. Foi o ano mais longo da minha vida.

E quando você me procurou chorando, frustrada e cheia de angústia, eu a recebi de braços abertos nos negócios e encontrei um lugar para você no departamento de marketing. Eu teria feito qualquer coisa para apaziguar a dor e a preocupação de seu lindo rosto. Exceto por insistir que você mantivesse

seu certificado de professora no decorrer dos anos, eu permiti que você abandonasse seu verdadeiro sonho. Permitted que você permanecesse em um emprego confortável, com um alto salário, mas que nunca a desafiava nem a animava.

— Eu gosto do meu emprego — digo.

O medo de mudanças nos faz estagnar. O que me leva novamente à sua lista de sonhos. Por favor, dê uma olhada em suas metas enquanto o Brad continua lendo a carta para você.

Ele posiciona a lista à nossa frente e eu a analiso, dessa vez com mais cuidado.

Das vinte metas originais, coloquei um asterisco ao lado das dez metas que faltam e que eu quero que você realize. Vamos começar com a número um: ter um filho, talvez dois.

Solto um grunhido.

— Isso é loucura!

Temo que você vá viver para sempre com uma sombra em seu coração se filhos, ou pelo menos um filho, não fizerem parte de sua vida. Embora eu conheça muitas mulheres que não têm filhos e são felizes, não creio que você seja uma delas. Você era uma menina que amava bonecas, que mal

podia esperar até completar doze anos para poder ser babá. Você costumava enrolar o nosso gato, o Toby, com seu cobertor de bebê e chorava quando ele se livrava e saía pulando da cadeira de balanço. Você se lembra disso, querida?

Meu riso fica preso em um soluço choroso. O sr. Midar me entrega mais um lençinho.

— Eu realmente amo crianças, mas...

Não consigo terminar o pensamento. Eu precisaria pôr a culpa em Andrew, e isso não é justo. Por muitos motivos, as lágrimas continuam caindo. Não consigo contê-las. Midar espera, até que por fim aponto para a carta e faço um aceno com a mão para que ele continue a lê-la.

— Tem certeza? — ele me pergunta, com a mão em minhas costas.

Faço que sim com a cabeça, um lençinho no nariz.

Ele parece cético, mas prossegue:

Vamos pular o número dois. Espero que você realmente tenha beijado o Nick Nicol, e espero que tenha sido maravilhoso.

Abro um sorriso.

— Foi.

Midar pisca para mim e juntos olhamos para a lista.

Vamos passar para o número seis: ter um cachorro. Acho que essa é uma grande ideia! Vá atrás do seu filhotinho, Brett!

— Um cachorro? O que faz você pensar que eu quero um cachorro? Não tenho tempo para cuidar de um peixe, que dirá de um cachorro! — Olho para Brad. — O que acontece se eu não completar essas metas?

Ele puxa uma pilha de envelopes cor-de-rosa, presos por um elástico.

— Sua mãe estipulou que, toda vez que você completar uma das metas, deve me procurar para receber um desses envelopes. Ao completar as dez metas, você receberá isto. — Ele estica um envelope no qual leio CONCLUSÃO.

— O que tem no envelope em que está escrito CONCLUSÃO?

— Sua herança.

— É claro — digo, esfregando as têmporas. Olho bem para o rosto dele. — Você faz alguma ideia do que isso significa?

Ele ergue os ombros.

— Acho que significará algumas importantes mudanças na sua vida.

— Mudanças? A vida que eu conheço acabou de ser despedaçada! E supostamente devo juntar os pedaços dela da maneira como... como uma *criança* queria que fosse?

— Olha, se isso for demais para você hoje, podemos marcar de nos encontrar de novo.

Eu me ponho de pé.

— É demais para mim. Vim até aqui essa manhã esperando sair como a presidente da Cosméticos Bohlinger. Eu deixaria a minha mãe orgulhosa, levaria os negócios a novos patamares. — Sinto um aperto na garganta e engulo em seco. — Em vez disso, eu tenho que arrumar um cavalo? Inacreditável! — Pisco para impedir que as lágrimas caiam e estendo a mão para cumprimentá-lo. — Sinto muito, sr. Midar. Sei que não é culpa sua, mas não posso lidar com isso agora. Entrarei em contato com o senhor.

Estou quase do lado de fora da porta quando Midar se apressa em minha direção, acenando com a lista de sonhos.

— Fique com isso — ele me diz —, para o caso de mudar de ideia. — E coloca a lista em minhas mãos. — O tempo está

passando.

Inclino a cabeça.

— Como assim?

Ele baixa o olhar para seus sapatos, incomodado.

— Você deve realizar pelo menos uma das metas até o fim do mês. Em um ano a partir de hoje, ou seja, no dia 13 de setembro do ano que vem, a lista inteira tem de estar completada.

3



Três horas depois de ter entrado descontraidamente no Aon Center, saio dali aos tropeços, com emoções que se misturam e se esvanecem como uma chuva de meteoros. Choque. Desespero. Fúria. Pesar. Abro a porta do carro com tudo.

— North Astor Street, 113 — digo ao motorista.

Aquele pequeno caderno vermelho. Preciso daquele caderno! Estou mais forte hoje, muito mais, pronta para ler o diário da minha mãe. Talvez ela vá se explicar e me dizer o motivo pelo qual está fazendo isso comigo. É possível que nem seja um diário, afinal, mas um antigo livro de contabilidade. Talvez eu vá descobrir que os negócios estão em queda livre financeira, e foi por isso que ela não deixou a empresa para mim. De alguma maneira, deve haver uma explicação.

Quando o motorista estaciona junto ao meio-fio, abro o portão de ferro de uma vez e subo os degraus de concreto correndo. Sem me dar ao trabalho de tirar os sapatos, subo a escada apressadamente, indo direto até o quarto dela.

Meus olhos analisam o cômodo inundado pelo sol. Exceto pelo abajur e pela caixa de joias de minha mãe, a penteadeira está vazia. Então me lanço para as portas do closet, mas o caderno não está lá. Abro as gavetas e depois me volto para as mesas de cabeceira.

Onde está o caderno? Procuro freneticamente na escrivaninha, mas encontro apenas cartões com monogramas em relevo, várias canetas e selos. O pânico toma conta de mim. Onde raios eu deixei aquele caderno? Peguei-o da prateleira e o coloquei... onde? Na cama? Sim. Ou não? Jogo o edredom para trás, rezando para que o caderno esteja escondido debaixo das cobertas. Meu coração dá marteladas no peito. Como eu pude ser tão descuidada? Eu me viro em círculos, passando a mão pelos cabelos. O que, em nome de Deus, eu fiz com aquele caderno? Minha memória é um borrão. Fiquei tão bêbada assim que até me esqueci do que aconteceu antes? Espere! Eu estava com o caderno quando caí escada abaixo? Saio correndo do quarto e desço os degraus também em uma corrida.

Duas horas depois, tendo procurado debaixo de almofadas, nos móveis, em todas as gavetas, no armário do hall de entrada e até mesmo no lixo, chego à terrível conclusão de que o caderno não está em lugar nenhum. Quando ligo, quase histérica, para meus irmãos, eles não fazem a mínima ideia do que estou falando. Caio no sofá e escondo o rosto nas mãos. Deus me ajude — perdi minha promoção, minha herança e o último presente da minha mãe para mim. Será possível que eu consiga me afundar ainda mais?



Quando o despertador toca na quarta-feira de manhã, acordo com um abençoado esquecimento do pesadelo do dia anterior. Eu me espreguiço e jogo o braço por cima da mesa de cabeceira, buscando às cegas parar o irritante bipe. Silenciando o alarme, rolo na cama de bruços e me concedo mais um momento com os olhos fechados. Mas de repente tudo vem à tona. Abro os olhos e sou envolvida por uma rede de temor.

Minha mãe está morta.

Catherine é a chefe da Cosméticos Bohlinger.

Esperam que eu desmantele a minha vida.

O peso de um elefante cai sobre o meu peito, e eu luto para respirar. Como posso encarar meus colegas de trabalho ou minha nova chefe, agora que sei que minha mãe não tinha confiança em mim?

Meu coração dispara e então me apoio em um dos cotovelos. O loft resfriado tem a sensação revigorante do outono; pisco diversas vezes, ajustando-me à escuridão. Não posso fazer isso. Não posso voltar ao trabalho. Ainda não. Caio de encontro ao travesseiro e fico com o olhar voltado para cima, fitando os canos de metal expostos no teto.

Mas não tenho escolha. Ontem, quando não apareci para trabalhar depois de me encontrar com o sr. Midar, minha nova chefe me ligou, insistindo que nos encontrássemos hoje, logo no primeiro horário. E, por mais que eu quisesse mandar Catherine — a mulher em quem minha mãe acreditava — para o inferno, sem minha herança preciso do emprego.

Jogo as pernas para o lado, tomando cuidado para não acordar Andrew, me levanto e pego meu robe felpudo pendurado no pé da cama. É nesse momento que me dou conta de que ele já saiu. Não são nem cinco horas da manhã, e meu namorado incrivelmente disciplinado já está acordado e correndo. Literalmente. Segurando meu robe, vou andando descalça pelo chão de carvalho e desço com passos pesados a escadaria de metal.

Levo o meu café até a sala de estar e me aninho no sofá com o *Tribune*. Mais um escândalo na prefeitura, mais oficiais corruptos do governo, mas nada me distrai do dia que tenho pela frente. Será que meus colegas de trabalho vão ser solidários e me dizer como foi injusta a decisão tomada por minha mãe? Busco as palavras cruzadas do jornal e me levanto para achar um lápis. Ou será que o escritório irrompeu em aplausos e comemorações quando souberam da novidade? Solto um gemido de lamento. Terei de endireitar os ombros, levantar a cabeça e fazer com que todos acreditem que foi minha a ideia de ter Catherine dirigindo a empresa.

Ah, mãe, por que você me colocou nessa situação?

Sinto um nó na garganta e o engulo com um gole de café. Hoje não tenho tempo para lamentos, graças a Catherine e a sua maldita reunião. Ela acha que está sendo discreta, mas sei exatamente o que está planejando. Nesta manhã ela vai me oferecer um prêmio de consolação: sua antiga posição como vice-presidente. Ela fará de mim a segunda em comando; em troca, vai querer anistia e a minha obediência. Mas ela está delirando se acha que vou aceitar isso sem sérias exigências. Sem herança, vou precisar de um bom aumento de salário.

Minha expressão mal-humorada é suavizada com um sorriso quando Andrew passa rapidamente pela porta, molhado de suor por causa da corrida matinal. Vestindo um short azul-marinho e uma camiseta do Chicago Cubs, ele avalia seu relógio de corrida preto com o cenho franzido.

Eu me levanto.

— Bom dia, amor. Como foi a corrida?

— Fui lento como uma lesma. — Ele tira o boné e passa a mão nos curtos cabelos loiros. — Você vai tirar a manhã de novo?

A culpa por não ir correr me atinge nas entranhas.

— É, ainda não tenho energia.

Ele se curva para desamarrar os cadarços.

— Já se passaram cinco dias. É melhor não esperar demais.

Andrew se vira na direção da lavanderia enquanto vou pegar um café para ele. Quando volto, seu corpo esguio está estirado no sofá. Ele está vestindo calças quentinhas e uma camiseta limpa, fazendo as palavras cruzadas que eu tinha acabado de começar.

— Posso ajudar? — pergunto me aproximando por trás e me apoiando em seu ombro.

Ele estica a mão para pegar sua caneca de café sem tirar os olhos das palavras cruzadas. Então escreve *birr* no doze, na vertical. Dou uma olhada para ver qual é a pista. Moeda etíope. Meu Deus, estou impressionada.

— Ah, catorze na diagonal... — digo, animada pela oportunidade de mostrar que também tenho um pouco de intelecto. — Capital do Estado do Tesouro... é Helena, acho.

— Eu sei.

Ele tamborila com o lápis na testa, profundamente perdido em pensamentos.

Quando exatamente paramos de fazer as palavras cruzadas juntos? Dividindo o mesmo travesseiro, costumávamos fazê-las tomando goles de café. E às vezes, quando eu dava uma resposta especialmente difícil, Andrew beijava minha testa e dizia que amava o meu cérebro.

Eu me viro para sair, mas paro no meio do caminho até a escada.

— Andrew?

— Hã?

— Se eu precisar, posso contar com você?

Finalmente ele levanta a cabeça.

— Vem aqui.

E dá uns tapinhas no lugar ao lado dele no sofá. Vou até ele, que envolve meu ombro com o braço.

— Você ainda está chateada porque perdi o almoço do funeral da sua mãe?

— Não. Eu entendo. Aquele julgamento era importante.

Ele joga o lápis na mesa de centro e abre um largo sorriso, exibindo uma adorável covinha na bochecha esquerda.

— Tenho de admitir que, quando você diz isso assim, soa fraco até para mim. — Com os olhos cravados nos meus, ele fica sério. — Mas, respondendo à sua pergunta, é lógico que você pode contar comigo. Você nunca vai precisar se preocupar com isso. — Ele roça a minha bochecha com o polegar. — Estarei ao seu lado a cada passo, mas você vai ser uma tremenda presidente, com ou sem as minhas orientações.

Meu coração acelera. Quando Andrew chegou em casa na noite passada, carregando uma garrafa de champanhe Perrier-Jouët para comemorar, não tive coragem de lhe contar que eu não era nem nunca seria presidente da Cosméticos Bohlinger. O homem que raramente elogia estava praticamente jorrando elogios para mim. É muito querer mais um dia para aproveitar esse momento? Hoje à noite, quando poderei amenizar o golpe dizendo que sou a nova vice-presidente, vou lhe contar a verdade.

Ele alisa os meus cabelos.

— Me diga, senhora presidente, qual a pauta de hoje? Pensando em contratar advogados em um futuro próximo?

O quê? Não é possível que ele pense que eu agiria contra os desejos da minha mãe. Faço de conta que é uma piada, forçando uma risadinha pela garganta seca.

— Acho que não. Para falar a verdade, tenho uma reunião com a Catherine agora de manhã — digo, deixando que ele pense que fui eu quem convocou a reunião. — Temos algumas questões para discutir.

Ele acena afirmativamente com a cabeça.

— Que bom. Lembre-se de que ela trabalha para você agora. Faça com que ela saiba quem está no comando.

Sinto o sangue subir até as bochechas e num impulso me levanto do sofá.

— É melhor eu ir tomar banho.

— Estou orgulhoso de você, senhora presidente.

Eu sei que deveria contar que é Catherine quem merece o orgulho dele, que é Catherine quem ele deveria estar chamando de senhora presidente. E vou fazer isso. Com certeza.

Hoje à noite.



Apesar do som dos meus saltos no chão do hall de mármore, consigo passar rapidamente pelo saguão da Chase Tower sem ser notada. Subo no elevador até o quadragésimo nono andar e entro na luxuosa matriz da Cosméticos Bohlinger. Empurrando as portas duplas de vidro para passar, sigo diretamente para a sala de Catherine com um olhar de derrota.

Enfio a cabeça para dentro da sala que era da minha mãe, numa esquina do corredor, e vejo Catherine atrás da mesa, perfeitamente apresentável, como sempre. Ela está ao telefone, mas me convida para entrar com um aceno de mão, erguendo o dedo para indicar

que em breve falará comigo. Enquanto ela finaliza a ligação, fico vagando pelo espaço que me é familiar e me pergunto o que ela fez com as pinturas e esculturas que minha mãe adorava. No lugar delas, Catherine colocou sua estante de livros, além de diversos prêmios emoldurados. Todos os resquícios do sacrossanto escritório de minha mãe agora se resumem à vista — de tirar o fôlego — e à pequena placa com seu nome. Porém, quando a inspeciono com mais atenção, vejo que não é a plaquinha da minha mãe. É a de Catherine! A mesma letra de metal e o mármore, na qual agora se lê CATHERINE HUMPHRIES-BOHLINGER, PRESIDENTE.

Eu ferveo de raiva! Exatamente há quanto tempo ela sabia que seria a herdeira do trono de minha mãe?

— Ok, ótimo. Me passe os números quando você os tiver. Sim. *Supashi-bo*, Yoshi. *Adiosu*. — Ela desliga o telefone e volta a atenção para mim. — Tóquio — diz, balançando a cabeça. — A diferença de catorze horas é uma droga. Tenho de estar aqui antes de amanhecer para conseguir falar com eles. Para minha sorte, eles trabalham até tarde. — Ela aponta o outro lado da mesa, onde há um par de cadeiras de estilo Luís XV. — Sente-se.

Eu afundo no assento e passo a mão pela seda azul-cobalto, tentando lembrar se Catherine tinha essas cadeiras em sua antiga sala.

— Parece que você já se mudou de vez para cá — digo, incapaz de resistir à irritação interna. — Até consegui fazer uma placa com o seu nome em... o quê? Vinte horas? Quem diria que isso poderia ser feito com tamanha rapidez!

Ela se levanta e dá a volta na mesa, aproxima-se e posiciona a outra cadeira de frente para mim.

— Brett, é um momento difícil para todos nós.

— Um momento difícil para todos nós? — A minha visão fica embaçada. — Você está falando sério? Eu acabei de perder a minha mãe e a empresa. Você acabou de herdar uma fortuna e os negócios da minha família. E você, você armou para mim! Você disse que eu seria a presidente. Ralei de trabalhar, tentando aprender sobre o mundo dos negócios!

Parecendo tão serena como se eu tivesse acabado de elogiar seu vestido, ela espera. Minhas narinas ardem; quero dizer mais coisas, mas não me atrevo a tanto. Ela é minha cunhada, afinal... e é a droga da minha chefe.

Catherine se inclina para frente, com as mãos pálidas entrelaçadas em cima das pernas cruzadas.

— Eu sinto muito, de verdade. Fiquei tão chocada quanto você ontem. Presumi uma situação no último verão, o que, claro, foi um erro colossal. Eu realmente esperava que você recebesse as ações da sua mãe, e assumi a responsabilidade de preparar você sem primeiro consultar a Elizabeth. Eu não queria que ela pensasse que tínhamos desistido dela. — Catherine cobre minha mão com a dela. — Acredite em mim, eu tinha todas as intenções de trabalhar para você pelo restante da minha carreira. E quer saber de uma coisa? Eu teria ficado orgulhosa disso. — Ela aperta de leve a minha mão. — Eu te respeito muito, Brett. Acho que você poderia ter se saído bem no cargo de presidente. Acho mesmo.

Poderia? Faço uma cara feia, sem saber ao certo se isso é um elogio ou um insulto.

— Mas e essa placa com seu nome... — digo. — Se você não fazia a mínima ideia, como já tinha a placa?

Ela abre um sorriso.

— Elizabeth. Ela fez o pedido para mim antes de morrer. Foi entregue e estava em minha mesa ontem, assim que entrei aqui.

Abaixo a cabeça, envergonhada.

— Só podia mesmo ser a minha mãe.

— Ela era notável — diz Catherine, com os olhos brilhando. — Nunca serei igual a ela. Vou considerar um sucesso se conseguir ser pelo menos um pouquinho como ela.

Meu coração se abrandava. É óbvio que ela também lamenta a perda de Elizabeth Bohlinger. Catherine e minha mãe formavam uma parceria perfeita; minha mãe era a face elegante da empresa, e Catherine, sua incansável assistente nos bastidores. E, ao olhar para ela agora, com seu vestido de cashmere e sapatos Ferragamo, sua pele macia de marfim e o elegante coque na altura da nuca, posso

quase entender a escolha de minha mãe. Catherine tem um ar de presidente em cada centímetro de seu ser, tem a naturalidade para ser a sucessora dela. Porém, ainda assim, dói em mim. Minha mãe não conseguiu ver que, com o tempo, eu poderia ter me tornado como a Catherine?

— Me desculpe — digo. — Mil perdões. Não é culpa sua minha mãe não ter me julgado a pessoa adequada para dirigir a Cosméticos Bohlinger. Você vai ser um enorme sucesso.

— Obrigada — ela diz em um sussurro e se levanta da cadeira.

Aperta de leve meu ombro enquanto passa atrás de mim para fechar a porta. Quando retorna para seu lugar, crava os olhos em mim, e a intensidade em seu olhar é alarmante.

— O que estou prestes a lhe dizer é muito difícil para mim. — Ela morde o lábio inferior, o rosto enrubescido. — Quero que você se prepare, Brett. Vai ser chocante.

Dou uma risada cheia de nervosismo.

— Meu Deus, Catherine, suas mãos estão tremendo. Nunca vi você tão ansiosa. O que está acontecendo?

— Tenho uma ordem vinda da Elizabeth. Ela deixou um envelope cor-de-rosa na gaveta da minha mesa. Havia um bilhete dentro dele. Posso pegá-lo se você quiser.

Ela começa a se levantar, mas eu agarro o seu braço.

— Não. A última coisa que preciso é de outro bilhete da minha mãe. Basta você me dizer o que é.

Meu coração agora está galopando.

— Sua mãe me instruiu a... Ela quer que eu...

— O quê? — eu quase grito.

— Você está demitida, Brett.



Eu não tenho nenhuma lembrança de ter dirigido até em casa. Apenas me lembro de entrar no loft cambaleando, subir a escada aos tropeços e cair na cama. Pelos próximos dois dias, repito um ciclo de dormir, acordar e chorar. Na sexta-feira pela manhã, a compaixão de Andrew já está acabando. Ele se senta na beirada da nossa cama, impecável de terno escuro e camisa branca engomada, e alisa meus cabelos embaraçados.

— Você precisa sair dessa, querida. Você está se sentindo pressionada com a promoção, então é natural que esteja evitando a empresa.

Começo a protestar, mas ele me silencia erguendo o dedo indicador.

— Não estou dizendo que você é incapaz, mas que está se sentindo intimidada. Mas, meu bem, você não pode se dar ao luxo de ficar afastada da empresa por vários dias seguidos. Esse não é o seu antigo emprego em publicidade, em que você podia fazer corpo mole de tempos em tempos.

— Fazer corpo mole? — Fico enfurecida. Ele acha que meu antigo cargo como diretora de marketing era insignificante! E, o que é pior, nem mesmo esse emprego eu consegui manter. — Você não pode imaginar o que estou passando. Acho que mereço uns dias de luto.

— Ei, eu estou do seu lado. Só estou tentando trazer você de volta para a vida.

Esfrego as têmporas.

— Eu sei, me desculpe. Só não estou me sentindo eu mesma esses dias.

Ele se levanta, mas eu seguro na manga de seu paletó. Preciso contar tudo para o Andrew! Meu plano de revelar toda a verdade na quarta-feira à noite foi para o espaço quando fui demitida por minha mãe, e desde então venho tentando criar coragem para explicar a situação.

— Fique em casa comigo hoje. Por favor. A gente podia...

— Desculpe, querida, mas não posso. A carga de trabalho com o meu cliente é insana. — Ele se solta e alisa a manga do paletó. — Vou tentar chegar cedo em casa.

Conte a ele. Agora.

— Espera!

Ele para no meio do caminho até a porta e me olha por cima do ombro.

Meu coração dispara no peito.

— Preciso lhe contar uma coisa.

Ele se vira e aperta os olhos para mim, como se sua namorada, normalmente transparente, tivesse de repente ficado fora de foco. Por fim, volta para a beirada da cama e beija o topo de minha cabeça, como se eu fosse uma tola criança de cinco anos.

— Pare com essas bobagens. Você precisa é tirar esse seu belo traseiro da cama. Afinal, tem uma empresa para dirigir.

Ele acaricia meu rosto de leve e, antes que eu perceba, desaparece do quarto.

Ouçõ a porta se fechar com um clique e enterro o rosto no travesseiro. Que raios vou fazer? Não sou a presidente da Cosméticos Bohlinger. Não sou nem mesmo uma subalterna executiva de marketing. Sou um fracasso, desempregada e aterrorizada com o que o meu namorado, que se importa com status, vai pensar de mim quando ficar sabendo disso.

Não fiquei surpresa quando Andrew me disse que era de uma região abastada de Boston, Duxbury. Ele tinha todos os sinais característicos de alguém que nascera de família tradicional e rica: sapatos italianos, relógio suíço, carro alemão; mas era sempre evasivo quando eu lhe perguntava sobre sua infância. Andrew tinha uma irmã mais velha. Seu pai era proprietário de um pequeno negócio. Eu ficava frustrada por ele não me falar nada além disso.

Três meses mais tarde, e depois de duas garrafas de vinho, Andrew finalmente cuspiu toda a verdade. Com o rosto vermelho e com raiva por eu tê-lo pressionado a falar, ele me contou que o pai era um marceneiro medíocre cujas aspirações excediam de longe suas realizações. A mãe dele trabalhava atrás do balcão da delicatessen do mercado de Duxbury.

Andrew não fora uma criança rica, mas estava desesperado para ser visto como tal.

Senti uma ternura e um respeito por Andrew que não havia sentido antes. Ele não tinha sido uma criança rica. Era um homem que viera do nada e vencera por esforço próprio, tendo de lutar e trabalhar pelo sucesso. Beije seu rosto e lhe disse que estava orgulhosa dele, que suas raízes operárias me faziam amá-lo ainda mais. Em vez de sorrir, ele me lançou um olhar de desprezo. Eu soube então que Andrew não via nada de admirável em sua origem modesta, e que crescer entre os ricos havia deixado nele uma cicatriz.

No mesmo instante, uma onda de pânico toma conta de mim.

A rica-criança-pobre passou a vida adulta acumulando marcos de sucesso, na esperança de compensar suas raízes humildes. E agora eu me pergunto se sou apenas mais um desses marcos.



Da entrada de carros, fico observando a casa perfeita em estilo Cape Cod de Jay e Shelley. Arbustos bem cuidados rodeiam a calçada de tijolos, com crisântemos alaranjados e amarelos saindo de

jardineiras brancas de concreto. Uma onda incomum de inveja me domina. A cama que eles escolheram para deitar é suntuosa e aconchegante, enquanto a minha é áspera e repleta de percevejos.

Pela passarela de tijolos, olho para o quintal exuberante e então avisto meu sobrinho correndo com uma bola de borracha. Ele ergue o olhar quando bato a porta do carro.

— Titia Bwett! — ele me chama.

Vou correndo até o quintal e levanto Trevor no ar; giramos até eu não conseguir mais enxergar direito. Pela primeira vez em três dias, posso sentir um sorriso genuíno iluminar meu rosto.

— Quem é o garoto que me faz feliz? — pergunto, fazendo cócegas na barriga dele.

Antes que ele possa responder, Shelley sai na varanda com os cabelos presos em um rabo de cavalo casual. Ela está usando o que suspeito ser uma calça jeans do Jay, enrolada acima dos tornozelos.

— Oi, mana — ela me diz.

Nós éramos amigas e colegas de quarto na faculdade antes de ela se casar com meu irmão, e ainda temos essa mania boba de nos chamar de irmã.

— Ei, você está em casa hoje.

Ela caminha em minha direção com pantufas de lã e diz:

— Larguei meu emprego.

Eu a encaro.

— Você não fez isso!

Ela se abaixa e puxa uma erva daninha.

— O Jay e eu decidimos que seria melhor para as crianças se um de nós ficasse em casa. Com a herança da sua mãe, não precisamos de dinheiro extra.

Trevor se contorce para descer do meu colo e eu o coloco no chão.

— Mas você adora o seu trabalho! E o Jay? Por que ele não larga o emprego dele?

Ela se levanta, segurando um dente-de-leão já sem vida.

— Sou eu a mãe. Faz mais sentido.

— Então você saiu. Simples assim?

— É. Para minha sorte, a mulher que me substituiu na licença-maternidade ainda estava disponível. — Ela puxa as folhas secas do dente-de-leão e as joga a seus pés. — Ela foi entrevistada ontem e começou a trabalhar hoje. Nem precisei treiná-la. Deu tudo certo.

Percebo algo suspeito na voz de Shelley e sei que as coisas não estão tão bem quanto ela quer que eu acredite. Shelley era fonoaudióloga no Hospital Saint Francis. Trabalhava na unidade de reabilitação, ensinando adultos com lesão cerebral traumática não apenas a falar de novo, mas a raciocinar, debater e socializar. Ela costumava se gabar, dizendo que não se tratava de um emprego, e sim de sua missão de vida.

— Me desculpe, mas não consigo ver você como dona de casa.

— Vai ser ótimo. Quase todas as mulheres da vizinhança são mães e ficam em casa. Elas se reúnem todas as manhãs no parque, fazem brincadeiras com as crianças e aulas de ioga para mães e filhos. Você não imagina quantas possibilidades de interação social meus filhos perderam enquanto estavam na creche. — Os olhos dela encontram Trevor, que está correndo em círculos com os braços esticados como se fosse um avião. — Talvez esta fonoaudióloga aqui possa finalmente ensinar o próprio filho a falar. — Ela ri, mas o som sai estranho. — O Trevor não sabe nem dizer o... — Ela para no meio do pensamento e olha para o relógio de pulso. — Espera, você não devia estar no trabalho?

— Não. A Catherine me demitiu.

— Ah, meu Deus! Vou ligar para a babá.



Para nossa sorte, Megan Weatherby, a hipotenusa de nosso triângulo de amizade, trabalha como corretora de imóveis por distração, e com pouca ambição de realmente vender casas. E, para a sorte de Megan, ela é praticamente noiva de Jimmy Northrup, jogador da defesa do Chicago Bears, o que faz com que a comissão pela venda de imóveis seja algo opcional para ela. Então, quando Shelley e eu

ligamos para Megan a caminho do The Bourgeois Pig Café, ela já está lá, como se tivesse previsto essa pequena crise.

Nós declaramos o The Bourgeois Pig, no Lincoln Park, nosso local predileto onde não se vende álcool. É um lugar aconchegante e original, cheio de livros, antiguidades e tapetes esfarrapados. E o melhor de tudo é que há conversa de fundo suficiente para nos fazer sentir imunes a pessoas bisbilhotando nossos papos. Hoje o sol cálido de setembro nos convida a ficar do lado de fora do café, onde Megan está sentada a uma mesa de ferro, vestindo uma legging preta e um suéter decotado colado nos perfeitos montinhos que ela insiste em dizer que são seus peitos de verdade. Seus olhos, de um azul bem claro, estão maquiados com sombra cinza esfumada e acho que com pelo menos três camadas de rímel. Porém, com os cabelos loiros presos em uma presilha prateada e um toque de blush cor-de-rosa na pele de marfim, ela consegue manter uma pitada de inocência, o que a faz parecer metade garota de programa, metade estudante universitária — um visual que, ao que tudo indica, os homens acham irresistível.

Absorta em seu iPad, ela não nota quando nos aproximamos da mesa. Agarro Shelley pelo braço e a puxo, fazendo com que pare.

— Não podemos interrompê-la. Olha, ela está realmente trabalhando.

Shelley balança a cabeça em negativa.

— Ela está fazendo pose. — Shelley me puxa mais para perto da mesa e faz um sinal com a cabeça, apontando para a tela do tablet de Megan. — Olha só. PerezHilton.com.

— Oi, meninas! — diz Megan, apanhando os óculos de sol da cadeira antes de Shelley se sentar em cima deles. — Escutem isso. — Enquanto nos ajeitamos ao lado dela com nossos muffins e lattes, Megan se põe a falar sobre a mais recente briga entre Angelina Jolie e Brad Pitt e sobre a excêntrica festa de aniversário de Suri. E depois começa a falar de Jimmy. — Red Lobster. Fala sério! Estou usando um vestido bandage da Hervé Léger que mal cobre a minha bunda e ele quer me levar ao maldito Red Lobster!

Acredito que todo mundo mereça uma amiga escandalosamente ousada, que ao mesmo tempo nos mortifica e eletriza, e cujos

comentários nada sutis nos fazem ter ataques histéricos enquanto olhamos por cima do ombro para ter certeza de que ninguém está ouvindo. Megan é esse tipo de amiga.

Conhecemos Meg há dois anos por meio da irmã mais nova de Shelley, a Patti. Elas eram colegas de quarto em Dallas, em treinamento para ser comissárias de bordo da American Airlines. Porém, na última semana do treinamento, Megan não conseguiu alcançar uma mala que estava no fundo do compartimento de bagagem de mão. Decididamente, seus braços eram curtos demais para o trabalho, um defeito imperceptível com o qual Megan agora é obcecada. Mortificada com a situação, ela pegou um avião para Chicago para se tornar corretora de imóveis e conheceu Jimmy durante sua primeira venda.

— Não posso mentir, adoro aqueles biscoitos do Red Lobster, mas... convenhamos!

Por fim, Shelley a interrompe.

— Megan, eu te falei, a Brett precisa da nossa ajuda.

Megan desliga seu iPad e entrelaça as mãos sobre a mesa.

— Ok, sou toda sua. Qual é o problema, *chica*?

Quando não se trata apenas dela, Megan pode ser uma excelente ouvinte. E, julgando pelas mãos entrelaçadas e o olhar fixo, hoje ela está me cedendo o palco. Aproveitando-me o máximo disso, vou cuspindo todos os detalhes da estratégia de minha mãe para destruir a minha vida.

— Então, é esse o trato. Nada de dinheiro nem de emprego. Apenas dez metas estúpidas que devo completar até o ano que vem.

— Isso é besteira — diz Megan. — Mande o advogado à merda. — Ela puxa a lista das minhas mãos. — Ter um filho. Ter um cachorro. Ter um cavalo. — Ela levanta os óculos de sol Chanel e fica olhando para mim. — Que raios sua mãe estava pensando? Que você ia se casar com algum velho fazendeiro?

Não posso evitar um sorriso. Megan pode ser egocêntrica, mas em momentos como este, quando preciso dar risada, eu não a trocaria por uma dúzia de madres Teresa de Calcutá.

— E o Andrew está o mais longe possível de ser um velho fazendeiro — diz Shelley, derramando o conteúdo de um outro pacotinho de açúcar dentro de seu latte. — O que ele pensa disso tudo? Ele está preparado para o próximo passo? Dar bebês a você?

— Comprar um cavalo pra você? — acrescenta Megan, irrompendo em risadas estridentes.

— Está sim — eu digo, fingindo examinar a colher. — Tenho certeza que sim.

Os olhos de Megan dançam.

— Sinto muito, mas não vejo como você pode ter um cavalo no centro de Chicago. Seu prédio permite animais de estimação?

— Você é hilária, Meg. — Esfrego as têmporas. — Estou começando a achar que a minha mãe não estava bem da cabeça. Que adolescente de catorze anos não quer um cavalo? Que garotinha não quer ser professora, ter filhos, um cachorro e uma bela casa?

Shelley faz um movimento com os dedos esticados, para que eu dê a lista a ela.

— Vamos ver essa lista de novo. — Eu lhe passo a lista e ela fica murmurando enquanto a lê com atenção. — Continuar amiga da Carrie Newsome, me apaixonar, ter um bom relacionamento com meu pai. — Ela ergue o olhar. — Esses são certos e garantidos.

Estreito os olhos.

— Meu pai está morto, Shelley.

— Obviamente, ela quer que você faça as pazes com ele. Visite o túmulo dele, plante algumas flores lá. E, bom, você já realizou a meta dezessete: se apaixonar. Você está apaixonada pelo Andrew, não está?

Confirmo com a cabeça, embora, por algum motivo, sinta um frio no estômago. Não consigo lembrar quando foi a última vez em que realmente usamos as palavras "Eu te amo". Mas isso é perfeitamente natural. Depois de quatro anos, a frase fica implícita.

— Então vá até o escritório do sr. Midar e fale com ele. E hoje à noite procure essa tal de Carrie Newsome no Facebook. Envie

algumas mensagens, restabeleça a ligação entre vocês. Bingo! Mais um ponto.

Sinto dificuldade para respirar. Não falo com Carrie desde que ela saiu de minha casa, magoada e humilhada, há quase dezenove anos.

— E quanto à meta número doze: ajudar os pobres? Isso não é tão difícil. Vou fazer uma doação para a Unicef ou algo do gênero. — Olho para minhas amigas buscando apoio. — Vocês não acham?

— Totalmente — diz Megan. — Você vai terminar isso mais rápido que um adolescente com tesão.

— Mas e o maldito bebê? — pergunto, apertando a ponte do nariz. — Além da apresentação ao vivo e do emprego como professora. Jurei que nunca mais pisaria num palco ou numa sala de aula.

Megan agarra o próprio pulso e o puxa, um hábito irritante que ela adquiriu porque acha que isso vai alongar seus braços.

— Esqueça essa história de trabalhar como professora. Basta ser professora substituta por alguns dias, talvez uma semana ou duas. Você consegue isso logo. Mais um ponto pra você.

Pondero sobre a possibilidade.

— Professora substituta? Minha mãe nunca disse que eu deveria ter a minha própria sala de aula. — Um lento sorriso vai se formando em meu rosto. Ergo o meu latte. — Um brinde a vocês, meninas! Na segunda à tarde, os drinques são por minha conta. Até lá terei pego um ou dois envelopes com o sr. Midar.



Na segunda-feira de manhã, paro na floricultura e escolho um buquê de flores do campo antes de me dirigir ao escritório do sr. Midar. Acho que vou me dar um presente cada vez que realizar uma das metas de vida *daquela garota*. Por impulso, escolho um buquê para o sr. Midar também.

Enquanto o elevador sobe até o trigésimo segundo andar, um misto de expectativa e entusiasmo borbulha dentro de mim. Mal posso esperar para ver o rosto do sr. Midar quando eu lhe contar o que realizei. Porém, quando entro no elegante escritório do advogado e vou andando a passos largos até a mesa de Claire, ela me olha como se eu fosse louca.

— Você quer vê-lo agora? Infelizmente não é possível. Ele está trabalhando em um caso importantíssimo.

Quando me viro para ir embora, o sr. Midar subitamente sai de sua sala como um coelho da toca. Ele dá uma olhada na recepção e abre um sorriso adorável quando me vê.

— Srta. Bohlinger! Pensei ter ouvido sua voz! Entre.

Claire olha para o sr. Midar boquiaberta enquanto ele acena para que eu entre em seu escritório. Entrego-lhe as flores do campo quando passo na sua frente.

— Para mim?

— Estou me sentindo generosa.

Ele ri.

— Obrigado. Mas decidi não gastar dinheiro com um vaso, não é?

Luto para reprimir um sorriso.

— Você vai ter que se virar. Estou desempregada, como provavelmente você deve saber.

Ele procura algo em seu escritório, até que avista um vaso de cerâmica com flores de seda.

— É, esse é um ponto negativo do meu trabalho. Sua mãe faz jogo duro. — Ele tira as flores artificiais do vaso e as joga no lixo. — Vou pegar um pouco de água. Volto já.

Ele sai com o vaso e eu fico sozinha em sua sala, o que me dá a oportunidade para observar melhor as acomodações. Passo pela janela que vai do chão ao teto e admiro a vista que se estende do Parque Millennium até o Planetário Adler. Diminuo o passo quando me aproximo da sólida mesa de imbuia, repleta de três substanciais arquivos processuais, um computador e uma caneca manchada de café. Procuo porta-retratos com fotos de sua bela esposa, do filho adorável e do obrigatório golden retriever. Em vez disso, me deparo com uma fotografia de uma mulher de meia-idade e alguém que parece ser seu filho adolescente, ambos relaxados no deque de um barco. A irmã dele e o sobrinho, suponho. A única outra foto ali é a do sr. Midar metido em sua beca e capelo, apertado entre dois adultos radiantes que presumo serem seus pais.

— Pronto — diz ele.

Eu me viro e o vejo chutar a porta, que se fecha atrás dele. Ele coloca o vaso de flores sobre uma mesa com tampo de mármore.

— Lindas.

— Tenho boas notícias, sr. Midar.

— Por favor — diz ele com um sinal para que eu me dirija até um par de poltronas de couro, perfeitamente desgastadas pelo tempo. — Vamos trabalhar juntos durante o próximo ano. Por favor, me chame de Brad.

— Tudo bem. E me chame de Brett.

Ele se senta na cadeira pegada à minha.

— Brett. Gosto desse nome. Qual é a origem?

— Elizabeth, é claro. Ela era fã de literatura. Meu nome veio de Lady Brett Ashley, a mulherzinha fútil e impulsiva em *O sol também se levanta*, de Hemingway.

— Excelente escolha. E Joad? Não era o sobrenome da família retratada em *As vinhas da ira*, de Steinbeck?

— Isso mesmo. E o nome do Jay veio de Jay Gatsby, o personagem de Fitzgerald.

— Mulher inteligente. Gostaria de tê-la conhecido por mais tempo.

— Eu também.

Ele me dá uma batidinha empática no joelho.

— Você está bem?

Faço que sim com a cabeça e tento engolir em seco.

— Contanto que eu não pense nisso.

— Entendo.

Ali está ele de novo, o mesmo olhar machucado que vi em seu rosto na semana passada. Quero lhe perguntar sobre isso, mas sinto ser intrusivo demais.

— Tenho boas notícias — digo, endireitando-me. — Já realizei uma meta de vida.

Ele ergue uma das sobrancelhas, mas não diz nada.

— Número dezessete. Me apaixonar.

Ele inspira de um jeito que dá para ouvir.

— Isso foi rápido.

— Na verdade, não. Meu namorado, o Andrew... Bom, eu e ele estamos juntos há quase quatro anos.

— E você o ama?

— Sim — respondo, abaixando-me para pegar uma folha que ficou presa ao meu sapato.

É claro que amo o Andrew. Ele é inteligente e ambicioso. É um excelente atleta e extremamente lindo. Então, por que sinto que estou trapaceando nessa meta de vida?

— Parabéns. Vou pegar o seu envelope.

Ele se levanta e vai até o arquivo ao lado da mesa.

— Número dezessete — fala em voz baixa e procura o envelope.

— Ah, aqui está.

Levanto-me da cadeira e estico a mão para pegar a carta, mas ele a segura contra o peito de um jeito protetor.

— Sua mãe me instruiu a...

— Ai, meu Deus! O que foi agora?

— Desculpe, Brett. Ela me fez prometer que abriria cada um dos envelopes para você e leria o que está escrito em voz alta.

Eu caio de volta na cadeira e cruzo os braços sobre o peito, como uma adolescente mal-humorada.

— Vá em frente então; abra o envelope.

Parece que ele leva uma eternidade para abri-lo e retirar a carta de dentro. Por curiosidade, meus olhos seguem até sua mão esquerda procurando uma aliança, mas não vejo nada além de pele bronzeada e uns poucos pelos masculinos. Ele puxa os óculos de leitura do bolso da camisa e inspira fundo.

Olá, Brett, ele lê. Sinto muito que você tenha cruzado a cidade inteira para me dizer que está apaixonada pelo Andrew. Veja, estou esperando por aquele tipo de amor que faz parar o coração, que nos faz dizer “Eu morreria por você”.

— O quê? — Jogo as mãos para cima. — Ela está louca! Esse tipo de amor só existe em livros românticos e no canal Lifetime. Qualquer idiota sabe disso.

Com frequência, escolhemos relacionamentos que espelham nosso passado. No Andrew, você escolheu um homem muito parecido com o seu pai, embora eu saiba que você vai discordar disso.

Fico ofegante. Os dois não poderiam ser mais diferentes. Ao contrário de Andrew, que admira uma mulher poderosa, meu pai se sentia ameaçado pelas conquistas de minha mãe. Durante anos ela foi obrigada a minimizar a importância do próprio sucesso, rindo e chamando seu negócio de "hobby". Porém chegou um momento em que os pedidos eram mais frequentes do que ela conseguia atender. Então ela teve de alugar um espaço e contratar funcionários. De repente, minha mãe estava vivendo o sonho *dela*. Foi então que o casamento se desfez.

Como o seu pai, o Andrew é ambicioso e determinado, mas um tanto quanto avarento com o amor, você não concorda? Ah, e como me dói ver você lutar pela aceitação dele, da mesma maneira que fazia com o seu pai. Ao competir pelo afeto dele, temo que você tenha abandonado o seu autêntico eu. Por que você não se sente merecedora dos seus próprios sonhos?

Lágrimas ardem em meus olhos e pisco para me livrar delas. Uma imagem me vem à mente. É o alvorecer e estou fazendo minha caminhada diária para o treino de natação, temendo a água gélida e escura, mas desesperada para deixar meu pai orgulhoso de mim. Anos depois, na faculdade, eu até estudei ciências como disciplina secundária, minha matéria menos querida, na esperança de encontrar algum ponto em comum com o homem que por fim me dei conta de que nunca agradaria.

Eu só quero que você seja feliz. Se você estiver mesmo convencida de que o Andrew é o seu amor, então compartilhe a sua lista de sonhos com ele. Se ele estiver disposto a ser seu parceiro na

realização dessas metas, eu subestimei o amor de vocês, e então você pode considerar essa meta realizada. Mas, independentemente do resultado, saiba que o amor é a única coisa sobre a qual você nunca deve chegar a um meio-termo. Volte quando tiver encontrado o seu amor, minha querida. Valerá a pena.

Esfrego o nó na garganta e tento parecer alegre.

— Ótimo. Em pouco tempo estarei de volta.

Brad se vira para mim.

— Você acha que ele vai topar, então? O bebê? O cachorro?

— Totalmente — digo, roendo a unha do polegar.

Eu te amo, diz Brad.

Isso me surpreende e chama minha atenção, mas percebo que ele só recomeçou a leitura.

P.S.: Sugiro que você comece com a meta número dezoito: Fazer uma apresentação ao vivo em um palco imenso.

— Ah, tá bom. É só eu me inscrever no Joffrey Ballet. Ela ficou completamente louca?

Eu me pergunto o que você tinha em mente. Imagino que fosse o balé, ou talvez um papel dramático. Você adorava o grupo de teatro, quase tanto quanto as aulas de dança. Mas largou os dois

para virar líder de torcida. E, embora eu tenha apoiado essa decisão, tentei convencê-la a fazer os testes para as peças da escola, a se juntar ao coral ou à banda. Você não me deu ouvidos. Aparentemente, seus novos amigos não gostavam dessas atividades e, infelizmente, a opinião deles era algo que importava para você. Onde foi parar aquela garota destemida e cheia de confiança que adorava entreter os outros?

Uma recordação abrasadora vem à tona, a qual mantive submersa durante vinte anos. Era a manhã do meu recital de dança moderna, a primeira vez em que eu estaria em um palco sem a Carrie. Ela havia se mudado fazia dois meses, apenas algumas semanas depois de meus pais se separarem. Em um súbito rompante de solidão, peguei o telefone para ligar para ela. Porém, antes que eu tivesse tempo de discar o número, ouvi a voz da minha mãe no fone.

— Por favor, Charles. Ela está contando com você.

— Olha, eu disse que ia tentar. A licença só sai na semana que vem.

— Mas você prometeu a ela — minha mãe implorou.

— Bom, talvez seja a hora de ela perceber que o mundo não gira ao redor dela. — Ele bufou de raiva e, com um tom de zombaria do qual nunca vou me esquecer, completou: — Vamos cair na real, Liz. A garota não é exatamente material para a Broadway.

Esperei trinta minutos antes de ligar para ele, e me senti aliviada quando a secretária eletrônica atendeu.

— Sou eu, pai. Está faltando energia elétrica no auditório. Meu recital foi cancelado.

Aquele dia marcou a última vez em que pus os pés em um palco. Engulo em seco, com dificuldade.

— Onde ela foi parar? Aconteceu com ela o que acontece com todas as garotinhas com grandes sonhos. Ela cresceu. Ela caiu na real.

Brad me desferiu um olhar inquisitivo, como se quisesse mais detalhes, mas continua a ler quando não me pronuncio.

Por causa do pouco tempo, sugiro que sua apresentação seja curta e agradável, mas algo que lhe arranque de sua atrofiada zona de conforto. Você se lembra da comemoração no aniversário do Jay em julho passado, na Third Coast Comedy? Quando o mestre de cerimônias fez a propaganda da próxima noite dos amadores, você se inclinou na minha direção e disse que preferia escalar o monte Everest usando um par de Louboutins. Foi então que me dei conta de quanto você se tornou tímida. Naquele momento, eu preferi manter essa meta em sua lista de sonhos e decidi que uma apresentação de comédia stand-up seria o antídoto perfeito para a sua timidez. Você estará no palco, realizando tanto o seu desejo quanto o meu.

— Não! Nunca! — Eu me viro para Brad, desesperada para fazer com que ele veja as coisas do meu jeito. — Não posso fazer isso! Não vou fazer isso! Não sou nem um pouco engraçada!

— Talvez você apenas não tenha trabalhado esse seu lado ultimamente.

— Olha, não me importa se eu sou uma versão da Ellen DeGeneres, por nada neste mundo eu vou fazer um show de stand-up. Está na hora de passarmos para o plano B.

— Brett, não existe nenhum plano B. Se você quiser honrar os desejos de sua mãe e receber sua herança, tem de completar a lista.

— Não! Você não está me entendendo? Eu não quero esses malditos desejos!

Ele se levanta e vai até a janela. Observo sua silhueta perante os arranha-céus da vizinhança; com as mãos enfiadas nos bolsos, ele parece um filósofo grego contemplando os mistérios da vida.

— A Elizabeth me convenceu de que estava fazendo um favor para você com essas metas. Ela me disse que você poderia ficar relutante, mas eu não fazia a mínima ideia de quanto. — Ele passa a mão pelos cabelos e se vira na minha direção. — Eu realmente sinto muito.

Algo em relação à sua ternura, à sua angústia não disfarçada, faz com que eu baixe a guarda.

— Como você poderia saber? Minha mãe realmente achou que estava me fazendo um favor. Esse foi o último esforço dela, a última tentativa desesperada de mudar a trajetória da minha vida.

— Ela não achava que você era feliz?

Abaixo o olhar.

— Aparentemente não, o que é uma loucura. Minha mãe raramente me via sem um sorriso no rosto. Ela vivia falando que eu tinha saído do útero dela sorrindo.

— Mas e por trás do sorriso?

A pergunta direta, em um tom suave, me pega desprevenida. Por algum motivo eu engasgo. Penso no pequeno Trevor e em quanto seu rostinho rechonchudo fica vermelho quando ele sorri alegremente. Certa vez minha mãe me disse que eu era exatamente como ele quando criança. Então eu me pergunto para onde vai esse tipo de alegria. Talvez para o mesmo lugar que a confiança da juventude.

— Sou perfeitamente feliz. Quer dizer, por que não seria?

Brad abre um sorriso triste para mim.

— Confúcio disse: O caminho para a felicidade se encontra na comédia stand-up.

Não consigo evitar e abro um sorriso para o tosco sotaque chinês dele.

— Arrã. Confúcio também disse: Uma mulher sem humor deve passar longe de um clube de comédia.

Ele ri e volta até onde estou sentada. Então se empoleira na beirada da cadeira, com as mãos entrelaçadas tão perto da minha perna que quase me tocam.

— Estarei lá com você — ele me diz —, se você quiser.

— Você faria isso? — Olho-o como se ele tivesse acabado de concordar em participar de um duplo suicídio. — Por quê?

Ele se reclina e apoia o pescoço nos dedos.

— Vai ser um arraso.

— Então seríamos, tipo, uma dupla de comediantes?

Ele dá risada.

— Ah, de jeito nenhum! Eu quis dizer que estarei lá com você, que vou assistir à sua atuação, mas na plateia. Este corpo aqui não vai chegar nem perto do palco.

Estreito os olhos.

— Covarde!

— Você está certa.

Analiso-o.

— Por que você está sendo tão legal comigo? Minha mãe te encarregou disso também? Ela está pagando para você fazer isso ou algo assim?

Espero que ele dê risada, mas ele não ri.

— De certa forma, sim. Veja bem, na última primavera, sua mãe foi até um evento promovido para arrecadar fundos para uma associação que cuida de pessoas com Alzheimer, e eu era um dos anfitriões. Foi assim que nos conhecemos. Meu pai foi diagnosticado há três anos.

Então é daí que vem a tristeza dele.

— Eu sinto muito.

— É, eu também. De qualquer forma, com a economia em crise, estávamos abaixo das expectativas previstas, mas sua mãe se envolveu com a nossa causa. Ela fez uma contribuição imensa e nos levou a ultrapassar a nossa meta.

— E agora você se sente na obrigação de retribuir? Isso é loucura. Minha mãe fazia esse tipo de coisa o tempo todo.

— Na semana seguinte, um pacote foi entregue no meu escritório. Sabonetes, xampus, loções, uma imensa quantidade de coisas da Cosméticos Bohlinger. Estava endereçado à minha mãe.

— Sua mãe? Espere, achei que você tinha dito que o seu pai...

— Isso mesmo.

Demora um segundo para que as peças do quebra-cabeça se encaixem.

— Sua mãe também é uma vítima do Alzheimer.

— Exatamente. Ela chorou quando lhe entreguei o pacote. Como cuidadora dele, as necessidades dela eram bem ignoradas. Sua mãe sabia que ela precisava de conforto também.

— Essa é a minha mãe, a mulher mais sensível que já conheci na vida.

— Ela era uma santa. Então, quando ela fez de mim o testamenteiro do espólio dela e me explicou qual era o plano para você, dei a minha palavra de que iria concluí-lo. — O rosto dele está marcado por uma determinação de ferro. — E, acredite em mim, eu farei isso.



Estar desempregada tem suas vantagens, especialmente para alguém que precisa se preparar para uma apresentação de comédia em menos de um mês. Estou tentada a roubar umas falas que ouvi no canal Comedy Central, mas sei que minha mãe não aprovaria. Em vez disso, passo a semana vasculhando a cidade. Qualquer coisa remotamente engraçada que ouço ou vejo se torna alimento possível para minha apresentação. Na esperança de anular, ou pelo menos minimizar, a possibilidade de fazer um perfeito papel de idiota em público, passo horas na frente do espelho, trabalhando para aperfeiçoar meu material. Ao mesmo tempo, meu estômago dá um nó e fica bem apertadinho, e olheiras escuras se formam sob meus olhos.

Ocorre-me que essa pode ter sido a intenção de minha mãe o tempo todo. Colocando a apresentação ao vivo no topo da minha lista, ela achou que eu ficaria ansiosa e preocupada demais para pensar nela. Na verdade, tem o efeito contrário. Elizabeth Bohlinger amava uma boa risada acima de tudo. Toda vez que vejo alguém dando uma de bobo ou ouço algo que me faz abrir um sorriso, quero compartilhar isso com ela. Se ela estivesse viva, eu lhe telefonaria e diria:

— Tenho uma boa para lhe contar.

Isso era tudo que ela precisava ouvir. Ou ela me imploraria para contar na mesma hora, ou — o que era bem mais frequente — me convidaria para jantarmos juntas mais tarde. Assim que nosso vinho fosse servido, ela se inclinaria e daria um tapinha no meu braço.

— Sua história, querida. Por favor, fiquei esperando o dia todo.

Eu costumava florear a história usando sotaques e dialetos para causar efeito. Ainda agora posso ouvir o som de sua risada, ver as lágrimas brotando de leve no canto dos olhos...

Eu me pego sorrindo e então me dou conta de que, pela primeira vez desde a morte dela, as lembranças de minha mãe me fazem feliz, e não triste.

E é exatamente assim que ela gostaria que fosse, a mulher que amava rir.



Na noite anterior à minha apresentação, fico acordada, inquieta e tensa. Uma faixa de luz encontra seu caminho através das persianas de madeira e ilumina o tórax de Andrew. Apoio-me em um cotovelo e fico olhando para ele. Seu peito sobe e desce em perfeita sincronia com o leve ruído que escapa de seus lábios a cada vez que ele solta o ar. Preciso de cada pedacinho de minhas forças para não passar a mão sobre a maciez amanteigada de sua pele. As mãos dele estão entrelaçadas sobre sua lisa barriga, e o rosto está sereno, não muito diferente da pose fúnebre feita em minha mãe.

— Andrew — sussurro —, estou com tanto medo.

O corpo inerte dele me convida a prosseguir, ou pelo menos é o que me parece.

— Vou me apresentar em um clube de comédia amanhã à noite. Queria tanto lhe contar isso, para que você pudesse estar lá comigo ou me desejar sorte. Você costumava ser tão bom em me fazer sentir segura. Lembra quando você ficou na linha comigo a noite inteira antes da minha apresentação em Milão, só para estar ali, ao lado do meu travesseiro, caso eu acordasse? — Minha voz fica presa

na garganta. — Mas, se eu lhe contasse isso agora, também teria de contar sobre essa lista ridícula que a minha mãe quer que eu complete, e não posso fazer isso. — Ergo a cabeça para o teto e fecho os olhos bem apertado para expulsar as lágrimas. — Minha lista de sonhos é tão diferente de como seria a sua. — Começo a dizer *Eu te amo*, mas a frase fica presa na garganta. Em vez disso, mexo a boca para dizer as palavras, mas sem emitir nenhum som.

Ele se mexe, e meu coração deixa de bater por um instante. Ah, meu Deus, e se ele me ouviu? Solto um suspiro. E daí? Seria tão ruim assim se o homem com quem eu moro, o homem com quem divido a cama, soubesse que eu o amo? Fecho os olhos e a resposta vem com força total: Sim, seria. Porque eu não sei ao certo se ele seria capaz de me dizer o mesmo.

Eu me jogo no travesseiro e fico encarando as tubulações de ar no teto. Andrew ama o meu sucesso e o meu status, mas isso já era. Será que ele realmente me ama? Será que ele ao menos me conhece — meu verdadeiro eu?

Coloco um braço em cima da testa. Não é culpa dele. Minha mãe estava certa. Mantive meu verdadeiro eu escondido. Abandonei os meus sonhos e me transformei exatamente no tipo de mulher que o Andrew quer que eu seja: não convencional, nada exigente e que não lhe traz nenhum ônus.

Olho de relance para o meu namorado enquanto ele dorme. Por que eu desisti da vida que um dia desejei ter? Aquela garotinha ainda está viva dentro de mim, se sentindo não merecedora? Será que a minha mãe está certa? Abandonei os meus sonhos na tentativa desesperada de ganhar a aprovação do Andrew, aprovação que também nunca recebi do meu pai? Não, isso é ridículo. Eu decidi, anos atrás, que a aprovação do meu pai não significava nada para mim. Então, por que não lutei por meus sonhos? Porque o Andrew tinha aspirações diferentes e escolhi segui-lo? Não, essa é apenas a versão generosa e altruísta que gosto de imaginar. Por mais que eu odeie admitir, há outra coisa, algo bem menos nobre...

Eu tenho medo. Por mais fraco e covarde que pareça, não quero ficar sozinha. Deixar o Andrew seria uma aposta gigantesca neste

momento da minha vida. É claro que eu poderia conhecer outra pessoa, mas, aos trinta e quatro anos, começar de novo parece especulativo demais; seria como transferir todas as minhas economias de uma conta estável no mercado monetário para um investimento arriscado. É verdade que os ganhos poderiam ser imensos, mas a perda talvez me destruísse por completo. Tudo pelo que trabalhei poderia desaparecer em um lampejo, e eu acabaria sem nada.

Finalmente, às duas e meia da manhã, eu me forço a sair da cama e desço as escadas com passos pesados, indo até o sofá. Na mesinha de centro, vejo algo em meu celular. Pego-o e leio uma mensagem de texto, enviada às onze e cinquenta:

Relaxe. Você vai se sair bem. Durma um pouco agora.

É do Brad.

Um discreto sorriso cruza meu rosto. Rastejo para debaixo da coberta de chenile e me deito aninhada na almofada do sofá. Como se tivesse acabado de ser beijada na testa e recebido um copo de leite quente, meu coração começa a bater mais devagar e me sinto segura de novo.

Da maneira como o Andrew costumava fazer com que eu me sentisse.



Do tamanho de um salão de baile, a Third Coast Comedy está recebendo uma barulhenta multidão em apenas uma sala. Mesas redondas enchem o andar principal, posicionadas diante de um palco de madeira elevado a uma altura de pouco mais de sessenta centímetros. Na parede dos fundos, um grande número de pessoas está reunido em volta do bar, esticando o pescoço para ver a apresentação. Qual é a de todas essas pessoas reunidas aqui em

plena segunda-feira à noite? Elas também não têm emprego? Do outro lado da mesa, aperto o braço de Brad, gritando para que ele possa me ouvir por cima do barulho do público.

— Não consigo acreditar que você me convenceu a fazer isso! Você não podia ter encontrado um teatro menor?

— Sete minutos e você terá cumprido a meta dezoito — ele grita em resposta. — Aí poderá seguir para as outras nove.

— Ah, como se isso fosse um incentivo! Elimine essa meta para que eu possa ir buscar o meu cavalo e depois fazer as pazes com o imbecil do meu pai morto.

— Desculpe. — Ele aponta para o ouvido. — Não consigo te ouvir.

Engulo o meu martíni e me viro para minhas amigas.

— Você está uma graça hoje — grita Shelley para mim, por cima do barulho.

— Obrigada — respondo e olho para minha camiseta. Na frente dela está escrito NUNCA CONFIE EM UM PADRE COM TESÃO.

Ouçõ mais um acesso de risos e volto a atenção para o palco. E, que sorte a minha, tenho de me apresentar justamente depois do favorito da multidão, um ruivo magricela que está fazendo uma sequência de piadas sobre loiras burras e seios. Olho para um gordinho na mesa da frente com uma cerveja e três doses de tequila alinhadas diante de si. Ele assobia, grita com entusiasmo e dá socos no ar com o punho cerrado.

O mestre de cerimônias pula para cima do palco e apanha o microfone.

— Vamos aplaudir Steve Pinckney.

A multidão vai à loucura.

Meu coração dispara no peito, e eu inspiro profundamente.

— Boa sorte, mana — grita Shelley.

— Me faça rir, *chica* — acrescenta Megan.

Brad aperta de leve meu braço.

— A Liz ficaria orgulhosa de você.

Isso faz meu peito doer. Avisto Bill, o gerente, acenando para mim numa indicativa de que devo subir ao palco.

O tempo passa. Vou me arrastando em direção ao palco como um prisioneiro que segue para a cadeira elétrica.

— Agora temos Brett... — O mestre de cerimônias faz uma pausa para que a comoção diminua. — Nosso próximo convidado é o estreador Brett Bohlinger. Vamos dar uma mãozinha para ele.

Subo os degraus até o palco. Minhas pernas tremem tão violentamente que tenho medo que se curvem de uma vez e eu venha a cair. De alguma forma, consigo chegar até o microfone; assim que estou no palco, seguro o pedestal de metal com ambas as mãos para me equilibrar. Um refletor de luz branca me cega e aperto os olhos para contemplar a multidão. Vejo uma vastidão de rostos olhando para mim com expectativa. Eu tenho de contar uma piada agora, não é? Qual é mesmo? Meu Deus, me ajude! Não, *minha mãe*, me ajude! Afinal, foi você quem me colocou nessa loucura. Fecho os olhos. Como se estivesse sentada à mesa de jantar, imagino a voz dela. *Sua história, querida. Por favor, fiquei esperando o dia todo.*

Inspiro fundo e mergulho nas águas infestadas de tubarões do Third Coast Comedy.

— Olá, pessoal. — Minha voz trêmula é silenciada por um horrível som agudo de microfonia. O bêbado sentado à mesa da frente resmunga e cobre os ouvidos. Apanho o microfone do pedestal. — Me desculpem — digo. — Faz um tempinho desde a última vez em que estive num palco. Não imaginei que seria interrompida pelo microfone.

Dou uma risada nervosa e olho para meus amigos. Megan está com um sorriso forçado no rosto. Shelley está me filmando em seu iPhone, e Brad chacoalha as pernas como se tivesse um descontrole motor.

— Hum, vocês... vocês provavelmente acharam que um cara ia subir aqui quando ouviram o nome Brett. Acontece o tempo todo. Não é vivo, quer dizer, não é fácil viver tendo o nome de um cara. Vocês não acreditariam como as crianças podem ser maldosas. Eu costumava correr para casa aos prantos depois de ser provocada, e implorava que o meu irmão, Tiffany, batesse em todas elas.

Protejo os olhos da luz e observo a multidão, esperando pelos risos, mas tudo que ouço são umas risadinhas agudas vindas da Megan.

— Isso mesmo — digo. — Meu irmão, *Tiffany*.

— Você não é engraçada — grita o bêbado em uma voz melodiosa.

Busco o fôlego como se tivesse levado um chute no estômago.

— E, hum... vocês acreditam que toda essa provocação por causa do meu nome aconteceu em uma escola católica? Q-quantos de vocês estudaram em escola católica?

Uma pequena parcela da multidão aplaude, e considero que isso seja um incentivo.

— A-as freiras na minha escola eram tão rigorosas que o recesso na Saint Mary's era o intervalo para ir ao banheiro depois do almoço.

Brad, Megan e Shelley riem especialmente alto com isso, mas o restante da multidão ali reunida continua sentado me observando, alguns sorrindo por educação, outros olhando para o relógio ou para o celular.

— Você esqueceu da parte engraçada! — alguém grita.

Acho que vou vomitar — ou, pior ainda, irromper em lágrimas. Olho de relance para o relógio digital posicionado ao pé do palco. Só se passaram dois minutos e quatro segundos. Senhor, tenho mais cinco minutos aqui em cima! O que vem depois disso? Ah, meu Deus! Não consigo me lembrar de uma única piada. Horrorizada, enxugo as palmas suadas na calça jeans e busco meu último recurso no bolso traseiro.

— Ah, não, cartões com anotações! — grita uma voz lá dos fundos. — Você só pode estar brincando, cacete!

Meu lábio começa a tremer.

— Voltando ao colégio Saint Mary's...

A multidão geme.

— Chega de piadas católicas! — alguém grita.

Mal consigo segurar os cartões; minhas mãos tremem violentamente.

— Não era apenas uma escola católica, era também uma escola só de meninas. Meio que uma câmara de tortura dois em um.

A multidão vaia. Meus olhos se enchem de lágrimas e procuro algo entre os cartões. Deus me ajude! As pessoas começam a conversar em voz alta, sem disfarçar quanto estão entediadas. Outras se dirigem para o bar ou para o banheiro. Vejo que Shelley abaixa o telefone, parando de gravar o fiasco. O bêbado da mesa da frente se reclina na cadeira, com uma garrafa long neck apertada no gordo punho cerrado.

— Próximo! — ele grita, erguendo o braço e apontando para o palco, pedindo a entrada do participante seguinte.

Dane-se! Tô fora! Dou um giro, pronta para sair com tudo, mas, parado nos degraus do palco, vejo Brad.

— Relaxa, B.B. — ele grita acima do barulho. — Continua.

Eu o amo tanto neste instante que sinto vontade de pular do palco e jogar os braços em volta dele. Também quero estrangulá-lo. Foram ele e minha mãe que me forçaram a fazer isso.

— Você consegue. Está quase lá.

Luto contra todos os impulsos de sair correndo e me viro de novo para o público — um amontoado de bárbaros abusivos que acham que é hora do intervalo.

— As freiras... elas faziam de tudo para manter as garotas puras em pensamento.

Ninguém me ouve, nem mesmo minha equipe de apoio. Megan está conversando com um cara na mesa ao lado, e Shelley está enviando uma mensagem de texto. Ninguém, exceto Brad. Olho de relance para ele, que acena com a cabeça.

— Tínhamos um grande crucifixo na sala de aula. A irmã Rose... — Esfrego minha garganta dolorida. — A irmã Rose chegou a colocar uma calça por cima da tanga de Jesus.

— Mais vinte segundos, B.B. — ele grita.

— Minha amiga Kasey... não troca nem a fralda do filho sem fechar os olhos.

— Vai se sentar, moça — alguém grita. — Você está matando a gente.

Brad dá início a uma contagem regressiva.

— Sete, seis, cinco...

Ouçõ “zero” e devolvo o microfone com tudo a seu lugar no pedestal. Brad grita com entusiasmo. Quando pulo do palco, ele me segura em um abraço. Mas meu choro é incontrolável. Eu me solto e corro para a saída.

O ar da noite é fresco e arde meu nariz. Em meio às lágrimas, cambaleio pelo estacionamento até o meu carro. Deixo os braços caírem no capô e enterro a cabeça ali.

Um momento depois, sinto a mão de alguém no meu ombro.

— Não chore, B.B. Acabou.

Brad faz movimentos circulares em minhas costas torturadas pelo estresse.

— Fui péssima! — digo, socando o capô com o punho cerrado. Dou um giro e fico de frente para ele. — Eu disse que não era engraçada.

Ele me puxa para seus braços. Não resisto.

— Que droga! A minha mãe, viu? — digo, encostada no casaco de lã dele.

Em silêncio, ele me embala.

— Por que ela me obrigou a fazer isso? Eu fui motivo de riso... Não, não motivo de riso... Isso seria se alguém realmente tivesse dado risada.

Ele recua um passo e retira um envelope cor-de-rosa do bolso.

— Vamos deixar que ela se defenda?

Limpo o nariz com o dorso da mão.

— Você vai me dar a carta?

Ele sorri e limpa uma lágrima do meu rosto.

— Estou achando que você fez por merecê-la, e muito.

Entramos no meu carro e eu ligo o aquecedor. No banco do passageiro ao meu lado, Brad desliza o dedo sob o selo do envelope número dezoito e começa a ler.

Minha querida menina,

Você está chateada por ter fracassado?

Bobagem.

— O quê? — digo. — Ela sabia que eu...

Brad não me deixa terminar. Simplesmente continua lendo.

Quando foi que você decidiu que tinha de ser perfeita? De jeito nenhum consigo definir esse momento. Porém, em algum lugar ao longo da estrada, você perdeu a ousadia. Aquela garotinha feliz que adorava contar histórias, cantar e dançar se tornou ansiosa e insegura.

Uma pressão vai se formando atrás dos meus olhos. *Não foi você quem me silenciou, mãe.*

Mas esta noite você estava viva, minha pequena artista, exatamente como costumava ser, e estou muito satisfeita com isso. Acredito que uma forte emoção, até mesmo nascida do medo e da ansiedade, seja bem melhor que uma vida de banalidades.

Que esta noite sirva de lembrete de sua coragem, de seu valor, de sua valentia. Quando estiver com medo, agarre-se a essa coragem e relaxe, porque agora você sabe que a tem, como eu já sabia o tempo todo.

Eleanor Roosevelt certa vez disse: "Todos os dias, faça algo de que você tenha medo". Continue se obrigando a fazer coisas que lhe dão medo, querida. Assuma os riscos e veja onde você

aterrissa, pois são eles que fazem a jornada valer a pena.

Ele pausa por um instante.

Com todo amor e orgulho, sua mãe.

Pego a carta e a releio, passando os dedos nas palavras de minha mãe. O que exatamente ela está me pedindo para fazer? Penso em Andrew, no emprego de professora e em Carrie. Estremeço. Porém, por mais assustadoras que sejam essas coisas, há uma que me aterroriza mais. Eu a expulso de meus pensamentos. É verdade, fracasei hoje à noite e sobrevivi, mas não estou pronta para repetir a dose.



Vestida com meu terninho Marc Jacobs predileto, estou tomando um latte no The Bourgeois Pig quando Megan chega, antes do meio-dia.

— Chega de palavras cruzadas!

Ela joga sua bolsa roxa da Dolce & Gabbana em cima da mesa e arranca as palavras cruzadas de minhas mãos.

— Finalmente estou entendendo por que sua mãe estabeleceu a droga de um prazo para você cumprir as metas. Você fez alguma maldita coisa depois da apresentação de comédia na semana passada? Quando ela falou para você ir atrás dos seus sonhos, não acho que ela quis dizer pra você cochilar no parque. — Ela aponta para o meu terninho. — Você nem contou ao Andrew!

Ela joga meu jornal de lado e puxa o laptop de dentro da minha bolsa.

— Hoje vamos encontrar sua velha amiga.

— Eu não posso entrar em contato com a Carrie assim, do nada. Preciso pensar em um plano primeiro. — Empurro o computador para longe e esfrego as têmporas. — Estou dizendo, essa lista vai arruinar a minha vida.

Megan me analisa com o cenho franzido.

— Você é muito estranha, Brett. Tenho a impressão de que essas metas de vida poderiam realmente te fazer feliz. É a vida do Andrew que você teme arruinar, não a sua.

Sou pega de surpresa pela honestidade e pelo discernimento de Megan.

— Pode ser, mas de qualquer forma estou ferrada. Vou perder o namorado e ainda não serei capaz de concluir essas metas até setembro do ano que vem.

Ignorando minha lenga-lenga, Megan empurra a cadeira para trás.

— Preciso de cafeína. Você entra no Facebook enquanto vou buscar a minha dose.

Com Megan em pé na fila do balcão, faço o login no Facebook. Porém, em vez de procurar pela Carrie, meus dedos digitam BRAD MIDAR na barra de pesquisa. É fácil reconhecê-lo, até mesmo na pequena foto do perfil. Com o olhar fixo na foto, eu me pego sorrindo. Passa pela minha cabeça a possibilidade de lhe enviar uma solicitação de amizade, mas ele pode achar que isso seria cruzar a linha profissional — como se mensagens de texto e abraços não contassem como tal. E então penso em meus próprios limites. O que o Andrew pensaria se soubesse que estou buscando amizade com um advogado sobre o qual mantive segredo?

Para me tirar desse devaneio, puxo um punhado dos meus cabelos. O que há de errado comigo?

— Encontrou? — pergunta Megan, vindo atrás de mim com um macchiato e um bolinho.

Fecho o laptop com força.

— Ainda não.

Espero até que ela esteja do outro lado da mesa antes de abrir o computador novamente, dessa vez digitando CARRIE NEWSOME na barra de pesquisa.

Com a cadeira dela próxima da minha, passamos por diversas páginas, e então eu a encontro. Usando uma blusa de moletom da Universidade de Wisconsin, é notável como ela parece a mesma. Ainda parece atlética, ainda usa óculos e ainda sorri. A culpa me assola. Como pude ter sido tão cruel?

— É ela? — pergunta Megan. — Não é de admirar que você quisesse se afastar. Eles não vendem pinças em Wisconsin?

— Para com isso, Megan. — Fico observando a foto de Carrie em meio a uma névoa de lágrimas. — Eu adorava essa garota.

Quando eu era criança, Carrie e seus pais moravam a duas quadras de distância de nós, na Arthur Street. Éramos opostos — ela era a moleca corajosa, e eu, a menininha meiga e magricela. Certa tarde, quando eu tinha cinco anos, ela caminhava pela frente da minha casa carregando uma bola preta e branca. Ao me ver, uma garota da mesma idade que ela, Carrie me recrutou para jogar futebol. Sugeri brincarmos de casinha em vez disso, mas ela nem quis me dar ouvidos. Então fomos andando até o parquinho e brincamos no trepa-trepa, no balanço, e demos muitas risadas durante o resto da tarde. Daquele dia em diante, éramos inseparáveis... até anos depois, quando eu a abandonei.

— Eu não tenho o direito de esperar que a Carrie aceite minha amizade. E, o que é pior, estou fazendo isso agora só por obrigação.

— É mesmo? — Ela dá um puxão no braço. — Porque eu diria que é ela quem não tem o direito de esperar a sua amizade.

Balanço a cabeça em negativa. Megan nunca entenderia que uma pessoa com a aparência da Carrie pode ser muito melhor que nós.

— Meu Deus, Brett, qual é a droga do grande problema?

Em um instante, ela sequestra o cursor e clica em ADICIONAR AOS AMIGOS.

Fico ofegante.

— Não posso acreditar que você fez isso!

— Parabéns, *chica!*

Ela levanta a xícara de café, mas eu não faço o mesmo com a minha. A qualquer momento, Carrie Newsome receberá um lembrete cruel da amada amiga que a traiu. Sinto náuseas, mas Megan já está pensando no próximo passo. Ela esfrega as mãos uma na outra.

— Muito bem, estamos em uma onda de sorte agora. Vamos até um pet shop comprar um cachorro pra você.

— Pode esquecer. Cachorros são fedidos e bagunçam a casa. — Tomo um gole do meu café. — Pelo menos é isso que o Andrew pensa sobre eles.

— O que é que o Andrew tem a ver com isso? — Ela parte um pedaço de seu bolinho. — Brett, sinto muito, mas você realmente acha que o Andrew faz parte do seu projeto de vida? Quer dizer, sua mãe basicamente lhe falou que ele já era. Você está disposta a ignorar esse último desejo dela?

Megan encontrou meu calcanhar de aquiles. Coloco os cotovelos sobre a mesa e aperto a ponte do nariz.

— Preciso contar ao Andrew sobre essa maldita lista, mas ele vai ficar furioso. Ele quer comprar um avião um dia, não um cavalo! Crianças não fazem parte dos planos dele. Ele deixou isso perfeitamente claro logo no começo do nosso relacionamento.

— E você aceitou numa boa?

Olho pela janela e minha mente se volta para uma outra época, quando eu era audaz e destemida e tinha certeza de que meus sonhos se tornariam realidade. Mas então as coisas aconteceram como deveriam acontecer, e eu aprendi que o mundo não gira ao meu redor.

— Eu me convenci de que estava tudo bem. As coisas eram diferentes naquela época. Nós viajávamos muito... ele ia comigo em viagens de negócios. Nossa vida era tão cheia que era difícil imaginar ter um filho.

— E agora?

Ela está me perguntando sobre a versão atualizada da minha vida. A versão em que eu janto sozinha na frente da televisão na maioria das noites e na qual a última viagem que fizemos juntos foi para o casamento da irmã dele em Boston, há dois anos.

— Acabei de perder a minha mãe e o meu emprego. Não consigo lidar com mais uma perda. Não agora.

Megan passa o guardanapo nos lábios, e noto que seus cílios estão molhados de lágrimas.

Pego a mão dela.

— Desculpe, não tive a intenção de descarregar isso em você.

Ela desmorona.

— Não posso continuar desse jeito.

Ah, ela não está chorando por minha causa. Está chorando por causa de si mesma. Mas eu sou uma boa pessoa para conversar. Ultimamente ando tão egoísta que faço a Megan parecer uma conselheira. Tomo a mão dela entre as minhas.

— Mais mensagens no celular do Jimmy?

— Pior. Eles estavam transando na nossa cama quando cheguei em casa ontem. Na droga da nossa cama! Graças a Deus consegui sair de lá correndo, antes que eles me vissem.

— Que canalha! Por que ele levaria a amante logo para casa, com tantos lugares por aí? Ele sabe que você não tem um horário regular.

— Ele quer que eu pegue os dois juntos. Ele não tem coragem de terminar comigo, então está esperando que eu faça isso. — Ela puxa o pulso direito e solta um suspiro. — São esses malditos braços. Sou deformada.

— Isso é ridículo. Você é linda e precisa largar aquele babaca.

— Não posso. Como vou ganhar dinheiro?

— Vendendo casas.

Ela dispensa o que falei com um aceno de mão.

— Pff. Eu já disse, Brett, devo ter sido da realeza em vidas passadas, porque não consigo me acostumar com a ideia de trabalhar para viver.

— Bom, o que você não pode é simplesmente ficar aí sentada e aceitar essa situação. Talvez se você confrontasse o Jimmy...

— Não! — ela quase grita. — Não posso fazer isso até ter outra opção.

A princípio eu não entendo, mas depois me dou conta de que Megan quer um substituto antes de abrir mão do original. Ela é como uma criança aterrorizada que espera encontrar uma nova família para adotá-la antes de se tornar órfã.

— Você não precisa de alguém para cuidar de você, Megan. Você é uma mulher inteligente. É capaz de se virar sozinha. — Ouço as minhas palavras e me pergunto se estou falando com Megan ou comigo mesma. Amenizo meu tom de voz. — Sei que é difícil, Meggie, mas você consegue.

— Não vai rolar.

Solto um suspiro.

— Então você precisa se expor. Talvez se cadastrar em um daqueles sites de namoro.

Ela revira os olhos e tira um tubo de gloss da bolsa roxa.

— Procura-se milionário lindo. Essencial gostar de braços curtos.

— Estou falando sério, Megan. Você vai arrumar outro cara rapidinho. Alguém muito melhor que o Jimmy. — Um pensamento me ocorre e estalo os dedos. — Ei, e quanto ao Brad?

— O advogado da sua mãe?

— É. Ele é muito legal. E uma gracinha também, você não acha?

Ela pega o guardanapo e dá batidinhas leves nos lábios para tirar o excesso de gloss.

— Arrã. Só tem um probleminha.

Eu fungo com raiva.

— Que foi? Ele não é rico o suficiente?

— Não é isso. — Ela aperta os lábios um no outro de leve. — Ele está apaixonado por você.

Jogo a cabeça para trás como se tivesse levado um tapa. Ah, meu Deus! Será? Mas eu tenho o Andrew. Mais ou menos.

— Por que você acha isso? — pergunto quando finalmente consigo falar.

Ela dá de ombros.

— Que outro motivo ele teria para estar tão determinado a ajudar você?

Eu deveria me sentir aliviada. Do Brad eu preciso é de amizade, e não de romance. Porém estranhamente eu me sinto murchar.

— Não é isso. Ele está no "time Elizabeth". O Brad só está me ajudando porque prometeu à minha mãe. Pode acreditar, eu sou apenas um caso de caridade.

Em vez de discutir comigo, como eu esperava, Megan concorda com um movimento de cabeça.

— Ah, entendi.

Eu me perco em pensamentos. Será que não sou diferente da Megan, procurando um substituto antes de perder o original?



Minhas mãos tremem quando eu abro a carta. Leio as palavras dela mais uma vez.

Continue se obrigando a fazer coisas que lhe dão medo, querida.

Por quê, mãe? Por que você está me obrigando a fazer isso? Enfio a carta no bolso e entro pelo portão.

Passaram-se sete anos desde a última vez em que estive no Cemitério Saint Boniface, com minha mãe. Estávamos indo a algum lugar fazer compras de Natal, eu acho, mas ela insistiu que fizéssemos um desvio rápido primeiro. Era uma tarde gélida. Eu me lembro de ver o vento chicoteando do outro lado da rua, transformando a pouca neve que caíra em redemoinhos raivosos de gelo. Eu e minha mãe lutamos contra a tempestade de vento e juntas prendemos uma coroa de sempre-vivas na lápide do meu pai. Depois voltei para o carro e liguei o aquecedor. Nuvens de calor se erguiam das saídas de ar. Aqueci as mãos e fiquei olhando para minha mãe, parada na rua, em silêncio, com a cabeça baixa. Em seguida, ela enxugou os olhos com as luvas e fez o sinal da cruz. Quando voltou para o carro, fingi que mexia no rádio, na esperança de poupar sua dignidade. Fiquei envergonhada por ela, uma mulher ainda devota ao marido que a abandonara.

Ao contrário daquele dia há sete anos, hoje é um glorioso dia de outono; o céu está tão puro e azul que a ameaça de inverno parece risível. As folhas brincam com a suave brisa e, exceto pelos esquilos procurando castanhas debaixo de nogueiras, estou sozinha neste belo cemitério na encosta da colina.

— Você provavelmente está se perguntando por que estou aqui depois de todos esses anos... — sussurro para a lápide. — Você acha que sou exatamente como a minha mãe? Incapaz de odiar você?

Tiro as folhas secas que estão por toda a lápide e me sento na placa de mármore. Esticando a mão para pegar minha bolsa, procuro uma foto de dentro de minha carteira, puxando-a de entre o cartão da biblioteca e o da academia. Está com os cantos amassados e desbotada, mas é a única foto que guardei de nós dois. Minha mãe a tirou em uma manhã de Natal, quando eu tinha seis anos. Vestida com um pijama de flanela vermelho, estou apoiada na ponta do joelho dele, com as mãos entrelaçadas, como se estivesse rezando para sair logo daquele lugar precário. Ele repousa uma pálida mão no meu ombro; a outra pende inerte ao lado do corpo. Um sorriso incerto paira em seus lábios, mas os olhos estão inexpressivos e vazios.

— Qual era o problema comigo, pai? Por que eu não conseguia fazer você sorrir? Por que era tão difícil para você me abraçar?

Meus olhos ardem e ergo a cabeça para o céu, esperando sentir o arroubo de paz que minha mãe deve ter visualizado quando deixou esse item na minha lista, mas tudo que sinto é o sol cálido no rosto e uma ferida aberta no peito. Olho fixamente a foto. Uma lágrima cai na imagem do meu rosto de fada e amplia meus olhos magoados. Seco-a com a manga da blusa, deixando uma pequena deformação.

— Sabe o que mais me dói, pai? A sensação de que nunca fui boa o bastante para você. Eu era só uma criança. Por que você não podia me dizer, ao menos uma vez que fosse, que eu era boa, inteligente ou bonita? — Mordo o lábio até sentir o gosto de sangue. — Eu tentei fazer com que você me amasse. Tentei mesmo.

Lágrimas começam a rolar pelo meu rosto. Reúno forças para me levantar e fico com o olhar fixo na lápide, como se ela fosse o rosto do meu pai.

— Isso foi ideia da minha mãe, sabia? É ela quem quer que eu crie um relacionamento com você. Abri mão desse sonho há anos. — Passo os dedos sobre o nome gravado na lápide: CHARLES JACOB BOHLINGER. — Fique em paz, pai.

Eu me viro e saio andando, e então começo a correr.



São cinco horas da tarde quando chego à Estação Argyle, e ainda estou abalada. Mas me amaldiçoaria se deixasse aquele canalha me atingir. O trem está lotado, e eu fico espremida entre uma garota — cujo iPod está tão alto que posso ouvir as obscenidades da música que sai dos fones de ouvido — e um homem usando um boné de beisebol onde se lê DEUSTEESCUTA.COM. Quero lhe perguntar se Deus usa Mac ou PC, mas algo me diz que ele não acharia engraçado. Travo os olhos em um homem alto de cabelos escuros, com um casaco cáqui da Burberry. O seu olhar é sorridente, e há algo de familiar nele. Ele se inclina em minha direção sem dificuldade, já que somos mais altos que as garotas entre nós.

— A tecnologia é incrível, não?

Dou risada.

— Nem me fale. Em breve, confessionários vão ser coisa do passado.

Ele abre um sorriso e não consigo decidir se me concentro no brilho dourado em seus olhos castanhos ou em sua boca macia e sensual. Vejo um fio preto em seu casaco bege e algo me vem à mente. Será que ele pode ser o cara da Burberry que eu costumava ficar olhando da janela do loft, o que entrava no prédio toda noite às sete horas? Eu o apelidei de cara da Burberry porque ele sempre estava vestindo um casaco dessa marca, igualzinho ao que o homem no trem usa agora. Embora eu nunca o tenha encontrado de verdade, nutri um interesse secreto por ele durante um mês ou dois, antes de ele desaparecer tão rápido quanto surgiu.

Estou prestes a me apresentar quando toca o telefone. Vejo o número do escritório do Brad e atendo.

— Olá, Brett. Aqui é a Claire Cole. Recebi sua mensagem. O sr. Midar pode se reunir com você no dia 27 de outubro às...

— No dia 27? Mas isso é daqui a três semanas. Eu preciso... — Minha voz vai sumindo. *Eu preciso vê-lo* soa muito ardente, muito desesperado. Porém, depois da visita ao cemitério, estou emocionalmente abalada e sei que o Brad me acalmaria. — Eu gostaria de fazer uma reunião com ele antes, tipo amanhã.

— Sinto muito, a agenda dele está lotada para a próxima semana e ele vai entrar em férias. Ele pode recebê-la no dia 27 — ela repete.
— Tem um horário disponível às oito da manhã.

Solto um suspiro.

— Se essa é a primeira data que ele tem, pode marcar. Mas, se alguém cancelar antes disso, por favor me ligue.

Minha parada é anunciada. Enfio o celular no bolso do casaco e vou andando até a porta.

— Tenha um bom dia — diz o cara da Burberry quando me espremo para passar por ele.

— Você também.

Saio voando do trem, mas não antes de ser envolvida por uma onda de melancolia. Brad Midar estará longe, e eu não gosto nem um pouco disso. Eu me pergunto para onde ele vai. Será que vai viajar sozinho ou com a namorada? Ainda não houve um momento certo em que eu pudesse perguntar se ele é casado ou tem namorada, e ele nunca deu a entender nada em relação a isso. E por que deveria? Sou sua cliente, pelo amor de Deus! Mas ele também é o único elo que tenho com a minha mãe. Temo ter desenvolvido uma ligação extremamente forte com Brad, por ele ser o mensageiro dela. Como um patinho sem a mãe, eu me apeguei ao primeiro rosto amável que encontrei.



Quando minha mãe estava viva e saudável, as noites de quinta-feira eram tradicionalmente passadas em família entre os Bowlingers. Nós nos reuníamos em volta da mesa de jantar, onde a conversa fluía tão facilmente quanto o sauvignon blanc. Com minha mãe sentada à cabeceira, os assuntos se alternavam suavemente entre atualidades, política e interesses pessoais. Hoje à noite, pela primeira vez desde que ela morreu, Joad e Catherine estão corajosamente tentando recriar a magia daqueles momentos.

Quando chego, Joad me dá um beijo no rosto.

— Obrigado por vir — ele me diz, com seu blazer de camurça sob um avental listrado de preto e branco.

Tiro os sapatos e mergulho os pés no suntuoso tapete branco. Embora o gosto de Joad para decoração tenha uma inclinação para o tradicional, Catherine adora coisas contemporâneas, o que resultou em um apartamento imaculado, esparsamente decorado em tons de branco e bege, pontuado por fabulosas pinturas originais e esculturas modernas. O ambiente um tanto quanto frio é definitivamente descolado, ainda que não seja convidativo.

— Que cheiro delicioso — digo.

— Costeletas de cordeiro, e já estão quase prontas. Venha, o Jay e a Shelley já estão tomando a segunda taça de pinot.

Como deveríamos ter previsto, a ausência de nossa mãe é tão pronunciada quanto um sotaque sulista. Estamos os cinco sentados na sala de jantar de Joad e Catherine, cuja vista dá para o rio Chicago, fingindo não notar a falta da energia que era a nossa mãe. Em vez disso, preenchemos o silêncio sem graça com uma conversa fiada. Depois de vinte minutos de Catherine falando sem parar sobre os ganhos do terceiro trimestre da empresa e de seus planos para uma futura expansão, eu viro o assunto da vez. Ela quer saber por que o Andrew não está ali comigo. Jay me pergunta se arrumei um emprego como professora. Cada questão me abala como um pequeno tremor que se segue a um terremoto. Precisando respirar, peço licença no momento em que Joad se dirige até a cozinha para caramelizar seu famoso crême brûlée e saio da mesa.

Enquanto avanço pelo corredor em direção ao banheiro, olho de relance para a saleta de Joad. O pequeno cômodo com painéis de cerejeira é o escritório do meu irmão e também seu santuário, e nunca entrei ali sem ser convidada. Dentro de um armário trancado, ele esconde sua coleção de uísques puro malte e, embora Catherine abomine que se fume na casa, também uma caixa especial de charutos cubanos na qual o ar é mantido com a umidade correta. Quando passo por ali, algo na escrivaninha me chama a atenção. Eu recuo.

Demoro um segundo para ajustar os olhos ao matiz sombreado. Lá, em cima de um arquivo na mesa de mogno de Joad, está o diário de couro vermelho.

Que diabos? Entro na saleta. Quando perguntei sobre o caderno que havia desaparecido, todos, inclusive Joad, negaram tê-lo visto. Eu pego o caderno, a capa não tem mais o bilhete de minha mãe. Sou saudada por sua escrita e sinto o peito apertar. "Verão de 1978", o verão anterior ao ano em que nasci. Não é de admirar que meu irmão o quisesse. O valor deste caderno é inestimável, mas certamente Joad sabe que vou compartilhá-lo com ele e com Jay.

Antes que eu tenha tempo de abri-lo, ouço passos no corredor. É Joad. Fico paralisada. Quero lhe contar que encontrei o meu caderno e que o estou pegando de volta, mas algo me diz para manter a

boca fechada. Obviamente ele não quer que eu fique com o caderno. Joad passa pelo escritório sem nem olhar para dentro; solto um suspiro, aliviada. Enfiando o caderno debaixo do suéter, deixo a saleta tão silenciosamente quanto entrei.

Estou abotoando o casaco quando entro na sala de jantar.

— Me desculpe, Catherine. Vou pular a sobremesa. Não estou me sentindo bem.

— Espere, nós levamos você para casa — diz Shelley.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não, obrigada. Vou chamar um táxi. Digam ao Joad que falei tchau.

Estou do lado de fora do apartamento antes que Joad fique sabendo que saí.

As portas do elevador se fecham e só então eu solto um suspiro. Deus me ajude, sou uma ladra! Mas uma ladra justa. Puxo o meu tesouro de dentro do suéter e abraço o pequeno caderno contra o peito, como se estivesse abraçando a minha mãe. Que falta ela me faz agora. Era típico dela saber exatamente quando eu precisava de sua companhia.

O elevador ganha vida. Contrariando o bom senso que me diz para esperar até estar debaixo das cobertas com o abajur aceso, abro a capa para dar uma rápida espiada no que está escrito.

Quando as portas do elevador se abrem, estou petrificada. Vou cambaleando até uma cadeira no canto do saguão, atônita e perplexa, e desvendo o mistério que me intrigou durante toda a vida.



Podem ter se passado minutos. Podem ter se passado horas. Eu não sei dizer há quanto tempo estou ali sentada até ouvir a voz de meu irmão.

— Brett — diz Joad, mantendo um tom baixo enquanto vem apressado em minha direção. — Não abra esse caderno!

Não consigo responder. Não consigo me mover. Estou anestesiada.

— Meu Deus. — Ele se agacha ao meu lado e pega o diário aberto do meu colo. — Eu tinha esperança de chegar antes que você lesse isso.

— Por quê? — pergunto em meio à minha confusão mental. — Por que você esconderia isso de mim?

— Exatamente por esse motivo — ele me diz, afastando meus cabelos molhados de lágrimas. — Olhe para você. Você acabou de perder a mamãe. A última coisa que precisava era de outro choque.

— Eu tinha o direito de saber, droga!

Minha voz ecoa no piso de mármore. Joad olha ao redor e assente envergonhado para o porteiro na recepção do prédio.

— Vamos subir.

— Não. — Eu me endireito, falando com os dentes cerrados. — Você devia ter me contado. A mamãe devia ter me contado! Sofri com esse relacionamento a vida inteira. E é assim, é *assim* que ela me conta?

— Você não pode ter certeza, Brett. Esse diário não nos diz nada. Muito provavelmente você era filha do Charles.

Aponto um dedo para ele.

— Eu nunca fui filha daquele canalha. Nunca. E ele sabia disso. Foi por isso que ele nunca me amou. E a mamãe não teve coragem de me contar!

— Tudo bem. Mas talvez esse tal de Johnny Manns fosse um imbecil. Talvez ela não quisesse que você o conhecesse.

— Não, tudo está perfeitamente claro para mim. A mamãe me deixou o diário dela. Deixou a meta dezenove na minha lista. Ela quer que eu encontre o meu verdadeiro pai, que eu tenha um relacionamento com ele. A mamãe pode ter sido covarde quando estava viva, mas pelo menos teve a decência de me deixar a história dela, a *minha* história, quando morreu. — Olho intensamente nos olhos dele. — E você, você ia esconder isso de mim! Exatamente há quanto tempo você sabe disso?

Joad desvia o olhar e esfrega a cabeça reluzente com uma das mãos. Por fim, ele cai em uma cadeira ao meu lado e fica encarando o diário.

— Encontrei esse diário há anos, quando estava ajudando a mamãe a se mudar para a Astor Street. Fiquei nauseado com tudo isso. Ela nunca soube que eu o tinha visto. Fiquei chocado quando ele reapareceu no dia do funeral.

— Nauseado? Você não percebe como ela estava feliz nessas páginas? — Pego o caderno e o abro na primeira anotação.

3 de maio

Depois de vinte e sete anos de dormência, o amor chegou e me fez despertar do meu sono. Meu antigo eu diria que é errado, imoral, mas a mulher que me tornei se sente impotente para fugir. Pela primeira vez na vida, meu coração encontrou seu ritmo.

Joad levanta uma das mãos, como se não aguentasse ouvir mais nada. Meu coração fica mais calmo. Não pode mesmo ser fácil descobrir que sua mãe tinha um amante.

— Quem mais sabe disso? — pergunto.

— Só a Catherine. E ela provavelmente está contando para o Jay e a Shelley agora.

Deixo escapar um suspiro profundo. Meu irmão estava fazendo o que achava ser o melhor. Ele queria me proteger.

— Eu posso lidar com isso, Joad. — Seco os olhos com a manga do casaco. — Estou furiosa com a mamãe por ela não ter me contado a verdade antes, mas estou feliz que ela finalmente tenha feito isso. Eu vou encontrar o meu pai.

Ele balança a cabeça em negativa.

— Imaginei que você faria isso. Acho que não consigo convencê-la do contrário, não?

— De jeito nenhum! — Sorrio para ele. — Você ia me devolver o caderno, não ia?

Ele alisa os meus cabelos.

— É claro. Assim que tivéssemos pensado em como lidar com isso.

— Lidar com isso?

— É, você sabe, não podemos simplesmente deixar que a verdade se torne pública. Nossa mãe era uma marca. A última coisa que a empresa precisa é ter a reputação manchada por uma filha ilegítima.

Fico completamente sem ar. As intenções de meu irmão não são tão nobres assim, no fim das contas. Para ele, sou a filha ilegítima que pode macular a reputação da marca Bohlinger.



Nesta noite, enquanto Andrew dorme, saio furtivamente da cama, apanho meu laptop e meu robe e vou até o sofá. Antes que eu tenha tempo de digitar o nome Johnny Manns no Google, me deparo com uma mensagem no Facebook de minha velha amiga Carrie Newsome. Olho fixamente para a foto da mulher de aparência simples, com uma blusa de moletom, que já foi a minha melhor amiga.

Brett Bohlinger? Minha amiga de Rogers Park sumida há tempos? Não consigo acreditar que você lembrou de mim... muito menos que me encontrou no Facebook! Tenho lembranças tão boas de você. Acredite ou não, estou indo para Chicago no mês que vem. A conferência da Associação Nacional de Assistentes Sociais é no McCormick Place, no dia 14 de novembro. Você teria tempo de me encontrar para almoçar? Ou, melhor ainda, para jantar? Ah, Bretel, estou tão feliz por você ter me encontrado! Sinto sua falta!

Bretel. O apelido que ela me deu quando éramos crianças. Carrie havia feito uma lista de possibilidades depois que eu fiquei reclamando durante uma semana por ter nome de menino.

— Que tal Bretchen? Bretta? Brettany? — ela me perguntou.

Finalmente concordamos com Bretel, e o apelido pegou. Para todo mundo eu era a Brett. Porém, para a minha mais querida amiga, eu era a Bretel.

Era um outono dourado quando Carrie me disse que sua mãe estava indo trabalhar na Universidade de Wisconsin. Vestindo saia xadrez e blusa branca, estávamos descendo a calçada em direção à Academia Loyola, nosso novo colégio. Eu quase consigo ouvir as folhas sendo esmagadas sob nossos pés e ver o dossel vermelho e dourado das árvores acima de nossa cabeça. Mas a dor que sinto por ter perdido Carrie não é apenas imaginada. Eu realmente sinto uma dor no coração, como se, depois de todos esses anos, ele ainda estivesse machucado.

— Meu pai vai me levar para jantar hoje à noite — eu disse a Carrie.

— Que ótimo! — ela respondeu, sempre minha maior aliada. — Aposto que ele sente a sua falta.

Chuto um amontoado de folhas.

— É, talvez.

Continuamos caminhando em silêncio por meia quadra antes de ela se virar para mim.

— A gente vai se mudar, Brett.

Ela não usou meu apelido naquele momento. Alarmada, olhei para os olhos dela, cheios de lágrimas. Ainda assim me recusei a entender.

— A gente vai? — perguntei com toda a sinceridade.

— Não!

Em meio às lágrimas, Carrie deu risada, soltando um míssil de ranho do nariz.

— Que nojo! — gritei. Nós duas nos dobramos de tanto rir, empurrando uma à outra para cima das folhas, não querendo que a alegria acabasse. Quando isso por fim aconteceu, ficamos nos

encarando com uma expressão vazia no rosto. — Por favor, diga que você não vai se mudar.

— Sinto muito, Bretel. Vamos sim.

Meu mundo acabou naquele dia. Ou pelo menos foi o que achei. A garota que podia ler meus pensamentos, desafiar meu raciocínio e rir das minhas piadas idiotas estava me abandonando. Madison parecia tão longe de Rogers Park quanto o Uzbequistão. Cinco semanas depois, eu estava parada na varanda da casa de Carrie e acenava em despedida enquanto a caminhonete se afastava. Durante aquele primeiro ano, nos escrevemos como amantes fiéis. Até que ela voltou para me visitar em um fim de semana e nunca mais nos falamos. Apesar de todo *mea culpa* que fiz, nunca me perdoei. E, apesar de todos os outros amigos que arrumei, nunca amei nenhum como Carrie Newsome.

A mensagem dela fica me encarando como um filhotinho de cachorro faminto ao lado da mesa de jantar. Ela não se lembra de como a tratei da última vez em que nos vimos? Enterro a cabeça entre as mãos. Quando por fim a levanto, digito o mais rápido que posso.

Também sinto sua falta, Ursinha Carrie, e lamento tanto...
Adoraria me encontrar com você no dia 14. No seu hotel?

Aperto ENTER.

Em seguida, digito JOHNNY MANNS.



Brad e eu nos sentamos nas cadeiras de couro combinadas. Eu saboreio uma xícara de chá enquanto ele bebe uma garrafa de água e me conta sobre a sua viagem. Posso sentir o cheiro de seu perfume e, vendo-o assim bem de perto, noto que já teve um furo na orelha.

— San Francisco é incrível — ele me diz. — Já esteve lá?

— Duas vezes. É uma das minhas cidades favoritas. — Escondo o rosto com a xícara e pergunto: — Foi uma viagem de lazer ou de negócios?

— Lazer. Minha namorada, Jenna, se mudou para lá no último verão. Ela conseguiu um emprego no *San Francisco Chronicle*.

Perfeito. Nós dois estamos em um relacionamento. Não teremos aquela tensão sexual que poderia nos distrair. Então, por que o meu coração entrou em queda livre?

— Que ótimo! — digo, tentando com o máximo de esforço soar animada.

— É, para ela. Ela está amando, mas isso prejudica o nosso relacionamento.

— Posso imaginar. Não deve ser fácil estar a mais de três mil quilômetros de distância. Isso sem falar na diferença de duas horas.

Ele balança a cabeça em negativa.

— Ou na diferença de idade de onze anos.

Faço os cálculos rapidamente e imagino que Jenna deva ter uns trinta anos.

— Onze anos não é uma diferença tão grande.

— É exatamente o que eu digo, mas de vez em quando ela surta por causa disso.

Ele vai até sua mesa e pega a foto da mulher com o garoto — aqueles que imaginei que fossem a irmã mais velha e o sobrinho dele.

— Essa é a Jenna — ele diz. — E esse é o filho dela. Ele é calouro na Universidade de Nova York.

Analiso a mulher de sorriso tímido e olhos azuis brilhantes.

— Ela é muito bonita.

— É sim.

Ele sorri para a fotografia, então eu sinto uma pontada de inveja. Como deve ser a sensação de ser tão amada?

Eu me endireito na cadeira e tento parecer informal.

— Tenho novidades para contar.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Você e o Andrew vão ter um filho? Vão comprar um cavalo?

— Não, mas fiz minha última visita ao túmulo de Charles Bohlinger.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Você já fez as pazes com ele?

Balanço a cabeça em negativa.

— Charles Bohlinger não era meu verdadeiro pai, e preciso que você me ajude a encontrar meu pai de verdade. — Conto a Brad sobre o diário de minha mãe e sobre o homem por quem ela se apaixonou no verão antes de eu nascer. — O último registro do diário é de 29 de agosto, o dia em que o Charles descobriu sobre o caso deles e o Johnny foi embora da cidade. Minha mãe ficou arrasada. Ela queria largar o Charles, mas o Johnny a fez desistir. Ele a amava, mas tinha o sonho de ser músico. Não podia se acomodar. Nunca vou ter certeza se ela sabia que estava grávida. Mas estava, de aproximadamente dois meses. De um bebê do Johnny. — Noto

que Brad está com o cenho franzido. — Acredite em mim, Brad. Charles e eu não éramos nem um pouco parecidos. Não tínhamos absolutamente nenhuma ligação. Não tenho dúvida de que Johnny Manns é o meu pai.

Ele inspira com dificuldade.

— É muita coisa para ser absorvida. Como você se sente com tudo isso?

Solto um suspiro.

— Magoada. Enganada. Furiosa. Não consigo acreditar que minha mãe não me contou, especialmente depois que o Charles morreu. Ela sabia como eu queria um pai. Mas, acima de tudo, eu me sinto aliviada. Isso explica tanta coisa. Finalmente entendo por que meu pai não gostava de mim. Não era por eu ser uma garota terrível, como eu sempre pensei. Era por eu não ser filha dele. — Engulo em seco e levo uma das mãos à boca. — Guardei tanta raiva dele. Agora que sei da verdade, essa raiva está se dissipando.

— Isso é extraordinário. E pense, você tem um pai lá fora, em algum lugar.

— É, essa é a parte assustadora. Não faço a mínima ideia de como encontrá-lo. — Mordo o lábio. — Também não faço a mínima ideia de como ele vai reagir quando eu aparecer na porta da casa dele.

Brad aperta de leve a minha mão e olha diretamente nos meus olhos.

— Ele vai amar você.

Meu tolo coração deixa de bater por um instante. Puxo a mão da dele e a repouso entrelaçada com a outra no colo.

— Você acha que pode me ajudar a encontrá-lo?

— Pode apostar que sim! — Ele fica de pé em um pulo e vai para a frente do computador. — Vamos começar procurando informações sobre ele no Google.

— Uau! — digo fingindo admiração. — Procurá-lo no Google? Você pensa em tudo! Dê a si mesmo um aumento de salário!

Ele se vira para mim e seu sorriso desaparece; mas ruguinhas se formam nas bordas de seus olhos, e sei que ele me entende.

— Engraçadinha.

Dou risada.

— Você acha que já não pesquisei sobre ele no Google? Oras, Midar.

Ele volta para a cadeira e cruza uma das pernas sobre o joelho.

— Ok. E o que você descobriu?

— Achei que o tinha encontrado de imediato, o cantor de uma banda chamado Johnny Mann, mas ele nasceu em 1918.

— É, ele estaria meio velhinho, mesmo em 1978. Além disso, o sobrenome do seu pai é Manns e não Mann, certo?

— Foi assim que a minha mãe escreveu no diário, mas não estou descartando Mann. Também tentei John, Johnny e Jonathan. O problema é que tem mais de dez milhões de resultados no Google! Não vou conseguir encontrá-lo sem afunilar a minha busca.

— O que mais ela disse sobre ele? Era de Chicago?

— De Dakota do Norte. Acho que tinha a idade da minha mãe, pela maneira como ela o descreve, mas não tenho certeza. Ele alugou o apartamento em cima do dela e do Charles quando eles moravam na Bosworth Avenue, em Rogers Park. Ele era músico e trabalhava em um bar chamado Justine's, descendo a rua.

Ele estala os dedos e aponta para mim.

— É isso! Vamos até lá agora, ao Justine's! Vamos fazer perguntas por lá, ver se alguém se lembra dele.

Olho para ele e reviro os olhos.

— Em qual universidade online você conseguiu seu diploma de advogado?

— O quê?

— Estamos falando de mais de trinta anos atrás, Brad. O Justine's nem tem mais esse nome. Agora é um bar gay chamado Neptune.

Ele aperta os olhos para mim.

— Você já checkou tudo isso, não é?

Luto para não sorrir.

— Tá bom, eu admito. Sou tão idiota quanto você. — Levanto as mãos. — É óbvio que não somos capazes de fazer isso sozinhos. Precisamos de um especialista, Brad. Você conhece alguém que possa ajudar?

Ele vai até sua mesa e volta com o celular.

— Na verdade, eu tenho uma pessoa que trabalha para mim ocasionalmente em casos de divórcio. Steve Pohlonski. Ele é muito bom no trabalho de detetive, mas não posso garantir que consiga encontrar Johnny Manns.

— Ele tem que conseguir! — eu grito, repentinamente desesperada para encontrar o meu pai. — Se ele não conseguir, deve existir alguém que consiga. Não vou sossegar até encontrar esse homem.

Brad me analisa e faz que sim com a cabeça.

— Que bom. É a primeira vez que vejo você abraçando uma meta com entusiasmo. Estou orgulhoso.

Ele está certo. Não se trata mais de minha mãe me pressionando a realizar a meta dezenove. Não é mais a meta daquela garotinha. Um relacionamento com o meu pai é algo que desejo de todo o coração, algo que eu quis durante a vida toda.

Deixo o escritório me perguntando por que sinto essa estranha necessidade de agradar o Brad. Como a minha mãe, parece que ele tem certeza de que consigo atingir essas metas. Juntos, talvez realmente possamos deixar minha mãe orgulhosa. Antes que eu tenha tempo de ponderar mais sobre o assunto, meu telefone toca. Abro as portas duplas que dão para a Randolph Street e pego o celular da bolsa.

— Brett Bohlinger? Aqui quem fala é Susan Christian, das Escolas Públicas de Chicago. Recebemos sua inscrição e seus registros de vacinação e verificamos seus antecedentes. Fico feliz em lhe dizer que tudo está de acordo. Você agora é elegível para ser professora substituta. Parabéns.

Uma rajada do vento de outubro me atinge em cheio no rosto.

— Ah, tudo bem, obrigada.

— Precisamos de uma substituta para o quinto ano amanhã na Escola Douglas J. Keyes, em Woodlawn. Você está disponível?



Estou deitada na cama com meu romance, lendo o mesmo parágrafo pela terceira vez, quando ouço a porta se abrir. Eu costumava ficar tão feliz ao ver Andrew no fim do dia. Agora meu peito aperta e tenho dificuldade de respirar. Preciso lhe contar a verdade, mas, às dez horas da noite, quando ele está exausto e precisa relaxar, dificilmente parece ser a hora certa. Pelo menos é como eu justifico a situação.

Fecho o livro e ouço enquanto ele procura algo no armário da cozinha e na geladeira. Em seguida, ouço o som de seus pés se arrastando para subir a escada, como se ele estivesse usando botas muito pesadas. Sempre posso medir o humor do Andrew pelo som de seus passos enquanto ele sobe os degraus. Esta noite, ele está exausto e desencorajado.

— Oi — digo, jogando o livro de lado. — Como foi o seu dia?

Ele tomba na beirada da cama segurando uma garrafa de Heineken. Seu rosto está pálido, e círculos escuros pairam sob seus olhos como crescentes lunares.

— Você se deitou cedo.

Olho de relance para o relógio ao lado da cama.

— São quase dez horas. Foi você quem chegou tarde. Quer que eu arrume algo para você jantar?

— Não precisa. — Ele solta a gravata e a desliza sobre o peito, depois desabotoa sua milagrosamente impecável camisa azul. — Como foi o seu dia?

— Bom — respondo e sinto a pressão arterial ir às alturas só de pensar que serei professora substituta amanhã. — Mas amanhã vai ser tenso. Tenho uma reunião importante com novos clientes.

— Você vai se adaptar. Sua mãe conseguia lidar com isso. Você vai conseguir também. — Ele toma um gole da cerveja. — A Catherine está sendo prestativa?

Faço um sinal com a mão, fingindo desinteresse.

— Ela administra o lugar, como sempre fez.

Meu Deus! Estou pisando em ovos e preciso dar um jeito de sair dessa situação antes que quebre todos eles! Levo os joelhos até o peito e os abraço.

— Mas agora me fale sobre o seu dia.

Ele passa uma das mãos pelos cabelos.

— Foi uma droga. Estou com um cliente acusado de assassinar um adolescente de dezenove anos porque ele jogou uma pedra no Hummer do cara. — Ele coloca a cerveja em cima de um porta-copos e vai até o closet. — Isso faz com que dirigir uma empresa de cosméticos pareça um dia na Disney.

Embora eu não esteja dirigindo a empresa, nem mesmo trabalhando como executiva de propaganda, o insulto me atinge como um soco de punho fechado. Até onde ele sabe, eu sou a presidente dessa empresa de cosméticos, portanto apreciaria um mínimo de respeito e, francamente, um pouco de admiração também. Abro a boca para me defender, mas a fecho antes de pronunciar a primeira palavra. Sou eu a mentirosa aqui, e a única coisa pior que uma mentirosa é uma mentirosa hipócrita.

Andrew deve notar que estou ofendida, porque vem até o meu lado e aperta meu braço de leve.

— Ei, eu não quis dizer nada com isso. Só estou dizendo que você tem um bom emprego.

Meu coração começa a bater acelerado. Agora é a hora. Inspiro fundo.

— Eu não tenho um bom emprego, Andrew. Venho fingindo...

— Quer parar com isso? Você se sente uma impostora, todos nós nos sentimos assim às vezes, mas você precisa progredir, querida, mostrar que está à altura da tarefa. Pare de duvidar de si mesma. Você está se virando sozinha, se tornando a mulher que sua mãe e eu sempre soubemos que você poderia ser.

Ah, meu Deus! Não posso contar a verdade agora.

— Hum, não sei em relação a isso.

— Eu não tenho nenhuma dúvida.

Ele puxa um cabide de madeira do closet e desliza o paletó sobre ele. Então tira a calça, verifica as dobras e a prende no suporte do cabide, com a parte inferior voltada para cima. Analiso sua boca, sua pele bronzeada e seu abdome com ondas de músculos. Da mesma forma que com suas roupas e seu físico, Andrew espera a perfeição em tudo, inclusive em sua namorada. Um buraco se forma em meu estômago.

— Venho pensando cada vez mais na Cosméticos Bohlinger. Eu gostaria que você considerasse me contratar.

Fico ofegante.

— Eu... eu não tenho certeza de que isso seja uma boa ideia.

Ele me desfere um olhar.

— É mesmo? O que mudou? Antes você era totalmente a favor.

Três anos atrás, eu procurei minha mãe e pedi a ela que criasse um cargo para o Andrew. Mas ela se recusou a me atender.

— Brett, querida, eu não vou considerar essa possibilidade a menos que vocês dois estejam casados. E mesmo assim você ia ter dificuldade para me convencer a contratar o Andrew.

— Por quê? Ele é brilhante. O Andrew trabalha mais que qualquer outra pessoa que eu conheço.

— O Andrew seria um ativo para muitas empresas, sem dúvida, mas não tenho certeza de que ele seja adequado para a Cosméticos Bohlinger. — Ela então travou o olhar no meu, do jeito que sempre fazia quando tinha algo difícil para dizer. — Sinto que o Andrew é um pouco mais agressivo do que o necessário para uma empresa como a nossa.

Engulo em seco e me forço a olhar para o Andrew.

— Mas a minha mãe era contra, lembra? Além do mais, você disse muitas vezes que essa era uma boa decisão. Você admitiu que nunca seria feliz em uma empresa de cosméticos.

Ele vem em direção à cama e se inclina sobre mim, colocando os braços nus em ambos os lados do meu corpo.

— Mas isso foi antes de a minha namorada se tornar presidente da empresa.

— O que confirma que você não deveria trabalhar lá.

Ele abaixa o corpo, plantando beijos em minha testa, em meu nariz, em meus lábios.

— Imagine os benefícios adicionais — ele sussurra com a voz rouca. — Podemos criar um escritório ao lado da sua sala. Serei o advogado da sua empresa e seu escravo sexual particular.

Dou risadinhas.

— Você já é meu escravo sexual.

Acariciando meu pescoço com beijos suaves, ele levanta minha camisola.

— Não tem nada mais sexy do que uma mulher poderosa. Vem cá, senhora presidente.

E se você soubesse que eu sou uma professora substituta sem poder algum, ainda me acharia sexy? Tateio até encontrar o interruptor de luz, me sentindo grata quando o quarto fica escuro, e vou me deitando com Andrew envolvendo seu corpo no meu.

Meu anjo bom me lembra de que preciso contar logo a verdade. Meu anjo mau diz ao anjo bom para ir cuidar da sua vida e entrelaça as pernas nas costas nuas de Andrew.



Chego à Escola Douglas Keyes usando calça social preta, um suéter da mesma cor e calçando meus sapatos de um laranja berrante em homenagem às comemorações do Halloween. As crianças adoram professores que se vestem com temas de feriados, embora eu me recuse a vestir os indispensáveis moletons com abóboras bordadas até que tenha pelo menos cinquenta anos.

A diretora Bailey, uma afro-americana atraente, me conduz por um corredor com piso de mosaico em direção à sala de aula da sra. Porter.

— Woodlawn é o lar de vários conjuntos habitacionais e de uma diversidade de gangues de rua. Não é o grupo de pessoas mais fácil de ensinar, mas topamos o desafio. Gosto de pensar que a Escola Douglas Keyes serve como um abrigo seguro para nossos jovens.

— Que bom.

— A sra. Porter entrou em trabalho de parto hoje de manhã, três semanas antes do esperado. A menos que seja alarme falso, ela ficará fora nas próximas seis semanas. Você está disponível para substituí-la por mais tempo, caso precisemos?

Fico com a respiração presa.

— Hum, me deixe pensar...

Seis semanas? Isso dá mais de um mês! Minhas têmporas latejam. Acima das portas duplas no final do corredor, vejo uma placa de um vermelho berrante: SAÍDA. Fico tentada a sair correndo naquela direção e nunca mais voltar, mas penso na lista daquela garota. Se eu cumprir essa pena pelas próximas seis semanas, terei realizado a meta número vinte. Até o Brad vai concordar que eu dei uma boa chance para ela. Penso nas palavras da minha mãe — aliás, de Eleanor Roosevelt: “Todos os dias, faça algo de que você tenha medo”.

— Sim — digo, tirando os olhos da placa. — Estou disponível.

— Excelente! — ela exclama. — Não é fácil encontrar professores substitutos para esta escola.

Um misto de pânico e arrependimento percorre todas as fibras dos meus nervos. Com que diabos eu me comprometi? A sra. Bailey destranca a porta e aperta o interruptor de luz.

— Você vai encontrar os planos de aula na mesa da sra. Porter. Se precisar de mais alguma coisa, é só pedir.

Ela faz um sinal de positivo antes de se virar, e então sou deixada sozinha na sala de aula.

Respiro o cheiro de poeira e de livros velhos e fico contemplando o espaço cheio de carteiras de madeira. Uma fantasia antiga, porém familiar, toma conta de todo o meu ser. Durante os primeiros vinte anos da minha vida, sonhei em dar aula em uma sala exatamente como esta.

O som estridente do sinal de entrada me tira de meus devaneios. Meus olhos se voltam para o relógio acima do quadro-negro. Ah, meu Deus! As aulas já vão começar!

Corro até a mesa da sra. Porter e procuro os planos de aula. Levanto o livro de presença e reviro tudo em meio a um monte de planilhas, mas não encontro nenhum plano de aula. Abro a gaveta da mesa com tudo. Nada. Reviro o armário de madeira. Nada ainda! Onde raios estão os planos de aula?

Do fim do corredor, escuto o estrondo de um exército que parece o estouro de uma boiada seguindo em direção à sala de aula. Meu

coração dispara e então apanho uma pasta de uma cesta de metal. Os papéis soltos se espalham pelo chão. Droga! Vejo de relance a palavra LIÇÃO em uma folha... antes de ela cair em cascata, virando para baixo e deslizando para debaixo da mesa. Meu plano de aula! Obrigada, Senhor!

O exército está mais perto agora. Minhas mãos tremem enquanto reúno os papéis espalhados no chão. Recuperarei a maior parte deles, exceto o mais importante: o plano de aula, que ficou preso em um canto debaixo da mesa da sra. Porter. Abaixada, com as mãos e os joelhos no chão, desesperadamente tento recuperá-lo. Mas ele está muito atrás. É nesse momento que meus alunos chegam, e é meu traseiro que dá a primeira impressão da professora substituta deles.

— Bela bunda — ouço alguém dizer, seguido pelo som de gargalhadas por toda parte.

Eu me levanto e aliso minha calça.

— Bom dia, meninos e meninas. — Levanto a voz de maneira que possa ser ouvida acima das conversas matinais. — Eu sou a srta. Bohlinger. A sra. Porter não vem hoje.

— Legal! — diz um ruivo cheio de sardas. — Ei, pessoal, temos uma professora substituta hoje! Podem sentar onde quiserem!

Como em uma dança das cadeiras, os alunos se levantam e lutam para conseguir um novo lugar.

— Voltem para o lugar de vocês! Agora!

Mas minhas palavras são engolidas pelo caos. São apenas oito e vinte e já perdi o controle da sala de aula. Volto a atenção para os fundos da classe, onde uma menina com tranças de Medusa grita com um garoto moreno que parece ter uns vinte anos.

— Pare com isso, Tyson!

O garoto gira enquanto puxa o cachecol cor-de-rosa da Medusa, enrolando-o em volta da própria cintura, cada vez mais apertado.

— Me dá a porra do cachecol! — ela diz.

Eu marcho até eles.

— Devolva o cachecol para ela, por favor. — Estico a mão para pegá-lo, mas ele agita o corpo em uma dança e se afasta de mim para continuar girando em círculos, esticando o cachecol como se

estivesse puxando caramelo. — Vamos lá. Cor-de-rosa nem é cor para você.

— É — grita o garoto sardento do outro lado da sala. — O que você quer com um cachecol cor-de-rosa, hein, Ty? Você por acaso é gay?

Tyson ganha vida. Ele é quase tão alto quanto eu, e uns dez quilos mais pesado. Vai pulando fileira atrás de fileira de carteiras em busca do ruivo.

— Pare! — Vou correndo entre as fileiras o mais rápido que posso, mas não consigo pular da mesma maneira que Tyson. Ele já pegou o menino pelo pescoço e está chacoalhando-o como se fosse um coquetel. Meu Deus, ele vai matar o garoto! E a culpa será minha! Será que eu posso ser acusada de homicídio culposo? Falo para a Medusa: — Chame a diretora!

Na hora em que consigo me aproximar da briga, o rosto do sardento está brilhando de tão vermelho, os olhos frenéticos. Ele está lutando para arrancar os dedos de Tyson de seu pescoço. Eu puxo o braço de Tyson, mas ele se solta de mim.

— Largue o menino! — eu grito, mas minha voz não parece ter influência alguma.

Crianças se juntam em torno da briga, berrando com entusiasmo, fazendo uma grande agitação.

— Vão sentar! — grito, mas eles não recuam. — Parem com isso! Agora!

Eu me esforço para tirar os dedos de Tyson do pescoço do garoto, mas eles são como tubos de aço. Assim que abro a boca para gritar, uma voz austera chama da entrada da sala.

— Tyson Diggs, venha aqui. Agora!

Instantaneamente Tyson solta o pescoço do garoto. Eu quase caio de alívio, me viro e vejo a sra. Bailey na entrada da sala. Todos os alunos, de uma só vez, voltam para o lugar, em silêncio e ordenadamente.

— Eu disse para você vir até aqui — ela repete. — Você também, sr. Flynn.

Os garotos se esgueiram para a frente da sala. Ela põe uma mão no ombro de cada um e faz um sinal afirmativo com a cabeça para

mim.

— Continue com a aula, srta. Bohlinger. Esses jovens vão passar a manhã comigo.

Eu quero agradecer-lhe. Não, eu quero me curvar e beijar seus pés, mas não acho que minha voz vá sair, então simplesmente assinto, na esperança de que ela seja capaz de identificar a gratidão em meu rosto. Ela fecha a porta depois de sair com os garotos. Inspiro fundo e me viro para a classe.

— Bom dia, meninos e meninas — repito, apoiando uma das mãos na carteira de um aluno para me equilibrar. Tento abrir um sorriso tremido. — Sou a professora substituta de vocês.

— Dã! — diz uma garota que parece ter dezessete anos. — A gente já sabe disso.

— Quando a sra. Porter vai voltar? — pergunta outra garota, com uma camiseta bordada com lantejoulas que a identifica como PRINCESA.

— Não sei exatamente quando ela volta. — Olho ao redor. — Mais alguma pergunta antes de começarmos?

Começarmos o quê? O maldito plano de aula ainda está debaixo da mesa.

A princesa levanta a mão. Eu me inclino para ler o nome dela.

— Sim, Marissa? Você tem uma pergunta a fazer?

Ela inclina a cabeça para o lado, apontando com o lápis para as minhas sapatilhas laranja Prada.

— Você realmente pagou por isso?

Tudo que consigo ouvir é uma risada estridente, juvenil, e estou de volta a Meadowdale. Bato palmas.

— Chega!

Mas minhas palavras são engolidas pelo caos. Preciso colocar esses monstros pré-adolescentes no lugar deles, agora. Avisto uma garota na fileira da frente cujo nome presumo que seja Tierra.

— Você — digo. — Me ajude.

O volume na sala de aula está aumentando e não tenho um instante a perder.

— Preciso do meu plano de aula, Tierra. — Aponto para a folha branca de papel presa debaixo da mesa. — Você pode entrar ali

embaixo e pegá-lo para mim, por favor?

Possivelmente a única criança obediente na sala de aula, ela abaixa se apoiando nos joelhos e nas mãos e se enfia debaixo da mesa da sra. Porter, exatamente como eu tinha feito antes. Ela é menor e consegue alcançar o papel com facilidade. Fico olhando enquanto ela o pega e vejo de imediato o cabeçalho: "LIÇÃO 9 — 'E' MUDO". Não é o plano de aula! É uma droga de uma lista de ortografia!

— Merda! — digo sem pensar.

Alarmada, Tierra levanta a cabeça de repente e a bate contra a parte inferior da mesa, fazendo um estrondo, como se fosse uma trovoadas ecoando pela sala de aula.

— Chame a enfermeira! — grito a quem quer que esteja ouvindo.



Depois de intermináveis seis horas e quarenta e três minutos, vou liberando os alunos da sala de aula aleatoriamente. Não quero nada além de sair correndo desta escola e me servir de um martíni bem forte, mas a sra. Bailey me convoca para ir até a sala dela. Com seus óculos de leitura lilás equilibrados na ponta do nariz, ela me entrega uma pilha de papéis e sua caneta.

— Preciso que você assine esses relatórios de incidentes. — Ela aponta com a cabeça para uma cadeira em frente à sua mesa. — Você provavelmente vai querer se sentar. Isso pode demorar um tempinho.

Deslizo para uma cadeira de vinil e analiso o primeiro relatório.

— Você deve ser incrivelmente ocupada, lidando com esses incidentes o dia todo.

Ele me espia por cima dos óculos.

— Srta. Bohlinger, você mandou mais alunos para a minha sala hoje do que a maioria dos professores manda em um ano escolar inteiro.

Eu me encolho.

— Me desculpe por isso.

Ela balança a cabeça em negativa.

— Sinto que você tem um bom coração, sinto mesmo, mas suas habilidades para lidar com a classe...

— Assim que eu pegar o jeito, vai ficar mais fácil. — *Até parece.*

— Teve notícias da sra. Porter? Ela já teve o bebê?

— Sim, de fato ela teve. Uma menininha saudável.

Meu coração afunda no peito, mas coloco um sorriso no rosto.

— Então estarei de volta na segunda-feira cedo.

— Segunda-feira? — Ela tira os óculos. — Você não acha que eu deixaria você voltar àquela classe, acha?

Meu primeiro instinto é ficar exultante. Nunca mais terei de dar aulas para aqueles monstros! Porém a sensação de ter sido rejeitada está estampada em meu rosto. Essa mulher não me quer em sua escola. Preciso provar a ela, e à minha mãe e àquela garotinha com seus sonhos bobos, que posso dar aulas.

— Eu só preciso de mais uma chance. Posso me sair melhor do que hoje, eu sei que posso.

A sra. Bailey balança a cabeça em negativa.

— Sinto muito, docinho. Não vai dar.



Não sei ao certo se o Brad estava realmente disponível ou se a Claire percebeu que eu estava tendo um colapso nervoso e se virou para arrumar um horário na agenda dele. Independentemente disso, ele está me esperando quando chego a seu escritório. Meus cabelos, molhados com a chuva da tarde, estão grudados no crânio, e estou cheirando a lã ensopada. Ele envolve meu ombro com um dos braços e me conduz até a familiar cadeira de couro. Sinto o aroma refrescante de seu perfume. Fecho os olhos e começo a chorar.

— Sou uma fracassada — digo, debulhando-me em lágrimas. — Não consigo dar aulas. Não tenho capacidade de cumprir essas metas, Brad. Não consigo.

— Pare — ele diz baixinho. — Você está bem.

— Você já teve notícias do Pohlonski?

— Ainda não. Eu falei que isso ia levar um tempo.

— Estou perdendo o controle, Brad, juro que estou.

Ele me mantém a uma pequena distância.

— Vamos conseguir fazer com que você se saia bem nisso, eu juro.

Seu tom aplacador me enfurece.

— Não! — digo e vou para longe dele. — Você não sabe disso! Estou falando sério. O que vai acontecer se eu não conseguir completar essa lista?

Ele esfrega o queixo e me encara.

— Honestamente? Acho que você será como milhões de outras pessoas por aí. Que batalham para conseguir um emprego e tentam fazer o dinheiro durar até o fim do mês. Mas, ao contrário da maioria dessas pessoas, você não terá que lidar com nenhuma dívida... nem precisará se preocupar com a sua aposentadoria...

As palavras dele me deixam envergonhada. Tenho estado tão mergulhada em autopiedade que esqueci como sou privilegiada, mesmo agora. Abaixo o olhar.

— Obrigada, eu precisava ouvir isso. — Afundo na cadeira. — Você está totalmente certo. Vou arrumar outro emprego na área de propaganda. Está na hora de seguir em frente com a minha vida.

— Sua velha vida, você quer dizer? Com o Andrew?

Uma onda de tristeza me invade quando me imagino passando o resto dos meus dias em um emprego pelo qual não sou apaixonada, e minhas noites sozinha em um loft depressivo que nem posso chamar de meu.

— Claro — digo. — É a única que eu tenho.

— Não é verdade. Você tem opções. É isso que sua mãe está tentando lhe mostrar.

Balanço a cabeça em negativa, sentindo a frustração se elevar novamente.

— Você não está entendendo! É tarde demais para recomeçar. Sabe quais são as chances de eu encontrar o amor da minha vida e descobrir que ele deseja ter filhos, um cachorro e a droga de um

pônei? E o meu tempo está se esgotando, Brad, naquele relógio cruel, unilateral e que odeia as mulheres, o relógio biológico.

Brad se empoleira na cadeira em frente à minha.

— Bom, sua mãe achou que completar essa lista de sonhos ia te levar a ter uma vida melhor, certo?

Dou de ombros.

— Acho que sim.

— Ela já decepcionou você alguma vez?

Solto um suspiro.

— Não.

— Então faça acontecer, B.B.

— Mas como? — quase grito.

— Trazendo de volta aquela garota audaciosa que você era. Você critica a sua mãe por ter sido covarde, mas não é nem um pouco diferente. Você quer realizar aqueles desejos, eu sei que quer, mas tem medo demais de assumir os riscos. Vá fazer aqueles sonhos se tornarem realidade, B.B. Faça acontecer! Agora!



Andrew está dormindo no sofá quando entro no loft. A luz piscante da televisão brinca de amarelinha em seu rosto. Ele deve ter caído no sono cedo hoje. Não quero nada além de passar por ele na ponta dos pés, trocar de roupa e fingir que acabei de chegar em casa depois de um longo dia no escritório, mas não faço isso. Meu coração tamborila no peito. Está na hora.

Acendo o abajur e Andrew se mexe.

— Quando foi que você chegou? — ele me pergunta com a voz meio grogue.

— Há uns minutos.

Ele dá uma olhada no relógio.

— Eu tinha a esperança de conseguir uma mesa no The Gage.

— É uma ótima ideia — digo, ouvindo um ligeiro tremor em minha voz —, mas preciso lhe contar uma coisa primeiro. — Inspiro fundo. — Eu venho mentindo para você, Andrew. Está na hora de você saber a verdade.

Sento ao lado dele no sofá e revelo os desejos de uma garotinha que conheci.



Minha garganta está doendo quando termino de falar.

— Então é isso. Desculpe por não ter lhe contado antes. Eu tinha medo que você... Sentia medo de... — Balanço a cabeça. — Eu estava com medo de perder você.

Andrew apoia o cotovelo no braço do sofá e massageia as têmporas.

— Que merda isso que a sua mãe inventou.

— Ela achou que estava me fazendo um favor.

Eu me vejo defendendo a minha mãe — o que me parece ao mesmo tempo louco e absolutamente certo.

Por fim, ele se vira para mim.

— Eu não acredito nisso. A Elizabeth não deixaria você sem a herança. No fim das contas vai haver uma fortuna, quer você complete essas metas ou não. Escreva o que estou dizendo.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não acho que isso vá acontecer. Nem o Brad.

— Vou checar. Até agora você não recebeu nem um centavo?

— Não, e não há tempo para investigações. Tenho que completar a lista até setembro.

O queixo do Andrew cai.

— Setembro do ano que vem?

— É. — Inspiro fundo. — Então, eu preciso saber como você se sente em relação a isso tudo.

— Como eu me sinto em relação a isso? É uma loucura, porra! — Ele muda de posição e fica cara a cara comigo. — Você precisa fazer o que quer, querida, e não o que a sua mãe quer que você faça. A verdade é que eu não conheci você antes, quando tinha catorze anos e queria ser professora e ter filhos. — Ele levanta uma sobrancelha e abre um sorriso. — Eu conheço apenas a mulher bem-sucedida de hoje, ou melhor, a mulher que você vai ser assim que estiver em seu grande cargo, se for essa a sua escolha.

Ele passa o polegar de leve em meu rosto.

— Olha, eu sei que o que temos não é perfeito, mas é muito bom da maneira que está. É lógico que nos estressamos com o trabalho, mas isso não é nada comparado com o que vivem nossos amigos que têm filhos. E acrescente a isso um cachorro, um cavalo e

obrigações sociais... — Ele balança a cabeça em negativa, como se ficasse horrorizado com o pensamento. — Não consigo nem imaginar. Eu gosto da nossa vida do jeito que ela é agora. Achei que você também gostasse. — Andrew coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Estou certo?

Meu rosto está pegando fogo, mas ele não desgruda o olhar do meu. Se eu for sincera, vou perder o Andrew. As palavras da minha mãe falam comigo como se ela estivesse gritando lá de cima: “Quando estiver com medo, agarre-se a essa coragem e relaxe, porque agora você sabe que a tem, como eu já sabia o tempo todo”.

— Não — sussurro. — Minha mãe está certa.

— Meu Deus.

Lágrimas escorrem sobre minhas bochechas, e eu tento me livrar delas com a mão.

— Vou me organizar para mudar daqui esta semana.

Começo a me levantar, mas ele me agarra pelo braço.

— Você está me dizendo que essa é a única maneira de conseguir a sua herança? Não há nenhuma outra opção?

— Sim, é exatamente isso que estou lhe dizendo.

— De quanto estamos falando? Cinco, seis milhões?

Ele está falando sobre a minha herança? A princípio fico surpresa, mas, afinal, estou pedindo que ele seja meu parceiro nesse empreendimento. Será que ele não tem o direito de saber?

— É, algo em torno disso. Não vou saber com certeza até conseguir o meu envelope.

Por algum motivo, não lhe conto os valores exorbitantes que meus irmãos receberam.

Ele exala alto, fazendo com que suas narinas se alarguem.

— Isso é um saco, sabia?

Faço que sim com a cabeça e limpo o nariz com o dorso da mão.

— Merda! — ele diz. Por fim, Andrew olha para mim. — Tudo bem, cacete. Se é preciso tudo isso para ficar com você, acho que vamos ter que encarar essas metas.

Ele quer ficar comigo? Será que ele entende o que está em jogo? Fico encarando-o, boquiaberta.

— Você... você vai me ajudar a alcançar as minhas metas, todas elas?

Ele dá de ombros.

— Eu não tenho escolha, tenho?

Essa resposta soa esquisita para mim, já que ele é a única pessoa nessa situação que realmente *tem* escolha, mas o importante é que ele está disposto a me ajudar na realização das minhas metas. Vamos construir uma família! Pela primeira vez, Andrew está colocando as minhas necessidades acima das dele. Ou será que não? Uma sensação inquietante toma conta de mim, mas eu a afasto na esperança de que meus instintos estejam errados. Que direito eu tenho de duvidar dos motivos dele?



É com uma abençoada sensação de alívio que estou sozinha no loft na tarde de domingo. Desde a nossa decisão na noite de sexta-feira, Andrew tem sido mais frio que as ondas do lago Michigan. Então, hoje, quando ele resmungou algo sobre ter de ir ao escritório, eu joguei o casaco em sua direção e o enxotei porta afora antes que ele tivesse tempo de mudar de ideia. Mas não posso culpá-lo por ficar chateado. Ele foi pego de surpresa por essa louca lista de sonhos, assim como eu. E, assim como eu, precisará de um tempo para se acostumar com a ideia de ter um estilo de vida diferente.

Levo meu laptop até a mesa da sala de jantar e faço o login no Facebook. Uma mensagem. A resposta de Carrie Newsome.

Eeeebaaaa! Mal posso esperar para te ver no dia 14!

Obrigada por sugerir o hotel para o jantar. Será mais fácil do que tentar chegar até o outro lado da cidade. Seis horas está ótimo. Eu não tinha me dado conta de quanto senti sua falta, Bretel.

Nem uma única menção à minha deslealdade. Quem poderia ser assim tão indulgente?

Da última vez em que vi a Carrie, eu era aluna do segundo ano na Academia Loyola e ela frequentava a Madison havia um ano. Como presente de aniversário, seus pais lhe compraram uma passagem de ônibus para que fosse me visitar. Ela pareceu surpresa quando me viu, pois muita coisa havia acontecido naqueles doze meses. Eu tinha conseguido entrar para a equipe de líderes de torcida e fui de imediato alçada ao posto de popular. Havia tirado o aparelho dos dentes e estava usando maquiagem. Meus cabelos — que eu penosamente alisava todas as manhãs — estavam cortados no estilo da Rachel, de *Friends*, a última moda da época. E Carrie era exatamente a mesma: simples, cheinha e sem graça.

Nós nos sentamos no chão do meu quarto, ouvindo um CD do Boyz II Men e folheando o meu anuário da escola. Quando vi a foto de Joni Nicol, apontei para ele.

— Lembra do irmão do Joni, o Nick? Tenho uma baita de uma queda por ele. Tem uns caras bonitinhos em Madison?

Ela olhou para mim como se estivesse surpresa com a pergunta.

— Não sei. Não presto muita atenção nisso.

Meu coração se partiu. Carrie nunca tivera um namorado. Mantive os olhos grudados no anuário, sentindo-me envergonhada por ela.

— Um dia você vai conhecer um cara legal, Ursinha Carrie.

— Eu sou lésbica, Bretel. — Ela disse isso sem constrangimento ou arrependimento, como se estivesse me dizendo sua altura ou tipo sanguíneo.

Eu a encarei, rezando para que ela irrompesse em uma gargalhada.

— Você está brincando.

— Não. Contei aos meus pais faz alguns meses. Eu soube praticamente a vida inteira.

Minha cabeça girava.

— Então, todas aquelas vezes em que estivemos juntas, aquelas vezes que você dormiu em casa...

Ela deu risada.

— Que foi? Você acha que eu estava dando em cima de você? Não se preocupe, Bretel, não é assim que funciona! — Devo ter feito cara de chateada ou preocupada, porque ela parou de rir e estendeu a mão para tocar na manga da minha blusa. — Ei, eu não queria te deixar assustada. Ainda sou eu, a Carrie. Você entende isso, não?

— É — resmunguei, mas minha mente limitada aos quinze anos não tinha entendido. Minha melhor amiga não era normal. Analisei seus cabelos curtos e as unhas cortadas rente, o rosto sem maquiagem e o suéter largo. Ela me pareceu estranha de súbito, masculina e esquisita.

Eu não a levei à festa de Erin Brown naquela noite, como havíamos planejado. Tive medo de que meus novos amigos descobrissem a verdade. E, se isso acontecesse, eles poderiam achar que eu era lésbica também. Assim, fingi que estava com dor de cabeça e ficamos em casa assistindo a vídeos, mas, em vez de me sentar ao lado dela, compartilhando o mesmo cobertor e comendo salgadinhos, como costumávamos fazer, eu me sentei na antiga espreguiçadeira do meu pai. Mais tarde, quando minha mãe entrou e viu Carrie dormindo no sofá, levei um dedo aos lábios e disse:

— Não a acorde. Ela está confortável.

Minha mãe colocou um cobertor em cima dela e saiu em silêncio. Fui para o meu quarto na ponta dos pés e fiquei acordada o restante da noite.

Na manhã seguinte, enquanto eu tomava banho, Carrie ligou para a rodoviária. Ela foi embora ao meio-dia, um dia antes do previsto. Tenho vergonha de admitir que um alívio tomou conta de mim quando o ônibus virou a esquina e seguiu em direção ao norte.

Na semana seguinte, chegou uma carta da Carrie pedindo desculpas por ter despejado sua “natureza anormal” em cima de mim sem aviso prévio. Ela esperava que a nossa amizade nunca fosse mudar. Carrie terminou a carta com: “Por favor, me responda rápido, Bretel! Preciso saber o que você está pensando”.

Escondi a carta debaixo de uma pilha de revistas *Seventeen* enquanto pensava o que responder, porém passaram-se semanas,

que viraram meses e então anos. Quando finalmente tive sensibilidade para lidar com a orientação sexual dela, não tive coragem de escrever. Fui covarde demais para trazer à tona a lembrança daquele fim de semana esquisito ou, mais precisamente, da minha deslealdade. Minha insensibilidade me faz arder de vergonha.



É segunda-feira e acabo de desligar uma ligação das Escolas Públicas de Chicago quando Brad me envia uma mensagem de texto. Sua reunião na zona Norte foi cancelada e ele quer saber se posso encontrá-lo para almoçar no P. J. Clarke's. Tal como prometeu à minha mãe, ele está fazendo um esforço consciente para saber o que tenho feito, certificando-se de que eu esteja avançando cada vez mais com minhas metas.

Aplico um pouco de gloss nos lábios, coloco meu café recém-preparado em um copo para viagem e desço as escadas. Quando estou saindo apressada do prédio, quase me choco contra um homem alto de cabelos escuros. O café espirra em meu casaco.

— Merda! — digo sem pensar.

— Ah, meu Deus. Me desculpa. — Sua voz pesarosa de repente soa mais alegre. — Oi! Eis que nos encontramos de novo!

Paro de limpar o casaco e ergo o olhar, fitando os belíssimos olhos do cara da Burberry.

— Ah, oi — digo, abrindo um sorriso largo, como se fosse uma adolescente tola que acabou de ser notada por um astro do futebol americano.

— Ei. — Ele aponta para o meu prédio. — Você mora aqui?

— Arrã. Você também?

Falsa! Você sabe muito bem que ele mora aqui!

— Não mais. Aluguei um apartamento aqui por alguns meses enquanto o meu estava sendo reformado. Só passei para pegar o meu depósito caução. — Os olhos dele se deparam com a mancha

de café. — Ah, meu Deus, estraguei seu casaco. Venha, vou comprar outro café para você. Tem um Starbucks bem ali, virando a esquina. É o mínimo que posso fazer.

Ele se apresenta, mas não ouço uma única palavra do que diz. Minha mente está languidamente pensando em seu convite para tomar café. Ah, claro que sim! Mas espera... tenho que me encontrar com o Brad. Ah, que sorte a minha.

— Obrigada, talvez outro dia. Tenho um encontro na hora do almoço.

O sorriso dele se desfaz.

— Ah. Tenha um bom almoço, então. Mais uma vez, desculpe pela mancha de café.

Eu quero chamá-lo, explicar que o meu encontro é com um amigo, que estou livre para tomar café mais tarde, mas isso seria desprezível. O Brad é apenas um amigo... mas o Andrew não.



— Como vão as coisas no seu mundo? — pergunto a Brad depois de pedirmos sanduíche de bacon com alface e tomate. — Planejando a próxima viagem a San Francisco?

— Estou esperando o fim de semana de Ação de Graças — diz ele. — O Nate vai ficar com o pai, mas a Jenna ainda não decidiu o que vai fazer.

Eu assinto, mas no fundo fico preocupada com a possibilidade de que Brad esteja sendo ludibriado.

— E você? — ele me pergunta. — Fazendo avanços com a lista?

Em um movimento rápido, deslizo até a beirada do assento e ergo a cabeça.

— Para falar a verdade, sim. Lembra da sra. Bailey, a diretora de que lhe falei da Escola Douglas Keyes? Então, ela me indicou para dar aulas a crianças que estejam impossibilitadas de ir até a escola, porque estão doentes em casa ou hospitalizadas.

— Legal. Tipo aulas particulares?

— Exatamente. Tenho uma entrevista amanhã cedo.

Ele ergue a mão espalmada para bater na minha.

— Incrível!

Eu o dispenso com um aceno de mão.

— Não fique tão animado assim. Nunca vou conseguir esse emprego. Mas por algum motivo a sra. Bailey acha que pode ser apropriado para mim.

— Bom, estou torcendo por você.

— Obrigada. E isso não é tudo. — Os sanduíches chegam e lhe conto sobre o meu jantar, no dia 14, com a Carrie. — Ela mora em Madison. É assistente social e tem uma parceira. Não consigo acreditar que a Carrie tem três filhos.

— Vai ser bom botar o papo em dia com ela, hein?

Sinto meu rosto queimar.

— Vai, mas eu fui uma péssima amiga. Tenho muita coisa pra consertar.

— Ei — ele diz e cobre minha mão com a dele. — Você está fazendo avanços. Estou orgulhoso disso.

— Obrigada. E adivinha o que mais? Finalmente contei para o Andrew sobre a lista. Ele topou me ajudar!

Em vez de aplaudir, Brad me olha de esguelha.

— É mesmo?

Limpo a boca no guardanapo.

— Sim, é mesmo. Por que isso é tão surpreendente?

Ele balança a cabeça como se estivesse tentando desanuviá-la.

— Desculpe. Não, isso é ótimo.

— Você já teve notícias daquele detetive? Steve... como é mesmo o nome dele?

— Pohlonski — ele diz, fazendo o sanduíche descer com um gole de Coca Zero. — Ainda não, mas vou lhe contar no minuto em que ele tiver algo novo para dizer.

— Já se passou mais de uma semana. Acho que está na hora de dispensar os serviços dele e contratar outra pessoa.

Ele limpa a boca.

— Sei que você está ansiosa para ter notícias, Brett, mas ele está trabalhando nisso. Como eu já disse, ele encontrou noventa e seis

Manns nascidos em Dakota do Norte entre 1940 e 1955. Depois afinou a busca e chegou a seis possibilidades. Na semana que vem, ele vai ligar para cada um deles.

— Isso foi o que você me disse há três dias! Quanto tempo leva para fazer uma ligação? Me passe a lista, vou ligar para eles hoje à tarde.

— Não. O Pohlonski disse que é melhor que um terceiro faça o contato inicial.

Solto um suspiro.

— Bom, é melhor que ele tenha novidades na sexta-feira, ou estará fora do caso.

Brad dá risada.

— Fora do caso? Alguém anda vendo muito *csi*.

Tento fazer biquinho, mas por dentro estou pensando em quanto eu gosto desse cara.

— Você é realmente irritante, Midar.



O céu brilha como os olhos de um recém-nascido, e ondas de espuma branca se quebram em um tom acinzentado. Eu, Meg e Shelley fazemos uma caminhada intensa no Parque Grant, nos revezando para empurrar o carrinho da Emma.

— Meu QI caiu vinte pontos desde que larguei meu emprego — diz Shelley, um pouco sem fôlego. — Faz semanas que não leio um jornal. E as panelinhas das mães da vizinhança... É pior do que no ginásio!

— Talvez ficar em casa não seja a sua praia — digo, caminhando a passos largos ao lado dela.

— Estou dizendo, nunca vi mulheres tão competitivas. Outro dia, no parque, acabei falando que o Trevor sabe contar até trinta. Nada mau para uma criança de três anos, certo? Errado. A Melinda entrou na conversa na mesma hora e disse: "O Sammy consegue contar até

cinquenta". E a Lauren, a loira vadia, franziu os lábios e apontou para a filha, a Kaitlyn. "Cem", ela sussurrou. "Em *mandarim*."

Megan e eu caímos na risada.

— Falando em competição — diz Megan, girando os punhos cerrados à sua frente. — Teve sorte com aquele emprego como professora, Brett? Aquele em que você não precisa pôr os pés na sala de aula? — Ela explode em risos.

— Na verdade, sim.

Elas se viram na minha direção.

— Recebi uma proposta de trabalho hoje de manhã.

— Isso é o máximo! — diz Shelley. — Viu? E você achou que não seria páreo.

Mordo o lábio.

— Fui a única a me candidatar à vaga.

— Com o mercado como está? — pergunta Megan, puxando o braço enquanto caminha a passos largos.

— Arrã. Parece que a zona 299 é uma das mais difíceis do distrito das escolas públicas de Chicago. Pelo menos foi o que o diretor me informou. Ele disse que para assumir o cargo precisaria ser um pouco do tipo que corre riscos.

Conto-lhes sobre as aulas na casa ou no hospital onde estão as crianças.

— Espere. — Megan me faz parar. — Você vai até a casa dos alunos? Na zona Sul?

Meu estômago dói e começo a caminhar de novo.

— Isso mesmo.

Ela mantém o passo ao meu lado, com os olhos arregalados.

— Nem ferrando! Menina, estamos falando de conjuntos habitacionais... cortiços. Favelas de merda infestadas de baratas.

— A Megan tem razão — diz Shelley. — Você tem certeza de que é seguro?

— É claro — respondo, desejando realmente me sentir tão certa quanto pareço estar.

— Escuta — diz Megan. — Aceite a merda do emprego, se tiver realmente que fazer isso, mas caia fora no minuto em que isso

parecer legítimo para o Brad.

— Vocês conseguem acreditar? Pode ser que eu realmente complete a meta número vinte. — Eu me viro em um semicírculo e caminho para trás, ficando frente a frente com elas. — E adivinhe o que mais, Shelley? O Andrew contratou a Megan. Vamos comprar uma casa!

— Ouviu isso? — diz Megan, dando um tapinha no braço de Shelley com o dorso da mão. — Eles vão comprar uma casa no lago.
Din-din!

— Não — digo. — Pode esquecer aquelas mansões espalhafatosas, Meg. Aquelas casas são detestáveis.

— Se você está dizendo... É claro que uma comissão assim seria legal.

Ela morde o lábio inferior, como se estivesse calculando sua comissão de seis por cento.

— Esqueça. Não podemos pagar por uma casa daquelas.

— O Andrew me disse que você vai receber uma tremenda fortuna. Ele também me contou sobre a sua participação nos lucros da empresa. Acredite em mim, você não vai ter problemas para conseguir um empréstimo.

Balanço a cabeça em negativa.

— Qualquer participação nos lucros da empresa vai direto para a minha conta de aposentadoria. Eu seria morta pelo leão se mexesse no dinheiro. E ele está esquecendo que teremos de pensar no futuro de uma criança. Tente achar uma casa charmosa, com quintal, talvez perto de um parque.

Ela olha para mim como se eu fosse louca, mas, por fim, faz que sim com a cabeça.

— Sem dúvida. Farei isso.

— É incrível como o Andrew aceitou tanta mudança — continuo falando. — Tudo está se encaixando em seu devido lugar. Comprei um livro outro dia, *O que esperar quando você está esperando*. É tão divertido pensar que eu posso ficar grávida logo e...

— Quando vai ser o casamento? — Shelley me interrompe.

Começo a andar mais rápido, mantendo os olhos fixos na calçada. Shelley é a única que sabe que, em um mundo perfeito, eu gostaria de estar casada quando tiver um filho.

— Casamento não estava na lista de sonhos.

— Eu não estava falando da lista.

Por fim, eu paro e limpo o suor em minha testa.

— A verdade, Shel, é que eu não sei.

— Você precisa dizer ao Andrew que ele...

Balanço a cabeça em negativa.

— Olha, a vida não é perfeita. Todas nós estamos vivendo da melhor forma que podemos. Admita, Meg, você está com o Jimmy porque tem medo de ficar pobre.

Ela faz cara feia, mas depois dá de ombros.

— Você está certa. Basicamente, sou uma prostituta. Mas não consigo evitar. Eu odeio trabalhar.

— E encare a verdade, Shel, você está infeliz desde que largou o emprego. — Passo um braço em torno dela. — Honestamente, não sei se o Andrew vai se casar comigo, mas ele está disposto a fazer outras coisas por mim, coisas importantes, como ter um bebê. Por enquanto, talvez isso seja suficiente.

Shelley funga.

— É tão óbvio assim que estou me sentindo infeliz?

Sorriso.

— Lembra quando eu caí na escada no almoço do funeral da minha mãe? Eu estava bêbada, mas também estava tentando espremer os pés dentro de sapatos em que eles não cabiam. Fico preocupada com você se obrigando a ser dona de casa quando está claro que isso não é adequado para você.

Ela me olha.

— É? Bom, e eu me preocupo que você esteja tentando se encaixar em um tamanho Andrew, quando está claro que ele não é adequado para você.

Touché. Se eu tivesse coragem, admitiria que isso me preocupa também. Confessaria que às vezes, quando estou sozinha no loft, eu me pergunto se ainda tenho tempo para conhecer alguém antes do

próximo mês de setembro, alguém por quem eu poderia me apaixonar e com quem poderia ter filhos. Mas é claro que não tenho. Eu me pergunto o que minha mãe acharia se soubesse que seu pequeno plano me tornou mais dependente do Andrew do que nunca.



Meus primeiros dias no emprego se passam como um borrão. Desde quarta-feira estou acompanhando Eve Seibold, uma mulher de sessenta e poucos anos que vai deixar o cargo assim que achar que tenho o mínimo de condição de assumi-lo. Até agora ela não mencionou uma data. É sexta à tarde e estamos sentadas numa sala no terceiro andar do prédio da administração. Comparada com o conjunto espaçoso que eu tinha na Cosméticos Bohlinger, esta sala, que é um bloco de cimento, parece um armário de zelador. Mas há uma bela janela cuja vista dá para a 35th Street e, depois de encher o peitoril com os vasos de gerânios da minha mãe, o lugar quase parece alegre.

Eu me sento à mesa do computador, lendo e analisando com atenção o relatório dos alunos enquanto Eve limpa a sua mesa.

— Ashley Dickson parece bem simples — digo. — Mais duas semanas de licença-maternidade e ela estará de volta à escola.

Eve solta uma risada.

— Acredite em mim, eles nunca são simples.

Coloco o arquivo de Ashley de lado e abro outro, de um aluno do sexto ano.

— Doença mental com onze anos?

— Ah, Peter Madison. — Eve pega dois cadernos de sua mesa e os enfia em uma caixa de papelão. — Louco de pedra. O psiquiatra dele quer conversar com você. Dr. Garrett Taylor. Ele tem uma autorização assinada pela mãe do Peter. — Ela aponta para um número de telefone rabiscado na parte de cima da capa do arquivo. — O número do médico está ali.

Folheio o arquivo e me deparo com o relatório psiquiátrico de Peter. Atos de agressão na sala de aula... Expulsão pelo restante do semestre... E eu estava preocupada com favelas?

— O que há de errado com ele?

— SDM — ela me diz. — Síndrome do Merdinha. — Ela pega um bolinho do fundo da gaveta, contempla-o por um instante e depois o joga na lixeira de metal. — O dr. Taylor chama de desvio de conduta, mas eu não sou nenhuma idiota. O menino é como centenas de outros desta parte de Chicago. Não tem pai, histórico familiar com abuso de drogas, não recebe atenção suficiente, blá-blá-blá.

— Mas ele é apenas uma criança. E deveria estar na escola. Eles não podem negar esse direito a ele.

— É aí que você entra. Dê aulas em casa para ele duas vezes por semana e ele será considerado educado. Ato público de Illinois noventa-e-alguma-coisa. Lembre-se de ligar para o dr. Taylor antes de ir embora hoje. Ele vai te deixar a par da situação.



São quase seis horas quando termino de ler os arquivos dos sete alunos. Eve saiu faz uma hora, levando duas caixas grandes entulhadas de tudo, de pratinhos de doce a porta-retratos com fotos de seus netos. Reúno minhas anotações e a minha bolsa, repentinamente ansiosa para começar o meu fim de semana também. Assim que vou apagar as luzes, eu me lembro de que preciso telefonar para o psiquiatra de Peter. *Droga!* Volto até a mesa pisando firme. A essa hora, em plena sexta-feira, ele já deve ter ido embora, mas vou me sentir melhor se deixar uma rápida mensagem

na caixa postal. Dígito os números do telefone e ensaio mentalmente a mensagem que vou deixar.

— Garrett Taylor — atende uma melodiosa voz de barítono.

— Ah... alô. Eu, hã, não esperava que você atendesse. Estava planejando deixar uma mensagem na caixa postal.

— Mais dez minutos e isso teria acontecido. Como posso ajudar?

— Meu nome é Brett Bohlinger. Sou a nova professora domiciliar. Vou trabalhar com Peter Madison.

— Ah, sim, Brett. Obrigado por ter ligado. — Ele dá risada. — Você esperava que a ligação caísse no correio de voz, e eu esperava ouvir uma voz masculina.

Sorrio.

— Essa foi boa. Apenas uma das ciladas de ter um nome masculino.

— Eu gosto do seu nome. Não há uma personagem de Hemingway chamada Brett?

Eu me reclino na cadeira, impressionada por ele ter feito a relação.

— Sim, Lady Brett Ashley, de *O sol também se levanta*. Minha mãe... — Eu me dou conta de que estou fugindo do ponto. Os psiquiatras têm esse efeito em todo mundo? — Desculpe, você estava prestes a sair, vou direto ao ponto.

— Fique à vontade, não estou com pressa.

A voz dele tem um tom amigável, familiar, e sinto como se estivesse falando com um velho amigo e não com um médico. Pego um pedaço de papel e levanto a caneta.

— Estou ligando para falar desse aluno, Peter Madison. O que você pode me dizer sobre ele?

Ouçõ um barulho que soa como se o dr. Taylor estivesse se acomodando na cadeira.

— O Peter é um garoto incomum. Extremamente inteligente, mas muito manipulador. Pelo que entendi, ele estava causando um caos na sala de aula. O distrito da escola queria testes psiquiátricos completos, e foi por isso que me recrutaram. Eu estou trabalhando

com ele desde setembro. É pouco tempo. Então, você e eu vamos aprender mais sobre o Peter conforme as coisas forem acontecendo.

Ele me conta as aventuras de Peter na sala de aula, desde praticar bullying contra um aluno com paralisia cerebral e atormentar o hamster da classe até cortar os cabelos de uma aluna.

— Ele sente prazer com a reação dos outros. Gosta de causar dor emocional. Na verdade, fica altamente estimulado com isso.

Do lado de fora, o vento uiva e eu envolvo o peito com o suéter.

— O que o levou a ter esse comportamento? O Peter sofreu abusos ou algo assim?

— A mãe dele é um tanto limitada, mas parece se preocupar com o filho. O pai não está em cena, então pode haver algum trauma emocional associado a isso. Ou é possível que os distúrbios psicológicos de Peter sejam simplesmente resultados de uma herança genética desafortunada.

— Você quer dizer que ele simplesmente nasceu assim?

— É possível.

Nada do que li em *O que esperar quando você está esperando* abordou esse assunto. Imagino um capítulo com o título "Herança genética desafortunada".

— Mas você vai descobrir que o Peter pode ser encantador quando quer.

— É mesmo? Tipo quando ele estiver com uma tesoura na mão para cortar os meus cabelos?

Ele dá risada.

— Temo ter te assustado. Não se preocupe, você vai se sair bem. Você me parece ser uma pessoa muito capaz.

— Arrã. Tão capaz que a minha própria mãe me demitiu.

— Você será os olhos e os ouvidos da casa, o que se tornará extremamente útil. Eu gostaria que você me ligasse depois de cada visita. É possível?

— Sim, posso fazer isso. Eve e eu devemos estar com Peter na segunda-feira. — *A menos que eu consiga inventar uma desculpa.*

— Minha última sessão termina às cinco na segunda. Você conseguiria me ligar um pouco depois disso?

— Claro — concordo, mas mal assimilo as palavras dele. Todas as células no meu cérebro estão consumidas pelo fato de que, dentro de três dias, estarei dando aulas para o futuro Hannibal Lecter.



Tomo cuidado especial para me vestir na segunda-feira de manhã, finalmente optando por uma calça azul-marinho de lã para combinar com o suéter cinza de cashmere que minha mãe comprou para mim no último Natal. Hoje eu não quero apenas causar boa impressão em meus alunos, mas também estar no meu melhor quando encontrar a Carrie. Penso nela enquanto faço o caminho até o escritório, na esperança de que o trabalho corra tranquilamente e que Eve não reclame sem parar no fim do dia. Quero ter bastante tempo para me dirigir até o McCormick Place e encontrar o restaurante no Hyatt antes de a Carrie chegar.

Quando entro no escritório, fico sabendo que a reclamação de Eve teria sido o menor dos meus problemas. O sr. Jackson, meu supervisor, vem me ver antes mesmo que eu ligue o computador.

— A Eve ligou hoje de manhã — ele diz, com sua larga estrutura corporal enchendo a entrada da minha sala. — Ela teve uma emergência familiar e não vai voltar, mas está confiante de que você se dará bem sozinha. Ela me disse para lhe desejar sorte. — Ele assente curtamente. — Boa sorte.

Levanto com tudo da minha mesa, enroscando o suéter na lasca da beirada da mesa. A boa impressão vai para o espaço.

— Mas a Eve ia me apresentar aos alunos hoje, ia me ajudar a entender como tudo funciona.

— Tenho certeza de que você consegue fazer isso. Você veio de carro ou de ônibus?

— Eu... eu vim de carro.

— Bem, então está resolvido. — Ele se vira para sair. — Lembre-se de anotar a quilometragem. Nós fazemos o reembolso por isso, sabia?

Reembolso por quilometragem? Não estou nem aí para a quilometragem. A minha vida está em jogo! Vou atrás enquanto ele se afasta.

— Sr. Jackson, espere. Temos esse aluno, Peter Madison. Parece que ele pode ser um problema. Não acho que eu deva ir vê-lo sozinha.

Quando ele se vira, a ruga entre suas sobrancelhas está angulosa como um galho de árvore.

— Srta. Bohlinger, eu adoraria providenciar um guarda-costas particular para você, mas infelizmente o nosso orçamento não permite.

Abro a boca para protestar, mas ele já está marchando de volta para a sua sala, me deixando sozinha, roendo a unha do polegar.



Minha primeira aluna do dia é Amina Adawe, uma garota do terceiro ano que mora em South Morgan. Fico chocada quando avisto um prédio abandonado com o número de onde ela mora pendurado acima da porta de entrada. Diminuo a velocidade do carro até parar. Pessoas realmente moram neste lugar? A porta rachada se abre e um bebê sai lá de dentro, se balançando como um pato, seguido de uma mulher que tagarela em seu celular, vestida como se estivesse pronta para ir a uma boate. Aparentemente, elas moram.

Sigo o caminho até a calçada trincada, pensando em minha sala na Cosméticos Bohlinger, com suas plantas verdes exuberantes e o frigobar cheio de frutas e garrafinhas de água. Uma raiva familiar se ergue dentro de mim. Por que a minha mãe me colocou nesta situação difícil?

Inspiro fundo e, usando a manga do casaco, giro a maçaneta da porta. Antes de entrar, olho ao redor mais uma vez, como se esse pudesse ser meu vislumbre final da vida.

Está escuro e úmido no corredor estreito; o cheiro é de fraldas sujas e lixo. Eu me arrasto por um caminho imundo, cheio de

embalagens de comida e bitucas de cigarro. Um rap está tocando tão alto em um dos apartamentos que o chão chega a tremer. Por favor, não me diga que o som vem do apartamento da Amina.

O número dos apartamentos neste andar tem dois dígitos. A unidade de Amina, número 4, deve ficar no subsolo. Meu coração bate forte e eu desço um lance de escada. Quem me encontraria se eu desaparecesse neste buraco infernal? Por quanto tempo preciso manter este maldito emprego antes de convencer o Brad a riscar essa meta da lista? Mais uma semana, duas no máximo. Até o Dia de Ação de Graças eu acabo com isso.

Chego ao hall da escada. Uma lâmpada exposta está piscando, criando um frenético show de luz. Por trás da porta fechada do apartamento número 2, saem palavrões que me atingem como uma tormenta, feios e repulsivos. Fico paralisada. Estou pronta para subir os degraus de volta correndo quando uma porta oscila e se abre no fim do corredor. Uma mulher magra com pele cor de caramelo e bondosos olhos dourados aparece, com um *hijab* cobrindo os cabelos.

— Eu... eu estou procurando o apartamento 4 — digo devagar, estendendo meu crachá de identificação. — Amina Adawe. Sou a professora dela.

Ela abre um sorriso e sinaliza para que eu entre. Quando fecha a porta atrás de nós, os gritos e o fedor desaparecem. O minúsculo apartamento cheira a frango assado e temperos exóticos. Ela assente com a cabeça quando tiro os sapatos e então me leva até a sala, onde uma garota miúda descansa em um sofá puído, com a perna enfaixada apoiada em travesseiros.

— Olá, Amina. Eu sou a srta. Brett. Serei sua professora enquanto você estiver se recuperando.

Seus olhos escuros me analisam por completo.

— Você é muito bonita — ela me diz, com um adorável sotaque árabe.

Sorriso.

— Você também.

Ela me diz em seu parco inglês que se mudou da Somália no último inverno e que tinha uma perna mais curta que a outra, de maneira que foi preciso procurar o médico para fazer a correção. Amina está muito triste por estar perdendo aulas na escola.

Dou um tapinha de leve na mão dela.

— Vamos trabalhar juntas. Quando você voltar à escola, estará acompanhando o restante da classe. Que tal começarmos com a leitura?

Puxo o texto da minha bolsa de couro e um garoto pequeno entra correndo na sala. Ele agarra o tecido de algodão do *hijab* de sua mãe.

— Oi — eu digo. — Qual é o seu nome?

Ele me espia por detrás da mãe e sussurra:

— Abdulkadir.

Repito o nome multissilábico com a boca cheia e ele sorri mostrando covinhas nas bochechas. Amina e sua mãe dão risadinhas, com o rosto cheio de orgulho. Com Amina apoiada no sofá e o irmão dela sentado no colo da mãe, os três estão absortos enquanto leio uma história sobre uma princesa que não conseguia chorar. Eles analisam as imagens, param para fazer perguntas, dar risadas e bater palmas.

Aqui estou eu, em minha escola de uma sala só! E dessa vez todos os alunos estão loucos para aprender. Esse é o sonho de uma professora. É o *meu* sonho!



Vinte minutos depois, estou dirigindo em Englewood. Tento me concentrar no fato de que uma das minhas cantoras prediletas, Jennifer Hudson, cresceu aqui, e ignorar o fato de que a família dela foi assassinada neste mesmo lugar. Um calafrio percorre o meu corpo. Fico aliviada quando estaciono em frente a uma grande casa

verde, na Carroll Avenue, que me parece perfeitamente segura. Mas o que significa aquela placa no jardim da frente?

É difícil acreditar que Sanquita Bell, grávida de três meses e sofrendo de uma doença renal, seja aluna do último ano. A garota, que parece mestiça, é tão pequena quanto uma menina de doze anos. Seu rosto pálido está sem maquiagem, e a pele é sedosa e brilhante como caramelo, mas são os olhos cor de avelã que me partem o coração. São os olhos cansados de uma mulher muito mais velha, uma mulher que já viu muito de um mundo cruel.

— Me desculpe pelo atraso — digo, tirando o casaco e as luvas.
— Vi a placa indicando Casa Joshua e achei que estava no lugar errado. Que lugar é este?

— Um abrigo para mulheres sem-teto — diz ela, sem rodeios.

Eu a olho fixamente, aturdida.

— Ah, Sanquita, lamento. Faz tempo que a sua família está aqui?

— A minha família não está aqui. — Ela acaricia a barriga ainda lisa com uma das mãos enquanto fala. — Minha mãe mudou para Detroit no ano passado, mas eu me recuso a viver lá. Meu bebê não vai ter aquele tipo de vida.

Ela não define *aquele tipo de vida*, e eu não pergunto. Mordo o lábio e concordo com um aceno de cabeça.

Sanquita cruza os braços sobre o peito, na defensiva.

— Não precisa sentir pena de mim. Eu e o meu bebê vamos ficar bem.

— É claro que vão. — Quero envolvê-la em um abraço, essa pobre garota desabrigada, mas não me atrevo. É óbvio que ela não gosta de ser confortada. — Eu também não tenho mais meus pais. É difícil, não é?

Ela levanta os ombros, como se não desse muita importância para isso.

— Eu queria que o meu bebê conhecesse o pai, mas isso não vai acontecer.

Antes que eu tenha tempo de responder, uma morena baixinha dá a volta pelo canto, carregando um bebê na altura dos quadris.

— Oi, Sanquita. Essa é a sua nova professora? — A mulher me segura pelo cotovelo. — Eu sou a Mercedes. Venha. Eu e a Sanquita vamos mostrar a casa pra você.

Sanquita fica para trás enquanto Mercedes segue na frente, me levando da utilitária cozinha até uma imaculada sala de jantar. Duas mulheres dobram roupas lavadas em cima de uma mesa. Na sala de estar, mais duas mulheres estão sentadas na frente de uma velha televisão, assistindo ao programa *O preço certo*.

— É bonito — digo e olho para trás, para Sanquita, que desvia o olhar.

— São nove quartos ao todo — me informa Mercedes, com a voz marcada pelo orgulho.

Paramos do lado de fora da porta de um escritório, onde uma imponente mulher negra está sentada atrás de uma escrivaninha, apertando números em uma calculadora.

— Esta é Jean Anderson, nossa diretora. — Mercedes bate na porta aberta. — Srta. Jean, venha conhecer a professora da Sanquita.

A srta. Jean levanta o queixo. Depois de me analisar de cima a baixo, ela volta para a calculadora e recomeça a apertar os números.

— Oi — resmungo.

— Olá — digo, me inclinando para frente com a mão estendida. — Meu nome é Brett Bohlinger. Vou trabalhar com a Sanquita enquanto ela está fora da escola.

— Sanquita — diz ela, sem levantar o olhar. — Você precisa daquela prescrição preenchida hoje. Não esqueça.

Meu braço cai ao lado do corpo e Sanquita olha para mim de relance, constrangida.

— Ah, tudo bem. Até mais tarde, srta. Jean.

Subimos as escadas, com Sanquita um passo à frente de mim e de Mercedes.

— A srta. Jean é legal — diz Mercedes. — Ela só não confia muito em pessoas brancas.

— Nossa, eu nunca adivinharia.

Mercedes irrompe em uma gargalhada.

— Você é atrevida. Você e a Sanquita vão se dar bem. Não é, Quita?

Sanquita não responde.

Mercedes e eu ainda estamos conversando quando chegamos ao topo da escada. Ergo o olhar e vejo Sanquita parada na frente da porta de um quarto, com os braços cruzados e tamborilando com os dedos livres.

— Obrigada pelo passeio — digo a Mercedes e me apresso para entrar no quarto.

Uma mesa de cabeceira desgastada separa um conjunto de camas iguais, arrumadas com cobertores de um azul desbotado. Duas penteadeiras diferentes estão lado a lado em uma janela que dá para a rua. Sanquita se senta na cama.

— Podemos ficar aqui. Chardonay está no trabalho.

Não há cadeira, então me sento na beirada da cama, tomando cuidado para não ficar encarando as mãos engrossadas dela, as pálpebras inchadas e cheias de fluido ou as faixas de pele cor-de-rosa nos braços e nas mãos, como se tivessem sido coçadas até ficar em carne viva.

— Você gosta daqui? — pergunto, pescando a pasta dela de dentro da minha bolsa.

— É normal. Não tem muito drama. O último lugar onde fiquei não tinha regra nenhuma. Minha bolsa foi roubada lá, e uma louca achou que eu estava mexendo com ela. E tentou brigar comigo.

— Ah, meu Deus. Você se machucou?

— Eu não me importo comigo. Só estava preocupada com o meu bebê. Foi então que vim parar aqui.

— Fico feliz por você estar em um lugar seguro agora. Como se sente?

Ela dá de ombros.

— Bem. Só estou cansada.

— Se cuida. Me diga se houver algo que eu possa fazer por você.

— Só me ajude a tirar o meu diploma. Meu bebê precisa saber que a mãe dele era inteligente.

Ela diz isso como se não fosse estar presente para contar ao bebê ela mesma, e então me pergunto quanto essa garota está

doente.

— Combinado — digo e puxo um livro de química de dentro da bolsa.

Depois de uma hora, tenho de me forçar a deixar Sanquita. Eu poderia passar o dia inteiro ensinando essa garota. Química é especialmente difícil para ela, mas Sanquita escuta com atenção enquanto explico e continua tentando fazer as atividades até conseguir.

— Geralmente sou ruim em ciências, mas hoje eu realmente entendi.

Ela não atribui seu sucesso a mim, e nem deveria. Ainda assim, quase explodo de orgulho.

— Você se esforça bastante — digo e enfio a pasta dela na minha bolsa. — E é uma garota inteligente.

Ela analisa suas unhas.

— Quando você volta?

Abro a minha agenda.

— Bem, quando você gostaria de me ver de novo?

Ela dá de ombros.

— Amanhã?

— Você já vai ter terminado a lição de casa?

Os olhos dela ficam frios e ela fecha o livro de química com força.

— Não importa. Eu sei que você só tem que vir aqui duas vezes por semana.

— Vejamos — digo, analisando meu calendário. O único horário livre amanhã é ao meio-dia, reservado para o almoço e preenchimento de papelada. — Posso vir ao meio-dia. Está bom para você?

— É. Meio-dia está bom.

Ela não sorri. Não me agradece. Mas, ainda assim, saio dali empolgada.



Quando estou me dirigindo para a Wentworth Street, telefono para o Brad e lhe deixo uma mensagem.

— Esse trabalho foi feito para mim, Brad! Estou a caminho da casa do Peter, então me deseje sorte.

Quando chego lá, uma mulher obesa abre a porta, com um telefone no ouvido e um cigarro entre os dedos. Deve ser Autumn, a mãe do Peter. Ela está usando uma camiseta larga com a estampa do Bob Esponja. Sorrio para o personagem, mas ela simplesmente faz um movimento com a cabeça, que presumo ser um gesto me convidando para entrar.

O cheiro de fumaça de cigarro e urina de gato quase me deixa sem ar. Um cobertor de lã preto preso por cima da janela bloqueia qualquer luz natural que possa entrar no cômodo asfixiante. Na parede, vejo uma imagem emoldurada de Jesus, com seus olhos suplicantes e as palmas sangrentas estiradas.

Autumn desliga o celular e se volta para mim.

— Você é a professora do Peter?

— Sim. Oi, meu nome é Brett Bohlinger.

Tiro minha identificação com a foto, mas ela nem se dá ao trabalho de olhar.

— Peter! Venha aqui!

Dou um sorriso nervoso e reposiciono minha bolsa no ombro. Autumn apoia os punhos cerrados nos quadris.

— Droga, Peter. Eu disse para você vir aqui. Agora! — Ela avança por um corredor e a ouço bater com tudo a uma porta. — Sua professora está aqui. Tire seu traseiro daí antes que eu quebre esta maldita porta!

Obviamente, Peter não quer me ver. A briga continua até que, por fim, dou um passo em direção ao corredor.

— Escuta... — digo. — Por que eu não volto depois?

De repente, a porta se abre. No fim do corredor mal iluminado, uma silhueta ganha forma. Um garoto grande, de cabelos castanhos desalinhados e uns poucos pelos no queixo, se move pesadamente na minha direção. Por instinto, recuo um passo.

— Oi, Peter — cumprimento com a voz trêmula. — Sou a srta. Brett.

Ele passa voando por mim.
— Não me diga.



A aula de uma hora com Peter parece durar três. Sentamo-nos à mesa pegajosa da cozinha dos Madison, mas ele se recusa a olhar para mim. Perto o bastante, a mãe dele matraqueia ao telefone com uma pessoa chamada Brittany. Sua voz grave concorre com a minha, então dou minhas instruções em voz alta, determinada a vencer a competição. Peter simplesmente solta grunhidos, descontente, como se eu fosse uma imensa chateação que ele é obrigado a suportar. Eu me considero sortuda quando consigo obter uma resposta concisa, de uma palavra. No fim da aula, sei mais coisas sobre a tal Brittany do que sobre Peter.



A neve recém-caída recobre a Cidade dos Ventos como uma branca cobertura de bolo, e toda a região está em um ritmo lento, rastejante. São quase cinco horas da tarde quando subo as escadas com dificuldade e destranco a porta da minha sala. Acendo a luz e avisto um fabuloso vaso de orquídeas em cima da minha mesa. Que gentileza do Andrew! Leio o cartão enviado com as flores.

Parabéns pelo novo emprego, Brett.
Estamos muito felizes por você.
Felicidades,
Catherine e Joad

O que eu estava pensando? O Andrew nunca foi o tipo de homem que manda flores. Enfio o cartão de volta no envelope e faço

uma anotação mental para convidar Catherine e Joad para o jantar de Ação de Graças.

A luz vermelha no telefone da sala pisca sinalizando que há mensagens. Tiro o fone do gancho para verificar.

“Olá, Brett. Aqui quem fala é Garrett Taylor. Estou um pouco ansioso, me perguntando como foi hoje com o Peter. Meu horário das cinco foi cancelado, então estou disponível para falar com você.”

Disco o número, e ele atende logo no primeiro toque.

— Oi, dr. Taylor. Aqui é Brett Bohlinger.

Ouçoo um suspiro. Soa mais como alívio do que irritação.

— Oi, Brett — ele diz. — E é Garrett... Não precisa me chamar de doutor. — Gosto do tom informal dele, como se fôssemos amigos. — Foi tudo bem hoje?

— Ainda tenho meus cabelos, então estou considerando que foi um sucesso.

Ele dá risada.

— Essa é uma boa notícia. Então ele não foi tão mau assim?

— Ah, não, ele foi um completo babaca. — Cubro rapidamente a boca e minhas bochechas queimam. — Me desculpe. Isso foi totalmente antiprofissional da minha parte, eu não quis dizer...

O dr. Taylor dá risada.

— Tudo bem. Ele pode ser um babaca, eu concordo, mas talvez nós possamos ajudar esse pequeno babaca a desenvolver algumas habilidades sociais.

Conto a ele sobre a relutância de Peter para sair do quarto.

— Mas por fim ele saiu, quando ouviu que você iria embora. Isso é positivo. Ele queria conhecê-la.

A nuvem negra que vinha me acompanhando desde que saí da casa de Peter se dispersa. Continuamos falando sobre o garoto durante mais dez minutos antes de a conversa seguir para o lado pessoal.

— Você era professora em sala de aula antes de começar com esse trabalho em domicílio?

— Não, sou um desastre em sala de aula.

— Duvido muito.

— Vai por mim. — Eu me reclino e apoio os pés na mesa. Sem querer, mergulho na história do meu dia como professora substituta na Escola Douglas Keyes, floreando a narrativa para propósitos de entretenimento. É libertador ouvi-lo rir do meu relato; é como se um balão de chumbo milagrosamente estivesse se erguendo no céu. Então imagino que essa hora me custaria algumas centenas de dólares se estivesse sentada em seu consultório. — Desculpa — digo, repentinamente envergonhada. — Estou tomando o seu tempo.

— De jeito nenhum. Já atendi o meu último paciente e estou gostando da conversa. Então, embora seu dia como professora substituta tenha sido um desafio, você sabia que sua paixão era dar aulas.

— Honestamente, é a minha mãe quem insiste que essa é a minha paixão. Ela morreu em setembro e me deixou um pedido para tentar fazer isso de novo.

— Ah. Ela sabia que seria adequado para você.

Abro um sorriso.

— Acho que sim.

— Eu tenho um grande respeito pela sua profissão. Minhas duas irmãs mais velhas são professoras aposentadas. Minha mãe também deu aulas por um curto período. Acredite ou não, ela lecionou em uma escola que tinha apenas uma sala.

— É mesmo? Quando foi isso?

— Nos anos 40. Mas, quando ela ficou grávida, foi obrigada a largar o emprego. Era assim que as coisas funcionavam na época.

Sem sentimento algum de vergonha, faço um cálculo rápido. A irmã mais velha dele nasceu na década de 40... Ele deve ter uns sessenta anos, no mínimo.

— Isso não é justo — digo.

— Certamente que não, embora eu nunca tenha sentido que ela se arrependeu. Como a maioria das mulheres daquela época, ela passou o resto da vida como dona de casa.

— E o que fez você escolher a sua profissão?

— A minha história é um pouco diferente da sua. Meu pai era médico, cirurgião cardiologista. Sendo o único filho homem,

esperavam que eu seguisse seus passos, fazendo medicina, e por fim assumisse a clínica dele. Mas, em algum momento entre o curso de medicina e a residência, percebi que desejava saber mais sobre os meus pacientes. Durante os plantões era a mesma coisa. “Taylor”, o meu supervisor dizia, “você não vai ganhar dinheiro falando com os pacientes. Obtenha os fatos e cale a boca.”

Dou risada.

— Que pena. Eu gostaria que mais médicos se importassem com os pacientes.

— Não é que eles não se importem. É que a medicina se tornou parecida com uma linha de montagem. O médico tem vinte minutos para diagnosticar o paciente e fazer com que ele saia porta afora com uma receita ou com guias para fazer mais exames. Então é a vez do próximo paciente e do próximo. Esse não era o meu estilo.

— Bom, pelo que posso perceber, você escolheu a especialidade certa.

São seis horas quando finalmente desligo o telefone, e estou tão relaxada quanto um gato ao sol. Peter será um desafio para mim, sem sombra de dúvida. Mas agora eu tenho Garrett como aliado.

O meu carro é o único no estacionamento parcamente iluminado. Sem um raspador, uso minhas luvas para tirar a neve do para-brisa, mas debaixo dela se esconde uma camada de gelo, espessa demais para que eu consiga quebrá-la com as mãos.

Sentada no carro com o degelador ligado no máximo, espio o lampejo vermelho do meu celular. Quatro mensagens de texto: uma da Meg, uma da Shelley e duas do Brad. Cada uma delas é resumidamente uma versão da mesma mensagem: “Como foi o seu dia? Como foi com o garoto doido?” Digito uma resposta rápida para cada uma delas, sentindo um nó se formar na garganta, até eu mal conseguir engolir. Eu a esfrego e me esforço para conseguir respirar.

Nada do Andrew. Nem mesmo um simples “Td bem?”.



A viagem de carro até em casa mais parece uma corrida de obstáculos. Os motoristas ainda não estão acostumados com as condições do inverno e, a cada quadra ou duas, tenho de desviar abruptamente para não bater no carro da frente ou usar a marcha a ré para evitar ficar presa no trânsito. Por fim, às oito e vinte, entro no estacionamento. Uma fração de segundo antes de desligar o carro, a data no painel me chama a atenção. Eu giro a chave novamente para ver as luzes no painel digital: 14 DE NOVEMBRO.

— Merda! — Bato o punho cerrado no volante. — Merda! Merda! Merda! Merda! Merda!

Dia 14 de novembro, data do meu jantar com Carrie Newsome.



Carrie é tão compreensiva quando ligo para o quarto dela no hotel que fico tentada a dirigir até o McCormick Place para vê-la.

— De maneira nenhuma — ela me diz. — Eu estava ouvindo as notícias, e a situação nas ruas parece horrível. Fiquei preocupada que você tivesse sofrido um acidente.

Balanço a cabeça em negativa.

— Quase desejo ter sofrido um. Pelo menos eu teria uma boa desculpa.

Ela ri, a mesma risada tranquila e amigável da adolescência.

— Não se preocupe. Tomei uma ótima taça de vinho enquanto esperava. Foi divino.

— Geralmente sou mais organizada que isso. Mas foi meu primeiro dia em um emprego novo e... — Paro de falar, sem desejar confessar que conversava com o psiquiatra do meu aluno enquanto ela estava sentada, sozinha, no restaurante do hotel. — Eu sinto muito. — Inspiro fundo. — Por tudo, Carrie.

— Esqueça isso. Agora me conte sobre esse seu novo emprego.

Meu coração acelera, mas tenho de fazer isso.

— Eu nunca me perdoei por ter sido tão cruel quando você veio me visitar. Você confiou em mim, e eu te decepcionei. Nem respondi

à sua carta.

Ela dá risada.

— O quê? Brett, isso aconteceu há anos! Éramos crianças.

— Não. Tenho tanta vergonha. Deve ter sido uma época tão confusa para você. Eu devia ter ficado ao seu lado.

— Honestamente, Brett, eu entendo. Claro, fiquei magoada, mas superei. Não consigo acreditar que você vem se torturando por todos esses anos.

— Eu devia ter escrito para você imediatamente, implorando o *seu* perdão. Fui tão covarde!

— Pare com isso. Eu perdoei você faz anos. — Ela dá risada. — Agora quer fazer o favor de se perdoar?

— Tudo bem — digo. — Mas tem mais uma coisa que você deve saber.

Revelo minha motivação inicial para entrar em contato depois de todos esses anos.

— Então, tudo começou com uma ordem vinda da minha mãe. Mas, assim que encontrei você, percebi como senti a sua falta.

Ela fica em silêncio, e acho que está prestes a desligar o telefone.

— Sua mãe era tão sábia — ela diz, por fim. — Eu gostaria de poder agradecer a ela.

Meu coração está mais leve do que estive em anos. Até agora eu não tinha percebido quanto me sentia envergonhada. Limpo o canto do olho e abro um sorriso.

— Então me conte o que perdi nos últimos dezenove anos.

Ela me conta sobre os amores de sua vida: Stella Myers, sua parceira há oito anos, e seus três filhos adotados. E me ocorre que o estilo de vida da Carrie, aquele que uma vez achei anormal e estranho, é muito mais convencional que o meu.

— Estou tão feliz por você — digo. — E seus pais, como estão?

— Excêntricos e adoráveis, como sempre. Ei, lembra do brunch anual deles no Natal?

— Claro. O melhor brunch do mundo.

— Então, eles ainda fazem! Você e o seu namorado podiam ir, caso estejam livres. Este ano vai ser no dia 11, um domingo. Madison fica a apenas duas horas de viagem de carro.

As lembranças vêm como uma inundação — o sr. Newsome de sandálias Birkenstock, um uísque em uma das mãos e a filmadora na outra, e a mãe da Carrie dedilhando no violão cantigas de Natal e antigas canções folclóricas.

— Conte tudo sobre você para a Stella. Você vai adorá-la, Brett. Ela também é professora. E meus pais ficariam animadíssimos de te verem. Meu pai tem alguns vídeos de nós duas. Ele sempre gostou de você, e da sua mãe também. Por favor, diga que vai.

De repente, sinto tanta falta da minha velha amiga que cruzaria o país para vê-la. Aninho o telefone no ombro e apanho o calendário.

— Tudo bem — digo, abrindo um largo sorriso. — Está marcado no meu calendário com letras garrafais. E dessa vez, Ursinha Carrie, estarei lá. Juro.



Pego no sono sentada à mesa da cozinha enquanto elaboro o cardápio para o jantar de Ação de Graças. É onde Andrew me encontra quando chega em casa do trabalho.

— Ei — ele diz, me cutucando de leve o braço. — Hora de ir para a cama, dorminhoca.

Limpo um rastro de baba que escorre da minha boca.

— Que horas são?

— Só dez e quinze. Você deve estar exausta. Vamos deitar.

Eu me forço a sair da mesa e dou uma espiada em meu cardápio parcialmente elaborado.

— Quero fazer o jantar de Ação de Graças este ano — digo. — Na casa da minha mãe. Vou fazer todos os pratos tradicionais que ela gostava. O que você acha?

— Sinta-se à vontade. Eu disse que o Joad e a Catherine não vão estar aqui, não disse?

Franzo a testa.

— Não. Eu não sabia disso.

Ele abre a geladeira.

— O Joad deixou uma mensagem outro dia. Eles vão para Londres. Parece que é uma viagem de negócios.

— No Dia de Ação de Graças? Isso é loucura. Vou telefonar para a Catherine e ver se consigo fazer com que mudem de ideia.

Ele pega um pedaço de queijo e uma garrafa de Heineken.

— Você realmente acha que eles vão desistir de ir para Londres por causa de um jantar com peru?

Sou pega de surpresa por uma onda de solidão. Presumi que todos nós estaríamos juntos em nosso primeiro feriado sem a mamãe, nos dando forças. Porém, na verdade, sou provavelmente a única que precisa de apoio. Deixo escapar um suspiro.

— Tem razão. Acho que seremos só nós, o Jay, a Shelley e as crianças. — Fico mais animada e me volto para o Andrew. — Ei, vamos convidar os seus pais. Você acha que eles viriam?

— Sem chance. É viagem demais para eles.

— Boston não é tão longe assim.

— Ainda assim é um incômodo.

Ele fecha a porta da geladeira com o corpo e puxa uma faca da gaveta.

Eu o encaro.

— É assim que vai ser com a gente um dia? Quando nossos filhos crescerem e nos convidarem para passar o Dia de Ação de Graças com eles, você vai achar que é um incômodo?

Ele fatia um triângulo de queijo asiago e o leva à boca.

— Filhos? — pergunta com uma sobrelha erguida. — Achei que você tinha dito que precisava ter *um* filho. No singular.

— Que seja. Você me entendeu.

Ele engole o queijo com um gole de cerveja.

— Se tivermos *um* filho, imagino que você vá querer passar todos os feriados com ele. Pra mim tudo bem.

Um gosto amargo brota em minha boca. Eu não quero ouvir a resposta à próxima pergunta, mas ainda assim tenho de fazê-la.

— E você? Vai querer passar um tempo com a nossa família?

— Meu Deus! — Ele bate com a garrafa de cerveja no balcão de granito. Como a raiva dele, ela borbulha. — Não é o bastante que eu esteja disposto a ter um filho? Você espera que eu procrie como um coelho? — Ele balança a cabeça e, quando fala de novo, o tom é suavizado, e sei que ele está tentando conter sua frustração. — Estou mudando a minha vida inteira para fazer esse maldito conto de fadas se tornar realidade, Brett, e ainda assim não é o suficiente.

— Me desculpe. Eu reconheço tudo que você está fazendo, mesmo. — Meu queixo começa a tremer e levanto uma das mãos para cobri-lo. — Isso não é o que você quer. Eu sei.

O ambiente se enche de um silêncio desconfortável. Ele pega a garrafa de cerveja e a analisa. Por fim, esfrega o rosto com a mão.

— Podemos falar sobre isso outra hora? Meu dia foi um inferno.

Faço que sim com a cabeça, mas sei que essa *outra hora* deve acontecer em breve. É tão egoísta da minha parte esperar que ele compartilhe dos meus sonhos quanto era egoísta da parte dele esperar que eu compartilhasse dos sonhos dele.



É tarde de sexta-feira e, propositalmente, deixei o horário do Peter para o fim do dia, já sabendo que ele pode facilmente acabar com o meu humor. Autumn aponta em direção à cozinha, onde Peter está sentado a uma mesa bagunçada. Embora ele agora saia do quarto sem dificuldades, ainda é rude e mal-humorado, não muito diferente da mãe. Hoje ela está sentada na sala, impregnando a nossa aula com a voz do apresentador de televisão Maury Povich e o cheiro de cigarros.

Remexo em minha bolsa e retiro de lá um livro de álgebra.

— Vamos nos concentrar em matemática hoje, Peter. A maioria dos alunos do sexto ano não tem aulas de álgebra. Você devia sentir

orgulho por estar na seção especial.

Abro no capítulo sobre polinômios.

— Vejamos. A sra. Kiefer quer que revisemos as funções polinomiais. Vamos dar uma olhada na questão número um. Você pode tentar resolvê-la para mim?

Ele analisa a página, depois franze a testa e coça a cabeça.

— Muito difícil. — E me devolve o livro. — Me mostra como faz.

Estou sendo enganada, eu sei disso. A sra. Kiefer me garantiu que o Peter faria essa lição facilmente, mas por fim pego lápis e papel.

— Faz um bom tempo que não trabalho com polinômios.

Copio o problema de matemática e, em silêncio, me censuro por não ter estudado a lição antes.

Não demora e eu tiro a calculadora da bolsa. Digito alguns números, rabisco outros no papel, apago, digito mais números na calculadora e apago de novo. Durante todo esse tempo, Peter fica me olhando com um sorriso complacente no rosto.

Depois de uns bons cinco minutos, eu tenho a resposta e uma revigorante sensação de realização. Assopro a franja da minha testa e me viro para ele, sorrindo.

— Consegui. A resposta é $3y$ dividido por $8x$ elevado à quarta potência negativa. — Posiciono o papel na frente dele. — Agora me deixe explicar como cheguei a esse resultado.

Ele olha para o meu trabalho como se fosse um arrogante professor universitário.

— Você inverteu os negativos?

Meu rosto fica quente e examino o papel.

— Inverter... O que exatamente... Você quer dizer se eu...?

Peter solta um suspiro.

— Para descobrir o quociente de um polinômio, os números negativos precisam ser invertidos. Um numerador negativo vira um denominador positivo. Você sabia disso, né? A resposta certa é $3y$ dividido por $8x$ elevado à oitava potência.

Apoio os cotovelos na mesa e massageio as têmporas.

— Sim, é claro. Você está totalmente certo. Muito bem, Peter.

Sinto seus olhos em mim enquanto ele coça o braço esquerdo, devagar e metodicamente, até que por fim eu o olho.

— Coceira idiota — ele diz, com os olhos travados em mim.

Você é uma idiota. É isso que ele quer dizer.



O céu está escuro em um tom de cinza esfumado quando me afasto da velha casa branca. Depois de algumas quadras, paro o carro na frente de um parquinho deserto e tiro o celular da bolsa.

— Olá, dout... Garrett. É a Brett.

— Oi. Eu estava pensando em você neste instante. Como foi hoje?

Apoio a cabeça no banco do carro.

— Acabei de perder o concurso "Você é mais inteligente do que um aluno do sétimo ano?".

Ele dá risada.

— Você está lidando com um aluno do sexto ano — ele me lembra. — Não fique toda convencida.

Apesar da minha horrível situação na aula, eu rio. Então engulo o orgulho e lhe conto sobre a lição de matemática... a *minha* lição de matemática.

— Quando ele me perguntou se eu tinha invertido os negativos, olhei para ele como quem diz: *Hã? Inverter o quê?*

Ele explode em risos.

— Já aconteceu comigo. É humilhante quando uma criança é mais inteligente do que nós.

— É, o Peter provavelmente está achando que sou a moça da lanchonete, que a escola não pôde pagar uma professora de verdade.

— Você é a melhor coisa que a escola poderia ter mandado, disse eu tenho certeza.

Meu coração dá uma batida forte.

— E eu estou achando que ele é muito sortudo por ter você como médico. Quer ouvir a parte dois da minha história de humilhação?

— Definitivamente.

Conto a ele sobre Peter se coçando e seu comentário rude.

— É claro que ele estava me chamando de idiota.

— E é claro que isso não pode estar mais longe da verdade.

Abro um sorriso.

— É, bom, você realmente não me conhece.

Ele dá risada.

— Mas espero conhecer um dia. E, quando isso acontecer, tenho certeza de que o meu palpite será confirmado.

Meu dia de merda acabou de melhorar umas mil vezes.

— Obrigada. Você é muito gentil.

— É, bom, você realmente não me conhece.

Nós dois rimos.

— Tudo bem — ele diz —, é melhor eu não prender você. O fim de semana chegou oficialmente.

Sou atingida por uma onda de tristeza. Quero lhe dizer que está tudo bem, que eu prefiro ficar sentada no meu carro gelado conversando com ele a voltar para casa e encontrar o loft vazio. Em vez disso, me despeço.



Minúsculos flocos de neve se agitam e voam rapidamente pelo ar frio de novembro. Áridos carvalhos ladeiam ambas as margens da Forest Avenue, e seus galhos desajeitados se estendem uns para os outros como amantes suplicantes. Gramados bem cuidados estão escondidos debaixo de uma camada de neve, mas cada entrada de carro e calçada está perfeitamente limpa. Algumas semanas atrás, eu teria ficado contemplando, admirada, as casas magníficas de tijolos à vista. Hoje, porém, o imenso contraste entre essa idílica

vizinhança de Evanston e as ruas da zona Sul dos meus alunos me deixa inquieta.

No quintal, Jay e Trevor fazem um boneco de neve, enquanto Shelley e eu ficamos sentadas à mesa da cozinha, bebendo cabernet e comendo queijo brie.

— Esse queijo é delicioso — digo, cortando mais um pedaço.

— É orgânico — diz Shelley.

— Hum, achei que todos os queijos fossem orgânicos.

— Não. Essas vacas foram criadas com uma dieta exclusiva de capim. Aprendi isso com a panelinha das mães.

— Viu? E você achou que ser dona de casa não oferecia nenhum estímulo mental.

Ela revira os olhos e se serve de mais uma taça de vinho.

— Eu simplesmente não me encaixo entre elas. Tudo é relacionado aos filhos, e por mim tudo bem, quem pode culpá-las? Mas convenhamos... Perguntei para uma delas o que ela gostava de ler e, com toda a sinceridade do mundo, ela me disse Dr. Seuss.

Tenho um ataque de riso.

— Ah, é. *Tonho choca o ovo* é realmente um desses livros que a gente não consegue parar de ler.

Shelley explode em risos.

— E aquela reviravolta na trama de *Horton e o mundo dos Quem...* Brilhante!

Nós nos dobramos de tanto rir, até que as risadas de Shelley se transformam em soluços de choro.

— Eu amo os meus filhos — ela diz, limpando as bochechas —, mas...

A porta dos fundos se abre e Trevor entra correndo na cozinha.

— O boneco de neve está pronto, titia Bwett.

Shelley se vira em um giro.

— É Brrrett — diz ela, irritada. — *Rrr*. Está ouvindo?

O rosto de Trevor fica contraído e ele corre para fora da casa. Eu me viro para ela.

— Shelley! O Trevor tem três anos. Ele ainda não precisa falar os erres direito, e você sabe disso. Você é fonoaudióloga.

— Eu *era* fonoaudióloga — ela retruca, sentando-se relaxada na cadeira. — Não sou mais nada.

— Isso não é verdade. Você é mãe, a coisa mais importante...

— Eu sou uma droga nessa coisa de maternidade. Meu Deus, olha só como eu acabei de gritar com o Trevor. — Ela agarra a própria cabeça. — Vou enlouquecer. Eu sei que devia ser grata por ficar em casa com as crianças, mas, se tiver que ir a mais algum encontro de mães para brincar com os filhos, eu juro que vou perder o controle!

— Volte a trabalhar — digo baixinho.

Ela esfrega as têmporas.

— E o seu irmão está perdendo o interesse em mim.

— O quê? De jeito nenhum!

Ela corta outro pedaço do queijo e fica encarando-o por um instante, depois o joga de volta no prato.

— Não tenho mais nada a compartilhar. Sou entediante e estou exausta, e sou uma mãe de merda, pra começo de conversa.

— Volte a trabalhar.

— Só se passaram alguns meses. Preciso dar uma chance de verdade pra isso.

— Então talvez vocês dois precisem viajar, sem as crianças. Ir para alguma ilha tropical. Beber coquetéis enfeitados com pequenos guarda-chuvas, aproveitar o sol.

Ela ergue os braços e olha para baixo, para seu corpo.

— Ah, claro. Enfiar esse corpo em um biquíni vai ser animador.

Desvio o olhar. Pobre Shelley. O que pode ser pior do que sentir como se seu QI tivesse encolhido e seu traseiro aumentado?

— Tudo bem, então pule a viagem ao Caribe. Que tal Nova York, ou Toronto? Ver alguns shows, fazer compras, fazer sexo sem parar.

Por fim ela abre um grande sorriso, vai até o balcão e pega um calendário.

— Talvez a gente possa ir a algum lugar no meu aniversário, em fevereiro. Algum lugar diferente e divertido, como New Orleans.

— Perfeito. Planeje. Ah, seu calendário me fez lembrar que vamos fazer o jantar de Ação de Graças na casa da mamãe, para

que ela meio que possa estar lá conosco.

Shelley levanta a sobrancelha.

— Então você perdoou sua mãe?

— Não. Meu sangue ainda ferve quando penso que ela manteve segredo sobre a minha identidade. — Balanço a cabeça. — Mas ela é a nossa mãe, e quero que seja incluída nos feriados.

Ela morde o lábio.

— Eu estava querendo contar pra você... A Patti nos convidou para ir até Dallas.

Meu coração afunda no peito, mas não digo nada.

— Não passo o Dia de Ação de Graças com a minha família faz três anos, Brett. Não me faça sentir culpa.

Balanço a cabeça.

— Desculpe. É claro que vocês devem ir. Mas vou sentir falta de vocês.

Ela dá um tapinha na minha mão.

— Você terá o Andrew, a Catherine e o Joad. Vai ser divertido, certo?

— Na verdade, o Joad e a... — Eu me interrompo. A última coisa que Shelley precisa é de mais culpa. — Você está certa, vai ser divertido.



Na véspera do Dia de Ação de Graças, Andrew e eu carregamos o carro com um peru fresco, três dvds, duas garrafas de vinho e o laptop dele. Eu já abasteci a cozinha da minha mãe com o restante das coisas que vamos precisar. Porém, ao sairmos do estacionamento do prédio, o carro desliza pelo gelo e quase bate na calçada do outro lado da rua.

— Meu Deus! — Andrew segura o volante com força e controla o veículo. — Eu não entendo por que você está tão determinada a fazer esse jantar na casa da sua mãe. Seria muito mais fácil fazer tudo aqui.

Aqui? Andrew nunca chama o loft de *nossa* casa. E tecnicamente não deveria mesmo. Não é a nossa casa, é a casa dele. O que pode explicar muito bem por que insisti para que o jantar fosse na casa da minha mãe, o único lugar em que me sinto realmente em casa nos últimos tempos.

Levamos quase trinta minutos para fazer a viagem de cinco quilômetros, com o mau humor do Andrew ganhando impulso a cada minuto que passa.

— O tempo só vai piorar com essa chuva congelante. Vamos voltar.

— Tenho que preparar as coisas para o jantar hoje à noite. E tudo que preciso já está na casa da minha mãe.

Ele xinga baixinho.

— Estamos quase chegando — digo. — E, se ficarmos presos na casa da minha mãe, vai ser o máximo. Podemos assar marshmallows na lareira, jogar cartas ou Scrabble...

Ele mantém os olhos fixos na estrada.

— Você está esquecendo que um de nós tem trabalho a fazer. — Sem olhar para mim, ele prende a minha perna com uma das mãos. — Você já teve a oportunidade de conversar com a Catherine?

Sinto meu estômago se revirar, como sempre acontece quando ele menciona trabalhar para a Cosméticos Bohlinger.

— Ela está em Londres, lembra?

— Eles foram ontem. Você não ligou para ela na segunda-feira?

— Ela estava muito ocupada se preparando para a viagem.

Ele assente.

— Então você vai falar com ela na semana que vem?

À frente, a casa de minha mãe entra em nosso campo de visão como um farol em meio a uma tempestade. Andrew estaciona junto ao meio-fio. Deixo escapar um suspiro e abro a porta do carro.

— Ah, chegamos.

Apanho a sacola da mercearia e subo os degraus da varanda com dificuldade, rezando para que a pergunta não respondida não nos siga até lá dentro.



Quando termino de preparar o molho de cranberry e deslizo a torta de nozes para dentro do forno, a casa quase tem o mesmo cheiro de quando minha mãe morava ali. Jogo meu avental sobre uma banqueta e vou a passos largos até a sala. O som da música de Miles Davis se espalha pelo ambiente, que brilha com a luz âmbar do fogo e das luminárias venezianas de minha mãe. Vou andando sorrateiramente até onde Andrew está sentado com seu laptop.

— O que você está fazendo?

— Apenas vendo se surgiu algo novo no mercado imobiliário.

Meu peito aperta. A casa, de novo. Vejo a faixa de preço que ele está pesquisando e quase perco o ar. Descansando a cabeça no ombro dele, fixo o olhar na tela.

— É uma pena que o loft tenha perdido valor de mercado.

— A Megan não sabe o que está falando.

— Talvez seja melhor procurar algo menor agora. Algo que a gente possa pagar juntando nossas economias.

— Eu nunca tinha percebido que você é tão mão de vaca. Jesus, você vai herdar uma fortuna.

Sinto um aperto no estômago. Por mais que eu queira evitar, percebo que está na hora de fazer uma pergunta que me incomoda há semanas.

— E se não tivesse herança nenhuma, Andrew? Ainda assim você concordaria em me ajudar com a lista?

Ele levanta o rosto e faz cara feia.

— Isso é algum tipo de teste?

— Há uma chance de eu não conseguir, sabia? Não faço ideia de onde esteja o meu pai, graças ao segredo guardado pela minha mãe. E posso não engravidar.

Ele volta a atenção para o laptop.

— Então brigávamos pela sua herança no tribunal. E venceríamos.

Pare. Isso já é o bastante. Você só vai deixá-lo irritado se continuar com esse assunto.

— Então, sua disposição para me ajudar — digo, com o coração espancando o peito — não tem nada a ver com dinheiro?

Um lampejo de raiva passa pelos seus olhos.

— Você acha que estou atrás do seu dinheiro? Jesus Cristo, estou praticamente implorando um trabalho! E você ainda não me disse se vai me ajudar. Estou fazendo tudo que você me pediu, Brett. Concordei com seu cachorro, com seu emprego como professora, com cada um das suas malditas exigências. E estou pedindo uma

única coisa em troca: um emprego na empresa da família e um salário à altura.

São duas coisas, penso comigo mesma. Mas ele está certo. Ressentido ou não, Andrew está fazendo tudo que eu pedi. Então por que não me sinto satisfeita?

— É complicado — digo, segurando a mão dele. — Minha mãe não gostava dessa ideia, e ela raramente tomava uma decisão ruim nos negócios.

Ele puxa a mão da minha.

— A sua mãe vai ditar a nossa vida eternamente?

Passo os dedos em meu colar.

— Não... não. No fim, a decisão seria tomada pela Catherine.

— Besteira. Você tem o poder de me fazer entrar na empresa, e sabe disso. — Ele me olha com raiva. — Estou te ajudando com as suas metas, e preciso saber se você vai me ajudar com a minha.

Desvio o olhar. Ele não está sendo insensato. Seria tão fácil lhe dizer sim. Eu poderia telefonar para Catherine na segunda-feira e, dentro de uma ou duas semanas, ela encontraria um lugar para ele na empresa. Ele é advogado, afinal, e se encaixaria com facilidade em nossa equipe jurídica, no departamento de finanças ou até mesmo no RH. Eu tenho o poder de mudar o clima pesado da noite com uma única declaração. *Sim, eu vou ajudar você.*

— Não — digo baixinho. — Não posso ajudar você. Sinto que não estaria fazendo a coisa certa indo contra a minha mãe.

Ele se levanta do sofá. Eu estendo a mão, mas ele a afasta, como se o meu toque queimasse.

— Você costumava ser tão fácil, tão cordata. Mas você mudou. Não é mais a mulher por quem eu me apaixonei.

Ele está certo. Não sou mais aquela mulher. Limpo uma lágrima do rosto.

— Eu sinto muito, não queria estragar a noite.

Ele anda de um lado para o outro na sala, arrastando a mão pelos cabelos. Conheço esse olhar. Ele está tomando uma decisão. Está decidindo se vou ou não fazer parte da vida dele. Com uma sensação de impotência enorme, fico em pé olhando para ele,

incapaz de falar e mal conseguindo respirar. Por fim, Andrew para na frente da janela saliente, de costas para mim. Seus ombros caem, como se uma poderosa tensão tivesse acabado de deixar o seu corpo. Ele se vira para mim.

— Estragar a noite? Você acabou de estragar a sua vida, meu bem.



Parece traição dormir na cama da minha mãe esta noite. Afinal, ela é o inimigo. Por causa dela, perdi meu emprego, minha casa e todas as esperanças. Sim, o Andrew era um homem difícil, até mesmo um imbecil às vezes, mas era o meu imbecil, e sem ele eu nunca vou engravidar.

Arrasto um edredom escada abaixo e o jogo no sofá da sala. Levo um instante para me ajustar ao brilho das luzes vindas da rua. Do outro lado do cômodo, meus olhos se encontram com os da minha mãe. A foto foi tirada na cerimônia de um prêmio há dois anos, quando ela foi eleita a Empresária do Ano de Chicago. Seus cabelos grisalhos estão cortados no estilo que era a sua marca registrada: um corte joãozinho em camadas que eu costumava dizer que ninguém, exceto ela e a Halle Berry, poderiam fazer funcionar. Ela está estupenda, sim, com as maçãs do rosto altas e a pele moreno-clara impecável. Mas, além da beleza física, sempre senti que a foto capturara a verdadeira essência da minha mãe, sua sabedoria, sua serenidade. Eu me levanto, cruzo a sala e apanho a foto, colocando-a com um baque em cima da mesinha de centro, na frente do sofá. Arrumo novamente o edredom e fico encarando-a.

— Seu plano era arruinar a minha vida, mãe? Era isso que você queria?

Seus olhos verdes penetram nos meus.

Trago a fotografia para mais perto e olho furiosa para ela.

— Quem é você, afinal? Não apenas você mentiu para mim a vida toda, como por sua causa perdi o Andrew, a única pessoa que

poderia me ajudar a realizar os meus sonhos.

Lágrimas deslizam pelas minhas têmporas e por minhas orelhas.

— Estou sozinha agora. E sou tão velha. — Engasgo com as palavras. — E você tinha razão. Quero tanto um bebê que chega a doer. E agora... agora o meu sonho foi arrancado de mim como em uma pegadinha cruel.

Eu me levanto num impulso e aponto um dedo para o rosto sorridente dela na foto.

— Está feliz agora? Você jamais gostou dele, não é? Bom, você conseguiu. Ele foi embora. Agora não tenho ninguém.

Eu bato a foto e a coloco virada para baixo com tanta força que tenho certeza de que quebrei o vidro. Mas não confiro. Eu me viro no sofá e choro até dormir.



Misericordiosamente, o primeiro sinal da aurora entra pela janela, me permitindo acordar de meu sono irregular. A primeira coisa que faço é procurar o celular perdido entre o edredom amarrotado e ver se tenho mensagens. Eu me odeio por isso, mas estou com esperanças de receber uma mensagem do Andrew. Olho com atenção, entretanto a única mensagem que recebo é de Brad, enviada à meia-noite:

A speech bubble with a tail pointing to the left, containing the text "Feliz Dia do Peru".

Feliz Dia do Peru

Digito uma resposta:

A speech bubble with a tail pointing to the right, containing the text "Pra vc tb".

Pra vc tb

Ele está em San Francisco com a Jenna, e de repente sinto uma falta dele tremenda. Se Brad estivesse na cidade, eu o convidaria

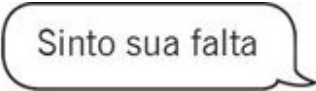
para jantar, desabafaria e depois ouviria o que ele teria a me dizer, e ele poderia me falar de suas frustrações com a Jenna. Tal como eu e o Andrew, ele e a Jenna estão passando por momentos difíceis.

— Um par de ímãs — ele me disse certa vez. — Em um instante, grudados pela atração e, no instante seguinte, repelindo um ao outro.

Poderíamos abrir um vinho enquanto preparássemos o recheio do peru. Rir alto, comer bastante, ver filmes... Tudo que eu e o Andrew supostamente faríamos, mas, quando imagino essa situação com o Brad, é descontraída e alegre, em vez de artificial e pomposa.

Estou prestes a enviar a mensagem de texto quando noto a foto de minha mãe virada para baixo em cima da mesinha de centro. Eu ergo o porta-retratos. Seus olhos me dizem que estou perdoada por ter gritado com ela. Uma pressão se acumula atrás dos meus olhos. Beijo meu dedo e toco o vidro do porta-retratos, deixando uma impressão digital em sua bochecha. Seu rosto mostra encorajamento, algo que me parece um estímulo, como se ela estivesse me empurrando para seguir em frente.

Fico contemplando o celular, com o dedo indicador posicionado sobre o botão ENVIAR. Como se tivessem vontade própria, meus dedos voltam ao teclado e digito mais uma frase:



Sinto sua falta

Então aperto ENVIAR.



São apenas seis horas da manhã. O dia se agiganta à minha frente como a vastidão da Sibéria. Olho meu celular de novo, então, frustrada, eu o arremesso do outro lado da sala. Ele cai em cima do tapete persa da minha mãe com um baque. Eu me jogo em uma cadeira e esfrego as têmporas. Se ficar aqui, olhando para o meu

telefone a cada trinta segundos, vou enlouquecer. Apanho meu casaco e o cachecol, enfio os pés em um par de botas de borracha da minha mãe e saio pisando duro porta afora.

No horizonte, faixas cor-de-rosa e laranja limpam o céu escuro como o metal de uma arma. Um vento gelado e cortante vem do leste e me tira o ar. Cubro o nariz com o cachecol e puxo o capuz do casaco para cima. Do outro lado da Lake Shore Drive, sou recebida pelo uivo fantasmagórico do lago Michigan. Ondas raivosas batem na praia, voltam e caem na areia de novo. Fico vagando ao longo do calçadão na beira do lago, com as mãos enterradas nos bolsos do casaco. O caminho, normalmente reduto de entusiastas da boa forma física e de turistas durante todo o verão, perdeu sua clientela esta manhã, um lembrete depressivo de que a cidade inteira está celebrando o feriado com os amigos e a família. As pessoas estão acordando, conversando durante o café, cortando aipo e cebola para o recheio do peru.

Dou a volta na curva do Hotel Drake e me dirijo para o sul. Avisto a roda-gigante, como se fosse um anel no dedo do Navy Pier. Ela está vazia agora e parece tão esquecida quanto eu me sinto. Ficarei sozinha para sempre? Homens da minha idade já estão casados ou namorando garotas de vinte anos. No banquete amoroso da vida, eu sou o que restou de comida.

Um homem correndo na pista vem em minha direção com seu labrador preso na coleira. Eu desvio para o lado a fim de permitir sua passagem, e o cão me avalia com olhos amigáveis. Quando o homem passa por mim, eu me viro. Ele veste roupas esportivas pretas, óculos de sol e boné, mas ainda assim parece que há algo familiar nele. Ele também olha para mim e por um instante nossos olhares se cruzam. O homem hesita, como se quisesse voltar e falar comigo, mas então pensa melhor e sorri, levanta o braço em saudação, se vira e segue em frente. Fico olhando enquanto ele se move ao longe. Por fim, cai a ficha. Acho que era o cara da Burberry... o homem com quem falei no trem... e quando estava saindo do prédio! Ou será que não?

— Ei! — eu chamo, mas o rugir da maré engole minhas palavras.

Começo a correr. Da última vez em que o vi, eu estava saindo para um encontro na hora do almoço. Ele precisa saber que estou solteira agora. Tenho de alcançá-lo! Mas minhas botas pesadas me impedem de chegar perto dele. O homem está a uns cinquenta metros de distância agora. Mais rápido! De repente o bico da minha bota fica preso em algo e eu caio de bunda no chão. Sentada no asfalto frio, vejo o cara da Burberry desaparecer pela trilha adiante.

Meu Deus, eu descí a um novo patamar. Eu e o Andrew terminamos na noite passada, e hoje já estou correndo — literalmente — atrás de um homem cujo nome eu nem sei. Será que eu poderia ser mais patética? Como se o meu relógio biológico não fosse pressão suficiente, minha mãe prendeu uma bomba-relógio nas minhas costas, que deve explodir em setembro.



O dia oficialmente começa quando volto para a casa da minha mãe, mais um dia típico de novembro em Chicago, com espessas nuvens cinzentas mantendo o sol como refém. Minúsculos pontinhos de neve se agitam no ar, desaparecendo instantaneamente ao pousar no meu casaco de lã. Um mau pressentimento toma conta de mim enquanto subo os degraus de concreto até a porta da casa. Não quero ficar sozinha hoje. Não consigo tolerar a ideia de ser aquela personagem que aparece nos filmes cozinhando para uma única pessoa no Dia de Ação de Graças, e do qual sentimos pena.

Desfaço a arrumação da mesa de jantar feita na noite passada, dobrando com cuidado os adorados guardanapos e a toalha de linho da minha mãe. Ela comprou o jogo de mesa bordado à mão quando visitou a Irlanda há três anos, e insistiu que ele fosse usado em todas as celebrações familiares. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Nós nunca imaginamos que as comemorações em família desapareceriam com tanta rapidez.

Para me torturar ainda mais, fico tentando adivinhar por que meu relacionamento com o Andrew não deu certo. Será que não sou

agradável? Novas lágrimas ardem em meus olhos. Eu o vejo seguindo em frente, encontrando uma mulher totalmente desprovida de falhas, alguém que possa fazê-lo feliz. Alguém com quem ele gostaria de se casar.

Em meio a uma névoa de lágrimas, consigo colocar o recheio no peru e enfiá-lo no forno. De um jeito mecânico, descasco batatas-doces e misturo os ingredientes para a caçarola da minha mãe. Na hora em que estou cortando frutas em uma tigela, já não estou mais chorando.

Três horas depois, retiro do forno o peru mais maravilhoso que já preparei na vida. A pele brilha, crocante e dourada, e os sucos borbulham no fundo da assadeira. Em seguida, tiro a caçarola de batata-doce e inspiro o aroma familiar de noz-moscada e canela. Da geladeira, pego a salada de frutas e o molho de cranberry. Fatio tomates para a salada e a coloco ao lado das minhas tortas. Depois de embalar tudo cuidadosamente, coloco toda a comida em uma cesta de piquenique e em caixas de papelão que peguei no porão.

No caminho, ligo para Sanquita na Casa Joshua. Quando chego lá, ela está me esperando na porta.

— Oi, florzinha. Você pode pegar isso aqui? — Eu lhe entrego a cesta e me viro de volta para o carro. — Já volto.

— Você trouxe o jantar de Ação de Graças? — ela me pergunta, olhando para a cesta de piquenique.

— Arrã.

— A srta. Brett trouxe o jantar pra gente — ela diz para as colegas da casa, então espia dentro da cesta. — E não é só bolo de peru, como comemos mais cedo, é peru de verdade, com todos os acompanhamentos.

Faço três viagens até levar tudo para dentro da Casa Joshua. Sanquita me ajuda a arrumar as coisas no balcão da cozinha, onde as outras mulheres se juntam como formigas atraídas por um cubo de açúcar. A essa altura, já reconheço a maior parte delas e até sei alguns nomes. Tanya, Mercedes e Julonia retiram a comida das embalagens enquanto as outras se inclinam para ver.

— O recheio está dentro do peru, do jeitinho que eu gosto.

— Nham-nham! Pelo cheiro, essa caçarola deve estar deliciosa!

— Vejam isso: torta de nozes!

— Aproveitem, meninas — digo, pegando as caixas vazias. — Nos vemos na segunda-feira, Sanquita.

— Você não precisa ir embora — ela murmura, olhando para os pés. — Quer dizer, você pode comer um pouco, se quiser.

Fico pasma. A garota que não confia nas pessoas está abrindo a porta para mim... apenas uma fenda. No entanto, por mais que eu queira entrar, hoje não posso.

— Obrigada, mas tive um dia longo. Preciso ir para casa.

Que fica onde exatamente? Talvez eu devesse perguntar sobre vagas aqui.

Ela endireita os ombros e a dureza volta em sua expressão.

— É claro.

Passo um dedo debaixo dos olhos e me deparo com minúsculos fragmentos de rímel seco.

— Não estou me sentindo muito bem.

Olho o rosto inchado de Sanquita e noto uma faixa de pele em sua testa que foi coçada até ficar em carne viva, um cruel efeito da insuficiência renal.

— E você, menina? Como está se sentindo?

— Bem — diz ela, sem me olhar nos olhos. — Eu me sinto bem.

Só então Jean Anderson, a irritável diretora, entra pela porta da frente. O bolso de seu casaco de lã está rasgado e ela segura uma sacola de viagem.

— Srta. Jean — diz Sanquita. — Você não deveria estar aqui hoje.

— A Lisa ligou dizendo que está doente. — Ela meio que dança para tirar o casaco. — É engraçado como as doenças sempre atacam nos feriados.

— Mas a sua filha e os seus netos do Mississippi estão aqui — diz Mercedes.

— Eles ainda estarão aqui amanhã. — Ela estica a mão para dentro do armário para pegar um cabide e, quando se vira, me avista. Seu rosto fica pétreo. — O que você está fazendo aqui?

Antes que eu possa responder, Sanquita bate palmas.

— A srta. Brett trouxe peru e os acompanhamentos. Vem ver.

Ela olha para mim e não se move.

— Já arrumou tudo e está indo embora então, srta. Bohlinger?

— Hum, sim. Estou indo. — Dou uma batidinha de leve no braço de Sanquita. — Nos vemos na segunda, florzinha.



Estou a três quadras de distância quando paro o carro cantando os pneus e faço um retorno rápido. Estaciono junto ao meio-fio e subo correndo os degraus da varanda, entrando direto na Casa Joshua. A srta. Jean está em pé ao lado do balcão, fatiando o peru.

— Hum-hum. Essa ave é uma beleza. Mercedes, querida, você pode arrumar a mesa, por favor? — O sorriso dela desaparece quando me vê. — Esqueceu alguma coisa?

— Vá para casa — digo-lhe sem fôlego. — Eu fico aqui esta noite.

Ela me olha de cima a baixo e depois volta a atenção para o peru.

Passo a mão em meus cabelos desalinados.

— Acabei de ser contratada pelo distrito escolar. Eles fizeram uma investigação completa do meu passado. Sou de confiança, acredite.

Ela coloca a faca em cima da tábua de cortar e faz uma cara feia para mim.

— Por que alguém como você escolheria passar o feriado em uma casa de desabrigados? Você não tem parentes em casa?

— Eu gosto daqui — digo com honestidade. — E adoro a Sanquita. Além disso, minha família viajou e estou sozinha. Mas você está com a casa cheia de convidados. Você devia estar lá com eles.

— Vá para casa, srta. Jean — diz Mercedes. — Vamos ficar bem.

Ela passa os dentes pelo lábio inferior. Por fim, faz um movimento de cabeça indicando o escritório.

Enquanto sigo a srta. Jean pelo corredor, olho de relance por cima do ombro. Sanquita está em pé, observando, com os braços

cruzados sobre o peito. Será que ultrapassei algum limite? Estou invadindo o espaço dela ficando aqui hoje à noite? Nossos olhares se encontram. Ela tira uma das mãos de entre os braços cruzados. Vejo um punho cerrado e depois um polegar. Ela o levanta, fazendo sinal de que está tudo bem. Eu seria capaz de chorar.

Embora a Casa Joshua esteja em pleno vapor esta noite, não há dramas, até onde a srta. Jean sabe — nenhuma ameaça de ex-namorados, nenhum uso de drogas.

— As hóspedes, que é como nos referimos a elas, podem ficar no comando da casa até as sete horas da noite. Depois disso, é proibido usar a cozinha. As crianças precisam estar na cama no mais tardar às nove da noite. A televisão é desligada às onze e meia, e então todos devem se recolher para os quartos. — Ela aponta para uma cama de solteiro encostada na parede. — Você vai dormir aqui. Nós trocamos os lençóis dessa cama todos os dias, então, de manhã, você vai tirá-los. Amy Olle entrará em seu lugar às oito da manhã. — Ela solta um suspiro. — Acho que abordei todos os pontos. Alguma pergunta?

Quero tranquilizá-la, então não despejo o monte de perguntas que tenho em mente. *Alguém aqui é perigoso? Existe um alarme de segurança?*

— Eu consigo lidar com isso — digo, com mais convicção do que realmente sinto. — Pode ir.

Em vez de ir embora, ela fica em pé, olhando para mim com as mãos apoiadas na cintura.

— Eu não sei quais são os seus motivos, mas, se eu descobrir que você está explorando essas mulheres, te jogo para fora antes que você possa gritar *minha bolsa de grife*. Está me entendendo?

— Explorando? Não, eu não estou entendendo.

Ela cruza os braços em cima dos seios.

— Na última primavera, uma mulher branca bonitinha, muito que nem você, apareceu aqui querendo se voluntariar. É claro que aceitei, nós precisamos de toda a ajuda possível. Uma semana depois, uma equipe de filmagem foi chamada. A srta. Bonitinha estava concorrendo ao cargo de juíza da vara cível. Ela queria que a

cidade toda visse que pessoa incrível ela era, uma voluntária para ajudar as pobres negras na zona Sul.

— Eu nunca faria uma coisa dessas, juro que não.

Nós nos encaramos até que por fim ela baixa o olhar para sua mesa.

— O número do telefone da minha casa está aqui — diz ela, apontando para algo escrito em um post-it. — Pode me ligar se tiver alguma dúvida.

Ela apanha sua bolsa e sai da sala a passos largos, sem se despedir nem me desejar boa sorte. Afundo em uma cadeira, tentando pensar em algo para me sentir grata hoje.



Brad me liga na segunda-feira de manhã e pergunta se posso passar em seu escritório depois do trabalho. Durante toda a tarde, meus pressentimentos ganham força, e agora, enquanto o elevador sobe até o trigésimo segundo andar, não se trata mais de um palpite. Estou certa de que ele tem notícias sobre o meu pai.

Ele ergue o olhar quando me vê e sorri.

— Oi, B.B. — Cruza a sala e me dá um abraço. — Obrigado por vir. — Ele se afasta um pouco e faz uma cara feia. — Está tudo bem? Você parece um pouco cansada.

— Exausta. Não tenho conseguido dormir direito esses dias. — Passo a mão no rosto na esperança de fazer surgir alguma cor na superfície pálida. — E aí, o que está acontecendo?

Ele me acompanha até o conjunto de cadeiras e solta um suspiro que faz seu peito arfar.

— Sente-se. — A voz dele soa inexpressiva e derrotada; eu controlo o pavor que ameaça me invadir.

— Pohlonski encontrou o meu pai?

Ele cai na cadeira ao lado da minha e passa a mão no rosto.

— Ele desistiu, Brett.

— Como assim, desistiu? Achei que ele tinha seis possibilidades...

— Ele ligou para todos eles. Tinha um cara que ele achou que podia ser o seu pai, afinal estava em Chicago durante o verão de 1978, mas não conheceu a sua mãe.

— Talvez ele só tenha esquecido. Esse cara toca guitarra? Fale para o detetive perguntar sobre o Justine's.

— Ele era aluno da Universidade DePaul na época. Nunca ouviu falar do Justine's. Não tem uma habilidade musical que seja.

— Droga! — Soco a beirada da cadeira. — Por que a minha mãe não me contou sobre o meu pai quando estava viva? Ela devia ter mais informações sobre ele. Mas não, ela foi egoísta demais! Estava mais preocupada em se proteger do que em me ajudar. — Eu me viro para Brad, tentando controlar a raiva. — Então, o que o Pohlonski planeja fazer agora?

— Receio que ele já tenha feito tudo que estava ao seu alcance. Ele tentou rastrear os donos do Justine's, mas ambos faleceram. Provavelmente o seu pai era pago por fora, porque o Steve não consegue encontrar nenhum registro de imposto no nome dele. Ele até localizou o proprietário do lugar onde o Johnny morava na Bosworth.

— O locador? Isso é ótimo. Ele deve ter um documento antigo de aluguel em nome de Johnny Manns, não?

— Não. Nada. O velho está em um asilo em Naperville agora, e não tem lembrança nenhuma de Johnny Manns nem dos seus pais.

— Ele precisa continuar tentando. E eu continuarei pagando.

O silêncio de Brad me deixa nervosa, então eu começo a falar.

— Talvez ele não tenha nascido em Dakota do Norte, no fim das contas. Vamos ampliar a busca. Verificar diferentes formas de escrita do nome dele também.

— Brett, ele chegou a um beco sem saída. Simplesmente não há informações suficientes para continuar.

Cruzo os braços.

— Não gosto desse cara, o Pohlonski. Ele não sabe o que está fazendo.

— Você é livre para encontrar outra pessoa para o serviço, mas dê uma olhada nesses relatórios.

Ele me entrega uma planilha mostrando a busca por Jon, John, Jonathan, Jonothon e Johnny Manns. Alguns nomes estão circulados, outros riscados. Há anotações rabiscadas nas margens, indicando datas e horários de telefonemas. Uma coisa é óbvia: esse tal de Pohlonski vem ralando para tentar encontrar o meu pai.

— Certo. Mas diga para ele continuar tentando. O Johnny está por aí, em algum lugar.

— Decidi dispensar você de cumprir essa meta.

Eu me viro para ele.

— Me dispensar? Você está dizendo que eu devo desistir de tentar encontrar o meu pai?

Ele ergue as planilhas do meu colo.

— Você não precisa desistir. Vou deixar isso a seu cargo, mas não vou exigir que você fique presa a essa meta, Brett. Você tentou, mas essa busca não está chegando a lugar nenhum.

Eu me inclino em sua direção.

— Bom, eu lhe digo agora mesmo: não vou desistir. O Pohlonski precisa tentar mais. Precisamos de uma faixa etária mais ampla. Talvez meu pai fosse mais velho... ou mais novo.

— B.B., isso pode levar anos. Vai custar uma fortuna. Acho que você devia se concentrar em suas outras metas por enquanto.

— Esqueça. Não vou desistir.

Ele franze a testa olhando para mim.

— Brett, ouça. Eu sei que você está ficando sem dinheiro e...

— Isso já foi resolvido — digo, interrompendo-o.

Os olhos dele se deparam com o meu pulso nu.

— Ah, cacete. Onde está o seu Rolex?

Esfrego o pulso em que eu costumava usar meu relógio.

— Eu não precisava dele. É mais prático ver as horas no celular do que no meu velho relógio de pulso.

Ele fica perplexo.

— Meu Deus, você penhorou o relógio?

— Vendi. No eBay. E algumas joias também. As próximas coisas serão meus terninhos e algumas bolsas.

Ele inspira fundo e passa a mão no rosto.

— Ah, B.B., eu sinto muito.

Ele acha que estou desperdiçando meu dinheiro, que nunca vou encontrar o meu pai. Eu agarro o braço dele.

— Não lamente. Eu não vejo a situação assim. Eu tenho dinheiro agora. Posso continuar procurando o meu pai. E encontrá-lo, meu amigo, é algo que não tem preço.

Ele me oferece um sorrisinho triste.

— É justo. Vou falar para o Pohlonski continuar com a busca.

Faço que sim com a cabeça e engulo em seco.

— Como foi em San Francisco?

Ele inspira fundo e solta um suspiro.

— Não foi a mais fácil das viagens. A Jenna estava um pouco preocupada com uma história em que ela vem trabalhando.

Ele me conta sobre a viagem que eles fizeram até a baía de Half Moon, mas tenho dificuldade de me concentrar. Minha mente está focada em meu pai. Que tipo de homem ele é? Será que vai gostar de mim? Ou vai sentir vergonha por eu ser sua filha ilegítima? E se ele estiver morto? Meu coração afunda no peito.

— O Pohlonski pode olhar também registros de óbito?

— O quê?

— Eu preciso encontrar o Johnny, mesmo que ele esteja morto. Diga ao Pohlonski para verificar também obituários, além de certidões de nascimento.

Ele olha para mim com os olhos pesados. Quando faz a anotação em seu bloco amarelo, eu sei que está fazendo isso para me acalmar.

— Como foi seu Dia de Ação de Graças? — ele me pergunta.

Eu lhe conto sobre o meu rompimento com o Andrew. Ele tenta parecer neutro, mas posso ver a aprovação em seu rosto.

— Você merece alguém que compartilhe os seus sonhos. E lembre-se de que a sua mãe nunca esteve convencida de que ele era o homem da sua vida.

— É, mas, agora que estou sozinha, minhas metas parecem ainda mais impossíveis.

Ele olha direto nos meus olhos.

— Você não vai ficar eternamente sozinha. Acredite em mim.

Meu coração dança um pouquinho e eu me amaldiçoó. Brad tem namorada. Ele está fora de questão.

— Que seja — digo e olho a paisagem pela janela. — Depois que ele foi embora, passei a noite de Ação de Graças na Casa Joshua.

— Casa Joshua?

— Um abrigo para mulheres. Tenho uma aluna que mora lá. Você não acreditaria como elas são ótimas... exceto pela diretora, que me despreza. Algumas sofrem de doenças mentais, mas a maioria é de mulheres que passaram por momentos difíceis na vida.

Ele me analisa.

— É mesmo?

— É, por exemplo, a Mercedes. Ela era mãe solteira e foi enganada para se comprometer com uma hipoteca reajustável. Quando a taxa de juros foi às alturas e ela não conseguia vender a casa, teve que sair de lá. Mercedes teve a sorte de alguém comentar sobre a Casa Joshua. Agora, ela e os filhos têm onde morar.

Brad olha para mim com um sorriso no rosto.

— Que foi?

— Eu realmente admiro você.

Dispenso o elogio com um aceno de mão.

— Não seja ridículo. E agora eu sou voluntária no abrigo nas noites de segunda-feira. Você podia dar uma passada lá na semana que vem para conhecer essas mulheres, especialmente a Sanquita. Ela é durona, mas me convidou para ficar para o jantar de Ação de Graças.

Ele ergue um indicador e se levanta. Vai até o seu armário de arquivos, pega os envelopes da minha mãe e volta até onde estou sentada.

— Parabéns. — Ele estica para mim o envelope número doze: AJUDAR OS POBRE.

Eu não estendo a mão para pegá-lo.

— Mas eu não... eu não estava...

— Você fez isso sem esforço, sem segundas intenções. Era exatamente o que sua mãe desejava que você fizesse.

Penso nos cinco minutos que passei fazendo uma doação à Heifer International na semana passada, achando que isso me

qualificaria para receber o envelope. Mesmo assim, eu sabia que minha mãe queria mais de mim, mas não fazia ideia do quê, nem de onde. Por um feliz acaso, a Casa Joshua me encontrou.

— Devo abri-lo? — ele me pergunta.

Faço que sim com a cabeça, sem confiar em minha voz.

Querida Brett,

Talvez você se lembre da história que eu costumava lhe contar sobre um velho homem que vive em busca da felicidade. Ele vaga pelo mundo, pedindo a todos que encontra pelo caminho que compartilhem com ele o segredo para ter uma vida feliz, mas ninguém é capaz de lhe responder. Por fim, o velho encontra o Buda, que concorda em lhe revelar o segredo. O Buda se inclina e toma as mãos do homem entre as suas. Olha nos olhos cansados do velho e diz: “Não faça coisas ruins. Sempre faça coisas boas”.

O velho olha para o Buda, confuso.

“Mas isso é simples demais. Eu sei disso desde que tenho três anos!”

“Sim”, diz o Buda. “Todos nós sabemos disso quando temos três anos, mas, aos oitenta, já nos esquecemos.”

Parabéns, minha filha, por fazer coisas boas. Esse é, de fato, o segredo para ter uma vida feliz.

Tenho um acesso de choro e Brad se agacha ao meu lado, me puxando para seus braços.

— Sinto falta dela — digo em meio aos soluços. — Sinto tanto a falta dela.

— Eu sei — ele diz, afagando as minhas costas. — Sei exatamente como você se sente.

Ouçoo a voz dele falhando. Afasto-me um pouco e seco os olhos.

— Você sente falta do seu pai, não é?

Ele esfrega a garganta e assente.

— É, do homem que ele era.

Dessa vez, sou eu quem está afagando as costas dele e sussurrando palavras de conforto.



Estou exausta. Estou chorona. E acho que meus seios estão sensíveis. Embora eu e o Andrew tenhamos feito sexo apenas duas vezes desde a última vez que menstruei, não consigo evitar senão pensar em... não! Não posso nem pensar nisso! Pode azarar tudo. Ainda assim, de vez em quando uma bolha de alegria me invade, tão pura e tão forte que quase me faz flutuar.

Porém, na tarde de quarta-feira, essa alegria não pode ser encontrada em lugar nenhum. São quatro horas quando chego ao loft do Andrew. Carregando caixas vazias, entro e fico tateando a parede em busca do interruptor de luz. Está frio no espaço sem vida, e sinto um calafrio me atravessar. Jogo meu casaco e minhas luvas em cima do sofá e subo as escadas correndo até o quarto. Quero ir embora antes que o Andrew chegue em casa depois do trabalho.

Sem o cuidado de dobrar ou separar as peças, vou enfiando minhas roupas nas caixas vazias, tirando primeiro as coisas do armário e depois do closet. Quando foi que acumulei todas essas coisas? Penso nas mulheres da Casa Joshua, com suas três gavetas e um armário que elas dividem, e sinto repulsa pelo meu excesso. Arrasto quatro caixas para o carro, vou dirigindo até a casa da minha mãe com o porta-malas amarrado, jogo as caixas no hall de entrada e volto para o próximo carregamento.

São quase oito horas e já estou sem ânimo. Esvaziei o loft, tirando de lá até a última peça de roupa, minha maquiagem, os cremes e produtos de cabelo que me pertencem. Com as chaves do carro na mão, vagueio pelo loft uma última vez. Mentalmente, começo a notar todas as coisas que trouxe para cá, tudo que comprei desde que viemos morar aqui. Eu estava tentando encher esse lugar com pedaços de mim, na esperança de que isso me fizesse sentir em casa? Além de pagar metade da hipoteca, água, luz e outras contas, comprei a mesa de jantar, o sofá e a namoradeira, além de duas TV de alta definição. Subindo as escadas, eu me lembro de ter comprado os móveis para o quarto na primeira semana morando aqui. Uma cama estilo trenó de bordo, uma cômoda, duas mesas de cabeceira e o armário antigo, sem o qual eu disse que não conseguiria viver. No banheiro, avisto minhas suntuosas toalhas da Ralph Lauren e o tapetinho Missoni que encontrei na Neiman Marcus. Balançando a cabeça, apago a luz e desço as escadas. Entro na cozinha e abro o armário, espiando meus pratos italianos, potes e panelas da All-Clad, a máquina de café espresso da Pasquini. Levo uma das mãos à boca.

Parece que tudo neste lugar é meu. Devo ter investido dezenas de milhares de dólares aqui! Mas não posso esvaziar a casa do Andrew. Ele ficaria furioso. E, realmente, o que eu faria com tantos móveis agora? Eu teria de guardá-los em um depósito até que tivesse o meu próprio lugar. E se eu estiver mesmo... você-sabe-o-quê? Pode ser que eu me mude de volta para cá?

Fecho o armário da cozinha. Ele pode ficar com as coisas. Pode ficar com tudo. Será a minha oferta de paz.

Estou abotoando o casaco quando ouço barulho de chave na porta. *Merda!* Apago a luz da cozinha, entro no corredor e, assim que a porta é aberta, ouço a voz de uma mulher.

Volto sorratamente para a cozinha e me espremo junto à parede, ao lado da geladeira. Meu coração bate tão freneticamente que tenho medo de que eles possam ouvi-lo.

— Me deixe tirar o seu casaco — diz Andrew.

Ela fala alguma coisa que não consigo entender. Mas é a voz de uma mulher, estou certa disso. Fico paralisada, decidindo o que fazer. Por que eu simplesmente não deixei que o Andrew soubesse que eu estava aqui? Se eu me apresentar agora, vai parecer que estava espionando. Mas, se eles me encontrarem aqui escondida, vou parecer a ex-namorada maluca.

— Gosto quando você está aqui — ele diz. — Você deixa o lugar iluminado.

Ela solta uma risadinha estridente e fico ofegante. Levo uma das mãos à boca para me impedir de gritar.

Ouçoo remexer no armário de bebidas.

— Vem — diz ele. — Vou mostrar lá em cima para você.

Ela dá mais risadinhas.

Da escuridão da cozinha, vejo Andrew subir as escadas atrás de Megan, com uma garrafa de uísque Glenlivet em uma das mãos e dois copos na outra.



Na tarde seguinte, encontro o caminhão de mudança no loft do Andrew. Três homens corpulentos de macacão e luvas de couro me cumprimentam.

— O que tem pra gente hoje, senhorita? — pergunta o mais velho.

— Quero que vocês tirem tudo que está no apartamento 4.

— Tudo?

— Sim. Menos a cadeira marrom da sala de estar. — Abro a porta do prédio. — Pensando bem, deixem o colchão também.

Encho caixas com toalhas e lençóis, pratos, utensílios de cozinha e pratarias. Os homens da mudança lidam com os itens pesados. Depois de três horas, terminamos antes que Andrew tenha voltado para casa. Olho ao redor. A casa que nunca senti que era meu lar está completamente esvaziada de mim.

— Para onde vamos levar essas coisas? — pergunta o homem de cavanhaque.

— Carroll Avenue. Casa Joshua.



Na manhã de 11 de dezembro, com o porta-malas abarrotado de presentes e o tanque cheio de gasolina, começo a viagem para o brunch de Natal dos Newsome. Duas horas depois, exausta e enjoada, estaciono no meio-fio ao lado de uma dúzia de outros carros, ergo o olhar e contemplo um belo rancho amarelo. Em uma placa no jardim, que mal pode ser vista em meio ao chão coberto de neve, está escrito MAIS UMA FAMÍLIA PELA PAZ. Abro um sorriso, feliz em saber que algumas coisas não mudam.

Várias pegadas na neve são registros de pessoas indo e vindo. Abro o porta-malas e ouço o som da porta da frente do rancho se abrindo. Uma mulher vestindo calça jeans e um colete de lã sai de dentro da casa e vem correndo até a calçada. Quando se aproxima de mim, ela se desequilibra e quase cai. Eu a seguro e então rimos juntas.

— Bretel! — ela grita. — Não consigo acreditar que você esteja aqui!

Ela me envolve nos braços e me aperta. Meus olhos ficam inundados de lágrimas.

— Valeu a pena — sussurro. — Nem que fosse só por isso.

Ela se afasta um pouco.

— Uau! Você está ainda mais bonita do que nas fotos do Facebook.

Balanço a cabeça, absorvendo a imagem da mulher à minha frente. Seus cabelos castanhos são curtos e ela tem uns sete quilos a mais em sua estrutura larga. A pele reluzente tem um tom rosado e, por trás dos óculos, os olhos azuis brilham, grandes e completamente cheios de alegria. Tiro a neve da manga da blusa dela.

— Você está linda — afirmo.

— Venha — diz ela. — Vamos entrar.

— Espere. Antes de entrar, preciso fazer isso. — Eu a seguro pelos braços e olho dentro de seus olhos. — Desculpe pela forma como tratei você, Carrie. Por favor, me perdoe.

O rosto dela fica totalmente cor-de-rosa e ela dispensa o meu pedido de desculpas com um aceno de mão.

— Você está sendo uma boba. Não há nada para ser perdoado.

— Ela segura o meu cotovelo. — Agora venha. Está todo mundo animado para te ver.

O cheiro de café recém-passado e o zunido de risadas e conversas me levam de volta ao velho bangalô dos Newsome na Arthur Street. Os três filhos mestiços de Carrie estão sentados em volta de uma mesa de carvalho agarradas a agulhas e linha, prendendo pipoca e cranberries em fileira. Eu me ajoelho ao lado de Tayloe, que tem nove anos.

— Eu me lembro de ter feito colares de pipoca com a sua mãe e com os seus avós uma vez. Tínhamos ido para o norte, para Egg Harbor. — E me viro para Carrie. — A velha cabana de madeira dos seus avós, lembra?

Ela assente.

— Ela pertence aos meus pais agora. Meu pai separou vídeos a semana toda por causa da sua visita. Tenho certeza de que ele tem alguma coisa nossa gravada em Egg Harbor.

— Ele realmente devia ter sido cineasta. Ele sempre carregava aquela câmera com ele. Lembra quando ele nos filmou tomando sol enquanto ainda tinha neve no chão?

Estamos dando risada quando Stella entra na cozinha. Ela é baixinha e esguia, de cabelos loiros curtos e óculos de armação escura. Parece inteligente e séria, como uma personal trainer, mas, na hora em que sorri, a expressão em seu rosto se suaviza.

— Oi, Brett! Você conseguiu vir!

Ela apoia sua xícara de café no balcão e vem apressada para me dar um aperto de mãos. Olhando direto nos meus olhos, abre um sorriso radiante.

— Ah, eu sou a Stella.

Dou risada com alegria, sentindo que Carrie fez uma boa escolha. Em vez de cumprimentá-la com um aperto de mãos, abro os braços para ela.

— Estou tão feliz em conhecer você, Stella.

— Eu também. A Carrie ficou olhando pela janela a manhã inteira esperando você. Eu não a via assim tão animada desde que adotamos as crianças. — Ela pisca para Tayloe e dá risada. — Que tal uma xícara de café?

Carrie levanta as sobrancelhas.

— Ou um bloody mary? Também temos mimosas e a famosa gemada da minha mãe, misturada com conhaque.

Olho para as crianças de relance, com suas canecas de chocolate quente.

— Tem mais chocolate quente?

— Chocolate quente?

Coloco a mão na barriga.

— Talvez eu esteja sendo cautelosa demais.

Carrie desvia o olhar para minha barriga, que estou convencida de que cresceu um pouco.

— Você está...? Você pode estar?

Dou risada.

— Talvez. Não sei ao certo, mas minha menstruação está atrasada há dez dias. E ando constantemente cansada... com enjoos...

Ela joga os braços em volta de mim.

— Isso é maravilhoso! — Ela recua e olha para mim. — É maravilhoso, não é?

— Você não faz ideia!

Carregando uma caneca de chocolate quente, acompanho Carrie até a sala de estar, onde uma combinação eclética da nova e da velha geração se mistura e conversa. Uma árvore de Natal disforme ocupa um canto inteiro da sala, e o fogo crepita em uma imensa lareira de pedra bruta.

— Santo Toledo! — diz o sr. Newsome quando me vê. — Tragam o tapete vermelho. Uma estrela de Hollywood acabou de chegar!

Ele me abraça e nós giramos até eu quase cair. Em meio a uma névoa de lágrimas, ergo um olhar contemplativo para ele. A barba está grisalha, e seu antigo e espesso rabo de cavalo deu lugar a uma cabeleira prateada, mas seu sorriso continua radiante.

— É tão bom ver você — digo.

Uma mulher adorável está parada atrás dele, os cabelos ruivos ainda volumosos e encaracolados.

— Minha vez — diz ela, dando um passo à frente e me puxando para seus braços. O abraço é cálido e seguro, o primeiro abraço de mãe que tenho em meses.

— Ah, sra. Newsome — eu digo, sentindo um pouco do aroma de seu óleo de patchuli. — Senti sua falta.

— Também senti sua falta, minha querida — ela diz em um sussurro. — E, pelo amor de Deus, nós conhecemos você faz quase trinta anos. Pode nos chamar de Mary e David. Agora me deixe pegar um prato para você. O David fez um quiche de cogumelos maravilhoso, e você precisa experimentar o meu pudim de pão de abóbora. A calda de caramelo está um pecado.

A sensação é a de estar voltando para casa. Eu me banho no amor e na atenção desse casal excêntrico, vestindo suéter de lã grossa e sandálias Birkenstock. Meu coração, vazio depois da morte da minha mãe e da traição do Andrew, começa a ser preenchido.

No começo da tarde, minha garganta dói de tanto conversar e dar risada. A multidão se dispersou, e Carrie, Stella e eu estamos em pé na cozinha com Mary, conversando e guardando a comida que sobrou. Do cômodo ao lado, o pai de Carrie nos chama para ir até a sala de TV.

— Venham ver o que eu tenho aqui.

Seguimos até a aconchegante sala com móveis de pinheiro nodoso. Os filhos de Carrie estão reunidos em torno da TV como se esperassem para ver um DVD da Disney. Em vez disso, uma garota com sardas no rosto e sua amiga de olhos escuros ganham vida na tela. Carrie e eu ficamos sentadas assistindo a duas fitas, hipnotizadas, rindo e tirando sarro uma da outra.

David vai até seu armário e analisa as prateleiras cheias de DVDs.

— Demorei uns seis meses para converter minhas velhas fitas de VHS para DVD. — Ele põe a mão em um disco e o puxa da prateleira. — Aqui tem um que vocês não vão lembrar. — Ele desliza o disco para dentro do aparelho e aperta PLAY.

Uma jovem morena com um corte de cabelo igual ao da Farrah Fawcett aparece na tela. Ela está vestindo um sobretudo azul-marinho desabotoado em cima da barriga e puxa dois meninos de cabelos claros em um trenó. Dou um pulo do sofá e me ajoelho na frente da televisão, cobrindo a boca com a mão.

— Mãe — digo com a voz carregada, então me viro. — É a minha mãe! E ela está grávida... de mim.

Carrie me entrega uma caixa de lenços de papel e eu seco os olhos.

— Ela é linda — sussurro, mas, olhando com atenção, o rosto dela está marcado pela tristeza. — Onde vocês fizeram essa filmagem?

— Foi quando todos nós morávamos na Bosworth Avenue.

— Bosworth? Na Arthur Street, você quer dizer.

— Não. Nós já éramos amigos bem antes disso. Nós fomos os primeiros clientes da sua mãe.

Sinto um arrepio na nuca. Eu me volto para David.

— Quando exatamente vocês conheceram a minha mãe?

— A gente se mudou num fim de semana de Páscoa... o que seria na primavera de... — Ele olha para a esposa.

— Setenta e oito — diz Mary.

Aperto a garganta, paralisada com um misto de urgência e medo.

— Johnny Manns — digo. — Vocês se lembram dele?

— Johnny? Ah, claro que sim! Ele tocava guitarra no Justine's.

— Ele era muito talentoso — diz Mary. — Além disso, era lindo. Todas as mulheres eram meio apaixonadas por ele.

Aqui, nesta sala, estão duas pessoas que conhecem o meu pai.



—**M**e falem sobre ele — digo, mal respirando. — Por favor. Me contem tudo.

— Posso fazer melhor que isso — diz David, procurando algo em meio à sua videoteca. Ele puxa da prateleira uma embalagem de plástico e fica olhando para ela enquanto vai até a televisão. — Eu fiz uma filmagem dele na época em que trabalhei no Justine's como barman. Nós tínhamos certeza de que ele seria um sucesso.

Ele aperta PLAY e meu coração martela no peito. Um grupo de rostos jovens se espreme em um bar pequeno e pouco iluminado. Eu me movo rapidamente para perto da tela, olhando enquanto a câmera focaliza um homem sentado em uma banqueta alta. Ele tem uma cabeleira preta despenteada e usa barba e bigode. A câmera dá zoom e eu me deparo com os olhos castanhos do homem. Eu conheço esses olhos. São os mesmos que vejo toda vez em que me olho no espelho. Um gemido sobe do meu peito e eu levo uma das mãos à boca.

— A próxima música é do álbum duplo dos Beatles, conhecido como *Álbum branco* — diz Johnny. — Embora os créditos mencionem Lennon e McCartney, essa canção foi na verdade escrita por Paul enquanto ele estava na Escócia, durante a primavera de 1968. A

tensão que se agravava nos Estados Unidos entre negros e brancos o inspirou a reagir. — Ele passa os dedos por uma corda da guitarra. — Na Inglaterra, a palavra *bird* é uma gíria que quer dizer “mulher”.

Ele toca as notas do riff introdutório da canção. Quando abre a boca, a voz de um anjo ressoa. Deixo escapar um choro destrocado. Ele canta sobre um pássaro negro que está com as asas quebradas, ansiando por voar, por ser livre. Por toda sua vida, o pássaro vinha esperando que um único momento chegasse.

Penso em minha mãe, presa com dois filhos pequenos e um marido que ela não amava. Ela também deve ter ansiado por ter asas.

Penso em mim mesma, que esperei durante toda a minha vida para que este momento chegasse. O instante em que eu poderia olhar nos olhos bondosos de um homem e saber que ele é o meu pai.

Lágrimas deslizam pelo meu rosto. A canção termina. A gravação corta para uma outra cena no Justine’s, dessa vez com uma cantora. Eu não faço perguntas, simplesmente aperto o botão VOLTAR e assisto àquilo de novo, e mais uma vez. Ouço a voz do meu pai, suas palavras. Estendo a mão e toco em seu lindo rosto, em suas mãos delicadas.

Depois de ver a cena quatro vezes, fico sentada em silêncio. Em algum momento, enquanto eu estava assistindo ao vídeo, Mary se pôs ao meu lado no chão. David se senta do outro lado e coloca o DVD no meu colo.

— Isso pertence a você, não?

Passo o dedo pelo disco e faço que sim com a cabeça.

— Ele era meu pai.

— Venham, crianças. Vamos jogar Uno — diz Stella. — O primeiro que chegar à cozinha distribui as cartas.

Assim que Carrie e sua turminha estão longe o suficiente para não nos ouvirem, Mary toma minhas mãos nas dela.

— Há quanto tempo você sabe disso?

— Eu acabei de descobrir. Ela me deixou o diário dela. — Meus olhos vão do rosto dela para o de David. — Vocês sabiam?

— Não, é claro que não — diz David. — Sua mãe era elegante demais para falar disso para os outros, mas todo mundo sabia que ele era apaixonado por ela.

Deixo escapar um grito, um grito de alívio e mágoa. Mary afaga minhas costas até que eu consiga respirar de novo.

— Ele era um homem bom?

— O melhor — ela diz.

David faz que sim com a cabeça.

— O Johnny era o cara.

Eu prendo o fôlego.

— Onde ele está agora?

— Da última vez que ouvimos falar do Johnny, ele estava morando no oeste — diz Mary. — Mas isso foi há quinze anos.

— Onde? — pergunto, me sentindo zozona de repente. — Los Angeles?

— Por um tempo ele ficou em San Francisco, mas perdemos contato. Ele pode ter se mudado.

— Isso vai ajudar. Contratei um detetive que está tentando encontrá-lo há meses. Vocês não acreditariam no número de Johnny Manns que existem neste país.

Essa observação chama a atenção de David.

— Querida, o nome dele nunca foi Johnny Manns. O sobrenome dele era Manson, John Manson. Ele usava Manns como nome artístico por causa do Charles Manson, o assassino. Esse sobrenome carregava um estigma horrível na década de 70.

As palavras se encaixam aos pouquinhos.

— Johnny Manson? Ah, meu Deus. Ah, meu Deus! Obrigada! — Eu abraço David e depois Mary. — Não é à toa que eu não conseguia encontrá-lo!

— Sua mãe provavelmente nunca soube o nome verdadeiro dele. Eu só soube porque fui barman naquele verão e fiz a folha de pagamentos.

— Eu iria procurar por ele eternamente se não tivesse encontrado vocês de novo.

Um calafrio sobe pela minha espinha. A meta número nove me levou até a Carrie, e Carrie me levou até o meu pai. Minha mãe

sabia que isso ia acontecer? Uma amizade para toda a vida e uma pista para encontrar o meu pai. Dois em um.



Enquanto eu e Carrie vamos andando até o meu carro carregando algumas delícias do brunch de Natal, digito o número de Brad no celular.

— Você se importa? — pergunto a Carrie. — Vai levar um segundo.

— É claro que não — diz ela, segurando um pote cheio de geleia de framboesa caseira.

— Vou colocar no viva-voz para que você possa conhecê-lo. Ele é uma graça.

Carrie ergue as sobrancelhas.

— É mesmo?

Bato nela de leve com a mão, e então ouço a voz do Brad.

— O meu pai se chama John Manson, e não Manns — digo. — E está morando em algum lugar no oeste. Você precisa contar isso ao Pohlonski. Acabei de ver um vídeo dele. Ele é lindo!

— Onde você está, B.B.? Achei que estivesse em Wisconsin.

— E estou. Estou com a Carrie agora. Você está no viva-voz. Diga oi.

— Oi, Carrie.

Ela dá risada.

— Oi, Brad.

— Certo, escute. Os pais da Carrie moraram na Bosworth Avenue. Eles conheciam Johnny Manns! — Conto-lhe um resumo dos eventos da manhã. — Você consegue acreditar? Eu nunca ficaria sabendo disso se não tivesse retomado o contato com a Carrie. — Olho para ela. — Ela é um presente, e de diversas maneiras.

— Essa é uma descoberta e tanto! Vou deixar uma mensagem para o Pohlonski assim que desligarmos.

— Quanto tempo você acha que vai demorar para ele o encontrar?

— Não sei dizer ao certo, mas posso presumir que não vai acontecer da noite para o dia. Até mesmo com essas novas informações, pode demorar meses.

Mordo o lábio.

— Diga para ele se apressar, ok?

— Farei isso. Ei, quer ver um filme quando você chegar aqui? Ou ir jantar? Ou, melhor ainda, venha até a minha casa. Vou deixar o jantar pronto esperando por você.

Sinto grande empatia por ele neste momento. Eu sei como os domingos podem parecer intermináveis quando se está sozinho.

— A terceira opção é ótima. Ah, e recebi uma mensagem do abrigo de animais. Meu pedido foi aceito. Quer me ajudar a escolher meu filhote na semana que vem?

— Vou adorar. Dirija com cuidado, B.B.

Quando desligo o telefone, Carrie me olha de esguelha.

— Vocês dois estão namorando?

— Não — digo, colocando uma vasilha de cookies no banco do passageiro. — Somos apenas bons amigos. E isso é bem legal.

— Tome cuidado, Bretel. Estou achando que esse cara gosta de você.

Balanço a cabeça em negativa e pego o pote de geleia da mão dela.

— O Brad tem namorada.

Ela sorri para mim.

— Mantenha essa amizade então. Você parece muito feliz quando fala com ele.

— Farei isso — digo. — E, sim, eu fico feliz quando falo com ele.



O aconchegante sobrado de Brad em North Oakley representa uma pausa acolhedora depois da longa viagem de carro. Eva Cassidy está

tocando no aparelho de som, e eu me sento em uma banquetta e fico observando enquanto Brad rala o queijo para a salada caesar. Ele mantém os olhos voltados para baixo e, quando dá risada das minhas histórias sobre Carrie e sua prole, posso dizer que é forçado. Por fim, dou um pulo da banquetta e pego o ralador das mãos dele.

— Ok, Midar, o que está acontecendo? Posso sentir que tem algo chateando você.

Ele esfrega a nuca e solta uma bufada de ar.

— A Jenna decidiu que quer dar um tempo.

Tenho vergonha de admitir, mas uma parte de mim grita *Ebaaaa!* Nós dois estamos solteiros agora, e quem sabe o que pode vir a acontecer. Porém, ao olhar para ele, vejo uma expressão de dor em seu rosto. Obviamente ele está apaixonado, e não é por mim.

— Sinto muito. — Eu o puxo para um abraço e ele se agarra em mim. — Sabe — digo baixinho —, você podia fazer algo grande, que prove que está sendo sério e comprometido.

Ele se afasta um pouco.

— Como pedi-la em casamento?

— Sim! Se você a quer, Midar, faça acontecer, assim como um dia você me disse para fazer. Que se danem os quilômetros e a diferença de idade entre vocês... Peça a Jenna em casamento!

Ele vira de costas para mim e apoia as mãos no balcão.

— Eu já fiz isso. E a resposta dela foi "não".

— Ah, meu Deus. Eu sinto tan...

Ele ergue uma das mãos para me interromper.

— Chega de lamúrias. — Limpa as mãos em um pano de prato e o joga em cima do balcão. — Temos motivos para comemorar.

Ele cruza a cozinha a passos largos, entra na sala de estar e levanta um envelope cor-de-rosa da mesinha de centro.

— Passei no escritório hoje à tarde — ele me diz, chacoalhando o envelope. — Achei que você pudesse querer isto.

Meta número nove: CONTINUAR AMIGA DA CARRIE NEWSOME PARA SEMPRE.

Com passos apressados, eu me aproximo de Brad e encaro o envelope, desesperada para ouvir as palavras da minha mãe, mas

não posso comemorar quando ele está se sentindo tão depressivo.

— Hoje não — digo. — Vamos guardá-lo para um momento em que você esteja se sentindo melhor.

— De jeito nenhum. Vamos abrir este envelope agora.

Ele rasga o selo e eu me joto no sofá, agarrando-me ao seu braço enquanto ele lê:

Querida Brett,

Obrigada, querida, por realizar o meu desejo (e o seu também) e retomar a amizade com a Carrie.

Eu nunca vou me esquecer de como você ficou arrasada quando os Newsome se mudaram para Madison. Fiquei olhando, sem poder fazer nada, enquanto a poeira se acumulava em seu coração.

Talvez você tivesse entendido então que amizades verdadeiras são difíceis de encontrar. Depois que a Carrie veio nos visitar, vocês duas se distanciaram, mas você nunca me contou o motivo.

Infelizmente, eu não creio que você tenha tido outra amizade tão verdadeira quanto a da Carrie. Foi apenas quando fiquei doente que me dei conta de como era pequeno o seu grupo de confidentes verdadeiros. Além de mim e de Shelley, não vejo nenhuma outra amizade verdadeira em sua vida.

— Ela não mencionou a Megan — digo. — Nem o Andrew. Você acha que ela sabia que eles não eram meus amigos de verdade?

Brad faz que sim com a cabeça.

— Suspeito que sim.

Ele volta a ler a carta.

Tenho esperanças de que a Carrie vá preencher esse vazio. Aproveite e cultive essa amizade, minha filha querida. E, por favor, faça questão de dizer um olá aos pais dela. David e Mary foram meus primeiros clientes quando todos nós morávamos na Bosworth Avenue. Eles também eram fãs do seu pai.

Cubro a boca com uma das mãos.

— Ela está falando do Johnny, não do Charles. Ela está me dando uma pista, caso eu ainda não tivesse entendido. — Eu me viro para o Brad. — Por que raios ela não me contou tudo de uma vez? Por que minha mãe está me fazendo passar por essa caça ao tesouro?

— Eu admito que parece estranho.

— Ela sempre foi tão direta, ou pelo menos achei que fosse. Por que toda essa sutileza e essas indiretas? Ela está me deixando louca. — Inspiro e abro o punho que estava cerrado. — Mas, olhando pelo lado bom, agora vou finalmente encontrar o meu pai.

— Não vamos ficar animados demais. Ainda é um longo caminho. Pode levar meses... ou mais.

— Nós vamos encontrá-lo, Brad. — Eu pego a carta da minha mãe e a agito na frente dele. — Ela pode até estar jogando comigo, mas nunca me faria passar por uma decepção tão grande.

— Vamos torcer que você esteja certa. — Ele dá um tapinha no meu joelho. — Venha, o jantar está pronto.



Já estou apagando as luzes da minha sala na tarde de sexta-feira quando Megan me telefona. Desde que a vi no loft do Andrew, tenho ignorado suas ligações e mensagens. Estou pronta para jogar o celular de volta dentro da bolsa, mas no último minuto decido... *Que se dane.*

— Oi, *chica* — diz ela com sua voz de líder de torcida que está envelhecendo. É difícil imaginar que antes eu achava a voz dela fofa. — A Shel me disse que você vai pegar o cachorro hoje.

Deslizo a chave para dentro da fechadura e a giro até ouvir um clique.

— É esse o plano.

— Perfeito. Eu tenho um cliente que está comprando um apartamento na Lake Shore Drive, mas o prédio não permite animais de estimação. Ele está muito mal com isso, mas precisa se livrar do Champ. E o Champ é, tipo, um cão de concurso, lindo pra cacete. É um galgo inglês puro, muito elegante. Enfim, meu cliente disse que você pode ficar com o cachorro. Dá pra acreditar nisso? Ele está lhe dando uma porra de um cão de concurso!

Abro as portas duplas na saída.

— Obrigada, mas não estou interessada.

— O quê? Por quê? Esse cão é valioso.

Desço as escadas com rapidez. A luz brilhante do sol roça o meu rosto e sinto uma rajada do vento de dezembro.

— Eu não quero um cão de concurso, Megan. É claro que eles são incríveis, mas dão muito trabalho. Tem que estar sempre levando para tosa, treinamento, competições. É exaustivo atender às necessidades deles. — Meu discurso ganha velocidade, mas não pareço capaz de diminuir o ritmo. — Depois de um tempo, a gente começa a se ressentir deles, da dieta meticulosa, dos sabonetes e xampus especiais. É demais! E, ainda por cima, eles têm completa falta de respeito pelas necessidades da gente! Tudo gira em torno deles. Eles são egoístas e...

— Nossa, Brett, calma. Estamos falando de uma merda de um cachorro.

— É, estamos falando de um cachorro mesmo. — Eu me apoio na porta do carro e expiro fundo. — Como você pôde, Meg?

Ela toma fôlego, e eu a visualizo tragando um cigarro manchado de batom.

— Que foi? Você está falando do Andrew? Deixe eu lhe contar uma novidade: vocês não estão mais juntos. E, quando estavam, juro por Deus que nunca nem espiei a mercadoria dele.

— Uau! Que amiga!

— Não consigo acreditar que você tirou todos os móveis do loft. Ele ficou furioso, cacete! E você nem retornou as ligações dele. Ele queria mandar te prender por invasão de domicílio.

— Eu ouvi as mensagens. Só peguei o que era meu, Megan. Ele sabe disso.

— Sua sorte é que eu consegui fazer com que ele baixasse o facho. Eu disse que ele podia comprar móveis novos. Ele é advogado, cacete! — Ela faz uma pausa. — Ele tem dinheiro, não tem, Brett? Porque ontem à noite, quando o garçom trouxe a conta, o Andrew ficou lá parado, como se estivesse esperando que eu pagasse. — Ela dá uma risadinha. — É claro que ele acha que sou rica, já que sou uma corretora de imóveis bem-sucedida e tal.

Haha! A Megan não perde por esperar. E o Andrew também. Eles são superficiais, egoístas e materialistas e...

Eu me interrompo. Que direito tenho de julgar? Durante grande parte da minha vida adulta, também fui uma pessoa materialista, com minhas roupas de grife, meu BMW, minhas bolsas e joias caras. E eu não fui tão superficial e egoísta quanto eles quando abandonei a Carrie no momento em que ela mais precisava de mim? E mesmo assim ela me perdoou. Agora talvez seja o momento de retribuir.

— Meggie, pare de se contentar com pouco. Você é uma mulher linda, com tanto potencial. Encontre alguém que te adore, que trate...

Ela dá risada.

— Ah, Brett, deixe de ser falsa. Eu entendo que você esteja com ciúme, mas está na hora de superar. Ele. Não. Te. Ama!

Sinto-me sem ar. Retribuir? Não. Hoje não.

— Você está certa. Vocês dois são realmente perfeitos um para o outro. — Entro no meu carro. — E, Megan, pare de se preocupar com seus braços curtos. Esse é o menor dos seus problemas.

Com isso, saio para encontrar o meu amável e leal vira-lata.



Brad está me esperando na calçada quando estaciono no Aon Center em meu novo carro usado.

— O que houve? O BMW está na oficina? — Ele me dá um beijo rápido no rosto e prende o cinto de segurança.

— Não. Troquei.

— Você está brincando. Por isso aqui?

— E uma parte em dinheiro, que eu estava precisando. E também parecia errado dirigir um carro como aquele quando a maioria das famílias com quem trabalho nem carro tem.

Ele assobia.

— Você está comprometida com esse emprego.

— Pois é, mas confesso que estou bem animada com as próximas duas semanas de folga. Estou oficialmente em recesso escolar.

Ele solta um gemido.

— Eu quero o seu emprego.

Dou risada.

— Realmente, eu dei muita sorte. As crianças são incríveis. Mas estou preocupada com a Sanquita. Ela não me pareceu bem esses dias. Já está no quarto mês de gestação e mal dá pra dizer que está grávida. Ela se consulta com o médico que estiver de plantão do Departamento de Saúde do Condado de Cook, mas geralmente é um clínico geral, sem especialidade em doenças do rim. Eu marquei uma consulta para ela com a dra. Chan, do Centro Médico da Universidade de Chicago. Parece que é uma das melhores nefrologistas do país.

— E quais são as novidades com o psicopata?

— O Peter? — Deixo escapar um suspiro. — Estive com ele hoje de manhã. Ele é extremamente inteligente, mas parece que não consigo estabelecer uma relação com ele.

— Ainda fala com o psiquiatra dele?

Abro um sorriso.

— Sim. E isso é um privilégio. O Garrett é um homem admirável. Ele é tão sábio e qualificado, e mesmo assim é totalmente acessível. A gente conversa sobre o Peter, mas depois acaba falando sobre a nossa família e os nossos sonhos. Eu até contei a ele sobre os desejos da minha mãe.

— Você gosta desse cara.

Se eu não soubesse das coisas, diria que Brad está com ciúme, mas isso é loucura.

— Eu adoro o dr. Taylor. Ele é viúvo. A esposa morreu de câncer no pâncreas faz três anos.

Cubro a boca e dou um bocejo.

— Cansada? — Brad me pergunta.

— Exausta. Não sei o que há de errado comigo ultimamente. — *Exceto pelo fato de que talvez eu esteja grávida!* Eu me viro para ele. — Alguma novidade da Jenna?

Ele olha pela janela.

— Nada.

Aperto de leve o braço dele. Que mulher tola.



O cheiro de serragem de madeira e pelo de animais nos ataca quando passamos pelas portas do Abrigo de Animais de Chicago. Uma mulher de cabelos grisalhos usando calça jeans e camisa de flanela caminha lentamente em nossa direção, balançando os braços a cada passo.

— Sejam bem-vindos ao AAC — diz ela. — Meu nome é Gillian, sou uma das voluntárias. O que traz vocês aqui hoje?

— Fui aprovada para adotar um animal — respondo por cima de latidos ao fundo. — Estou aqui para encontrar o meu cachorro.

Gillian aponta com um dedo atarracado para uma parte fechada com portões.

— Nossos animais registrados ficam naquela área. São os cães com pedigree e documentos. Eles geralmente vão embora logo. Um belo cão d'água português chegou ontem à noite. Claro que não vai ficar muito tempo aqui. Desde que a família Obama escolheu o Bo, essa raça é muito procurada.

— Estou querendo mesmo um vira-lata — digo.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Sério? — Gira e faz sinal com o braço para acompanhá-la. — Vira-latas são o máximo. O único problema é que não se sabe o histórico familiar do animal. Não temos ideia do temperamento nem das chances que ele tem de contrair doenças, com base na genética.

Mais ou menos como eu.

— Vou arriscar.

Levo menos de dez minutos para encontrá-lo. Dentro de uma jaula de metal, um cãozinho peludo me encara com olhinhos de grãos de café ao mesmo tempo suplicantes e amigáveis.

— Oi, menino! — Eu puxo a manga do casaco de Brad. — Conheça o meu novo cachorro.

Gillian abre a gaiola.

— Ei, Rudy.

Rudy vai correndo para o chão de cimento, abanando o rabo enquanto nos cheira. Ele ergue o olhar para Brad e depois para mim, como se estivesse analisando seus futuros pais.

Eu o ergo e ele se contorce em meus braços. Rudy lambe as minhas bochechas e dou uma risada cheia de alegria.

— Ele gosta de você — diz Brad, coçando as orelhas do cachorro.
— É adorável.

— Não é? — Gillian concorda. — O Rudy tem um ano e meio, já é adulto. Minha aposta é que ele é uma mistura de bichon frisé e cocker, com uma pitadinha de poodle para completar a receita.

Seja como for, o produto final é delicioso. Eu acaricio os pelos macios.

— Por que alguém se livraria de um cãozinho como este?

— Você ficaria surpresa com os motivos. Geralmente é por causa de mudança, ou de um bebê recém-nascido, ou de algum problema de temperamento. Se me lembro bem, a dona do Rudy ia se casar com alguém que não queria um bicho de estimação.

Sinto como se eu e Rudy fôssemos uma dupla perfeita: dois viralatas desabrigados que acabaram de perder as pessoas que amavam... ou que achavam que amavam.

Enquanto preencho o cheque para pagar pelo meu novo cachorrinho e seus acessórios, Brad analisa um panfleto sobre o abrigo.

— Veja — ele me diz. — O AAC tem o compromisso de pôr fim ao sofrimento animal e erradicar a matança de animais de rua, maltratados e negligenciados em áreas urbanas como Chicago.

— Muito bom — comento, anotando a data no cheque.

Batendo com o dedo, Brad aponta para uma foto no panfleto.

— Gillian, vocês têm cavalos para adoção?

Ergo a caneta e estreito os olhos para ele.

— Certamente — diz ela. — O que você está procurando?

Ele ergue os ombros.

— Não tenho a mínima ideia. Me fale o que você tem para oferecer.

— Estão pensando em um cavalo para vocês ou para seus filhos?
— quer saber Gillian, folheando um fichário preso com três anéis metálicos.

— Não importa, Gillian — digo. — Não vamos adotar um cavalo.

— É para a gente — Brad responde. — Pelo menos por enquanto.

Por um instante doce e fugaz, imagino uma criança — meu filho — andando a cavalo. Mas isso são anos à frente.

— Precisamos conversar sobre isso — digo para Brad. — Eu não tenho como cuidar de um cavalo.

— Aqui está. — Gillian coloca o fichário na nossa frente e bate uma unha lascada em cima de uma foto. — Esta é a Lady Lulu. Castrada, puro-sangue, de quinze anos. Ela foi uma égua de corrida, mas agora está com alguns problemas de artrite e outras coisas, então o dono não quer mais ficar com ela. — Gillian mantém os olhos em Brad, obviamente sentindo que ele é o único com algum interesse. — Lulu seria perfeita para lazer ou passeios leves. E ela é uma doçura, parece um bebê. Vocês podem ir vê-la, se quiserem.

Eu retiro o cheque do talão e entrego a ela.

— Obrigada, Gillian. Vamos pensar no assunto.

— Ela está em um estábulo em Marengo, na Fazenda Paddock. Vocês realmente deviam ir conhecê-la. Ela é um animal especial.



Saímos no sentido norte na State Street, com Rudy no banco de trás do carro, preso em sua gaiola. Ele espia para fora do carro como se fosse uma criancinha enxerida, hipnotizado pelo trânsito cheio de carros buzinando, pela multidão que entra e sai apressada das lojas, pelas luzes de Natal piscando nos galhos das árvores. Olho de relance para trás e estico a mão até a gaiola.

— Você está bem aí, docinho? — pergunto. — A mamãe está aqui.

Brad se vira.

— Aguenta aí, Rudy. Estaremos em casa logo.

Parecemos pais orgulhosos, levando o filho recém-nascido para casa do hospital. Dentro das fronteiras escuras do carro, eu abro um sorriso.

— Sobre o cavalo... — diz Brad, me trazendo de volta à realidade.

— Sim, o cavalo. Acho que eu devia ser dispensada dessa meta.

— O quê? — ele me pergunta. — Você não quer um cavalo?

— Sou uma pessoa urbana, Midar. Eu amo Chicago. E o que me mata é que a minha mãe sabia disso. Por que ela manteria uma meta absurda dessas na minha lista?

— Muito legal. Você vai deixar a Lady Lulu acabar sendo usada para fazer cola?

— Pare com isso. Estou falando sério. Até fiz alguns telefonemas perguntando sobre a manutenção de um cavalo. Custa uma fortuna: a alimentação, os suplementos, os cuidados. O valor chega a ser mais alto que a hipoteca mensal da maioria das pessoas. Você faz ideia do que a Casa Joshua poderia fazer com esse dinheiro?

— Entendo seu argumento. É mesmo um pouco de desperdício, mas não vai quebrar a banca, B.B. Você acabou de vender o carro. Tem dinheiro agora.

— Não, não tenho! Aquele dinheiro é para o Pohlonski. As economias da minha poupança estão desaparecendo a olhos vistos.

— Mas isso é temporário. Assim que você receber a sua herança...

— Se eu receber a minha herança! Sabe-se lá quando isso vai acontecer. Não tenho como realizar todas essas metas em um ano.

— Tudo bem, vamos nos concentrar em uma apenas. É possível que você consiga o cavalo, certo?

— Mas eu não tenho tempo. O lugar mais próximo que encontrei para o cavalo ficar é a uma hora de distância daqui.

Brad olha fixamente pelo vidro da frente.

— Eu acho que devemos confiar na sua mãe. Até agora ela não nos decepcionou.

— Essa meta não diz respeito somente a mim. Envolve um animal, e não tenho tempo de cuidar dele. Eu não vou fazer isso. Um cachorro é uma coisa, mas um cavalo é completamente diferente.

Ele concorda com a cabeça.

— Tudo bem, então. Vamos simplesmente mandar essa meta ir pastar por enquanto. Vamos dar um tempo para que você refreie os seus medos. Eu não quero ser um cara que fica relinchando.

Eu reviro os olhos, mas é bom ouvi-lo dando risada novamente.

— Pare de bobagem ou vou acabar dando um coice em você — digo, incapaz de resistir à sua brincadeira.

— Essa foi boa! — Ele levanta a mão para me cumprimentar com um “toça aqui”. — Você tem um bom senso de humor equino.

— Você é um cavalo mesmo — digo, tentando manter uma expressão séria no rosto.

— Ah, pode sair do alto das suas ferraduras — diz ele, para terminar o jogo.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Você é um tremendo de um perdedor.



Brad carrega Rudy pela entrada da casa da minha mãe como se o cachorro fosse a sua noiva. Com a outra mão, ele arrasta um saco com suprimentos caninos para o hall de entrada enquanto eu acendo as luzes e depois as luzinhas da minha árvore de Natal. Cheirando a pinho, o ambiente reluz com o brilho etéreo das luzes coloridas.

— Este lugar é lindo — ele diz, colocando o cachorro no chão.

Sem perder tempo, Rudy corre todo animado até a árvore, cheirando as embalagens vermelhas e brilhantes debaixo dela.

— Vem aqui, Rudy. Vamos dar comida pra você.

Brad enche o recipiente de água e eu esvazio o saco de ração dentro da tigela do cachorro. Nós nos movemos na cozinha como se

fôssemos Fred e Ginger, cada um com seu dever coreografado. Enquanto ele seca as mãos em um pano de prato felpudo, eu enxáguo as minhas na pia da cozinha. Fecho a torneira e ele me entrega o pano de prato.

— Que tal uma taça de vinho? — pergunto.

— Eu adoraria.

Procuro uma garrafa de pinot noir e percebo os olhos de Brad vagando pela cozinha como um comprador em potencial.

— Já pensou alguma vez em comprar isso aqui? — ele diz.

— A casa? Eu amo este lugar, mas esta casa é da minha mãe.

— Mais um motivo para mantê-la. — Ele se apoia na bancada no centro da cozinha. — Para mim, esta casa é a sua cara, se é que isso faz algum sentido.

Torço o saca-rolhas.

— Você acha mesmo?

— Acho. Ela é elegante e sofisticada, mas também tem um lado amigável e suave.

Mel percorre minhas veias.

— Obrigada.

— Você devia pensar nisso.

Pego uma taça de vinho no armário.

— Eu nem sei se poderia pagar por este lugar. Eu teria de comprar a parte dos meus irmãos, você sabe.

— É claro que você pode pagar. Assim que receber sua herança.

— Você está esquecendo que preciso me apaixonar e ter filhos. O amor da minha vida pode não gostar de morar na casa da minha mãe.

— Ele vai amar este lugar. E tem um parque descendo a rua, perfeito para os seus filhos.

Brad diz isso com tanta certeza que quase acredito. Eu lhe entrego o seu vinho.

— Minha mãe em algum momento chegou a dizer por que queria que meus irmãos e eu mantivéssemos a casa no primeiro ano depois da morte dela?

— Não, mas o meu palpite é que ela sabia que você precisaria de um lugar para ficar.

— É, esse é o meu palpite também.

— E ela provavelmente imaginou que, o lugar sendo tão agradável, você nunca ia querer sair daqui. — Ele gira a taça de vinho. — E por isso ela incluiu a cláusula dos trinta dias. Ela não queria que você se sentisse confortável demais.

— Espera... o quê?

— Aquela cláusula no testamento. Ninguém pode ficar aqui por mais de trinta dias consecutivos. Lembra?

— Não — digo com honestidade. — Quer dizer que eu tenho que procurar outro lugar para morar?

— É. Está no testamento. Você tem a sua cópia, não tem?

Agarro a cabeça com as duas mãos.

— Acabei de comprar um cachorro! Você tem noção de como é difícil achar um lugar que aceite animais? E os meus móveis! Doe tudo para a Casa Joshua. Eu não tenho dinheiro...

— Ei, ei. — Ele põe a taça de lado e me segura pelos pulsos. — Vai dar tudo certo. Olha só, você passou a noite na Casa Joshua na semana passada, então, tecnicamente, o tempo está começando a correr agora. Você tem bastante tempo para achar um lugar.

Puxo os pulsos para soltá-los.

— Vamos voltar um pouco... Você está me dizendo que, por não terem sido dias consecutivos, tecnicamente só estou aqui há seis dias?

— Isso mesmo.

— Então, se eu tirar uma ou duas noites por mês para dormir fora, como quando estou na Casa Joshua, nunca vou ultrapassar o limite máximo?

— Hum, eu não acho que...

Abro um sorriso de vitória.

— Isso quer dizer que posso ficar aqui indefinidamente. Problema resolvido!

Antes que ele tenha tempo de discutir, ergo minha taça de água.

— Saúde!

— Saúde — diz ele, batendo de leve a taça na minha. — Sem vinho hoje?

— Não estou tomando bebidas alcoólicas ultimamente.

A taça dele está quase junto aos lábios quando ele a abaixa.

— Mais cedo você disse que andava exausta ultimamente, certo?

— Arrã.

— E você não está bebendo nada alcoólico?

— Foi o que eu disse, Einstein.

— Minha nossa. Você está grávida!

Eu dou risada.

— Acho que sim! Comprei um teste de gravidez, mas estou com medo de fazer. Vou esperar até depois das festas.

— Você tem medo que o resultado seja positivo.

— Não! Tenho medo que seja negativo! Eu ficaria arrasada. — Ergo o olhar para ele. — Não é exatamente como imaginei que seria, sendo solteira e tudo o mais. Vou deixar o Andrew decidir se quer ou não fazer parte da vida da criança. E não vou pedir pensão. Afinal, esse sonho é meu. Vou criar o meu bebê e...

— Ei, ei, ei! Calma, B.B. Você está falando como se fosse uma coisa certa. Cuidado para não colocar o carro na frente dos cavalos.

— Pare com esses trocadilhos bobos com cavalos.

Ele me segura a uma pequena distância.

— Estou falando sério, Brett. Eu te conheço, você está ficando animada. Até ter certeza, melhor dar uma freada.

— Tarde demais — digo. — Estou pra lá de animada. Pela primeira vez desde o diagnóstico da minha mãe, eu sinto pura alegria.



Levamos nossa bebida para a sala de estar, onde Rudy está esparramado na frente da lareira. Brad puxa um envelope do bolso traseiro da calça antes de se sentar no sofá. Meta número seis.

— Vamos ouvir o que a sua mãe tem a dizer sobre o Rudy?

— Por favor.

Eu me sento em uma poltrona, colocando um pé embaixo de mim.

Ele dá um tapinha no bolso da camisa.

— Droga, não estou com meus óculos.

Eu então me levanto e vou buscar os óculos de leitura da minha mãe, na escrivaninha dela.

— Toma — digo, entregando-lhe um par de óculos com armação fúcsia e lavanda.

Ele faz cara feia para a armação berrante, mas os coloca mesmo assim.

Ao vê-lo com os óculos espalhafatosos e femininos, fico histérica.

— Ai, meu Deus! — exclamo, apontando para ele. — Você está hilário!

Ele me agarra e me joga no sofá, me prendendo com um golpe de braço.

— Você está achando engraçado, é? — Brad esfrega o nó dos dedos no topo da minha cabeça.

— Para! — peço, entre ataques de riso.

Por fim nos tranquilizamos, mas, com nossa brincadeira, acabei ficando ao lado dele no sofá, e seu braço ainda está envolto em meu pescoço. Uma mulher melhor se afastaria. Afinal, ele está só dando um tempo no namoro. Mas eu? Fico exatamente onde estou.

— Muito bem — diz ele. — Comporte-se.

Com a mão direita, ele chacoalha a carta e consegue desdobrá-la.

Aninhada ao lado dele, faço que sim com a cabeça.

— Tá bom, vovó, pode ler.

Ele rosna para mim, mas começa a leitura.

Parabéns pelo seu novo cachorro, querida! Estou tão animada por você! Você adorava animais quando era criança, mas deve ter escondido essa paixão em algum momento de sua vida adulta. Não sei ao certo por quê, embora tenha minhas suspeitas.

— O Andrew tinha mania de limpeza. Ela sabia disso.

Você se lembra daquele collie de rua que fez amizade conosco na época em que morávamos em Rogers Park? Você lhe deu o nome de Leroy e nos implorou para ficar com ele. É bem provável que você não saiba, mas eu lutei por isso também. Supliquei ao Charles que deixasse você ficar com o Leroy, mas ele foi um tanto quanto implicante. Ele não podia tolerar um animal na casa. Disse que era muito fedido.

Arranco a carta das mãos do Brad e releio as duas últimas frases.

— Talvez eu realmente tenha escolhido alguém igualzinho ao Charles, na esperança de fazer com que ele me amasse.

Brad aperta de leve o meu ombro.

— Mas você percebe isso agora. Você nunca vai precisar agradar Charles Bohlinger ou qualquer outro homem para provar que pode ser amada.

Absorvo o significado das palavras dele.

— É. O segredo da minha mãe me libertou. Se ao menos ela tivesse me contado antes...

Tome conta de seu vira-lata — é um vira-lata, não é? Você vai deixar que seu cãozinho durma lá em cima? Se for, sugiro que retire o edredom de plumas, pois sai muito caro mandar lavá-lo a seco.

Vá criar recordações com o seu cãozinho, meu amor.

Sua mãe

Eu tomo a carta das mãos de Brad e a releio rapidamente.

— Ela sabe que estou morando na casa dela. Como ela saberia disso?

— Não sei. Talvez ela tenha ligado os pontos.

— Ligado os pontos?

— O Andrew não queria um cachorro, então, se você tem um agora, não está mais morando com ele. Se você não está morando com o Andrew, o local lógico para onde você iria é bem aqui.

Eu me viro para ele.

— Viu? Ela quer que eu fique aqui. Aquela cláusula de trinta dias deve ter sido um erro.

Minha voz está carregada de certeza, mas por dentro eu me pergunto se estou me enganando.



Eu e Brad estamos reclinados preguiçosamente no sofá, com os pés aquecidos pelas meias e apoiados na mesinha de centro à nossa frente, enquanto os créditos de *Natal branco* rolam na tela da TV. Brad vira o último gole de seu vinho e dá uma olhada no relógio.

— Nossa, é melhor eu ir. — Ele fica em pé e se alonga. — Eu disse à minha mãe que começaríamos cedo amanhã. Só faltam dois dias para o Natal e ela está me esperando para ajudar na decoração da árvore.

Em uma casa de tijolos colonial em Champaign, ele e os pais vão passar o Natal aos trancos e barrancos, fingindo não notar que um membro da família não está presente, tal como eu farei.

— Antes de ir embora, você precisa abrir o seu presente de Natal.

— Ah, não precisava ter comprado nada para mim. — Ele faz um sinal de dispensa com a mão. — Mas, já que comprou, vamos ver logo. Vai! Anda logo!

Procuro a caixa retangular que está debaixo da árvore. Quando ele abre o pacote, fica encarando o presente. Por fim, tira o barco de

madeira de dentro da caixa.

— Que lindo.

— Achei que era um presente apropriado, com você estando no leme do meu barco salva-vidas e tal.

— Muito bem pensado. — Ele me dá um beijo na testa. — Mas você é a capitã do seu próprio navio, Brett — ele me diz baixinho. — Sou só um membro da tripulação. — Então se vira. — Espere aí.

Ele vai até o armário do hall de entrada e depois volta caminhando descontraidamente para o sofá, carregando uma minúscula caixa prateada.

— Para você.

Dentro da caixa, sobre uma camada de veludo vermelho, está um amuleto de ouro: um paraquedas em miniatura.

— Para que você sempre tenha uma aterrissagem segura.

Passo o dedo no amuleto.

— É perfeito. Obrigada, Brad. E obrigada por estar aqui nestes últimos três meses. Estou falando sério. Eu não teria conseguido fazer nada disso sem você.

Ele desgrenha meus cabelos com a mão, mas seus olhos estão com um ar melancólico.

— Teria conseguido sim, mas estou feliz por você ter me permitido participar dessa jornada.

Sem dar nenhum sinal, ele se inclina e me beija. É um beijo lento, mais deliberado que nossos costumeiros beijinhos no rosto, e fico sem fôlego. Com dificuldade, eu me ponho de pé. Ele bebeu demais, e seria perigoso para nós dois, com nosso coração partido e vulnerável, ficar juntos hoje à noite. Vamos caminhando até o hall de entrada e pego o casaco dele do armário.

— Feliz Natal — digo, tentando soar casual. — Prometa que vai me ligar no minuto em que tiver notícias do meu pai.

— Prometo.

Mas, em vez de pegar seu casaco, ele fica me contemplando. Sempre muito gentil, estica a mão e faz um carinho em meu rosto com o nó dos dedos. Os olhos dele estão carinhosos e, por impulso, dou um beijo em sua bochecha.

— Eu quero que você seja feliz.

— Desejo o mesmo para você — ele me diz em um sussurro, e dá mais um passo para perto de mim. Sinto um friozinho na barriga e tento ignorar a aproximação. O Brad está apaixonado pela Jenna. Ele alisa os meus cabelos e seus olhos percorrem o meu rosto, como se ele estivesse me vendo pela primeira vez. — Vem aqui — diz ele, com a voz rouca.

Meu coração martela no peito. *Não arruíne esta amizade. Ele está solitário. Está magoado. Está sentindo falta da Jenna.*

Silenciando totalmente a razão, eu me atiro em seus braços.

Brad me envolve e eu o ouço inspirar, como se estivesse inalando cada pedacinho de mim. Ele pressiona o corpo contra o meu, e sinto seu calor, sua dureza, sua força. Fecho os olhos e deslizo o nariz em seu peito. Ele cheira a pinho, e posso sentir as batidas do seu coração. Eu me aproximo mais dele, incapaz de ignorar a paixão que começa a arder em mim. Brad entrelaça os dedos nos meus cabelos, e sinto seus lábios na minha orelha, no meu pescoço. Ah, meu Deus, fazia tanto tempo que eu não era beijada assim. Lentamente, ergo o rosto de encontro ao dele. Seus olhos, pesados de paixão, se fecham e ele abaixa os lábios na direção dos meus. Sua boca é cálida, úmida e deliciosa.

Reúno todas as minhas forças e o afasto com gentileza.

— Não, Brad — sussurro, meio que com a esperança de que ele não me ouça.

Eu desejo este homem, mas no momento isso é errado. Ele e a Jenna estão dando um tempo. E Brad precisa resolver as coisas entre eles antes de se envolver em um novo relacionamento.

Por fim, ele solta as mãos dos meus cabelos. Dando um passo para trás, esfrega o rosto com uma das mãos. Quando ergue o olhar, suas bochechas estão marcadas com manchas vermelhas — se é pelo calor da paixão ou pelo constrangimento, não sei ao certo.

— Não podemos fazer isso — digo. — É cedo demais.

Seus olhos parecem feridos, e ele me dá um sorriso triste. Com uma das mãos, puxa a minha cabeça na direção de seus lábios e me beija na testa.

— Por que você tem que ser tão malditamente prática? — ele me pergunta com uma voz franca, de um jeito tocante.

Abro um sorriso, mas meu coração dói.

— Boa noite, Brad.

Em pé na soleira de concreto, de meias, fico olhando até que a silhueta dele vire a esquina. Por mais difícil que tenha sido, sei que tomei a decisão certa. Brad não está pronto para um novo relacionamento.

Dou um passo para dentro e fecho a porta. Em vez da melancolia que me perseguia como uma sombra quando eu ficava sozinha no loft do Andrew, nesta noite sinto um lampejo de esperança. Embora o Brad talvez não esteja pronto para um novo amor, a paixão que ele instigou em mim me diz que talvez eu esteja. Eu me viro e vejo Rudy adormecido no tapete. Eu tenho um cachorro agora e, nesta mesma época no ano que vem, terei um bebê. Olho para baixo, para a minha barriga reta, me imaginando em alguns meses com roupas de gestante e estrias. Só de pensar nisso, fico tão cheia de alegria que meu coração quase explode.



A manhã de Natal chega e eu acordo com Rudy me cutucando as costelas com o focinho. Coço a cabeça dele.

— Feliz Natal, Rudy, meu garoto.

De imediato, uma lista mental se desdobra, revelando tudo que preciso preparar para o meu jantar em família. Minha barriga se contrai e vira uma bola apertada.

— Vamos, Rudy. Temos uma festa para preparar. — Eu me retorço com mais uma onda de cólica e me forço a ficar em pé. A dor é aliviada e visto o meu robe, mas, quando olho de relance para o lençol amarrotado, eu vejo...

Uma mancha vermelho-vivo.



Por um instante, minha mente se recusa a aceitar a verdade. Fico polhando para a mancha. Então minhas costelas se fundem e não consigo respirar. Eu me prostro de joelhos e enterro a cabeça nas mãos. A meu lado, Rudy late e enfia o focinho entre meus braços cruzados, mas não tenho nada para lhe dar agora. Estou vazia.

Depois de dez minutos de uma paralisia de dor e sofrimento, fico de pé num ímpeto e arranco os lençóis da cama. Lágrimas rolam por minha face, e solto gritos horríveis de lamento. O suor se acumula em meus cabelos. Faço uma bola com os lençóis e os enfio no cesto de roupa suja. Carregando o cesto junto ao quadril, abro com tudo as cortinas do quarto. Sou saudada por uma manhã de Natal perfeita como uma pintura de Norman Rockwell, mas não consigo apreciar a beleza do dia. Minha alma está tão vazia e seca quanto o meu útero.



Vou seguindo pelo dia de Natal como se estivesse anestesiada. Emma e Trevor ficam fascinados com meu novo cachorrinho, e os

três trazem muita diversão para os meus irmãos. Eu, porém, apenas observo inexpressiva, incapaz de ser afetada pela alegria, pelas risadas ou pela boa comida. Catherine se serve de uma pequena porção de cada prato sobre a mesa, enquanto os outros comem com voracidade. Eu remexo a comida no prato com indiferença.

A perda do meu filho imaginário ressuscita as lembranças da morte da minha mãe, e novamente sinto o pesar por ela. Pela terceira vez, eu me tranco no banheiro de cima. Estou curvada sobre a pia, jogando água fria no rosto, dizendo a mim mesma que ficarei bem.

Eu queria o bebê. Tinha certeza de que estava grávida. E a minha mãe... ela deveria estar aqui, droga! Ela, que sempre amou o período de festas, merecia mais um Natal.

No ano passado, fizemos as celebrações de costume, ignorantes do destino que nos esperava no ano seguinte. Se eu soubesse que seria o último Natal dela, teria lhe dado algo especial, algo que tocasse o seu coração. Em vez disso, comprei um grill para panini da Williams-Sonoma, e mesmo assim o rosto dela se iluminou de alegria, como se fosse exatamente o presente que estava esperando. Ela me puxou para um abraço naquela manhã e me disse, em um sussurro:

— Você me faz feliz, minha filha querida.

Todas as lágrimas não derramadas do meu peito de repente começam a sair. Vou deslizando até o chão do banheiro, soluçando e chorando. Preciso muito do amor da minha mãe hoje. Eu lhe contaria sobre o neto que esperava lhe dar. Ela me acalmaria e garantiria que ainda há esperança.

— Brett — Joad me chama, batendo à porta. — Ei, Brett. Você está aí?

Ergo a cabeça e inspiro.

— Arrã.

— Telefone pra você.

Eu me levanto do piso frio e assoo o nariz, me perguntando quem é. Eu e a Carrie conversamos durante vinte minutos na noite passada. Provavelmente é o Brad, me ligando mais uma vez para ver como estou e para novamente pedir desculpas por seu

comportamento “lascivo”. Abro a porta do banheiro e desço a passos pesados pelo corredor. Trevor me encontra no meio do caminho, ainda na escada, e me entrega o telefone.

— Alô — digo, acariciando a cabeça do meu sobrinho antes que ele comece a descer pulando nos degraus.

— Brett? — pergunta uma voz desconhecida.

— Sim.

O silêncio enche o ar, e eu me pergunto se a ligação caiu.

— Alô? — repito.

Por fim ele fala, com a voz carregada de emoção.

— Aqui quem fala é John Manson.



Volto correndo pela escada e entro no quarto da minha mãe. Fecho a porta atrás de mim e afundo no chão, com as costas apoiadas na porta.

— Oi, John — digo quando finalmente encontro a minha voz. — Feliz Natal.

Ele ri um pouco, um som baixo e doce.

— Feliz Natal para você também.

— Você deve achar tudo isso muito estranho — digo. — Eu mesma ainda estou começando a me acostumar, e encontrei o diário faz dois meses.

— Sim, mas também é muito legal. Eu gostaria que a Elizabeth tivesse entrado em contato comigo, mas entendo por que ela não fez isso.

Entende mesmo?, quero lhe perguntar. Porque eu adoraria saber. Contudo, essa conversa pode esperar um outro momento — um momento em que estejamos sentados um na frente do outro, de mãos dadas, ou aninhados em um sofá, ele com o braço em volta do meu ombro.

— Onde você mora?

— Em Seattle. Tenho uma pequena loja de instrumentos musicais aqui, a Manson Music. Eu até toco violão lá algumas vezes por mês.

Não consigo parar de sorrir, visualizando esse homem maravilhoso e musical que é o meu pai.

— Me conte mais. Eu quero saber tudo sobre você.

Ele dá risada.

— Farei isso, prometo, mas estou com um pouco de pressa agora...

— Desculpe — digo. — É Natal, não vou ficar prendendo você ao telefone. Mas adoraria te ver. Alguma chance de você vir até Chicago? Estou de folga no trabalho até depois do Ano-Novo.

Ele solta um suspiro.

— Eu também adoraria te ver, mas o momento não poderia ser pior. Eu tenho uma filha de doze anos. A mãe dela se mudou para Aspen faz um tempinho, e eu fiquei com a guarda.

— Eu tenho uma irmã? — O estranho é que, em todas as minhas fantasias de pai-e-filha, isso nunca me ocorreu. — Que incrível. Qual é o nome dela?

— Zoë. E ela é mesmo incrível. Mas tossiu o dia todo, receio que esteja resfriada. Viajar agora está fora de cogitação.

— Que pena. — Uma ideia me ocorre e, sem pensar, ponho-a para fora. — E se eu for até Seattle? Assim a Zoë não precisa viajar e...

— Agradeço a oferta, mas este não é o momento. — A voz dele está austera agora. — Eu preciso manter a Zoë longe das pessoas, apenas por precaução.

Imediatamente me dou conta do que está acontecendo. Meu pai está inventando desculpas. Ele não quer me ver. Ele não quer que sua jovem e impressionável filha saiba de seu vergonhoso segredo. Por que não previ isso?

— Tudo bem, fica para outra hora então. É melhor você voltar para a Zoë agora.

— Sim, é melhor mesmo. Mas, Brett, estou feliz em saber de você. Estou ansioso para conhecê-la pessoalmente, apenas não agora. Você me entende?

— É claro que sim — digo. — Mande lembranças à Zoë. Diga a ela que espero que se recupere logo.

Coloco o telefone ao meu lado. Finalmente encontrei o meu pai. E tenho uma meia-irmã, ainda por cima. Então... por que me sinto mais rejeitada do que nunca?



Todos os olhares se voltam para mim quando entro na sala a passos largos.

— Era o meu pai — digo, tentando parecer mais animada. — John Manson.

Shelley acorda da soneca que estava tirando.

— Como foi?

— Maravilhoso. Ele parece ser o máximo. Eu sinto que ele é bondoso.

— Onde ele mora? — quer saber Joad.

Afundo na frente da lareira e abraço os joelhos.

— Em Seattle. E ele ainda trabalha com música. Não é legal?

— Você fez planos para vê-lo? — Shelley pergunta.

Busco o rostinho de Rudy e coço o queixo dele.

— Ainda não, mas farei em breve.

— Convide-o para vir até Chicago — diz Jay. — Todos nós gostaríamos de conhecê-lo.

— Farei isso assim que a filha dele melhorar. Ela está um pouco resfriada. Vocês podem acreditar nisso? Eu tenho uma irmã!

Joad segura seu bloody mary no alto e ergue uma sobancelha.

— Ele tem uma família de verdade então?

Fico sem fôlego.

— Como assim, família *de verdade*?

— Eu só quis dizer...

— O que o Joad quis dizer — fala Catherine — é que ele tem uma família com quem ele mora, uma família que ele conhece.

Jay se aproxima furtivamente, sentando-se ao meu lado no chão, colocando uma das mãos no meu ombro.

— Você também é família de verdade para ele. Mas você precisa se preparar, mana. Vai ser diferente entre você e o Johnny, tentando estabelecer um vínculo agora, depois de trinta e quatro anos. Ele nunca ninou você pra dormir, nem ficou ao seu lado na cama quando você teve um pesadelo...

Nem se preocupou comigo quando eu estava resfriada.

Joad assente.

— Uma mulher no meu escritório teve um filho que ela entregou para adoção. Quando ele a procurou, dezenove anos depois, foi perturbador. Ela tinha dois filhos pequenos, e de repente aquele estranho queria ter acesso à vida deles. Ela não sentiu a mínima conexão com ele. — Ele balança a cabeça, como se estivesse tentando limpar de sua mente uma imagem de pesadelo. Então ele me olha. — Mas não vai ser assim com você.

Uma névoa espessa rola dentro do meu peito. O pai que eu estive procurando não quer me conhecer pessoalmente. Ele tem outra filha, uma filha *de verdade* que ele adora. E eu sou a doença contagiosa que ele teme que possa lhes causar dano. Será que a minha mãe previu isso? Foi por isso que ela nunca me falou sobre ele?



Às nove horas, estou em pé na porta da frente de casa, com os sapatos na mão, exausta e deprimida, me despedindo de meus irmãos. Joad e Catherine são os últimos a sair, mas, parado no hall de entrada, Joad parece hesitante. Ele se atrapalha com a chave do carro antes de entregá-la a Catherine.

— Vá ligando o carro, amor. Eu já vou.

Assim que ela sai, ele se vira para mim.

— Eu venho querendo lhe perguntar... Por quanto tempo mais você pretende morar aqui, na casa da mamãe?

O tom dele faz com que minha pulsação fique acelerada.

— Eu... eu não sei ao certo. Eu não tenho nenhum outro lugar para ir no momento.

Ele esfrega o queixo.

— A mamãe estipulou um máximo de trinta dias. Você está aqui desde o Dia de Ação de Graças, não é?

Fico olhando para ele, incrédula. Neste momento, todos os genes bons da minha mãe estão escondidos, e tudo que consigo ver é Charles Bohlinger.

— Sim, mas ela disse trinta dias *consecutivos*. Eu passo todas as segundas-feiras na Casa Joshua.

Ele não sorri com a boca, mas com os olhos, de um jeito zombeteiro que me faz sentir uma boba.

— E daí? Você acha que o calendário recomeça a cada semana?

É exatamente isso que eu penso, mas o sorriso forçado no rosto dele dá a entender que ele discorda.

— O que você quer que eu faça, Joad? Estou vivendo com o salário de professora. Eu não tenho nenhuma herança. E doei todos os meus móveis.

Ele joga as mãos para cima.

— Tá bom, tá bom. Esqueça. Eu achei que você, mais do que ninguém, ia querer seguir as regras da mamãe. Fique na casa o tempo que quiser. Por mim tanto faz. — Ele me dá um beijo estalado na bochecha. — Obrigado pelo ótimo dia. Te amo.

Bato a porta depois que ele sai, mas o sólido jacarandá é tão pesado que ela não fecha. Vou marchando até a sala de estar, então dou meia-volta e arremesso os sapatos contra a porta.

— Maldito seja você, Joad!

Rudy vem correndo de seu tapete em minha direção. Eu caio na frente dele.

— E você... — digo, enfiando o nariz entre seus pelos. — Graças a você, temos que encontrar um lugar que aceite vira-latas velhos e sujos. O que vamos fazer?



Emocionalmente esgotada, não quero nada além de afundar debaixo dos suntuosos lençóis da minha mãe e ser carregada para o mundo dos sonhos. Em vez disso, estou acordada às três da manhã, com a mente se revezando entre pensamentos sobre o meu pai, sobre o meu útero sem filhos e sobre o alerta dos meus irmãos. O amor instantâneo que senti por minha meia-irmã desapareceu, deixando em seu rastro uma perturbadora onda de ciúme e autodepreciação.

Rolo para o lado e penso em Joad. Suas palavras, sua acusação, ficam se repetindo em minha mente, até que finalmente jogo as cobertas para o lado e desço arrastando os pés pela escada. Acho o meu laptop em cima do balcão da cozinha.

Dentro de dez minutos, fica dolorosamente aparente que a minha renda insuficiente e meu amigo peludo serão obstáculos significativos para que eu encontre um novo lugar para morar. Depois de explorar páginas mostrando aluguéis de lugares elegantes que comeriam todo o meu salário, inspiro fundo e refaço a minha pesquisa. Eu consigo viver sem um segundo quarto, mas os preços de imóveis com um só quarto ainda são altos. Há apenas uma solução: preciso me mudar para o sul. Os desejados bairros do lado nordeste, onde passei minha vida inteira, são simplesmente caros demais. Que importa se todas as pessoas do meu mundo moram ao norte do Loop?

Aperto ENTER e me dou conta de que estava certa. Os aluguéis ao sul do Loop são muito, mas muito mais baratos... porém *ainda assim* não são baratos o suficiente para alguém que apenas começou a trabalhar como professora. Sem mergulhar em meu fundo de aposentadoria ou dividir um lugar com um monte de estranhos, minha única opção seria morar ao sul da Eisenhower Expressway — uma área em que nunca imaginei morar.

Eu não posso fazer isso! Não posso morar em uma área estranha para mim, assolada pelo crime e pela corrupção. Mais uma vez fico pasma. Que diabos minha mãe tinha na cabeça?



O sol coroa o horizonte quando, com os olhos vermelhos e despenteada, pego Sanquita na Casa Joshua para sua consulta com a dra. Chan. É uma manhã gélida, o tipo de manhã que você lembra mais pelo som do que pela vista — neve sendo esmagada sob as botas, placas de gelo rachando no lago Michigan, o zumbido de fornalhas sendo usadas sem parar. Sentada no banco do passageiro, Sanquita veste uma roupa de corrida de tecido aveludado e um casaco curto com um capuz de pelos falsos, esfregando as mãos sem luvas na frente da saída de ar quente.

— Segundo o *u.s. News & World Report* — eu lhe digo —, o Centro Médico da Universidade de Chicago tem um dos melhores programas de nefrologia do país.

Ela puxa o quebra-sol para baixo a fim de se proteger da luz do sol e se reclina, enfiando as mãos debaixo das pernas.

— Eu ainda não entendo por que você está fazendo isso. Você não tem coisa melhor pra fazer?

— Eu me importo com você. — Ela revira os olhos, mas continuo falando. — Eu sei que você não quer ouvir isso, e sei que você não confia em mim, mas essa é a mais pura verdade. E, quando você se importa com alguém, é natural que ajude essa pessoa.

— Só que eu realmente não preciso da sua ajuda. Assim que o bebê nascer, vou ficar melhor.

— Eu sei — digo, desejando acreditar em minhas palavras. Mas não acredito.

Ela parece pálida sob a implacável luz matinal e, a julgar por sua barriga, não está ganhando peso suficiente.

— Você já escolheu o nome do bebê? — pergunto, na esperança de deixar o clima mais leve.

— Arrã — diz ela, coçando as pernas com ambas as mãos. — Vou dar o nome do meu irmão mais novo.

— Seu irmão deve ser um cara especial.

— Ele era. Inteligente também.

— Era? — pergunto baixinho.

— Ele morreu.

— Ah, florzinha, eu sinto muito.

Sei o suficiente para não fazer mais perguntas. Assim que as coisas entram no campo pessoal, Sanquita se fecha. Nós seguimos a viagem em silêncio por mais um minuto quando, para minha surpresa, ela continua.

— Eu estava no sexto ano. O Deonte e o Austin eram as únicas crianças em casa. O resto tinha ido pra escola. Eles ficaram com fome. O Deonte subiu no balcão. Ele queria pegar uma caixa de cereal.

Sinto um arrepio nos braços e quero pedir que ela pare. Dessa vez, eu não quero ouvir o que acontece em seguida.

Ela fica olhando pela janela do lado do passageiro.

— Ele não sabia que o fogão estava ligado. Seu pijama pegou fogo. O Austin tentou ajudar, mas não conseguiu fazer nada. — Ela balança a cabeça, com os olhos focados no horizonte. — Eu tenho raiva da minha mãe desde essa época. As pessoas do governo disseram que não era culpa dela, mas eu sei por que ela não acordou quando os meus irmãos gritaram. Quando cheguei em casa, joguei tudo na privada e dei descarga. De jeito nenhum que iríamos para um orfanato. Às vezes eu me pergunto por que fiz aquilo.

Sinto minhas entranhas se apertarem. Maconha? Cocaína? Anfetamina? Eu não pergunto. Estendo a mão e a coloco

delicadamente no braço dela.

— Eu sinto muito, florzinha. Deonte vai continuar vivo por meio do seu bebê. É muita consideração sua.

Ela olha para mim.

— Ah, não. Não vou dar o nome de Deonte ao meu bebê. Ele vai chamar Austin. Ele nunca mais foi o mesmo depois daquele dia. Minha mãe fez ele acreditar que tudo tinha sido culpa dele. Ele se tornou calado mesmo. Tinha todos os tipos de problemas. Parou de ir à escola quando tinha catorze anos. E uns dois anos atrás ele se matou com a pistola do meu tio. Depois de ver o Deonte morrer, viver era difícil demais para ele.



Além das enfermeiras e da animada recepcionista sentada atrás de um painel de vidro, somos as primeiras a chegar ao consultório da dra. Chan. Sentada ao meu lado na vazia área da recepção, Sanquita termina de preencher a papelada.

— Sanquita Bell — chama a enfermeira por uma porta aberta.

Ela se põe de pé.

— Você vem?

Ergo o olhar da minha revista.

— Tudo bem, eu posso ficar aqui.

Ela morde o canto do lábio, mas não se mexe.

— Ou posso entrar, se você quiser. Você é quem sabe.

— Seria bom.

Mal posso acreditar. Ela quer que eu a acompanhe. Jogo de lado a revista. De maneira protetora, coloco uma mão no ombro dela e seguimos a enfermeira até a sala de exames.

Usando uma camisola de hospital, Sanquita está sentada na mesa de exames, um lençol cobrindo suas pernas magras. Com os cabelos presos para trás com um elástico e o rosto sem maquiagem, ela parece uma criança esperando para se consultar com o pediatra.

Ouvimos um gentil bater à porta, e a dra. Chan entra na sala. Ela se apresenta para Sanquita e se vira para mim.

— E você é...?

— Meu nome é Brett Bohlinger, sou professora da Sanquita... e amiga dela. A mãe dela mora em Detroit.

Ela assente, como se essa resposta vaga fosse o suficiente. Depois de um exame clínico minucioso e um conjunto exaustivo de perguntas, além da coleta de sangue para outros exames, a dra. Chan tira suas luvas de látex e fala para Sanquita se vestir.

— Encontro vocês do outro lado do corredor, na minha sala.



Estamos sentadas em frente à mesa da médica, e ela vai direto ao ponto.

— Você tem uma doença muito séria, Sanquita. E a gravidez acrescenta uma complicação significativa. A frágil condição dos seus rins fica ainda mais comprometida pelo estresse da gravidez. Quando os rins não funcionam direito, os níveis de potássio aumentam, como suspeito que seja o seu caso. Quando isso acontece, você corre o risco de ter uma parada cardíaca. — Ela folheia alguns papéis em sua mesa, e não consigo decidir se está se sentindo desconfortável ou impaciente com a situação. — Eu quero ver você de novo assim que receber os resultados do laboratório, mas o tempo é essencial. Sugiro que você aborte o feto o mais rápido possível.

— O quê? Não! — Sanquita se vira para mim como se eu a tivesse traído. — Não!

Pressiono de leve o braço dela e me viro para a médica.

— Ela está bem avançada no segundo trimestre, dra. Chan.

— Abortos com gravidez avançada são realizados quando a mãe está correndo risco de vida. E é o caso aqui.

Sanquita se põe de pé, obviamente pronta para deixar essa conversa para trás, mas eu permaneço sentada.

— Qual é o prognóstico se ela não abortar?

A médica olha diretamente para mim.

— Ela tem uma chance de cinquenta por cento. As chances do bebê são em torno de uns trinta por cento.

Ela não diz *de sobrevivência*. Não precisa.



Sanquita se senta e olha fixamente pelo vidro da frente do carro, com o rosto parecendo de granito.

— Eu não vou voltar. Não vou. Aquela mulher quer que eu mate o meu bebê. Isso não vai acontecer.

— Florzinha, não é o que ela quer, é o que ela acha melhor para você. Sua vida está em jogo. Entende?

— *Você* entende? — Ela me olha com ódio. — Você não tem filhos. Portanto não tem o direito de me dizer o que fazer!

Meu coração se estilhaça. A mancha de sangue vermelha volta à minha mente com toda a força. Eu me empenho para manter a respiração estável.

— Você está certa, eu sinto muito.

Ela fica olhando fixamente para o lado de fora da janela do passageiro, e seguimos em silêncio por muitos quilômetros.

Estamos quase na Carroll Avenue quando ela finalmente fala algo, com a voz tão baixa que mal consigo ouvi-la.

— Você queria ter filhos, não queria?

Ela diz isso como se fosse tarde demais, como se eu tivesse perdido minha janela de oportunidade. E, no mundo dela, uma mulher de trinta e quatro anos parece bem velha.

— Sim, eu queria... eu quero ter filhos.

Por fim, ela se vira para mim.

— Você teria sido uma boa mãe.

É ao mesmo tempo a coisa mais doce e mais cruel que ela poderia me dizer. Estendo a mão e aperto de leve a dela. Ela não se

afasta.

— Você também vai ser uma boa mãe, um dia, quando o seu problema de rim for resolvido, mas agora... eu só não quero perder você.

— Srta. Brett, você não vê? A minha vida não significa nada se eu não tiver o meu filho. Eu prefiro morrer do que matar esse bebê.

O tipo de amor *eu-morreria-por-você*. Sanquita o encontrou. E, como em todo amor obsessivo, ele pode matá-la.



São dez horas da manhã quando deixo Sanquita na Casa Joshua. Eu tinha planejado passar a manhã toda com ela, parar para tomar café e fazer compras para o bebê, mas o clima está longe de comemorativo, e nem sugiro que façamos algo.

Quando estou saindo da entrada de carros, avisto, espalhadas no banco de trás do carro, as páginas que eu imprimi em minha pesquisa por apartamentos durante a madrugada. Estaciono junto ao meio-fio e folheio os papéis, procurando a bela casa de tijolos que vi em Pilsen. Talvez eu passe com o carro por lá, só para vê-la. Então posso dizer ao Joad e ao Brad que estive procurando um lugar.

Folheio as páginas. Vejo os seis lugares em Little Italy, os quatro apartamentos na Cidade Universitária, mas não consigo encontrar a casa em Pilsen. Eu sei que a imprimi. Onde foi parar? No meu colo, as outras páginas parecem implorar minha atenção, como crianças negligenciadas. Que diabos... Eu estava pronta para começar, mas provavelmente não terei sucesso.

Tento me animar com a ideia de que vou estar mais perto do trabalho e da Casa Joshua, mas não funciona. As vizinhanças do lado Sul parecem funestas e depressivas... beiram o perigoso até. Fico um pouco mais animada quando entro no bairro ítalo-americano de Little Italy, com sua vibrante área de compras e alguns dos melhores restaurantes da cidade. Isso poderia dar certo. Procuro o

primeiro endereço com os dedos cruzados, mas, em vez de uma daquelas casas bonitinhas que eu tinha visto no vilarejo, o que tenho à minha frente é um prédio de blocos de cimento com a janela da frente fechada com tábuas, como se fosse um tapa-olho. Meu Deus, esse buraco não parece nem um pouco com a foto que vi na internet. Minha raiva só aumenta quando sigo para a Loomis Street, onde a placa de ALUGA-SE está perdida em um jardim entulhado de tudo, desde pneus de carro até uma tábua enferrujada de passar roupa. Era isso que a minha mãe tinha em mente? Não consigo decidir se estou magoada, ofendida ou enraivecida. Decido pelos três.



São cinco horas da tarde na véspera de Ano-Novo, e estou apoiada no peitoril da janela da casa de minha mãe, segurando apertado um saquinho de M&M's. Do lado de fora, o sol está perdendo a batalha com a lua enquanto a cidade se prepara para seu tumulto anual. Com Rudy enrolado aos meus pés, conto as novidades ao telefone para Carrie. Falo sobre a consulta de Sanquita e o interrogatório de Joad sobre a situação da minha moradia.

— E o Johnny me ligou de novo ontem à noite. Como de costume, ele só quis falar da Zoë. O resfriado dela piorou, ele está preocupado. Minha vontade era gritar: "Eu já entendi, não precisa se preocupar. Não vou aparecer aí na porta da sua casa".

— Não tire conclusões apressadas. Assim que a Zoë estiver melhor, ele vai poder se concentrar em você. acredite em mim, eu sei como é ter um filho doente. Eles viram o mundo da gente.

Começo a criticar, dizendo que é apenas um resfriado, pelo amor de Deus, mas paro. Sanquita estava certa. Eu não entendo. Eu não tenho filhos.

— Então, como vão as crianças? — pergunto.

— Ótimas. A Tayloe teve um recital de dança na quinta à noite. Vou lhe mandar o vídeo. Ela é a menina alta nos fundos

constantemente fora de ritmo, da mesma maneira que eu sempre fui.

Damos risada.

— O que você vai fazer hoje à noite? — ela me pergunta.

— Nada. O Jay e a Shelley estão em alguma festa chique. Eu me ofereci para cuidar das crianças, mas a Shelley contratou uma babá. Então aluguei todos os filmes antigos da Meg Ryan que consegui encontrar. — Vou andando até a pilha de DVD em cima da mesinha de centro. — Tenho *Sintonia de amor*, *Mensagem para você...* Quer vir até aqui? — brinco.

— Se tiver *Harry e Sally*, já estou aí.

— Foi o primeiro que peguei.

Damos mais risadas.

— Meu Deus, Bretel, como sinto a sua falta! Vamos a uma festa com alguns colegas de trabalho da Stella. Verdade seja dita, eu trocaria a minha noite pela sua. Às vezes eu invejo você.

— Não — digo, voltando para meu lugar na janela. — Não tem nada de invejável na minha vida. — Sinto minha garganta travar. — É depressivo ficar sozinha, Car. Eu desço a rua e vejo casais jovens, na maioria das vezes empurrando um carrinho de bebê, e me sinto tão velha. E se eu nunca encontrar alguém? E se eu nunca tiver filhos? Será que os filhos dos vizinhos vão passar correndo pela minha casa, com medo da velha louca que vive sozinha? — Pego um lençinho de papel e seco o nariz. — Meu Deus, será que vou morrer sozinha aqui, na casa da minha mãe?

— Não. Você não pode morar aí, lembra? É mais provável que morra sozinha em algum lugar alugado e pobre.

— Ah, que legal.

Carrie está rindo.

— Você vai ficar bem, Bretel. Você tem trinta e quatro anos, não noventa e quatro. E vai conhecer alguém. — Ela faz uma pausa. — Na verdade, estou achando que já conheceu.

— É mesmo? — Guardo o meu lençinho dentro do bolso. — E quem seria?

— O advogado da sua mãe.

Meu coração dá um salto.

— O Brad? De jeito nenhum.

— Você já pensou nisso alguma vez? E não minta pra mim.

Solto um suspiro e apanho mais um punhado de M&M's.

— Ok, talvez. — Eu lhe conto sobre a última vez em que o vi e a tentativa tímida dele de me seduzir. — Ele e a Jenna estão dando um tempo. Ele estava meio bêbado e se sentindo sozinho. Se tivéssemos ficado juntos, isso teria estragado tudo.

— Eles vão e voltam há meses, você mesma me contou. Olha só, estive pensando. Lembra que você ficou se perguntando por que a sua mãe contratou o Brad em vez daquele velho chato que trabalhou pra ela durante anos?

— Sim.

— Acho que ela estava armando pra você e o Brad ficarem juntos.

Eu me endireito.

— Você acha que ela queria que eu e o Brad ficássemos juntos?

— Acho.

Como uma explosão de luz solar dividindo um céu tempestuoso, de repente eu me sinto iluminada. Não consigo acreditar que não me dei conta disso antes. Minha mãe escolheu Brad Midar para administrar seu espólio, em vez do sr. Goldblatt, sabendo que nos apaixonaríamos. Ela orquestrou um relacionamento novo para mim, com um homem que ela conhecia e respeitava. O diário vermelho não foi o último presente dela para mim afinal!



Fico olhando para o telefone e, pela quadragésima vez, ensaio mentalmente o que vou dizer. Minhas mãos estão tremendo, mas também me sinto estranhamente calma. Não estou sozinha. Minha mãe está nisso comigo, posso sentir que sim. Passo o dedo no pequeno amuleto dourado, meu paraquedas, para garantir

aterrissagens suaves. Inspiro fundo e teclo os números no telefone. Ele atende no terceiro toque.

— Sou eu — digo.

— Oi. Como vão as coisas? — Ele parece sonolento, e eu o visualizo se espreguiçando e esticando a mão para pegar o relógio e ver as horas. Fico tentada a provocá-lo sobre a dupla de fracassados que somos, sozinhos na véspera do Ano-Novo, mas agora não é hora para brincadeiras. Engulo em seco.

— Você gostaria de ter companhia hoje à noite?

Não pode haver dúvidas no significado da minha mensagem. Ele não diz nada logo de cara, e meu coração naufraga no peito. Estou prestes a rir e lhe dizer que estava apenas brincando quando ouço sua voz, suave e cálida como uma taça de xerez em uma noite fria.

— Adoraria.



Como farinha peneirada, delicados flocos caem do céu. Eu viro à direita na Oakley e continuo descendo a rua silenciosa, iluminada com suavidade pelos postes de luz. Milagrosamente, encontro um lugar para estacionar a apenas uma quadra de distância do sobrado de Brad. Decido que isso é um bom presságio. Saio do carro e, como estou perto da casa dele, começo a caminhar rápido. Tudo está da maneira que deveria ser. Juntos, vamos realizar todas as metas, até a última — inclusive o temido cavalo. Até a minha falsa gravidez parece menos devastadora agora. Brad dará um excelente pai, muito melhor do que o Andrew poderia ser algum dia. Estou exultante agora, animada para começar meu ano novo, minha nova vida.

Paro quando entro na varanda da casa dele. E se meu palpite estiver errado, e o da Carrie também? Meu coração ressoa em minhas têmporas. Será que estou cometendo um erro? Antes que eu tenha tempo para repensar as coisas, a porta se abre e nossos olhares se encontram. Brad está vestindo calça jeans e camiseta. E

está tão bonito que eu quero jogar os braços em volta dele, mas não tenho tempo. Ele faz isso primeiro.

Ele chuta a porta atrás de nós e me encosta contra a parede. Minha respiração fica acelerada e minha cabeça gira. Consigo tirar o casaco e travo os braços ao redor do pescoço dele. Segurando o meu rosto com ambas as mãos, ele beija meu pescoço, meus lábios, e sua língua se junta à minha.

Brad está com um leve gosto de uísque e eu quero bebê-lo. Passo os dedos em seus cabelos. São espessos e macios, exatamente como imaginei. Suas mãos descem pelo meu corpo. Ele levanta meu suéter e seus dedos encontram minha pele nua. Meu corpo explode em arrepios.

Ele puxa meu suéter por cima da minha cabeça e desliza as mãos por baixo do meu sutiã, cobrindo meus seios.

— Ah, meu Deus — ele sussurra no meu pescoço. — Você é tão linda.

Estou pegando fogo. Abaixo a mão e, às cegas, fico tateando o fecho do cinto dele. Encontro a tira de couro e a puxo, soltando o cinto da calça. Então abro a calça jeans dele.

E, no outro aposento, escuto o telefone tocar.

Seu corpo fica rígido e seus dedos param em meus mamilos.

O telefone toca de novo.

Com todos os instintos que tenho, sei que é a Jenna. E sei que o Brad sabe disso também.

— Ignore o telefone — ele sussurra, massageando meus seios. Mas seus dedos estão desajeitados agora, como se tivessem perdido o ritmo ou o interesse.

Enterro a cabeça no peito dele e escuto o telefone tocar de novo. Por fim, suas mãos caem na lateral do corpo.

Uma sensação de mal-estar toma conta de mim. Eu sou uma tola mesmo. O que eu estava pensando? Eu me solto dele e cruzo os braços em cima do peito nu.

— Vai lá — digo. — Atenda o telefone.

Mas o aparelho para de tocar. Os únicos sons vêm do melancólico gemido do aquecedor e da respiração pesada de Brad. Ele está em pé na minha frente, com a calça desabotoada e a camiseta

amarrotada, passando a mão na nuca. Então estende a mão em minha direção, e não há como não entender a expressão pesada em seus olhos. É um olhar contemplativo e terno que diz que ele não quer me magoar. Um olhar que diz que o coração dele pertence a outra pessoa.

Tento fazer com que meus lábios formem um sorriso, mas os cantos se voltam para baixo, como se tivessem vontade própria.

— Ligue para ela — sussurro e me abaixo para pegar meu suéter.

Ouço Brad me chamando enquanto desço correndo os degraus da varanda. Chego à calçada e saio correndo, com medo de que o meu mundo desabe sob meus pés se eu parar de correr, mesmo que por um breve momento.



Felizmente, o feriado termina e volto a dar aulas. Quem pensaria que a minha vida poderia ser tão patética a ponto de eu preferir trabalhar a ter uma folga? Penduro minha bolsa em um dos ombros e a sacola de viagem no outro.

— Divirta-se na casa da tia Shelley, Rudy. Vejo você amanhã.

Estou na rua antes de o relógio marcar seis horas da manhã, mas o trânsito já é irritante. Mentalmente, revejo o longo dia que tenho pela frente. Por que diabos mantive o meu turno de segunda-feira à noite na Casa Joshua justamente no meu primeiro dia de volta ao trabalho? Mas verdade seja dita: provavelmente é melhor ficar no abrigo do que em casa lamentando o bebê que não existia, o novo amor que não existia e o pai que pode não existir.

Acendo as luzes e minha sala acorda de seu torpor. No peitoril da janela, avisto meus gerânios. As flores soltaram sementes e as folhas estão quebradiças e amareladas, mas conseguiram sobreviver ao recesso de duas semanas... assim como eu. Ligo o computador. Ainda não são nem sete horas, e isso significa que tenho duas gloriosas horas para me organizar antes que o meu dia realmente comece. As provas finais do primeiro semestre se iniciam amanhã, e Sanquita fará cinco provas antes do fim da semana.

A luz piscante do meu telefone informa que tenho mensagens. Apanho meu bloco de notas e começo a ouvi-las. As duas primeiras são novas indicações de alunos. A terceira mensagem é do dr. Taylor, deixada no dia 23 de dezembro. Eu me sento quando ouço a voz dele e fico mordiscando a borracha na ponta do lápis.

“Oi, aqui quem fala é o Garrett. Caso você ouça suas mensagens durante o recesso, eu queria deixar o número do meu celular. É 312-555-4928. Me ligue a qualquer hora, estarei por aqui. O período de festas pode ser difícil, especialmente este primeiro Natal sem a sua mãe.” Ele faz uma pausa. “Enfim, eu só queria que você soubesse como falar comigo. E, se for Ano-Novo quando você ouvir esta mensagem, estou feliz por você ter sobrevivido às festas. Parabéns e feliz Ano-Novo. Vamos conversar em breve.”

Deixo o lápis cair e fico encarando o telefone. O dr. Taylor realmente se importa comigo. Não sou apenas a professora do paciente dele. Ouço a mensagem uma segunda vez, apenas para escutar a voz dele, e me pego sorrindo pela primeira vez em dias. Disco o número do telefone, na esperança de que ele também seja um madrugador.

E ele é.

— Feliz Ano-Novo, Garrett. É a Brett. Acabei de ouvir a sua mensagem.

— Oi! Bom, eu só... Eu não sabia ao certo se...

Ele parece sem graça e eu abro um sorriso.

— Obrigada. Eu realmente agradeço. Como foram as festas?

Ele me diz que passou o Natal com as irmãs e a família delas.

— Jantamos na casa da minha sobrinha, na Pensilvânia.

— Na casa da sua sobrinha? — Fico confusa por um instante. Mas, é claro, ao contrário da bebê Emma, a sobrinha dele é adulta, talvez até tenha a minha idade. — Que legal.

— A Melissa é a filha mais velha da minha irmã. Difícil imaginar que ela já tem dois filhos no ensino médio. — Ele pausa por um instante. — E você, como foi?

— Sorte sua que não ouvi a sua mensagem antes. Se eu tivesse o seu celular, ele teria sido programado para a discagem rápida.

— Foi tão ruim assim?

— Foi, ruim assim.

— Meu primeiro paciente só chega às nove. Quer conversar sobre isso?

Poupo-lhe dos detalhes sobre a minha menstruação exatamente no Natal e o episódio humilhante com Brad, mas lhe passo um resumo do meu feriado: o luto pela minha mãe, a busca inútil por um apartamento e a consulta com a médica da Sanquita. Não preciso dizer que ele é um excelente ouvinte. Afinal, é psiquiatra. Porém esse médico especializado em doenças mentais faz com que eu me sinta normal, e não uma esquisita psicótica à beira de uma disfuncionalidade, que é como me sinto às vezes. Ele inclusive me faz rir... até me perguntar se tive alguma notícia do meu pai.

— Para falar a verdade, ele me ligou no Natal. Ele tem outra filha — deixa escapar. — Alguém que ele conhece e adora. E não está nem um pouco tão ansioso quanto eu para nos conhecermos. — Eu me arrependo no mesmo minuto em que falo essas palavras. Eu não deveria sentir ciúmes da minha irmã. Ela não está bem, e eu deveria ser mais compreensiva.

— Vocês não fizeram planos para se encontrar?

— Não. — Aperto a ponte do meu nariz. — A Zoë está resfriada. Ele não quer que ela viaje, e não quer deixar a garota exposta a nenhum vírus que eu possa transmitir.

— E você se sente rejeitada por causa disso. — A voz dele é suave e gentil.

— É — sussurro. — Achei que ele fosse pegar o primeiro voo para Chicago. Talvez ele não queira deixar a Zoë chateada me levando para o meio deles. Vai saber... Eu me sinto tão egoísta, mas esperei tanto tempo por esse momento! Eu só quero conhecê-lo... e a Zoë também. Ela é minha irmã.

— É claro que você quer.

— Eu me sinto como... como se eu fosse um presente que dei ao meu pai, mas do qual ele não precisava no fim das contas. Dei um presente repetido, e ele é louco pelo que já tem. — Fecho os olhos, bem apertados. — O fato é que sinto ciúmes da Zoë. Eu sei que não devia me sentir assim, mas sinto.

— Não existe *não devia* quando se trata de sentimentos. Eles são o que são. — A voz dele é uma toalha refrescante em minha testa febril. — Você sente que o seu pai está protegendo a sua irmã, mas não você.

Começo a ficar sufocada e então abano o rosto.

— Arrã. — Olho de relance para o relógio. — Ah, minha nossa! São oito e meia. Preciso desligar.

— Brett, seus sentimentos são normais. Como todas as pessoas saudáveis, você anseia por um relacionamento em que se sinta amada, protegida e cuidada. E você tinha grandes expectativas de que o seu pai fosse atender a essas necessidades. E talvez ele vá fazer isso. Mas essas necessidades podem ser atendidas de outras maneiras também.

— É nesse ponto em que você me receita Xanax, Valium ou algo do gênero?

Ele dá risada.

— Não, Brett, você não precisa de remédios. Só precisa de mais amor na sua vida... seja do seu pai, seja de um relacionamento amoroso, talvez até de si mesma. O que está faltando para você é uma necessidade humana básica. Acredite ou não, você ainda é uma pessoa de sorte, porque admite que precisa disso. Tem um monte de pessoas infelizes por aí que sufocaram as próprias necessidades. Buscar o amor deixa a pessoa vulnerável. E só pessoas saudáveis se permitem ficar vulneráveis.

— Não me sinto tão saudável assim no momento, mas, já que você é o especialista aqui, vou acreditar. — Olho de relance para o meu calendário e vejo que tenho um horário às nove e quinze com Amina. — Tenho mesmo que ir, e você também. Mas obrigada pela sessão. Vou receber uma conta gorda para pagar no fim do meu tratamento?

Ele dá risada.

— Talvez. Ou talvez eu só faça com que você me pague um almoço um dia.

Sou pega de surpresa. O dr. Taylor está me cantando? Nunca namorei um homem mais velho, mas devo admitir que não sou

exatamente uma sumidade em namorar homens da minha faixa etária. Será possível que o Garrett seja o Michael Douglas para a minha Catherine Zeta-Jones? O Spencer Tracy para a minha Katharine Hepburn? Minha mente borbulha buscando algo inteligente para dizer, algo discreto, porém substancial o bastante para sugerir que a porta está aberta... nem que seja apenas uma fresta.

Mas demoro muito.

— Vamos ao trabalho então — ele me diz, parecendo mais profissional que o de costume. — Por favor, me ligue depois da próxima aula com o Peter, ok?

— Sim. Sim, é claro.

Eu quero voltar ao assunto do almoço, mas ele já está se despedindo e, quando me dou conta, já nos desconectamos.

Literal e figurativamente.



Durante todo o dia, uma névoa fina batiza a cidade como se fosse água benta, e agora as temperaturas estão caindo, criando um caos no trânsito. Como de costume, marquei a aula de Peter para o meu último horário, sabendo que ele tem o poder de arruinar até mesmo o melhor dos meus dias.

A aula de hoje não é diferente. Como de costume, ele se recusa a fazer contato visual e resmunga as respostas com os dentes cerrados. Ainda assim, não consigo evitar e sinto pena dele, uma criança brilhante trancada o dia todo em uma casa cheia de fumaça. Quando terminamos a aula, puxo uma pilha de livros da minha bolsa.

— Estive em uma livraria outro dia, Peter. Achei que você poderia querer algo para ler, para manter a mente ocupada.

Ergo o olhar para ele, na esperança de ver um lampejo de expectativa ou animação em seu rosto, mas ele simplesmente fica olhando para baixo, fitando a mesa à sua frente.

Puxo meu livro favorito da pilha.

— Eu sei que você gosta de história. Este livro é sobre as crianças do Dust Bowl. — Estico a mão para pegar outro livro. — E este conta tudo sobre a expedição de Lewis e Clark.

Estou prestes a escolher outro quando ele puxa os livros de mim.

Abro um sorriso.

— Isso mesmo, fique com eles. São seus.

Ele pega todos os livros e os mantém de um jeito protetor contra o peito.

Meu coração canta. É a primeira vez que nossa aula termina de forma positiva.

Ainda está chovendo quando desço a escada da varanda. Eu me seguro no corrimão de metal, notando a camada de neve semiderretida nos degraus de cimento. Meus pés acabaram de pisar na calçada quando ouço a porta se abrir atrás de mim.

Eu me viro. Peter está parado na varanda, debaixo de chuva, aninhando os livros novos nos braços. Ele fica me encarando, e eu me pergunto se quer me agradecer. Espero um instante, mas ele não diz nada. Provavelmente se sente envergonhado. Eu aceno para ele e volto a andar na direção do meu carro.

— Curta bastante seus livros, Peter.

O som de algo batendo com um estrondo me deixa alarmada, então eu me viro. Peter está parado, me observando com um sorriso malévolo no rosto. Os livros novinhos em folha estão espalhados pela varanda, ensopados pelas poças de água.



Destranco a porta da minha sala, jogo minha bolsa molhada no chão e vou correndo até o telefone, que toca quatro vezes antes de Garrett atender.

— Garrett, é a Brett. Você tem um minuto?

Minha voz ainda está tremendo quando descrevo a reação cruel de Peter aos livros.

Ouço Garrett soltar um suspiro.

— Eu sinto muito. Vou dar alguns telefonemas amanhã. O comportamento dele em casa está se agravando. Está na hora de acharmos outro lugar para o Peter.

— Outro lugar?

— Estudar em casa não é a solução para esse menino. O Condado de Cook tem um programa especializado para adolescentes com doenças mentais. Chama-se Novos Caminhos. A proporção de alunos para funcionários é de dois para um, e os alunos recebem terapia intensiva duas vezes ao dia. O Peter é um pouco jovem, mas tenho esperança de que eles abram uma exceção.

Ao mesmo tempo, fico aliviada e desapontada. Logo posso estar livre de Peter, mas tenho a sensação de que estou abandonando uma missão, como se eu estivesse saindo de um jogo antes do fim. E quem vai saber? Talvez o fim pudesse trazer redenção.

— Talvez ele só tenha achado os livros bobos, ou um insulto — digo. — Pode ser que ele tenha se ofendido por eu ter comprado presentes para ele, como se eu estivesse fazendo caridade.

— Isso não tem nada a ver com você, Brett. Ele não é uma criança típica. Receio que você não chegue a bons resultados com ele, não importa quanto tente. Ele quer machucar você. Até agora, é apenas dor emocional, mas temo que a situação possa piorar.

Eu me lembro do sorriso de Peter, frio e insensível. Um calafrio percorre meu corpo.

— Eu assustei você, não foi?

— Estou bem. — Olho para a rua sombria lá embaixo. Eu tinha planejado permanecer a noite toda aqui, até se aproximar o horário do meu turno na Casa Joshua, mas de repente meu aconchegante escritório parece isolado e ameaçador. — Sabe aquele almoço que você mencionou hoje cedo?

Garrett fica hesitante.

— Sim.

Inspiro fundo e fecho os olhos, apertando-os.

— Você gostaria de me encontrar para tomar um café agora? Ou talvez um drinque?

Prendo o fôlego enquanto espero a resposta. Quando ele fala, penso ouvir um sorriso em sua voz.

— Eu adoraria me encontrar com você para tomar um drinque.



O trânsito está horrível, como eu já tinha previsto. Em vez dos lugares badalados que eu e o Andrew costumávamos frequentar, escolho o Petterino's, um bar e restaurante no estilo da década de 1940 perto do Loop, onde acho que Garrett vai se sentir confortável. Mas são cinco e quarenta e ainda estou no lado Sul, a quilômetros do bairro dos teatros. Eu nunca vou conseguir chegar às seis horas. Por que deletei a mensagem antes de anotar o número do celular dele?

Quando o meu telefone toca, presumo que seja Garrett, me dizendo que também está preso no trânsito. Mas não pode ser. Ele também não tem o número do meu celular.

— Aqui é Jean Anderson, da Casa Joshua. Eu esperava você aqui às nove, mas preciso que chegue mais cedo.

Fico enfurecida. Qual é a dessa mulher, que acha que pode ficar me dando ordens?

— Sinto muito, mas tenho um compromisso. Eu posso tentar chegar por volta das oito, mas não prometo.

— É a Sanquita. Ela está sangrando.

Jogo o celular no banco do passageiro e faço o retorno rapidamente. Dois carros buzina ruidosamente para mim, mas eu os ignoro. Tudo que consigo pensar é na garota com olhos de avelã e no bebê por quem ela está disposta a morrer.

— Não deixe o bebê morrer — rezo em voz alta repetidas vezes, até chegar ao centro.



Jean salta de seu Chevrolet branco quando estaciono junto ao meio-fio. Ela vem andando apressada para me encontrar enquanto subo correndo a entrada de carros.

— Estou levando a Sanquita ao Cook County Memorial — diz ela.
— Deixei um bilhete com todas as instruções para hoje à noite.

Estendo a mão até o carro e abro a porta de trás. Sanquita está deitada no banco, massageando a barriga. Seu rosto inchado brilha de suor, mas ela sorri quando me vê. Eu aperto a sua mão.

— Aguarde firme, florzinha.

— Você volta amanhã? Eu preciso fazer aquelas provas.

Apesar de tudo por que está passando, Sanquita ainda está determinada a terminar os estudos. Engulo o nó que se forma em minha garganta.

— Assim que você estiver pronta. Não se preocupe, seus professores vão entender.

Seus olhos imploram aos meus.

— Reze pelo meu bebê, srta. Brett.

Faço que sim com a cabeça e fecho a porta do carro. Quando o Chevrolet branco se afasta, eu rezo novamente.



Encontro o bilhete de Jean no escritório, com detalhes de uma briga que está se desenrolando entre duas hóspedes. Ela tem esperança de que eu possa mediar o conflito, se der tempo. Mas, antes de qualquer coisa, preciso ligar para o Petterino's e avisar ao Garrett o que está acontecendo. Estou procurando uma lista telefônica em cima da mesa quando ouço uma gritaria vinda da sala de TV. Pulo da cadeira, abro a porta do escritório com tudo e entro em um campo de batalha.

— Você não tem nada que se meter nas minhas merdas! — grita Julonia, com o rosto completamente vermelho. Ela está a poucos centímetros do rosto de Tanya, que não se afasta.

— Eu já disse que não mexi na sua gaveta. Vá arrumar o que fazer da vida.

— Calma, meninas — digo, mas minha voz está tremendo. — Pare agora mesmo.

Como os meus alunos na Escola Douglas Keyes, elas não prestam nenhuma atenção em mim. Outras hóspedes saem correndo dos quartos para assistir ao espetáculo.

— Eu já arrumei o que fazer da minha vida! — diz Julonia, com as mãos nos quadris. — Não preciso roubar dinheiro dos outros! Eu arrumei um emprego, ao contrário de você, que não faz nada além de ficar sentada o dia inteiro com essa bunda gorda.

Um “Oooh” coletivo sai da boca das espectadoras. Na televisão, a juíza Judy dá uma severa reprimenda em alguém. Tento captar a autoridade dela.

— Meninas, parem!

Tanya começa a se afastar, depois recua um passo. Com a agilidade de uma acrobata, ela dá um giro e acerta o punho cerrado no maxilar de Julonia. Momentaneamente atordoada pelo golpe, Julonia leve a mão à boca e, quando a abaixa, vê sangue nos dedos.

— Vadia! — Ela agarra e puxa um punhado do cabelo de Tanya. Um pedaço do aplique cai no carpete.

Tanya grita obscenidades e se joga para cima dela. Para minha sorte, Mercedes a segura por trás. Seguro o braço de Julonia e, com uma força que me deixa perplexa, eu a arrasto para dentro do escritório. Fecho a porta com um chute e giro a chave, com as mãos tremendo. Julonia solta palavrões e as veias em sua testa ficam saltadas, mas pelo menos ela está contida. Do outro lado da porta, escuto Tanya ainda gritando, mas sua voz está perdendo o fogo. Eu me largo em cima do tampo da mesa e aponto para a cama.

— Sente-se — digo e inspiro, com a respiração irregular.

Julonia se empoleira na beirada da cama, passando os dentes no lábio inferior e cerrando os punhos.

— Ela roubou o meu dinheiro, srta. Brett. Eu sei que foi ela.

— De quanto estamos falando?

— Sete dólares.

— Sete dólares? — Presumi que se tratava de centenas, a julgar pela fúria. Mais uma vez, me sinto privilegiada. Para alguém que não tem nada, sete dólares é uma fortuna. — O que faz você achar que a Tanya pegou o dinheiro?

— Ela é a única que sabe onde guardo meus mangos.

Olho para ela com uma expressão de quem não entendeu.

— Minha grana. Meu dinheiro.

— Ah. Bom, talvez você tenha gastado o dinheiro e esqueceu. Isso sempre acontece comigo. Eu abro a carteira e acho que o dinheiro sumiu, mas, quando paro para pensar no que pode ter acontecido, percebo que já gastei.

Ela inclina a cabeça para o lado e faz uma cara feia.

— Ah, não. Isso não acontece comigo. — Julonia ergue o rosto e pisca rapidamente. — Eu ia comprar uma mochila nova para a Myanna levar os livros para a escola. A dela está detonada. Tem uma dessas lá no Walmart que custa catorze dólares. Eu já tinha metade antes daquela mulher roubar o meu dinheiro.

Meu coração fica partido pela situação. Quero abrir a carteira e lhe dar tudo que tenho, mas isso vai contra as regras.

— Vou fazer uma coisa, então. Vou arrumar um cofrinho para você. Deixo aqui amanhã. Assim, ninguém mais vai pegar os seus mangos.

Ela sorri para mim.

— Isso seria legal, mas não traz meu dinheiro de volta. Você faz ideia de quanto tempo demorei para economizar sete mangos?

Não, eu não faço ideia. Por motivos que não sei explicar ou justificar, tive muita sorte e recebi amor, dinheiro e educação. Estou cheia de culpa e gratidão, humildade e desolação.

— Essa mochila para os livros que você viu, de que cor é?

— Ela quer a roxa.

— E é do Walmart, do departamento infantil?

— Isso mesmo.

— Julonia, eu acho que tenho essa mochila. Eu comprei para a minha sobrinha, mas ela já tinha. Nunca foi usada. Você gostaria de ficar com ela?

Ela me analisa, parecendo decidir se estou mesmo falando a verdade.

— A roxa?

— Arrã.

O rosto dela se ilumina.

— Isso seria muito legal. A Myanna está carregando os livros dela em uma sacola de plástico. Ela precisa de uma mochila para os livros.

— Tudo bem, então eu trago amanhã.

— O cofre também?

— Sim, o cofre também.



Eu me sento à mesa e massageio as têmporas. Por fim, encontro forças para pegar um relatório de ocorrências e começo a preenchê-lo. Data: 5 de janeiro. Horário: olho no relógio e começo a escrever sete e quinze. Então deixo o lápis cair.

— Não!

Abro a gaveta da mesa e pego a lista telefônica, procurando o mais rápido que consigo. Por fim, encontro o número do Petterino's.

— Oi — digo ao maître. — Eu combinei de me encontrar com um amigo hoje. Tenho esperança de que ele ainda esteja aí. Dr. Garrett Taylor. Ele é um cavalheiro... — Ocorre-me que não tenho como identificá-lo. — Ele está sozinho.

— Você seria a srta. Bohlinger?

Dou risada e sinto uma onda de alívio me invadir.

— Sim, sim, sou eu. Eu posso falar com ele?

— Sinto muito, srta. Bohlinger. O dr. Taylor foi embora faz cinco minutos.



Ligo para o hospital praticamente de hora em hora. Por volta das três horas da manhã, a srta. Jean me garante que Sanquita ficará bem. Depois do café da manhã, estou colocando algumas tigelas na máquina de lavar louça quando ouço o carro dela estacionando na garagem. Saio voando da cozinha e, antes de ela desligar o motor, abro a porta do carro com tudo. Sanquita está largada no banco de trás, com a cabeça apoiada na janela.

— Oi, florzinha. Como está se sentindo?

Círculos escuros sombreiam seus olhos vítreos.

— Eles me deram um remédio para fazer parar as contrações.

Com os braços dela em volta de nosso pescoço, eu e Jean levantamos Sanquita e a carregamos, subindo os degraus da varanda e entrando na casa. Quando chegamos à escada, ergo Sanquita nos braços. Ela parece mais leve que o Rudy. Eu a levo para o quarto e a deito em sua cama.

— Preciso fazer as minhas provas — ela resmunga.

— Vamos nos preocupar com isso depois. Durma um pouco agora. — Dou-lhe um beijo na testa e apago a luz. — Volto mais tarde para ver como você está.

Quando descemos as escadas, Jean puxa o lenço da cabeça, deixando à mostra os cachos negros.

— Tentei falar com a mãe da Sanquita a noite toda, mas o telefone dela está sem serviço — diz ela. — Essa pobre garota está totalmente sozinha.

— Posso ficar com ela.

Ela tira as botas e calça um par de sapatos pretos confortáveis.

— Você não tem outros alunos?

— Sim, mas posso remarcar.

Ela me dispensa com um aceno de mão.

— Bobagem. Vou ficar aqui hoje. Só passe mais tarde, se você puder.

Ela sai andando em direção de seu escritório, mas para, mantendo as costas voltadas para mim.

— A Sanquita falou de você a noite toda. Disse que você a levou a uma especialista.

Balanço a cabeça.

— Eu peço desculpas por isso. Não imaginava que a dra. Chan recomen...

— E ela disse que você vem dando aulas para ela todos os dias, e não apenas as duas vezes por semana exigidas.

Ergo as minhas defesas. O que ela está querendo dizer com tudo isso?

— Eu não tenho nenhum problema em abrir mão do meu horário de almoço. Olha, se tiver algum problema...

— Ela me disse que ninguém nunca se importou com ela assim...

— Jean vai se afastando. — Aquela menina acha que você é muito especial. Achei que você devia saber disso.

Minha garganta aperta.

— Eu também acho que ela é muito especial — digo em um sussurro, mas a srta. Jean já está no meio do corredor.



A caminho da aula com Amina, telefono para o escritório do dr. Taylor. Como antes, cai na caixa postal. Desligo sem deixar outra

mensagem. Droga!

Faço as tarefas do meu dia de modo mecânico, com a mente ocupada por pensamentos sobre Sanquita e o bebê. No fim do dia, volto para a Casa Joshua tentando controlar a ansiedade. Subo as escadas correndo, esperando ver uma pessoa abatida, mas, em vez disso, Sanquita está sentada, apoiada em seu travesseiro no quarto bem iluminado, bebendo um copo de suco. Tanya e Mercedes estão ao lado da cama lhe contando histórias de seus próprios partos. Os olhos de Sanquita se arregalam quando ela me vê na porta.

— Oi, srta. Brett. Entre.

— Oi, meninas. — Eu me curvo para abraçar Sanquita. Em vez da resposta dura e desajeitada que geralmente recebo, ela retribui o meu abraço. — Você está com uma aparência muito melhor, florzinha.

— Eu estou mesmo me sentindo melhor. Só não posso ficar em pé, foi isso que os médicos me disseram. Se o bebê aguentar quietinho até o fim de abril, perto da trigésima sexta semana, vai ficar tudo bem.

— Que maravilha! — digo, tentando acreditar nisso.

— Você pegou as minhas provas?

Dou risada.

— Não se preocupe com as provas. Falei com os seus professores. Nós concordamos que você deve se concentrar na sua saúde agora.

— Eu não vou desistir agora. Você disse que me ajudaria.

— Tudo bem — respondo, sorrindo. — Se você tem certeza de que consegue fazer isso, vamos começar as suas provas amanhã.

Ela abre um sorriso.

— Eu consigo sim, você vai ver.

Eu a envolvo em meus braços.

— Você é especial, sabia?

Ela não diz nada em resposta. E não espero que faça isso. Que ela me deixe abraçá-la já é o bastante.

Antes de ir embora, bato à porta do quarto de Julonia.

— Julonia? — digo, passando pela porta parcialmente aberta.

Entro num quarto impecável e vou andando até um conjunto de camas individuais. Em cima da colcha verde, coloco um cofrinho bastante resistente. Sobre o edredom da Branca de Neve, deixo a mochila roxa para os livros da Myanna.



Vou me encontrar com Brad para jantar no Bistrot Zinc, um aconchegante restaurante francês na State Street. Desde o nosso fiasco no Ano-Novo, temos conversado ao telefone, mas, além de me contar que ele e a Jenna estão “resolvendo as coisas”, mantivemos a conversa focada em minha lista de sonhos. Hoje à noite, vamos nos encontrar cara a cara, o que me deixa nervosa e agitada. Ah, meu Deus! Ainda agora eu me encolho, pensando naquela mulher solitária e impulsiva dirigindo pela cidade, cheia de esperanças.

A caminho do restaurante, ligo para o escritório de Garrett novamente. *Vamos, atenda o telefone, Garrett.*

— Garrett Taylor — diz ele.

— Garrett, é a Brett. Não desligue.

Ele dá risada.

— Não se preocupe, eu não desligaria na sua cara. Recebi a sua mensagem hoje de manhã, e vi que você me ligou mais umas sete vezes hoje.

Que ótimo. Ele acabou de adicionar obsessivo-compulsiva ao meu diagnóstico.

— É, me desculpe. Eu só queria explicar o que aconteceu.

— Você já fez isso. E eu entendo perfeitamente. Como está a jovem... Sanquita?

Deixo escapar um suspiro de alívio.

— Muito melhor, obrigada. Acabei de voltar do abrigo. Você já teve alguma notícia sobre a vaga para o Peter?

— Sim. Eu falei com o diretor de educação especial hoje à tarde. A exigência de idade no programa Novos Caminhos ainda é um

problema. Receio que isso demore um pouco mais.

— Tudo bem. Eu preciso de um pouco mais de tempo com ele.

Estaciono o carro e nós ficamos conversando por mais uns cinco minutos. Por fim, ele me pergunta:

— Você está no seu carro, certo?

— Estou.

— E já terminou o trabalho do dia?

— Arrã.

— O que me diz de tomarmos aquele drinque agora?

Sorriso e de repente começo a entender: eu tenho uma quedinha por Garrett Taylor. E acho que ele também tem uma quedinha por mim.

— Desculpa — digo, ouvindo um sorriso bobo em minha voz. — Eu vou encontrar um amigo para jantar hoje à noite.

— Ah, certo. Tudo bem então. A gente se fala depois da sua próxima aula.

Fico surpresa pela forma abrupta como ele termina a conversa. Acho que ele não tem uma quedinha por mim, no fim das contas. Meu peito fica apertado. Será que algum dia vou encontrar alguém?

Repasso a nossa conversa... *Eu vou encontrar um amigo para jantar hoje à noite.* Ah, não! Garrett acha que tenho um encontro. E aquele sorriso na minha voz provavelmente pareceu ser de menosprezo. Eu preciso explicar as coisas para ele!

Pego o telefone, ansiosa e impaciente demais para esperar nossa próxima conversa ao telefone. Talvez possamos nos encontrar amanhã à noite. O que eu devo vestir? Digitando o número do telefone dele, eu me olho no espelho retrovisor. Meus olhos parecem perturbados, e meu rosto tem uma expressão de desespero.

Deixo cair o celular e massageio a testa. Jesus Cristo, eu afundei tanto a ponto de me jogar para cima de um homem de sessenta e tantos anos? Essa maldita lista está me deixando louca. Eu avalio todos os caras que conheço, como uma diretora em busca do personagem perfeito para o papel de marido e pai em sua peça. Não é isso que a minha mãe quer.

Desligo o celular e o jogo dentro da bolsa.



Brad está sentado no bar bebendo um martíni, especialmente bonito com uma camisa azul-celeste e um blazer preto de cashmere. Mas, como sempre, seus cabelos estão um pouco desalinhados — e hoje ele tem uma mancha de mostarda na gravata. Uma forte emoção sufoca o meu peito. Meu Deus, como senti falta dele! Brad se levanta quando me vê e estende os braços para mim. Sem hesitar, eu o abraço.

Nosso abraço é especialmente intenso, como se estivéssemos tentando reinjetar o amor e a amizade na nossa dupla.

— Eu sinto muito — ele sussurra no meu ouvido.

— Eu também.

Tiro o casaco e encontro o gancho debaixo do balcão do bar para pendurar a bolsa. Uma vez que me ajeitei, surge um silêncio constrangedor entre nós, uma quietude perturbadora que nunca existiu antes.

— Quer beber alguma coisa? — ele me pergunta.

— Água, por enquanto. Vou tomar uma taça de vinho com o jantar.

Brad faz que sim com a cabeça e toma um gole de seu martíni. A televisão acima no bar está sintonizada na CNN, mas sem volume. Fico encarando-a mesmo assim. Será que estraguei tudo? Será que a nossa amizade vai ficar eternamente manchada por aquela mortificante sessão de amassos?

— Como está a Jenna? — pergunto, quebrando o silêncio.

Ele puxa o palito da azeitona em seu martíni e fica olhando para ele.

— Bem. Parece que voltamos a nos entender.

Um garfo em brasas marca o meu coração.

— Que bom.

Os olhos dele são tão ternos quanto os de um coala.

— Se o nosso timing tivesse sido diferente, acho que você e eu teríamos sido incríveis juntos.

Eu forço um sorriso.

— Mas, como dizem, timing é tudo.

O silêncio está de volta. Percebo que Brad também sente que algo mudou entre nós. Ele brinca com o palito, mergulhando as azeitonas no martíni e puxando-as de volta à superfície. Mergulhando. Puxando. Mergulhando. Puxando. Não posso deixar isso acontecer. Não vou deixar isso acontecer! Eu amo demais a nossa amizade para permitir que ela acabe por causa de um erro de vinte minutos.

— Olha, Midar. Você precisa saber que eu estava um pouco desesperada naquela noite.

Ele olha para mim.

— Desesperada, é?

Dou um soquinho no braço dele.

— Era véspera de Ano-Novo. Dá um desconto para a garota aqui. Ruguinhas aparecem no canto dos olhos dele.

— Ah. Então eu serviria apenas para sexo casual?

— Isso mesmo.

Ele abre um sorriso.

— Que legal, B.B. Eu devia ter desconfiado.

Meu sorriso desaparece, e eu passo o dedo na borda do copo de água.

— Para falar a verdade, Brad, achei que talvez isso fizesse parte do plano da minha mãe. Sabe, como se ela estivesse tentando me arrumar alguém, mesmo depois de morta. Assim como ela está fazendo com o resto da minha vida.

Ele gira em sua banquetta e fica de frente para mim.

— A sua mãe sabia que eu não estava disponível, Brett. Ela conheceu a Jenna na mesma noite em que me conheceu. Ela não teria feito isso com você nem comigo.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

— Então por quê, Brad? Por que a minha mãe te contratou? Por que ela insistiu que você abrisse todas as cartas dela? Por que ela organizou tudo de maneira que precisamos manter contato frequente, se ela sabia que você não estava disponível?

Ele dá de ombros.

— Não faço a mínima ideia. A menos que, talvez, ela tenha gostado de mim e achou que você poderia gostar também. — Ele esfrega o queixo, pensando. — Não, é difícil acreditar nessa possibilidade.

— Dificílimo! — eu o provoco. — Falando sério, eu achei mesmo que a minha mãe estava orquestrando o nosso romance. Se não fosse por isso, eu nunca teria a coragem de... — Sinto um calor subir até as minhas bochechas e reviro os olhos. — De fazer o que eu fiz.

— De me seduzir?

Dou um sorriso zombeteiro para ele.

— Ah, se bem me lembro, você tentou me seduzir uma semana antes.

Ele dá risada.

— Não vamos ficar no olho por olho. Além do mais, era época das festas. Dá um desconto para o garoto aqui.

E assim estamos de volta à velha dupla Brad e B.B.

— A Jenna vai vir para cá daqui a duas semanas. Eu adoraria que você a conhecesse, se você estiver numa boa com isso.

Abro um sorriso sincero.

— É claro que eu gostaria de conhecê-la.

Ele olha por cima do meu ombro e faz um sinal com a cabeça.

— Parece que a nossa mesa está pronta.

Seguimos para a mesa perto da janela e começo a falar sem parar do Peter, da Sanquita e dos meus outros alunos.

— Deram terbutalina para ela, para parar as contrações, mas ainda estou preocupada.

Brad fica me observando, com um largo sorriso no rosto.

— Que foi?

— Nada. Tudo. — Ele balança a cabeça. — Você está tão diferente daquela mulher que vi sentada no meu escritório em setembro. Você realmente gosta desse trabalho, não?

— Sim. Eu amo meu trabalho. Dá pra acreditar?

— Depois de todas as suas lamúrias e reclamações, a Elizabeth estava certa afinal.

Estreito o olhar para ele, que dá risada.

— É, a verdade dói.

— Pode ser. Mas e se eu não conseguisse esse emprego para dar aulas em domicílio? E se eu fosse obrigada a trabalhar em uma sala de aula? Eu teria tido uma crise de nervos. A minha mãe simplesmente teve sorte.

Ele puxa um envelope cor-de-rosa do bolso. Meta número vinte.

— Você vem dando aulas há quase três meses. Assim, fez por merecer o seu envelope.

Ele abre o selo.

Parabéns, minha querida filha! Ah, como eu adoraria ouvir tudo sobre o seu novo trabalho. Eu me pergunto onde você está dando aulas. Suspeito que não seja um cargo convencional em sala de aula, já que você nunca foi muito disciplinadora.

Fico ofegante.

Não se ofenda, querida. Maria deixou as crianças Von Trapp correrem soltas e nós a amamos por isso.

Abro um sorriso, visualizando minha mãe e eu aconchegadas no sofá, dividindo uma tigela de pipoca e assistindo ao nosso filme preferido: *A noiva rebelde*.

Como Maria, você é uma idealista, e isso é maravilhoso. Você acha que, se for gentil, os outros serão gentis com você. Mas geralmente as crianças desafiam aqueles que parecem sensíveis,

especialmente se estiverem na frente de outras crianças.

Penso nos alunos em Meadowdale, na Douglas Keyes, e penso também em Peter.

— Sim, eles fazem isso mesmo.

Imagino você dando aulas para pequenos grupos de crianças, ou talvez como professora particular. É isso que você está fazendo? Como eu gostaria de saber! Não importa, eu sei que você é incrível. Sei que os seus alunos estão se beneficiando da sua paciência e do seu incentivo. E, querida, estou tão orgulhosa. Você era uma boa executiva de marketing, mas é uma professora esplêndida.

Aposto a sua vida nisso.

Fico olhando para a última linha com os olhos cheios de lágrimas. Sim, ela fez isso. Minha mãe fez uma imensa aposta tentando consertar uma vida que achou que estava arruinada. Ela desejava me garantir a felicidade, pura e simplesmente. Eu só espero que ela não perca a aposta.



Na semana seguinte, estou dirigindo para o trabalho quando meu celular toca. Pelo identificador de chamadas, vejo que é o Johnny. O que foi agora? A princesa dele ainda está resfriada? Quando estaciono junto ao meio-fio, eu me dou conta de que nem

amanheceu na costa Oeste. Estremeço com as primeiras pontadas de medo.

— Oi, Brett. — A voz dele está rouca, como se ele estivesse exausto. — Eu só queria que você soubesse que a Zoë está no hospital.

Fico sem fôlego. *Não! A Zoë está resfriada. Não se vai para o hospital por causa de um resfriado!* Agarro com força o celular.

— Por quê? O que há de errado com ela?

— Ela está com pneumonia... Exatamente o que eu temia. Ela tem problemas respiratórios desde que nasceu.

Abaixo a cabeça, envergonhada. Minha irmã está doente... extremamente doente. E eu só conseguia pensar em mim mesma. Cubro a boca com a mão.

— Ah, John. Sinto muito. Ela vai ficar bem?

— Ela é uma lutadora, vai se recuperar. Ela sempre fica bem.

— O que eu posso fazer? Como posso ajudar?

— Não há nada a fazer além de esperar. Mas a mantenha em seus pensamentos, está bem?

— Sempre — digo. — Por favor, dê um abraço nela por mim. Diga-lhe para ser forte, e que estou rezando por ela.

— E, Brett, se puder, continue mandando aqueles cartões. A Zoë insistiu em levar todos com ela para o hospital.

Fecho os olhos. Eu tinha começado a duvidar de que ele estivesse mesmo entregando os cartões para a Zoë. Lágrimas de vergonha e tristeza escorrem pelo meu rosto. Minha irmã está seriamente doente, e até agora eu não tinha confiado nela nem em meu pai.



Embora tecnicamente seja o mês mais curto, fevereiro parece infinito, com dias cinzentos e tempestuosos. Além de enviar cartões, balões e flores, ligo todos os dias para saber como a Zoë está. Ela recebeu alta do hospital na última sexta-feira, apenas para voltar a ser internada na segunda seguinte. A pobrezinha não parece conseguir ganhar forças, e eu me sinto impotente, estando a mais de três mil quilômetros de distância.

É o meu décimo terceiro dia consecutivo na casa da minha mãe, já que, pelas minhas regras, o calendário recomeça toda vez que fico na Casa Joshua, mas ainda assim meu estômago revira sempre que penso nas palavras de Joad: *Eu achei que você, mais do que ninguém, ia querer seguir as regras da mamãe.* Será que ele está certo? Será que a mamãe ia me querer fora da casa dela? Parece tão cruel, considerando tudo que eu perdi. E minha mãe nunca foi cruel.

Com as palavras de Joad ressoando em meus ouvidos, dirijo até Pilsen no sábado de manhã. Vou dar uma olhada rápida no pequeno bairro suburbano e, quando chegar em casa, mando um e-mail para Joad e Brad dando informações sobre minha busca infrutífera. Vamos todos nos sentir melhor.

O bairro está movimentado nesta manhã. Já me disseram que Pilsen tem os mais autênticos restaurantes mexicanos da cidade, e é fácil identificar a influência hispânica enquanto passo pelas ruas comerciais. Há uma padaria mexicana em uma esquina, uma mercearia mexicana na outra. E por toda parte vejo um belo artesanato mexicano. O lugar tem uma sensação agradável, étnica, como se estivesse cheio de pessoas em busca de uma vida melhor... pessoas como eu.

Viro à direita na West 17th Place e vou descendo vagarosamente por uma rua esburacada. Como na maior parte de Pilsen, as casas nesta rua são do período pré-guerra, todas de madeira e em estágios diversos de degradação. Passo por um terreno baldio cheio de lixo, latas de refrigerante e garrafas de bebida e decido que já vi o bastante.

Solto um suspiro. Que bom. Agora posso dizer honestamente que tentei de novo. Mas, antes que eu tenha tempo de comemorar e sair correndo dali, avisto uma placa de ALUGA-SE. Sigo em direção a ela e vejo uma bela casa de tijolos vermelhos... a mesma que vi na internet há seis semanas! Não consigo acreditar que ainda esteja para alugar. Isso só pode significar uma coisa: que está um desastre por dentro. Porém, do lado de fora, parece encantadora.

Vou diminuindo a velocidade até parar. Molduras pintadas de um amarelo-manteiga adornam cada uma das cinco janelas, e uma cerca de ferro rodeia toda a área da casa. Uma dúzia de degraus de concreto leva até as portas duplas da frente, onde há jardineiras com bicos-de-papagaio de plástico do lado de cada porta. Abro um sorriso. Sério? Flores de plástico? Mas está claro: o dono do lugar sente grande orgulho dele.

Tamborilo os dedos no volante. O lugar parece muito agradável, mas eu realmente quero trocar a bela casa de arenito da minha mãe por esta aqui? Estou tão confortável na Astor Street, em segurança e tranquila. Com certeza, era isso o que minha mãe ia querer.

Assim que afasto o carro do meio-fio, uma jovem surge na porta da frente e a tranca depois de sair. Eu paro o carro para observá-la. Seus sapatos de salto vermelhos devem ter uns dez centímetros de altura. Eu me encolho enquanto ela desce pulando alguns degraus e

rezo para que não torça o tornozelo e caia. Seu corpo cheio está espremido em uma calça jeans preta skinny, e ela está usando uma reluzente jaqueta dourada que parece não ser suficiente para um dia tão frio.

A garota desce a escada sem provocar incidentes, e está a alguns passos de mim quando me vê sentada no carro, encarando-a. Antes que eu tenha tempo de desviar o olhar, ela sorri e acena, um gesto tão aberto e de confiança que, por impulso, me deixo levar e abaixo o vidro da janela do lado do passageiro.

De perto, vejo que está escrito BANDA MARCIAL DA EBJ no lado esquerdo da jaqueta dela. Escola Benito Juarez.

— Oi — digo. — Desculpe incomodar, mas essa casa ainda está para alugar?

Ela tira uma bola de chiclete da boca e a joga em cima de um amontoado de neve, para então apoiar os braços na janela aberta. Grossas argolas douradas balançam em suas orelhas, além de pelo menos seis outros brincos de tamanhos e formas variadas.

— Sim, está para alugar. Mas por que você disse *ainda*?

— Eu vi essa casa para alugar na internet faz algumas semanas. Ela balança a cabeça em negativa.

— Não era essa. Acabamos de colocar a placa, faz umas duas horas. E, acredite, minha mãe não faz a mínima ideia de como usar a internet.

Tenho certeza de que ela está enganada, mas ainda assim os pelos dos meus braços se arrepiam.

— A sua mãe é a locadora?

— Sim, e é a melhor! — Ela abre um sorriso. — Pelo menos é o que eu digo que ela vai ser. Acabamos de reformar o apartamento na parte de cima na semana passada. Então, na verdade, nunca alugamos o lugar antes.

Abro um sorriso, contagiada pela energia dela.

— É uma bela casa. Vocês não vão ter problemas para alugá-la.

— Você está procurando um lugar?

— Hum, mais ou menos. É que eu tenho um cachorro — eu me apresso em falar.

Ela bate as mãos com tanta força que tenho medo de que uma de suas unhas laranja caia.

— Nós adoramos cachorros! Desde que não sejam agressivos. Nós temos um yorkie. Ele é maravilhoso. Cabe dentro da minha bolsa, que nem o chihuahua da Paris Hilton. Venha conhecer a minha mãe, ela está em casa agora. O apartamento é incrível! Espere pra ver.

O discurso é tão acelerado que levo um instante para processar. Dou uma espiada no relógio. Não é nem meio-dia. O que mais eu tenho para fazer?

— Bom, está bem. Se você tem certeza que a sua mãe não vai se importar.

— Se importar? Ela vai ficar animada, mas tem uma coisa... ela quase não fala inglês.



Blanca e Selina Ruiz parecem mais irmãs do que mãe e filha. Aperto a mão moreno-clara de Blanca em um cumprimento, e em seguida ela me conduz por uma escadaria de imbuia. No alto da escada, ela destranca uma porta, dá um passo para o lado e faz um gesto, como se estivesse varrendo o ar com a mão.

O pequeno espaço me lembra uma casa de bonecas, mas, num dia frio e cinzento como hoje, parece mais aconchegante do que apertado. Vazio, tem uma sala de bom tamanho, com uma velha lareira de mármore em uma das paredes e uma pequena e imaculada cozinha. Ao lado da cozinha há um quarto do tamanho do closet da minha mãe. Além do quarto, o banheiro com azulejos rosa e pretos exhibe uma pia com pedestal e uma banheira com pezinhos de ferro. A casa inteira caberia na sala de estar da minha mãe e, da mesma maneira que na casa de arenito, o assoalho é de madeira e as paredes são arrematadas por sancas. Blanca fica olhando, assentindo e sorrindo, enquanto Selina destaca todos os detalhes.

— Fui eu que escolhi o gabinete do banheiro. É da Ikea. Eles fazem umas coisas muito boas.

Abro o gabinete e espio lá dentro, como se sua qualidade pudesse influenciar minha decisão. Mas não importaria. Eu já tomei minha decisão.

— Você gosta desse lustre? Falei pra minha mãe não colocar nada de latão.

— Adoro — digo, floreando meu entusiasmo.

Blanca bate palmas, como se entendesse, e fala algo em espanhol para a filha. Selina se volta para mim.

— Ela gostou de você. E quer saber se você gostaria de morar aqui.

Dou risada.

— Sim, gostaria. *Sí! Sí!*



Enquanto assino o contrato de aluguel, Selina me diz que é a primeira da família a nascer nos Estados Unidos. Sua mãe cresceu em uma vila rural perto da Cidade do México e veio para os Estados Unidos com os pais e três irmãos mais novos quando tinha dezessete anos.

— Antes que minha mãe pudesse se matricular em uma escola, ela ficou sabendo que estava grávida de mim. Nós morávamos com minhas tias, meu tio e meus avós em uma casa minúscula virando a esquina. *Mis abuelos*, quer dizer, meus avós, eles ainda moram lá.

— Quando vocês se mudaram para cá? — pergunto.

— Há quase um ano. Minha mãe é cozinheira no El Tapatío, descendo a quadra. Ela sempre me disse que íamos ter nossa casa um dia. Quando esta aqui foi a leilão há um ano, ela não conseguia acreditar que tinha economizado o suficiente para dar a entrada. Levamos sete meses para reformar o apartamento de cima, mas conseguimos. Não foi, *mama*?

Ela joga um dos braços em volta do ombro da mãe, e Blanca brilha de tanto orgulho, como se, secretamente, entendesse toda a nossa conversa.

A história parece tão similar à da minha mãe que começo a dizer isso a elas. Mas depois penso melhor. Para falar a verdade, é uma história bem diferente, e mais uma vez eu me sinto tocada ao notar como sou afortunada.



Passo o restante do fim de semana empacotando minhas roupas e levando caixas para Pilsen. Na tarde de segunda-feira, o mesmo pessoal que esvaziou o loft do Andrew em novembro passado carrega alguns móveis da Astor Street e os deixa em meu novo endereço. Fico tentada a levar a cama de ferro da minha mãe para lá, mas ela é grande demais para o meu minúsculo quarto. Além disso, o lugar dela é na Astor Street. Assim, quando eu aparecer por lá, a cama estará me esperando, tal como a minha mãe sempre esteve.

Em vez disso, eles carregam a minha velha cama de casal escada acima, assim como a minha penteadeira de cerejeira. Peço que coloquem a antiga namoradeira da Arthur Street na frente da lareira, emoldurada por um par de mesinhas de canto diferentes uma da outra. Uma mesa de centro arranhada que estava no sótão da casa da minha mãe fica perfeita na frente do sofá, e o abajur terracota da década de 1970 que encontrei em um brechó quase parece moderno agora.

De dentro de uma caixa de papelão, eu tiro quatro tigelas e alguns pratos que peguei emprestados no armário da minha mãe. Eu os coloco no meu novo armário de cozinha, com outros poucos utensílios, alguns potes e um par de panelas e frigideiras. Indo até o banheiro, organizo meus cosméticos e três jogos de toalhas no adorável gabinete da Ikea.

Quando os homens da mudança vão embora e as caixas estão todas desfeitas, acendo meia dúzia de velas e abro uma garrafa de vinho. O quarto reluz com a cor âmbar das velas e do abajur terracota. Com Rudy aos meus pés, eu me aninho no sofá com meu livro. A música que sai do laptop flutua pelo aposento. Dentro de poucos minutos, adormeço profundamente em meu aconchegante apartamento em Pilsen.



O mês de março já se aproxima e o pânico começa a se instalar em mim. Estou quase na metade do meu prazo para concluir as dez metas da lista e realizei apenas cinco delas. Ainda tenho esperanças de estabelecer um relacionamento com o meu pai, mas as outras quatro metas parecem impossíveis. Nos próximos seis meses e meio, eu devo me apaixonar, ter um filho, arrumar um cavalo e conseguir uma bela casa. Exceto a ridícula meta do cavalo, as outras estão fora do meu alcance.

Precisando de distração, saio dirigindo até Evanston. Embora a temperatura do sábado esteja abaixo de congelante, a luz brilhante do sol indica a chegada da primavera. Com a janela do carro abaixada, inspiro o ar revigorante e de repente anseio por minha mãe. Ela vai perder a sua estação preferida este ano. A estação da esperança e do amor, era o que ela sempre dizia.

Shelley me cumprimenta na porta, usando uma blusa branca impecável e legging. Noto um brilho de gloss em seus lábios; os cachos dos cabelos caem suavemente em seu queixo.

— Você está uma graça — digo, pegando a minha sobrinha dorminhoca de seus braços.

— Quer ver uma graça de verdade? — ela pergunta, me levando até a cozinha inundada de sol. — Quando o Trevor acordar do cochilo, vou pedir que ele cante uma música que aprendeu, “Cinco coelhinhos”. É tão fofo! É claro que ele diz *toelinhos*.

Fico surpresa ao ouvir Shelley falar tranquilamente sobre essa questão antes tão delicada. Encorajada, vou além.

— Mas ele consegue cantar em mandarim?

Ela abre um grande sorriso.

— Não vai mais ter esse papo de mandarim nem panelinhas de mães. — Ela enche um bule de chá. — Eu liguei para a minha antiga supervisora ontem. Volto a trabalhar em maio.

— Ah, Shelley, isso é incrível! Qual foi a gota-d'água?

Ela tira duas xícaras do armário da cozinha.

— Acho que foi aquele fim de semana em New Orleans que você sugeriu. Eu e o Jay nos tornamos um casal de novo, e não mãe e pai apenas. Enquanto estávamos fazendo as malas para voltar para casa, eu comecei a chorar. — Ela olha para mim. — Eu não admitiria isso para ninguém além de você e do Jay. Amo muito os meus filhos, mas a ideia de voltar àqueles dias infundáveis lendo *Dora, a aventureira* e *O gatola da cartola* era demais para mim. Então eu confessei que não estava feliz neste novo papel. Seu irmão simplesmente disse “Volte a trabalhar”. Sem me julgar nem me culpar. Na semana passada, ele se reuniu com o diretor do departamento e conseguiu uma licença. Ele vai terminar o semestre e depois vai ficar sem trabalhar por um ano. Vamos ver como ficam as coisas depois disso.

— Então o Jay vai ser dono de casa?

Ela dá de ombros.

— Ele vai tentar. E quer saber de uma coisa? Acho que ele vai ser o máximo. Deus sabe que ele tem mais paciência que eu.

Estamos sentadas à mesa da cozinha, bebendo chá e rindo como nos velhos tempos quando Jay entra com tudo. Ele usa um conjunto de moletom e está com as bochechas vermelhas por causa da corrida. Um sorriso aparece em seu rosto quando me vê.

— Oi! Como vai a minha irmã preferida? — Ele deixa o iPod sobre o balcão e vai até a pia. — Querida, você perguntou à Brett sobre sábado que vem?

— Eu já ia fazer isso. — Ela se vira para mim. — Nós temos uma proposta para você. Tem um cara novo no departamento do Jay, o

dr. Herbert Moyer. É um professor bambambã que eles trouxeram da Universidade da Pensilvânia.

Jay vira um copo de água e enxuga a boca.

— O maior especialista mundial na conquista bizantina da Bulgária.

Olho para Shelley com uma expressão de *Que porcaria é essa?*. Ela abre um sorriso e dá de ombros.

— Ele ainda não fez muitos amigos em Chicago.

— Chocante — digo.

Jay não parece notar o meu sarcasmo.

— Nós achamos que seria legal apresentá-lo para você. Sabe, talvez convidar vocês dois para jantar aqui...

Um encontro às escuras com um nerd bizantino é tão atraente para mim quanto a panelinha de mães é para a Shelley.

— Obrigada, mas não acho uma boa ideia.

Shelley olha para mim de esguelha.

— Que foi, você está saindo com alguém?

Aliso os cabelos da Emma e começo a pensar em minha vida amorosa desde o fim do meu relacionamento com Andrew. Um mísero alarme falso com o Brad... e é isso. Nenhum encontro. Zero. Eu não poderia ser mais patética! Eu me endireito na cadeira, tentando conjurar uma pontinha de orgulho. O dr. Taylor me vem à mente bem a tempo.

— Tem um cara com quem venho falando ao telefone. Ele é médico do meu aluno. Nós tentamos nos encontrar algumas vezes, mas até agora não deu certo.

Shelley faz cara feia.

— Aquele viúvo de quem você estava me falando? Você não está falando sério!

Ergo o queixo.

— Ele é um cara muito legal.

Jay bagunça os meus cabelos.

— O Donald Sutherland também é. — Ele abre um sorriso e desliza para a cadeira ao meu lado. — Você só vai conhecer o

Herbert; não vai morrer se fizer isso. Além do mais, o tempo é essencial, não é?

— Nem me fale. — Solto uma bufada de ar. — Essas últimas cinco metas estão me matando. Se apaixonar e ter um filho são dois dos maiores acontecimentos na vida de uma pessoa. Você não pode simplesmente decidir que vai fazer isso e *bum!*, a coisa acontece. São questões do coração. Elas não podem ser riscadas em uma lista, como ovos e queijo na lista de compras do mercado.

— Exatamente — diz Shelley. — Por isso mesmo é importante você voltar a sair. É um jogo de probabilidades. Quanto mais homens você conhecer, maiores são as chances de encontrar alguém que realmente possa amar.

— Ah, isso sim é romântico. — Eu beijo a cabeça da Emma. — Então, quem é esse Herbert? E quem dá o nome de Herbert para um filho?

— Aparentemente, pessoas ricas — diz Jay. — O pai dele tem mais de trinta patentes. Eles têm casa nas duas costas do país, além de uma ilha particular no Caribe. E o Herbert é filho único.

— Ele não vai se interessar por alguém como eu. Sou uma professora. Moro em Pilsen, pelo amor de Deus!

Shelley dispensa a importância do que estou falando com um aceno de mão.

— Isso é temporário. O Jay contou para ele tudo sobre a sua herança postergada.

Fico boquiaberta.

— O quê? — Eu me viro para o meu irmão. — Por que você fez isso?

— Você quer causar uma boa impressão, não quer?

Uma inquietação toma conta de mim. Eu era assim? Julgava as pessoas pelo lugar onde moravam ou por quanto dinheiro ganhavam? Por mais que eu odeie admitir, acho que sim. *Com o que você trabalha?* Essa não era uma das primeiras perguntas que eu fazia quando conhecia alguém? Seria apenas coincidência que todos os amigos com quem eu e o Andrew saíamos eram ricos, atléticos e atraentes? Sinto um tremor. Não é de admirar que minha mãe tenha

me forçado a mudar o rumo na minha vida, me afastando daquela via expressa pela qual eu estava me movendo em alta velocidade. A pista na qual estou agora pode ser mais lenta, e o cenário nem de perto é tão glamouroso, mas, pela primeira vez em anos, estou apreciando a viagem.

— Se ele não se sentir confortável namorando a mulher que sou agora, eu não quero conhecê-lo.

Shelley balança a cabeça, em sinal de negativa.

— Agora é *você* quem está julgando. Relaxa. É apenas uma noite. Estou pensando no sábado que vem...

Para minha sorte, meu celular interrompe a conspiração. Dou uma espiada no identificador de chamadas.

— Vou atender a ligação. É o Johnny.

Jay pega Emma de mim e Shelley vai até a pia para encher o bule de chá de novo.

— Oi, John — digo ao telefone. — Como está a Zoë?

— Oi, Brett. Tenho ótimas notícias. Acho que a situação finalmente foi resolvida. A Zoë está indo para casa, e dessa vez é para ficar.

— Fantástico! — digo. Eu me viro para Shelley e faço sinal de positivo com o polegar. — Você deve estar tão aliviado.

— Estou sim. E vamos adorar se você vier nos visitar.

Faço uma pausa.

— É mesmo?

— Seria mais fácil você vir aqui, se não se importar. Eu compro a passagem.

— Não, não, isso não é problema.

— Eu insisto. O que me diz? Alguma chance de você conseguir escapar do trabalho?

Eu mordo o lábio para impedir que o sorriso tome conta do meu rosto.

— Eu tenho alguns dias que posso tirar de folga. Talvez em março, quando a Zoë já estiver descansada?

— Ótima ideia. Estamos loucos para te conhecer. Acho que agora é melhor eu voltar para perto da Zoë. O médico dela deve passar a

qualquer minuto com a papelada da alta. Dê uma olhada nos voos e me diga o que você decidir.

Eu desligo o telefone. Sinto a cabeça leve, como se fosse desmaiar.

— Você está bem? — pergunta Jay.

Respondo que sim com um movimento de cabeça.

— Finalmente vou conhecer o meu pai! E a minha irmã também!

Shelley se apressa em minha direção.

— Ah, Brett! Que maravilha!

— Ótimo! — diz Jay. — Agora, conheça o Herbert e marque mais um ponto.



No sábado seguinte, faço uma viagem de quarenta e cinco minutos de ônibus e de trem para ir até o lado nobre da cidade comprar uma boa garrafa de vinho para o jantar com Jay e Shelley... e Herbert. Sinto um nó no estômago toda vez em que penso nesse maldito encontro. Estou velha demais para ficar marcando primeiros encontros. E, mesmo quando eu saía para namorar, encontros às escuras eram algo torturante. Eles são o patamar mais baixo na escala do namoro. Encontros às escuras não passam de uma lição de humilhação, um momento em que você descobre o que os outros acham que você merece.

A árdua viagem até a parte nobre da cidade é bem-sucedida e saio da Fox & Obel com uma garrafa de Malbec argentino 2007. Segurando com força a minha ostensiva sacola de papel marrom, eu me arrasto até a estação de trem.

É meio-dia e a estação está em pleno vapor. Sou carregada com a multidão até chegar ao congestionamento na catraca. É nesse momento que eu o vejo. O cara da Burberry! O cara que derrubou café em mim. Eu não o vejo desde a manhã do Dia de Ação de Graças, correndo ao longo do lago Michigan com seu labrador preto. Ele passou pela catraca e já está seguindo seu caminho, descendo as escadas em direção à área de embarque.

O tempo parece rastejar enquanto faço manobras para vencer a multidão e passar pela catraca de metal. Consigo seguir meu caminho e ir em direção às escadas, fazendo um zigue-zague em meio a um bando ruidoso de turistas, esticando o pescoço para conseguir avistar o casaco da Burberry. O meu coração pulsa nas tâmporas. Aonde ele foi? Eu me junto ao rebanho que se move em massa, descendo a escada rolante. Vou pelo lado esquerdo dos degraus, tentando passar rapidamente pelas pessoas paradas na escada, e o tempo todo olhando para ver se acho o cara. Estou na metade da escada rolante quando ouço o barulho ruidoso de um trem. Fico olhando a multidão na plataforma ganhando vida. As pessoas pegam bolsas, finalizam ligações no telefone e gravitam em direção ao trem que se aproxima.

Lá está ele! O cara da Burberry está parado na plataforma, esperando para embarcar no trem que vai para o norte. Ele segura o celular no ouvido e sorri. Meu coração dá um sobressalto. Talvez eu consiga pegar esse trem. E daí que ele está indo para a direção oposta à minha? Posso finalmente conhecer esse homem!

— Com licença — digo à garota à minha frente.

Ela está com o iPod ligado e não pode me ouvir. Toco de leve no ombro dela, que me xinga quando faço pressão para passar. Continuo me espremendo entre as pessoas e estou quase no final da escada rolante quando as portas do trem se abrem. Os passageiros saem e por um instante eu perco o cara da Burberry de vista. Uma onda de pânico se espalha dentro de mim, mas então eu o vejo de novo. Ele é mais alto que a maioria das pessoas, e os cabelos ondulados são de um castanho muito escuro. Desço os degraus restantes voando. Os últimos passageiros entram no trem. Meus pés pisam no concreto, e eu ando rapidamente pela plataforma estreita em direção ao vagão onde ele está.

Ouço o duplo alarme e a voz gravada anunciar: “Fechando as portas”. Corro o mais rápido que consigo.

Assim que alcanço a entrada da porta, ela se fecha com tudo. Dou um tapa na janela de acrílico.

— Espere! — digo em voz alta.

O trem dispara e, da janela, juro que vejo o cara da Burberry. Acho que ele está me observando. Sim, está! Ele levanta a mão e acena para mim.

Eu aceno de volta, me perguntando se estamos dizendo olá ou adeus.



Pensamentos sobre esse homem misterioso me seguem enquanto dirijo para a casa de Shelley e Jay. E se eu chegar e descobrir que o lindo cara da Burberry é ninguém mais, ninguém menos do que Herbert Moyer? Em algumas semanas, vou conhecer o meu pai e a minha irmã... então, tudo é possível! Dou risada da minha tolice, mas meu estômago dá um nó no momento em que estaciono na entrada de carros da casa de Jay e Shelley. Faz muito tempo que saí para um encontro pela última vez. Sobre o que vamos conversar? E se ele ficar decepcionado comigo?

Sigo o caminho pela passagem de acesso à casa com o coração batendo forte debaixo do meu trenchcoat preto. Por que eu concordei com isso? Mas é claro que sei a resposta. Eu concordei em conhecer Herbert Moyer porque nos próximos seis meses devo me apaixonar e ter filhos. Solto uma bufada de frustração e toco a campainha.

— Alguém em casa? — chamo, abrindo a porta.

— Entre. — Jay aparece no hall de entrada e me olha de cima a baixo. — Uau! Se você não fosse minha irmã, eu diria que está sexy!

Estou vestindo saia preta e meia-calça da mesma cor, com um suéter justo e cruéis sapatos de salto pretos. Dou um beijo na bochecha dele e sussurro:

— Todo esse trabalho para um cara chamado Herbert. Espero que o jantar seja bom.

Ouçõ passos de alguém se aproximando. Quando me viro, um deus aparece na minha frente.

— Dr. Moyer — diz Jay. — Esta é a minha irmã, Brett.

Ele se move em minha direção com a mão estendida. Ela é grande, macia e máscula, tudo ao mesmo tempo. Os límpidos olhos azuis encontram os meus enquanto trocamos um aperto de mãos. Todos os meus pensamentos sobre o cara da Burberry desaparecem.

— Olá, Brett. — Ele sorri e seu rosto com traços bem definidos se torna acolhedor e amigável.

— Oi, Herbert. — Ergo o olhar para ele, me sentindo uma boba. Então esse é o cara que o meu irmão acha que eu mereço? Definitivamente, estou lisonjeada.



Os modos do dr. Moyer são tão impecáveis quanto seu casaco esportivo da Armani. Fico olhando enquanto ele agita seu conhaque depois do jantar, com a haste da taça de cristal casualmente plantada entre o indicador e o dedo médio. Ele é refinado como pão branco, sem nenhuma mistura de farelo.

A quilômetros de distância da conversa deles sobre a Grécia Antiga, bebo meu conhaque pensando em como o nome dele não combina com a sua bela aparência.

— Herbert — resmungo.

Três pares de olhos se voltam para mim.

Com a permissão de duas taças de vinho e uma de conhaque, pergunto sem rodeios:

— De onde veio esse nome? Herbert?

Do outro lado da mesa, meu irmão arregala os olhos, sem poder acreditar. Shelley finge que está lendo o rótulo na garrafa de conhaque. Mas Herbert apenas dá risada.

— É de família — diz ele. — Era o nome do meu avó. Tentei usar apelidos ao longo do tempo, mas Herb parecia botânico demais, e Bert, bom, esse estava fora de questão. Veja bem, o nome do meu melhor amigo durante toda a época de escola foi inspirado em um cara chamado Ernest Walker, e não éramos nada populares. Dá para

imaginar as piadinhas com Bert e Ernie que eu teria aguentado se tivesse insistido em Bert.

Eu dou risada. Quem diria? Bonito e bem-humorado.

— E quando vocês usavam o nome completo, os imbecis nunca fizeram a ligação com *Vila Sésamo*? — pergunta Jay.

— Não. — Ele se apoia na mesa e ergue o indicador, como se estivesse em um púlpito. — Embora, em termos técnicos, eles fossem idiotas e não imbecis. Veja bem, idiota é uma pessoa cuja idade mental é inferior a três anos, ao passo que um imbecil é uma pessoa cuja idade mental está entre sete e doze anos.

Nós três ficamos olhando para ele, sem palavras. Por fim, Jay dá risada e estapeia as costas dele.

— Vá arrumar o que fazer, seu pedante!

Ele balança a cabeça em negativa e estica a mão para pegar a garrafa de conhaque.

— Mais um drinque?



Passa da meia-noite quando nos despedimos de Jay e Shelley. Herbert me acompanha até o carro. Nós ficamos parados sob o céu repleto de estrelas, e então coloco as mãos dentro dos bolsos do meu casaco.

— Foi divertido — digo.

— Foi sim. Eu adoraria ver você de novo. Você vai estar livre na próxima semana?

Eu fico esperando que meu coração dê um pulo em meu peito, mas ele continua batendo no ritmo regular e constante.

— Vou estar livre na quarta à noite.

— Eu posso buscá-la para jantar, digamos, por volta das sete?

— Está ótimo para mim.

Ele se inclina para frente e me dá um beijo estalado no rosto, depois abre a porta do carro para mim.

— Ligo para você na segunda para confirmar. Dirija com cuidado.

Eu me afasto com o carro, me perguntando o que minha mãe acharia do Herbert. Ele seria o tipo de homem que ela escolheria para meu futuro marido e pai dos meus filhos? Acho que sim. Ela teria algo a ver com a armação para nos conhecermos? Eu acredito nessa possibilidade.

Olho para ambos os lados em um cruzamento e avisto um objeto no banco do passageiro do meu carro — a garrafa de Malbec pela qual tive de fazer uma viagem até o lado nobre da cidade. Esqueci de levá-la para dentro. Que jornada inútil, exceto por ter visto o meu cara da Burberry.



As três semanas seguintes se dissolvem tão rapidamente quanto os últimos fragmentos de neve. Conforme planejado, Herbert e eu jantamos na quarta-feira, o que nos leva a dezenas de telefonemas e mais seis encontros — cada um deles um pouco mais interessante que o anterior. Ele tem qualidades que eu realmente amo, como quando estou contando uma história engraçada e os cantos de seus lábios se curvam em um sorriso antes mesmo que eu chegue à conclusão. Ou como ele cuida para que meu telefonema seja o último do seu dia, porque quer sempre falar comigo antes de dormir.

Porém outras coisas — pequenas e insignificantes, manias, eu diria — quase me levam à loucura. Por exemplo, ele se refere a si mesmo como *doutor* Moyer para todo mundo que encontra, como se a garçonete ou o maître realmente precisassem saber do seu título. E, quando eles presumem que ele seja médico, em vez de um homem com um doutorado em história, ele não os corrige.

Mas não fui eu quem disse para Megan e Shelley que a vida não é perfeita? E que todos estamos vivendo da melhor maneira possível, e que precisamos chegar a um meio-termo? E é bem injusto chamar Herbert de meio-termo. Em todos os sentidos, ele é um partido e tanto.

Ontem comemoramos o feriado mais esperado e ruidoso de Chicago, o Dia de São Patrício. No entanto, em vez de festejar com cerveja verde e ficar com uma multidão de amigos ao longo do rio Chicago, vendo suas águas tingidas de verde-esmeralda, como eu e Andrew costumávamos fazer, Herbert me serviu fondue irlandês à luz de velas. Pareceu algo maduro e elegante. Ele escolheu o filme *Apenas uma vez* para assistirmos, um musical romântico que se passa em Dublin. Fiquei deitada no sofá, aninhada em seus braços, encantada com a sua consideração. Mais tarde, no terraço da casa dele, contemplamos o lago Michigan iluminado pelo luar. Uma brisa soprou e ele me envolveu com seu casaco. Mantendo-me quentinha e confortavelmente protegida em seu peito, Herbert me mostrou as constelações.

— A maioria das pessoas se refere àquelas sete estrelas como uma constelação, mas na verdade são um asterismo. Elas fazem parte de uma grande constelação, a Ursa Maior.

— Hum — eu disse, estudando o céu estrelado. — Só de pensar que na próxima quinta estarei nesse mesmo céu, a caminho de Seattle...

— Vou sentir sua falta — ele disse, roçando a bochecha em meus cabelos. — Estou começando a me afeiçoar deveras por você, sabia?

Uma risada irrompeu do meu peito antes que eu tivesse tempo de abafá-la.

— Ah, Herbert, me afeiçoar deveras? Quem usa termos assim?

Ele ficou me encarando, e achei que tinha ido longe demais. Mas então seu rosto foi tomado por uma expressão divertida e ele olhou para mim com um incrível sorriso branco.

— Tudo bem, espertinha, então não sou exatamente um homem moderno. Bem-vinda ao mundo do namoro nerd.

Abri um sorriso.

— Namoro nerd?

— Isso mesmo. Caso você não tenha ouvido falar, nós, os nerds, somos o segredo mais bem guardado no mundo do namoro. Somos inteligentes, bem-sucedidos e nunca traímos. Apenas ficamos felizes

quando alguém gosta de nós. — Ele voltou o olhar contemplativo para o lago. — E somos ótimos para casar.

Durante quatro anos, eu não consegui que o Andrew falasse essa palavra que começa com c. E ali estava Herbert, falando indiretamente nisso depois de apenas seis encontros.

Pressionei o corpo mais para junto dele.

— Acho que vou gostar de namorar um nerd — disse. E realmente fui sincera.



Brilhantes raios de sol atravessam a janela da minha sala no trabalho enquanto eu cantarolo e arrumo minha bolsa para o dia que tenho pela frente. Estou procurando um estojo de tinta aquarela para meu novo aluno do jardim de infância quando toca o telefone. É o Garrett.

— Que bom que consegui falar com você antes que saísse do escritório. O Peter teve uma crise violenta ontem à noite. A Autumn não conseguiu contê-lo. Por sorte, os vizinhos ouviram o barulho e foram ajudar. Não quero nem pensar no que ele poderia ter feito.

— Ah, não! Coitada da Autumn.

Esfrego os braços, imaginando a cena horrível.

— Acabei de falar com o pessoal do Novos Caminhos. Eles concordaram em abrir uma vaga para o Peter. Ele vai começar lá ainda esta semana, então, a partir de hoje, você não dará mais aula para ele.

Uma surpreendente melancolia toma conta de mim. Apesar de tudo, eu ainda tinha esperança de que houvesse um final feliz... um final em que Peter fizesse progressos e fosse capaz de voltar à sua antiga escola, aquela com alunos comuns que não precisam de terapia duas vezes por dia.

— Mas eu nem consegui me despedir dele.

— Eu digo a ele que você mandou lembranças.

— Lembre ao Peter quanto ele é inteligente e diga que eu lhe desejei boa sorte.

— Eu vou dizer. — Ele faz uma pausa, e, quando fala novamente, seu tom é gentil. — Aprendemos com esses casos que não se pode salvar a todos. É uma lição difícil, especialmente para alguém como você, jovem e idealista. Eu era assim também logo que comecei na minha profissão.

— Sinto como se eu estivesse abandonando o Peter — digo. — Talvez se eu tivesse tido mais tempo...

— Não — ele diz com firmeza. — Sinto muito, Brett, mas não vou deixar você ficar se perguntando o que poderia ter feito. Você fez tudo que podia para ajudar o Peter, e mais até. E você foi de grande ajuda para mim. Eu gostei muito de trabalhar com você.

— Eu também gostei de trabalhar com você. — Minha voz fica cortada. Estou chocada por estar tão emocionada, sabendo que vou perder a conexão com esse homem que aprendi a amar e em quem confio. Limpo a garganta. — Eu quero lhe agradecer. Você realmente me ajudou quando precisei, e não apenas com o Peter, mas com tudo que eu estava passando.

— Foi um prazer. De verdade. — Ele hesita por um momento, e, quando volta a falar, seu tom é mais leve. — Você já se deu conta de que ainda me deve um drinque?

A pergunta me pega de surpresa. Passaram-se semanas desde que falamos desse drinque pela última vez. Avancei um longo caminho desde aqueles dias sombrios em janeiro, quando eu estava desesperada tentando encontrar um homem pelo qual pudesse me apaixonar. Agora estou namorando, sem sombra de dúvida, o homem mais adequado de Chicago. Ainda assim, uma parte de mim está curiosa sobre o dr. Taylor. Eu esfrego as têmporas.

— Hum... sim, é claro.

— Está tudo bem? — ele me pergunta. — Você parece hesitante.

Solto uma bufada de ar. Que inferno, eu contei tanta coisa para esse homem, posso muito bem ser honesta agora.

— Eu adoraria me encontrar com você para tomar um drinque, mas é que comecei a sair com alguém recentemente...

— Sem problemas — diz Garrett. Ele é tão gentil que me sinto boba agora. Provavelmente ele não tinha nenhum interesse romântico em mim e pensa que sou uma completa convencida por ter presumido isso. — Espero que as coisas deem certo para você, Brett.

— Sim, obrigada.

— Bom, vou deixar você sair. Vamos manter contato.

— Sim, vamos — digo, sabendo que isso não vai acontecer.

Eu desligo o telefone, terminando a minha última conversa com o dr. Taylor. Como o último capítulo de um livro, ela é agri-doce. Não haverá mais a ajuda de Garrett e, certamente, nada de romance. E, lá no fundo, sei que é melhor assim. Eu tenho o Herbert agora, além de uma nova família que estou prestes a conhecer. Talvez o dr. Taylor tenha realmente sido um personagem na peça da minha mãe. Ele entrou em um ponto crítico, exatamente quando eu precisava dele, e fez sua saída do palco no momento certo, exatamente como o roteiro pretendia.

Encontro o estojo de tinta que estava procurando e pego o meu casaco. Ao sair, apago as luzes e fecho a porta, certificando-me de trancá-la atrás de mim.



Vejo a cidade de Seattle tomar forma pela janela do 757. É uma tarde nublada, mas, assim que começamos a descer, as faixas de água do lago Washington aparecem. É lindo ver o quebra-cabeça, um pedaço de terra cercado por fios de água azul. Faço uma busca no horizonte da cidade e quase grito quando vejo o Obelisco Espacial. O avião desce mais e então surgem blocos em miniatura de casas. Fico olhando hipnotizada, sabendo que em algum lugar lá embaixo, em um daqueles bloquinhos de concreto e madeira, vivem um homem e sua filha, o meu pai e a minha meia-irmã.

Vou vagando com outros passageiros até a esteira de bagagens, onde uma horda de pessoas espera por alguém que está chegando de viagem. Eu sondo os rostos. Algumas pessoas parecem impacientes, segurando cartazes com nomes escritos à mão. Outras parecem animadas, na ponta dos pés enquanto procuram entre os passageiros. Uma a uma, todas parecem encontrar amigos ou parentes. Mas eu fico ali parada, sozinha, suada e com náusea.

Analiso a multidão em busca de um homem de cabelos escuros acompanhado por uma garota de doze anos. *Onde estão vocês, Johnny e Zoë?* Será que eles esqueceram que eu chegaria hoje?

Será que a Zoë ficou doente de novo? Puxo o celular da bolsa. Estou verificando minha caixa de mensagens quando ouço o meu nome.

— Brett?

Eu me viro. À minha frente está um homem alto e grisalho, de barba feita, quase arrumado. Seus olhos encontram os meus e, quando ele sorri, vejo o homem do vídeo, o homem que ele era há trinta e quatro anos. Escondo o tremor em meu queixo e faço um sinal com a cabeça.

Como se também não confiasse em sua voz, Johnny abre os braços para mim. Dou um passo em sua direção, fecho os olhos e inspiro o cheiro de sua jaqueta de couro. Deixo a cabeça cair contra o seu peito e ele me embala. Pela primeira vez, sei como é a sensação de ser abraçada pelo meu pai.

— Você é linda — ele diz, por fim se afastando e me segurando a uma pequena distância. — Igualzinha à sua mãe.

— Mas estou vendo que a altura eu puxei de você.

— Os olhos também. — Ele segura o meu rosto e fica olhando com atenção. — Meu Deus, como estou feliz por você ter me encontrado.

Uma alegria inunda a minha alma.

— Eu também.

Ele joga a minha bagagem de mão sobre o ombro e coloca o outro braço em volta de mim.

— Vamos pegar a sua mala e depois vamos buscar a Zoë na escola. Ela está fora de si de tanta animação.



Ficamos conversando sem parar enquanto seguimos para o Centro Franklin L. Nelson, a escola de Zoë. Todas as perguntas que ele não havia feito durante nossas conversas ao telefone, faz agora. Eu não consigo parar de sorrir. Meu pai tem um interesse verdadeiro em mim; há uma tranquilidade e uma familiaridade entre nós que eu nem me atrevi a esperar. Porém, quando ele vai descendo pela

entrada arborizada da escola, o feio monstro do ciúme dentro de mim ganha vida novamente. Por mais animada que eu esteja para conhecer a Zoë, eu queria mais tempo com o Johnny. Sozinha. Quando ela entrar no carro, serei a forasteira mais uma vez, um papel do qual já me cansei.

O Centro Nelson é um edifício térreo e grande, belamente projetado e bem cuidado. A mensalidade aqui deve ser uma fortuna.

— As aulas só terminam dentro de uns dez minutos, mas a Zoë queria que os colegas de classe dela conhecessem a sua nova irmã. Você não se importa, não é?

— Não, é claro que não.

Ele abre uma das portas duplas de aço, e eu passo por ela em direção a um grande hall. Em um banco de madeira, uma garotinha de uniforme azul-marinho está sentada, balançando as pernas. Ela dá um pulo e fica em pé quando me vê, mas então hesita. Quando John passa pela porta, ela solta um grito entusiasmado.

— Papai!

O rosto redondo dela está completamente tomado de alegria. A garotinha corre desajeitada em nossa direção e trava os braços gorduchos em volta da minha cintura. Eu a abraço, mas ela só chega até a altura das minhas costelas. John fica olhando para nós com um largo sorriso no rosto.

— Muito bem, Zoë — diz ele, batendo de leve no topo da cabeça dela. — É melhor deixar a sua irmã respirar.

Por fim ela me solta de seu agarro.

— Você é minha irmã — ela declara.

Eu me agacho ao lado dela e contemplo o seu rosto alvo e macio. Como eu pude me ressentir desse anjo? Seus cabelos são brilhantes e escuros, como os do nosso pai e os meus. Porém, em vez de nossos olhos castanhos, os dela são verdes e com dobras de pele no canto interno.

— Sim, eu sou. Nós somos irmãs, você e eu.

Ela sorri para mim, e os olhos de um verde-oceano se tornam fendas em meia-lua. Sua espessa língua fica à mostra por entre uma grande abertura em sua mordida. Instantaneamente eu amo essa menina que é minha irmã... e que tem síndrome de Down.

Segurando em minha mão e na de John, ela nos puxa pelo corredor em direção à sala de aula. Ao longo do caminho, John aponta algumas das instalações especiais da escola. Um dos corredores é projetado como se fosse uma rua comercial. Fachadas de lojas ladeiam uma rua de tijolos, com semáforos e sinais de passagem em cada cruzamento.

— Esta área ensina às crianças como atravessar a rua em segurança, interagir com funcionários de lojas, lidar com dinheiro quando estiverem fazendo compras, e assim por diante.

Quando finalmente chegamos à sala de aula da Zoë, nos deparamos com uma verdadeira agitação. A srta. Cindy, a professora de olhos brilhantes, e seu assistente, o sr. Kopec, trabalham para que os oito alunos com necessidades especiais fiquem prontos para ser dispensados. O sr. Kopec fecha o zíper do casaco de um garoto que usa um andador.

— Harvey, você precisa manter o zíper do casaco fechado, está me ouvindo? Está frio lá fora.

— Quem perdeu um cachecol? — pergunta a srta. Cindy ao lado da chapeleira, erguendo na mão uma cobra de lã vermelha.

— Vejam — anuncia Zoë em sua voz rouca. — Esta é a minha irmã.

Com isso, seu rosto irrompe em alegria e ela esfrega as mãos uma na outra, como se estivesse fazendo fogo. Agarrando a minha mão, Zoë me conduz pela sala, apontando para fotos na parede, me mostrando o aquário, dizendo o nome de seus amigos. Em toda a minha vida, eu nunca me senti tão adorada.

Antes de partirmos, John nos leva para um passeio de carro nos arredores do complexo de doze hectares do Centro Nelson. Zoë aponta para o parquinho.

— O lugar preferido dela — diz John, esticando a mão para trás para dar um leve apertão na perna de Zoë. — E lá está a estufa, onde os alunos aprendem a cuidar das plantas.

Em nosso passeio, vemos quadras de tênis de saibro e um caminho de asfalto recém-pavimentado. Passando por um celeiro vermelho, avisto uma placa de madeira: PROGRAMA DE EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA.

— O que é aquilo?

— Aquele era o centro equestre. As crianças aprendiam a andar a cavalo. O objetivo original era ajudá-las no equilíbrio e na coordenação, mas você ficaria espantada com o que isso fazia com a autoconfiança delas.

— Pluto! — grita Zoë do banco de trás.

John sorri no espelho retrovisor.

— É, você amava aquele velho cavalo, o Pluto. — Ele olha de relance para mim. — Era um programa caro. Com os cortes no orçamento, eles tiveram que encerrá-lo no último outono.

Em minha cabeça, uma lâmpada se acende.



Conforme prometido no site SeattleTravel.com, a garoa não parou desde que cheguei. Mas para mim está ótimo. Sinto-me perfeitamente satisfeita de ficar em casa na sexta-feira, no aconchegante rancho de tijolos do John e da Zoë. Tapetes de cores berrantes cobrem as tábuas de carvalho do assoalho, e estantes de madeira cheias de livros estão dispostas nas paredes. Por todo o espaço e em cada canto disponível, vejo pinturas e obras de arte interessantes, todas de lugares que John visitou quando era um músico itinerante. Zoë pôde faltar à aula, então nós três estamos sentados em cima de um tapete navajo, jogando Oito Maluco enquanto desconhecidos músicos indie me seduzem no aparelho de som.

São seis horas da tarde e John decide que é o momento de fazer sua famosa berinjela com parmesão. Eu e Zoë o acompanhamos até a cozinha e fazemos uma salada.

— Zoë, agora vamos chacoalhar, assim. — Chacoalho o vidro com o molho da salada e depois o entrego a ela. — Sua vez.

— Eu preparo o molho — ela diz, chacoalhando o vidro com as duas mãos. Mas de repente a tampa de plástico se solta e chove

molho por todos os lados, indo parar nos armários da cozinha e em cima da bancada.

— Desculpe! — grito. — Eu não verifiquei a tampa.

Apanho um pano de prato, ansiosa para limpar a bagunça que criei, mas, atrás de mim, ouço risadas.

— Zoë, venha ver como você está!

Eu me viro e vejo John levando a menina até a porta do forno, onde ela pode ver seu reflexo. Gotas de molho branco se agarram a seus cabelos e pontilham seu rosto. Zoë acha graça. Ela pega um pouquinho do molho de sua bochecha e lambe os dedos.

— Nham-nham.

John dá risada e finge que vai fazer um lanche com uma mecha dos cabelos dela, que grita de alegria. Fico observando essa cena entre pai e filha, tão diferente de qualquer uma que eu tenha em minhas lembranças, e me esforço para gravá-la para sempre na memória.

Quando finalmente nos sentamos para comer, John ergue a taça de vinho.

— Às minhas belas filhas — diz. — Eu sou um homem de muita sorte.

Zoë ergue seu copo de leite e fazemos um brinde.

Depois de uma conversa leve no jantar, ainda nos demoramos à mesa de carvalho, ouvindo histórias sobre os primeiros dias na vida de John depois de ele sair de Chicago. Quando ele vê que Zoë está esfregando os olhos, puxa a cadeira para trás, se afastando da mesa.

— Vamos colocar o pijama, dorminhoca. Está na hora de ir para a cama.

— Não. Eu fico com a minha irmã.

— Zoë? — pergunto. — Posso ajudar você a ir para a cama hoje?

Ela arregala os olhos e desliza de sua cadeira, me segurando pela mão. Estamos quase fora da cozinha quando ela olha de relance para trás, para o pai.

— Você fica. Minha irmã me ajuda.

John dá risada.

— Ok, senhorita mandona.

Ela me leva até seu palácio de algodão-doce em tons de lilás e rosa. Cortinas de renda com laços amarrados emolduram as janelas, e a pequena cama é uma selva de bichos de pelúcia.

— Eu adoro o seu quarto — digo, acendendo a luz do abajur na mesa de cabeceira.

Ela se troca, vestindo o pijama roxo da Sininho, e eu a ajudo a escovar os dentes. Então ela sobe na cama e dá uns tapinhas no colchão, indicando o lugar a seu lado.

— Você vai dormir agora.

— Posso ler uma história pra você?

— Líbia! — ela diz. — Líbia!

Eu me agacho na frente do cantinho de livros e procuro Líbia em meio aos títulos, sem sucesso. Finalmente encontro a história de uma porquinha chamada Olívia.

— Esta? — pergunto, erguendo o livro.

Ela abre um sorriso.

— Líbia!

Eu me aninho na cama e deito a cabeça no travesseiro ao lado do dela. Ela se vira para mim, cheirando a creme dental de menta e xampu de baunilha, e me dá um beijo na bochecha.

— Lê — ela manda, apontando para o livro.

No meio da história, a respiração dela fica mais lenta e os olhos se fecham. Tomando muito cuidado, eu tiro o braço de debaixo do pescoço dela e apago a luz do abajur. O quarto agora tem um brilho cor-de-rosa vindo da luz noturna da Pequena Sereia.

— Eu te amo, Zoë — sussurro, curvando-me para beijar sua bochecha. — Que lição você é para mim.



Quando volto à cozinha, a mesa está arrumada e a lava-louça zunindo. Encho a minha taça de vinho e vou para a sala de estar, onde John está sentado segurando sua guitarra no colo, como se ela fosse uma criança. Ele abre um sorriso quando me vê.

— Sente-se. Posso pegar algo para você? Mais vinho? Uma xícara de café?

Ergo a minha taça.

— Já me servi. — Eu me sento na cadeira ao lado da dele, admirando os adornos escuros e brilhantes de madeira e marfim em sua guitarra. — Que bonita.

— Obrigado. Adoro essa velha Gibson. — Ele dedilha algumas notas antes de soltar a faixa de couro. — Foi o que manteve a minha sanidade nos momentos em que a água batia no pescoço. — Com o cuidado de um amante, ele coloca o instrumento em seu berço de metal. — Você toca?

— Receio que esse gene tenha passado longe de mim.

Ele dá risada.

— Como você era quando criança, Brett?

Relaxamos em nossa cadeira e, durante as próximas duas horas, trocamos perguntas e respostas, relatos e histórias engraçadas, tentando preencher as peças que faltam em um quebra-cabeça de trinta e quatro anos.

— Você lembra tanto a sua mãe — ele diz.

— Isso é um tremendo de um elogio. Eu sinto muita falta dela.

Seus olhos estão pesados, então ele abaixa o olhar para as mãos.

— É, eu também.

— Você alguma vez tentou entrar em contato com ela?

Seu maxilar se mexe discretamente. Como se fosse seu talismã, ele puxa a guitarra do suporte e a coloca no joelho. Mantendo os olhos voltados para baixo, ele passa os dedos em algumas cordas, tocando notas aleatórias de melancolia. Por fim olha para mim.

— Charles Bohlinger era uma pessoa difícil. — Ele solta uma lufada de ar pela boca, como se o estivesse prendendo há três décadas. — Eu queria me casar com a sua mãe. Deixá-la foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. Eu a amei de um modo que nunca mais amei outra mulher. Nunca mais.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Mas você partiu o coração dela, John. Ficou claro no diário que ela teria deixado o Charles para ir embora com você. Mas você

não queria se acomodar.

Ele se encolhe.

— Isso não é exatamente verdade. Sabe, quando o seu pai descobriu...

— Charles — digo, interrompendo-o. — Ele nunca foi um pai para mim.

John me olha e assente.

— Quando o *Charles* descobriu que sua mãe e eu tínhamos nos apaixonado, ele ficou furioso e obrigou a Elizabeth a tomar uma decisão: era ele ou eu. Ela olhou bem nos olhos dele e disse que me amava. — Ele sorri, como se a lembrança ainda fosse doce. — Ela saiu da cozinha e, antes que eu pudesse ir atrás, Charles me segurou pelo braço. Ele jurou que, se ela fosse embora, nunca mais veria os meninos de novo.

— O quê? Ele não podia fazer isso.

— Lembre-se de que era a década de 70. As coisas eram diferentes naquela época. Ele me disse que ia levar o caso para a justiça e testemunhar que ela era uma vadia, uma mãe inadequada. Eu fumei a minha cota de maconha naquela época, e ele ameaçou me pintar como o namorado maconheiro. Não era difícil imaginar de que lado o tribunal ficaria. Eu não passava de um peso para ela.

— Meu Deus, que coisa horrível.

— Perder o Joad e o Jay teria matado a sua mãe. No fim, eu menti para que ela não tivesse de escolher. Eu disse que não queria um relacionamento permanente. — Ele balança a cabeça, como se estivesse tentando se livrar de um sonho ruim. — Aquilo quase me matou. Mas eu conhecia a sua mãe. Se ela perdesse os filhos, nunca se recuperaria. Nós ficamos parados na varanda da frente. Era uma tarde mais quente que o inferno, e todas as janelas da casa estavam abertas. Eu tinha certeza que o Charles estava escutando, mas não me importei. Eu disse à sua mãe que a amava, que sempre a amaria, mas que não era o tipo de cara que conseguia ficar em um lugar só. Juro por Deus que ela pôde ver a verdade em meus olhos. Quando a Elizabeth me deu um beijo de despedida, ela me disse baixinho: “Você sabe onde me encontrar”.

Senti dor pela mulher triste com o sobretudo azul-marinho, puxando um carrinho com os filhos.

— Ela achou que você voltaria para buscá-la.

John faz que sim com a cabeça, se recompondo antes de prosseguir.

— Meu Deus, ainda consigo ver aqueles olhos, verdes como as colinas irlandesas e inabaláveis em sua confiança em mim.

Eu engulo o nó na minha garganta.

— Mas depois eles se divorciaram. Você não poderia ter procurado minha mãe?

— Eu não sabia onde ela estava. Quando fui embora, eu me convenci de que tinha feito a coisa certa. Tentei não ficar me torturando com nenhum “e se...?”. Durante anos essa velha guitarra foi a única coisa que me trouxe algum prazer. Quinze anos mais tarde, conheci a mãe da Zoë. Ficamos juntos por oito anos, mas nunca nos casamos.

— Onde ela está agora?

— Melinda voltou a morar em Aspen, que é onde a família dela mora. A maternidade não é para ela.

Quero saber mais, porém não pergunto. Suponho que uma criança com síndrome de Down não é para ela.

— Sinto muito — digo —, por todas as suas perdas.

Ele balança a cabeça em negativa.

— Sou a última pessoa que merece empatia. Como dizem, a vida é boa. — Ele estica a mão e dá um apertão de leve na minha. — E está ficando melhor ainda.

Sorriso para ele.

— Eu me pergunto por que a minha mãe não entrou em contato com você quando se divorciou, ou depois que o Charles morreu.

— Suponho que, logo que fui embora, ela ficou esperando por mim, por uma carta ou um telefonema, alguma forma de contato, mas com o passar do tempo, e a carta que nunca chegava, ela imaginou que eu realmente não a amasse.

Um calafrio passa por mim. Será que a minha mãe morreu achando que o amor da vida dela era uma mentira? De repente faço uma pergunta que vem me atormentando há semanas.

— John, por que você não me pediu para fazer um teste de paternidade? Ou talvez você ainda queira que eu faça, e por mim tudo bem.

— Não, não quero. Em momento algum eu duvidei que você fosse minha filha.

— Por quê? Todos questionaram. Eu poderia ser filha do Charles tão facilmente quanto poderia ser sua.

Ele faz uma pausa, depois toca uma corda aleatoriamente.

— O Charles fez vasectomia depois que o Jay nasceu. Sua mãe me contou quando nos tornamos amigos.

Pisco, atordoada.

— Ele sabia que eu não era filha dele? Meu Deus, não é de admirar que ele não gostasse de mim.

— E ele só teria que olhar para você, se precisasse de mais alguma prova.

— Sou fruto de uma gravidez indesejada. Eu nunca soube disso.

— Agora você está errada. A sua mãe ficou arrasada quando descobriu que ele tinha feito a cirurgia. Foi ela quem me disse isso. Ela queria outro filho. Na verdade, ela me contou que sempre quis uma filha.

— Sério?

— Muito. Você não pode imaginar como fiquei emocionado quando o sr. Pohlonski me informou que eu tinha dado a ela um presente tão precioso.

Levo a mão até a boca.

— E ela nos devolveu o presente quando me deixou aquele diário.

Um sorriso se forma nos olhos dele, e ele estica a mão para mim.

— Você continua sendo o presente dado.



No sábado, parece que estou deixando a minha família em vez dos dois estranhos que conheci quando cheguei. Eu me ajoelho ao lado

de Zoë no saguão do aeroporto e a abraço contra o meu peito. Ela se prende a mim, agarrando o meu suéter. Quando se afasta, estica o polegar e diz:

— Minha irmã.

Pressiono o polegar no dela, nosso novo ritual.

— Eu te amo, minha irmã. Vou ligar pra você hoje à noite, ok?

John me puxa para um forte abraço. Os braços dele são firmes e protetores, como imaginei que um abraço de pai seria. Inspiro fundo e fecho os olhos. O cheiro da jaqueta de couro se mistura com o seu perfume picante, aromas que sempre serão do meu pai. Por fim, ele me solta de seu abraço e me segura a uma pequena distância.

— Quando podemos ver você de novo?

— Venham até Chicago — eu digo. — Quero que todo mundo conheça você e a Zoë.

— Nós iremos. — Ele me dá um beijo e bate de leve nas minhas costas. — Agora ande, antes que perca o voo.

— Espere. Tenho algo para você. — Levo a mão para dentro da minha bolsa e pego o diário de couro da minha mãe. — Quero que você fique com isto.

Ele o aninha com ambas as mãos, como se fosse o Santo Graal. Vejo o pequeno músculo em seu maxilar se mexer e dou um beijo na bochecha dele.

— Se algum dia você teve dúvidas se ela o amava, não terá mais depois de ler isso. Todos os sentimentos da Elizabeth estão aí, em preto e branco.

— Há outros diários? Ela continuou a escrever depois que fui embora?

— Não. Procurei na casa, me perguntando a mesma coisa, mas não encontrei mais nada. Acho que a história dela teve fim com você.



Cinco horas depois, o avião aterrissa em O'Hare. Olho de relance no meu relógio de pulso. Dez e trinta e cinco, doze minutos adiantada. Ligo o celular e me deparo com uma mensagem de texto do Herbert.

Encontro você na área das bagagens

Eu nunca namorei um cara mais gentil do que ele. Agora eu não preciso chamar um táxi nem vou ter de carregar as malas sozinha. Estou prestes a ver o Herbert. Mas — pelo amor de Deus — não consigo sentir nenhum entusiasmo. Devo estar cansada. Tudo que consigo pensar é em chegar a minha pequena casa em Pilsen, deitar na cama e ligar para Zoë.

Conforme prometido, eu o encontro na área de bagagens, sentado em uma cadeira de metal e couro, lendo o que parece ser um livro educacional. O seu rosto ganha vida quando me vê. Herbert dá um pulo e eu me jogo nos braços do homem mais lindo do aeroporto.

— Bem-vinda ao lar — ele sussurra ao meu ouvido. — Senti sua falta.

Eu me afasto e ergo o olhar para vê-lo. Ele é lindo. Totalmente lindo.

— Obrigada. Também senti sua falta.

Estamos de mãos dadas, olhando para a esteira enquanto ela cospe malas. Na nossa frente, uma bebê usando uma faixa de cabelo cor-de-rosa com uma margarida verde espia por cima do ombro da mãe. Com grandes olhos azuis, ela fica encarando Herbert, muito possivelmente apreciando o que vê. Ele se inclina na direção dela e sorri.

— Oi, fofurinha — diz. — Que menina bonita!

Já flertando, a bebê abre um sorriso molhado que deixa suas covinhas à mostra. Herbert ri alto e se vira para mim.

— Existe algo mais transcendente do que o sorriso de um bebê?

Levo um segundo para traduzir o *transcendente*. Acho que ele quer dizer extraordinário. E, nesse momento, acho que ele também é transcendente. Movida por um impulso, eu me inclino na direção dele e dou um beijo em sua bochecha.

— Obrigada.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Por quê?

— Por vir me buscar no aeroporto. E por apreciar o sorriso de um bebê.

O rosto dele fica rosa e ele então volta a atenção para o carrossel de malas.

— Ouvi algo sobre uma lista de sonhos que você deve completar.

Solto um grunhido.

— Meu irmão é um linguarudo mesmo.

Ele dá risada.

— Uma das suas metas era ter filhos, não?

— Arrã — digo, tentando soar casual, mas dentro do meu peito é como se houvesse uma bateria tocando com toda força. — E quanto a você? Quer ter filhos algum dia?

— É claro. Adoro crianças.

A minha mala cai na rampa. Dou um passo à frente para pegá-la, mas Herbert segura o meu braço.

— Deixe que eu pego.

Enquanto ele vai até o carrossel, os olhos da bebê encontram os meus. Ela me analisa, como se estivesse decidindo se eu seria uma boa mãe. Lembro-me do meu prazo, aquele imposto tanto pela minha mãe quanto pela Mãe Natureza, e espero ser atingida pela familiar onda de pânico, mas dessa vez isso não acontece.

Abaixando-se, Herbert pega a minha mala e volta para o meu lado.

— Pronto? — ele me pergunta. — Você está com tudo de que precisa?

Olho de relance para a bebê, como se estivesse buscando confirmação. Um sorriso ilumina o rosto dela. Encaixo a mão no gancho formado pelo braço de Herbert.

— Sim, creio que sim.



Depois de deixar Rudy sair para fazer suas necessidades às quatro horas da manhã, volto para a cama e durmo até as nove horas, aproveitando por ser domingo. A minha desculpa é que ainda estou no fuso horário de Seattle. Quando por fim me levanto, levo meu café até a minha ensolarada sala de estar e fico fazendo as palavras cruzadas do *Tribune*, me sentindo positivamente decadente e feliz. Rudy está deitado, aninhado no tapete ao meu lado, observando enquanto tento fazer as palavras cruzadas, quadrado por quadrado. Por fim, eu me forço a sair do sofá e vou até o armário, onde troco o pijama por um conjunto de malha. Prendo a correia do Rudy na coleira e ele gira em círculos, animado porque vamos sair. Pegando o meu iPod e os óculos de sol, abro a porta da frente e desço a escada em disparada.

Rudy e eu começamos com um passeio leve. Ergo o rosto em direção ao sol e fico maravilhada com o céu azul sem nuvens e a promessa de primavera no ar. Rajadas do vento de Chicago me atingem no rosto, mas, ao contrário das ventanias odiosas e intrépidas de fevereiro, os ventos do fim de março são mais brandos, mais caridosos, quase suaves. Rudy puxa a coleira e segue na minha frente, e eu tenho de puxar sua correia para impedi-lo de me arrastar. Dou uma olhada no relógio quando chego à 18th Street, prendo bem os fones de ouvido e começo a correr.

A 18th Street é um agitado corredor comercial, com padarias, restaurantes e mercearias mexicanos em ambos os lados. Enquanto vou correndo ao longo da calçada, eu me dou conta de que a minha mãe estava certa em fazer com que eu me aventurasse fora da minha zona de conforto. Nunca sonhei que poderia chamar um lugar tão modesto e humilde de minha casa. Visualizo a minha mãe no céu, empoleirada em sua cadeira de diretora com um megafone na mão, decidindo o que acontece em cada cena da minha vida. Agora

que o Herbert é um personagem na minha peça, realmente consigo me imaginar apaixonada e com filhos... duas metas que eu duvidava algum dia realizar, muito menos em questão de meses.

Andamos o caminho todo até o Parque Harrison, quando finalmente Rudy faz cocô. Descansamos por um minuto, e então começamos a caminhar de volta para casa. Ao longo do caminho, meus pensamentos se voltam para Herbert Moyer.

Ele é extraordinário. Na noite passada, quando saímos do aeroporto, ficou claro seu desejo de que eu passasse a noite na casa dele. E fiquei tentada. Mas, quando eu disse que precisava buscar o Rudy, que estava exausta e queria dormir na minha cama, ele me entendeu completamente. Estou convencida de que o termo *cavalheiro* foi cunhado para Herbert Moyer. Além do mais, ele é o homem mais gentil que já namorei na vida. Abre portas, puxa a cadeira quando vou me sentar... Juro que, se eu lhe pedisse, ele carregaria a minha bolsa. Eu nunca me senti mais mimada.

Então por que não passei a noite com ele?, eu me pergunto agora. Com ou sem cachorro, eu não teria ficado longe de Andrew. E isso não tem nada a ver com as habilidades de Herbert como amante. Ele é maravilhoso, mais atencioso do que o Andrew jamais foi. Herbert é exatamente o tipo de homem que eu esperei encontrar e tudo que a minha mãe teria desejado para mim.

Porém, ainda assim, uma parte de mim resiste a esse amor. Eu me preocupo, pensando se sou capaz de ter um relacionamento "normal", porque, se eu for realmente honesta comigo mesma, às vezes acho a atenção e a gentileza do Herbert sufocantes. Fico preocupada, achando que o que parece normal para mim, aquilo com que me habituei, sejam homens frios e desligados emocionalmente, como Charles Bohlinger e Andrew Benson. Porém eu não posso, eu não vou estragar isso. Estou mais esperta agora, mais ciente das coisas, e não vou permitir que o meu passado destrua o meu futuro. Homens como Herbert Moyer são tão raros quanto bolsas verdadeiras da Louis Vuitton, e eu preciso agradecer à estrela da sorte por ter encontrado um homem de verdade.

Ao longe, avisto a minha casa. Solto a correia do Rudy e vamos correndo até a porta da frente. De seu lugar na mesinha de canto, a luz vermelha do meu celular está piscando. Herbert quer que eu o ajude a escolher banquetas de bar. Provavelmente ele está ansioso para irmos logo. Clico para ouvir a mensagem de voz.

“Brett, aqui é Jean Anderson. A Sanquita entrou em trabalho de parto. Estou levando-a até o Cook County Memorial. Ela está chamando por você.”



Sinto o sangue correr até a cabeça. Desço as escadas voando e bato à porta de Selina e Blanca, sem fôlego, perguntando se elas podem ficar com Rudy. Ligo para o Herbert a caminho do hospital.

— Oi — diz ele. — Eu já ia te ligar. Você consegue ficar pronta em uma hora?

— Você vai ter que fazer as compras sem mim. Estou a caminho do hospital. A Sanquita entrou em trabalho de parto.

— Há algo que eu possa fazer?

— Uma prece. Ela ainda tinha sete semanas até a data certa. Estou tão preocupada, tanto por ela quanto pelo bebê.

— É claro. Me ligue se eu puder ajudar com alguma outra coisa.

A entrada do hospital se agiganta à minha frente e diminuo a velocidade.

— Obrigada. Ligo assim que puder.

Desligo o celular, encantada com a compaixão do Herbert. O Andrew nunca entenderia a minha necessidade de estar aqui com a Sanquita. Ele faria com que eu me sentisse culpada por ter arruinado os planos dele. O Herbert é um príncipe, sem sombra de dúvidas.



Jean salta de uma cadeira de vinil preta e corre para me encontrar quando entro na pequena sala de espera. Ela agarra o meu braço e então seguimos corredor adentro com passos sincronizados, como se fôssemos uma só pessoa.

— A situação não é boa — ela me diz, as pálpebras caindo pesadas sobre os olhos. — Eles estão fazendo uma cesárea de emergência. O nível de potássio dela está alto demais. Eles estão com medo que ela tenha uma parada cardíaca.

Exatamente como nos avisara a dra. Chan.

— Como está o bebê?

— Com problemas, depois disso tudo. — Ela balança a cabeça e leva um lençinho até o nariz. — Isso não devia estar acontecendo. Essa menina ainda tem muita vida pela frente. E o bebê aguentou até aqui; ele não pode morrer agora.

— Eles não vão morrer — eu digo, com mais convicção do que realmente sinto. — Não perca a fé agora. Vai ficar tudo bem.

Ela me desfere um olhar de raiva, com a testa franzida.

— O seu povo acha que todas as tempestades terminam com um arco-íris. Não é assim que as coisas funcionam com os negros. Essa história não vai ter um final feliz. A essa altura, você já devia saber disso.

Dou um passo para trás, golpeada por uma lâmina de medo.



Vinte minutos depois, uma médica entra na sala de espera, puxando a máscara do rosto. É uma jovem morena que poderia ser líder de torcida em um jogo de futebol americano em vez de fazer partos.

— Sanquita Bell? — diz ela, analisando com os olhos a sala de espera.

Jean e eu nos levantamos e prontamente vamos encontrá-la no meio da sala.

— Como ela está? — eu quero saber. Meu coração bate tão rápido que tenho medo de desmaiar antes de ouvir as notícias.

— Eu sou a dra. O'Connor — diz ela. — A srta. Bell deu à luz uma menina de pouco mais de um quilo.

— Saudável? — consigo falar, com a voz rasgada.

A dra. O'Connor inspira.

— Ela está extremamente desnutrida e os pulmões não estão completamente desenvolvidos. Pedi que ela fosse colocada no CPAP, um aparelho que faz pressão constante para o ar passar pelas vias aéreas até que ela consiga respirar sozinha. Ela foi levada para a UTI neonatal. — Ela balança a cabeça. — Considerando tudo, é um milagre aquela miudinha.

Cubro a boca e começo a chorar. Quero dizer a Jean que milagres realmente acontecem, mas agora não é o momento de fazer uma observação de triunfo.

— Nós podemos ver a Sanquita?

— Ela está sendo transferida para aUTI. Quando vocês chegarem lá em cima, provavelmente ela já vai estar acomodada.

—UTI? — Meus olhos buscam os da médica. — Ela vai ficar bem, não vai?

A dra. O'Connor sorri com os lábios cerrados.

— Nós já vimos um milagre hoje. Vamos esperar que outro aconteça.



Eu e Jean fazemos o que parece uma interminável viagem de elevador até o quinto andar.

— Vamos lá — digo, apertando o botão repetidas vezes.

— Tem uma coisa que você precisa saber.

A gravidade na voz de Jean me deixa alarmada, e eu me viro para ela. Sob a luz fluorescente do elevador, cada ruga em seu rosto

é visível e acentuada. Os olhos negros me encaram, inabaláveis.

— A Sanquita está morrendo. Provavelmente a bebê vai morrer também.

Desvio o olhar e estudo os números acima da porta do elevador.

— Talvez não — digo em um sussurro.

— Hoje de manhã ela me disse que, se ela morrer, quer que você fique com o bebê.

Eu desabo contra a parede do elevador e coloco as mãos na cabeça.

— Eu não posso... Eu não... — Meu rosto fica com uma expressão devastada e eu engasgo com as lágrimas.

Ela balança a cabeça e fica olhando para o teto do elevador.

— Eu avisei que você poderia não querer uma criança mestiça.

Sinto uma forte onda elétrica me invadir. De repente, todas as fibras e terminações nervosas do meu corpo são acionadas.

— A raça da criança não tem nada a ver com isso. Está me entendendo? Nada! Fico honrada por ela ter considerado que eu pudesse criar a filha dela. — Inspiro fundo e esfrego o nó que se formou em minha garganta. — Mas a Sanquita vai viver. As duas vão viver.



A cortina em volta da cama de Sanquita está fechada, e também as persianas do quarto, o que cria uma cova escura cheia de fios, tubos e luzes piscantes. Ela está dormindo com a boca semicerrada; os lábios estão rachados e a respiração parece difícil, com curtos espasmos. O rosto dela está bem inchado, como uma bolha perigosamente perto de estourar. Os olhos estão fechados, mas as pálpebras estufadas parecem ter sido escurecidas com carvão. Tomo a sua mão desfalecida na minha e coloco para trás os cabelos que estavam em cima de seu rosto sem vida.

— Nós estamos aqui, florzinha. Descanse agora.

O leve cheiro de amônia enche as minhas narinas. Uremia, o aumento gradual de resíduos no sangue, exatamente como eu tinha lido. Fico cheia de temores.

Jean anda em volta da cama para ajeitar as cobertas e abaixar o travesseiro. Mas, assim que exaure sua lista de afazeres, ela apenas fica olhando para Sanquita.

— Vá para casa — eu lhe digo. — Não há nada que possamos fazer. Eu ligo assim que ela acordar.

Jean dá uma olhada em seu relógio de pulso.

— Eu preciso voltar para o abrigo, mas, antes, desça para ver como está a bebê. Eu espero aqui com a Sanquita até você voltar.



Portas duplas fechadas impedem a minha entrada na UTI neonatal. Ao lado delas, uma bela enfermeira de cabelos louro-avermelhados está sentada atrás de um balcão na recepção. Ela sorri quando me aproximo.

— Posso ajudar?

— Sim, estou aqui para ver... — Eu me dou conta de que a bebê nem tem nome. — Estou aqui para ver a bebê da Sanquita Bell.

Ela franze a testa, como se nunca tivesse ouvido falar de Sanquita Bell, e depois assente lentamente.

— A bebê que acabou de entrar, certo? A bebê da sem-teto?

Sinto uma fisgada no estômago. Nascida há menos de uma hora, a criança já foi rotulada.

— A bebê da Sanquita, sim.

Ela levanta um telefone e quase imediatamente uma mulher baixa e de cabelos escuros aparece, com um prontuário médico na mão. Seu uniforme roxo é decorado com personagens da Disney.

— Olá. Meu nome é Maureen Marble, enfermeira. E você é? — ela pergunta, abrindo o prontuário médico.

— Meu nome é Brett Bohlinger. Sou professora da Sanquita.

Ela analisa o prontuário.

— Ah, sim. Sanquita apontou você como a pessoa de apoio dela. Eu me encontro com você lá dentro.

Um zumbido ressoa e as portas se abrem com um clique. Eu entro em um corredor bem iluminado. A enfermeira Maureen reaparece e me conduz corredor abaixo.

— Nós temos nove berçários na UTI neonatal, cada um deles acomoda oito incubadoras. A recém-nascida da Sanquita está na sala 7.

Eu a acompanho até a sala 7, onde um homem e uma mulher de mais idade estão contemplando o que presumo ser o seu novo neto. Oito incubadoras ladeiam o perímetro da grande sala. Acima de quase todas eu noto faixas coloridas grudadas na parede, ou letras extravagantes com o nome do bebê. Isaiah. Kaitlyn. Taylor. Dou uma espiada nas fotos de família dispostas dentro de algumas incubadoras e nos cobertores macios tricotados à mão que claramente não são do hospital.

Maureen aponta para uma incubadora solitária no canto dos fundos, desacompanhada e sem nenhuma demonstração de amor.

— Aqui está ela.

O cartão na frente da incubadora diz MENINA. Eu fecho os olhos. Poderia dizer FILHOTINHO DE CORÇA.

Dou uma espiada dentro do bercinho de plástico. Uma miniatura de bebê do comprimento de uma régua está dormindo, usando apenas uma fralda do tamanho da de uma boneca e um gorriinho cor-de-rosa claro. Três adesivos estão grudados ao seu peito e ao estômago, com fios que levam a vários monitores. Uma agulha de soro intravenoso presa com fita transparente se projeta de uma veia no pé, e um fino tubo que transporta um líquido branco segue sinuosamente até o nariz. Cercando sua cabeça do tamanho de uma maçã, estão duas fitas elásticas, que mantêm no lugar um aparelho de plástico transparente que lhe cobre a boca e o nariz.

Ergo uma das mãos até o peito e me viro para Maureen.

— Ela vai ficar bem?

— Ela deve ficar. A máscara que você está vendo é chamada de CPAP — explica Maureen. — Ela faz pressão contínua para o ar passar pelas vias aéreas. Os pulmões dela não estão totalmente

desenvolvidos. A máscara vai ajudar até que ela consiga respirar sozinha. — Ela se vira para mim. — Você gostaria de segurá-la?

— Segurá-la? Ah, não, não. Obrigada. Provavelmente eu desconectaria alguma coisa. — Tento esconder a risada nervosa com um pigarro. — Vou deixar que a Sanquita seja a primeira a segurá-la.

Ela me olha de esquelha.

— Você pode ficar um tempo aí conhecendo a bebezinha. Eu já volto.

Sou deixada sozinha, fitando a recém-nascida enrugada, praticamente uma almofada de alfinetes com tantas agulhas e tubos. A expressão no rosto redondo dela está comprimida, como se ela estivesse um pouco incomodada por ter sido afastada da mamãe. A pele cor de caramelo, ainda coberta de pelugem, parece ser grande demais para ela. A bebê se espreguiça e estica os dedos, então vejo cinco palitinhos de fósforo. Minha garganta fica inchada.

— Bebezinha — sussurro, mas as palavras soam frias e impessoais. Então me lembro da história comovente sobre o irmão de Sanquita, um garoto sensível demais para o mundo em que nasceu. Eu beijo meu dedo e o coloco no vidro onde vejo o rosto dorminhoco dela. — Austin — sussurro — Seja bem-vinda, bela Austin.

Pelo passado de um garotinho e pelo futuro de uma nova bebê, por motivos conhecidos e por outros que ainda serão revelados, fecho os olhos e choro.



Jean dá um pulo da cadeira reclinável quando volto para o quarto de Sanquita.

— Como está a bebê?

— Perfeita — digo, tentando soar mais otimista do que me sinto.

— Vá vê-la.

Jean balança a cabeça em sinal de negativa.

— A Sanquita teve de escolher uma pessoa de apoio. Ela escolheu você.

Procuro sinais de decepção ou, pior, de desaprovação no rosto de Jean. Para minha surpresa, não vejo nenhum. Eu me aproximo da cama da Sanquita. Ela está dormindo de barriga para cima, como quando a deixei, com o rosto inchado, uma caricatura cruel da garota adorável que ela foi.

— A sua bebê é linda, Sanquita.

Jean pega a sua bolsa.

— Você vai ficar bem aqui sozinha?

— Vou ficar bem.

Ela seca os olhos com um lenço.

— Me ligue no minuto em que ela acordar.

— Farei isso. Prometo.

Ela se inclina e esfrega a bochecha na de Sanquita.

— Eu vou voltar, meu doce. — A voz dela fica partida. — Agente firme, está me ouvindo?

Eu me viro para a janela e tampo a boca com a mão, engolindo as lágrimas. Então sinto Jean ao meu lado. Ela estica uma das mãos para me tocar, mas depois recua.

— E você se cuide — sussurra. — Receio que aquele bebê vá precisar de você.



A cada trinta minutos, uma enfermeira entra para checar os sinais vitais de Sanquita, mas nada parece mudar. As horas passam devagar. Puxo uma cadeira de madeira para o lado da cama, ficando tão perto de Sanquita que posso ver cada inspiração rasa. Entrelaçando a minha mão por entre a barra de proteção da cama, encontro a mão dela. Enquanto Sanquita está dormindo, eu lhe conto sobre a sua preciosa filha e a maravilhosa mãe que ela vai ser.

É fim de tarde quando uma jovem entra no quarto escuro. Ela está vestindo um jaleco branco, com mechas de cabelos finos e

sinuosos pendendo de debaixo da touca hospitalar azul. Ela procura algo em volta da mesa de cabeceira de Sanquita e fica alarmada quando me vê do outro lado da cama.

— Ah, não tinha visto você aí. Estou procurando o cardápio. Ela preencheu algum?

— Ela não vai comer esta noite, obrigada.

Os olhos dela sondam a forma sem vida de Sanquita.

— Você acha que ela vai precisar de algum cardápio? Eu posso deixar um por dia aqui, ou posso apenas esperar...

O sangue sobe às minhas têmporas rapidamente. Eu me levanto e apanho o cardápio da mão dela.

— Sim, ela vai precisar do cardápio de amanhã. Deixe um aqui todos os dias. Entendeu? Todos os dias.



Às cinco horas da tarde, desço até o berçário para dar outra olhada em Austin. Depois de entrar na UTI neonatal, vou direto para a sala 7. Caminhando apressada até o canto dos fundos, fico ofegante quando vejo a incubadora de Austin acesa como se fosse uma cabine de bronzeamento. O aparelho de respiração lhe cobre o nariz e a boca, e agora os olhos estão ocultos sob uma venda. O que aconteceu? Meu coração dá marteladas no peito.

Eu me viro.

— Maureen?

Mas a enfermeira Maureen está do outro lado da sala, ocupada, conversando com o casal mais velho que eu tinha visto antes.

Eu vejo uma mulher de jaleco branco cruzando a sala.

— Com licença — digo, seguindo atrás dela porta afora. — Você pode me dizer o que está acontecendo com a Austin... a bebezinha? A incubadora dela...

A mulher levanta a mão e sai andando.

— Eu tenho uma emergência agora. Fale com uma das enfermeiras.

Volto correndo para o fundo da sala. Por fim, Maureen se afasta dos avós corujas.

— O que foi, Brett?

— O que há de errado com a bebê da Sanquita? O berço dela está todo iluminado. E ela está usando uma venda.

Uma máquina do outro lado da sala emite um bipe, como um desagradável despertador, o que atrai a atenção de Maureen.

— Ela está sendo submetida a fototerapia — ela me diz enquanto corre apressada para o outro lado da sala.

Volto para o berço de Austin, longe de saber o que há de errado com ela. O homem mais velho que presumo ser um vovô vem ficar ao meu lado e dá uma espiada em Austin.

— Essa pequena é sua filha?

— Não. A mãe dela é minha aluna.

Ele faz uma cara feia.

— Sua aluna? Quantos anos ela tem?

— Dezoito.

Ele balança a cabeça em sinal de desaprovação.

— Que lástima.

Ele volta arrastando os pés para junto de sua esposa e sussurra algo que não consigo ouvir.

É assim que vão ser as coisas para essa bebê? As pessoas vão tratá-la como se ela fosse um erro, o resultado infeliz de uma adolescente descuidada? As pessoas vão negligenciá-la porque ela é pobre e sem-teto? Esfrego as têmporas, horrorizada com esses pensamentos.

Uma ruiva bonita e de pele escura, em cuja etiqueta de identificação está escrito ENFERMEIRA LADONNA, aparece na incubadora ao lado.

— Com licença — digo, dessa vez com a autoridade de quem está cuidando de alguém.

Ela levanta o olhar.

— Como posso ajudar?

— A bebê da Sanquita Bell — digo, apontando para a incubadora.

— Por que ela está nessa cabine de bronzamento?

A enfermeira LaDonna abre um sorriso amigável, revelando dentes separados.

— Ela está fazendo fototerapia por causa da hiperbilirrubinemia.

— Hiperbili...? — Eu paro, incapaz de repetir a desconhecida e estranha palavra. Pigarreio. — Olha, não me interessa se é hiper... Billy-the-Kid. Só preciso saber o que há de errado com a Austin. Por favor, em uma linguagem clara.

Vejo humor nos olhos de LaDonna, mas ela apenas assente.

— É justo. Hiper-Billy-The-Kid — ela dá uma piscadinha ao dizer isso — tipicamente é chamada de icterícia. É muito comum em prematuros. Nós a tratamos com luzes azuis, que ajudam o corpo pequenino do bebê a eliminar o excesso de bilirrubina. As luzes não são danosas e a bebezinha não está sofrendo nenhum desconforto. Os níveis dela de bilirrubina devem ser estabilizados em um ou dois dias.

Deixo escapar um suspiro de alívio.

— Graças a Deus. — Olho para ela. — E obrigada.

— De nada. Mais alguma coisa?

— Não. Agora não. — Eu começo a me virar de novo para a bebê, mas paro bruscamente. — Tem mais uma coisa — acrescento, voltando o olhar para LaDonna.

— O quê?

— Podemos chamá-la de Austin e não bebezinha, por favor?

Ela sorri.

— É justo.



O céu está escuro agora. Vou até a janela e ligo para o Herbert. Enquanto espero que ele atenda o telefone, fico olhando para fora, para a cidade movimentada. Do lado de fora, as pessoas seguem a vida, fazendo compras em mercearias, levando o cachorro para passear, preparando o jantar. De repente, o cotidiano de uma vida

parece milagroso. Essas pessoas sabem como têm sorte? Um dia de compras com o Herbert me parece tão frívolo agora, tão mesquinho.

— Oi — diz ele. — Onde você está?

— No hospital. A Sanquita está na UTI. Ela teve problemas no coração.

— Ah, querida, que notícia triste.

— Não há nada que eu possa fazer — digo, apertando um lençinho de papel contra o nariz. — A bebê dela está em estado crítico também.

— Me deixe ir buscar você. Eu preparo o jantar. Depois vemos um filme, ou vamos dar um passeio no lago. Eu levo você de volta logo de manhãzinha.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não posso deixá-la. Ela precisa de mim. Você me entende, não?

— Claro que sim. Mas eu gostaria de ver você.

— Eu ligo mais tarde. — Começo a desligar quando ele fala de novo.

— Brett?

— Sim — digo.

— Eu amo você.

Fico perplexa. Ele escolhe esse momento para declarar o seu amor? Minha mente vai a mil por hora e não consigo pensar em uma resposta apropriada... além da óbvia.

— Eu também — digo por fim, antes de decidir se isso realmente é verdade.



Quando volto para a minha cadeira, os olhos de Sanquita estão lúcidos e arregalados. Ela olha diretamente para mim através das barras de proteção de sua cama. Fico paralisada. A minha mãe também morreu com os olhos abertos. Mas então vejo o leve subir e

descer do cobertor quando ela respira. Graças a Deus. Eu me inclino para frente, por cima da proteção da cama.

— Parabéns, florzinha. Você tem uma linda filha.

Os olhos dela ficam travados nos meus, como se estivessem implorando para ouvir mais.

— Ela está muito bem — minto. — Ela é perfeita.

O lábio inchado treme, e seu corpo também. Ela está chorando. Coloco os cabelos que estão em sua testa para trás. Sua pele está gelada.

— Você está congelando, florzinha.

Os dentes dela batem, e ela faz um leve aceno com a cabeça, concordando comigo. Eu olho ao redor, mas não vejo nenhum cobertor extra. Que outras torturas essa garota terá de suportar? E onde está a mãe dela, droga?! Em todos os anos em que ela esteve doente, alguém já confortou essa menina? Ela já sentiu alguma vez na vida o abraço afetuoso da mãe? Eu não quero nada além de pegá-la em meus braços para fazer com que ela se sinta aquecida, segura e amada. Então eu faço isso.

Abaixo a proteção da cama e reposiciono os fios e os tubos conectados às mãos e ao peito dela. Ela quase parece não ter peso nenhum enquanto eu, com cuidado, deslizo-a para um lado do leito. Então, avançando centímetro por centímetro, sempre tomando muito cuidado, subo na cama ao lado dela.

Com tanta ternura como se ela fosse um cristal, eu a envolvo nos braços. Sinto o cheiro de amônia novamente. Mais forte desta vez. Uremia. O corpo dela está parando de funcionar? Ah, meu Deus, por favor, não! Não agora.

Eu envolvo os cobertores em sua delicada estrutura física, cuidando para que fiquem bem apertados. Seu corpo inteiro treme, como se ela estivesse sofrendo um choque. Eu a abraço contra o meu peito, na esperança de que ela capture o calor do meu corpo. Com a bochecha repousando na cabeça dela, eu a embalo e baixinho canto a minha canção de ninar preferida junto ao ouvido dela.

— *Somewhere... over the rainbow...*

Espero que ela não note o tremor em minha voz nem como tenho de parar a cada poucas palavras para me livrar do nó que se forma em minha garganta. No meio da canção, o corpo dela para de tremer. Paro o embalo, de repente tomada pelo pânico. Então ouço uma voz, tão rouca e fraca que é quase inaudível.

— Bebê.

Fico olhando para ela, para além de uma parte que ela coçou até ficar em carne viva, e forço um sorriso em meus lábios.

— Espere só até vê-la, Sanquita. Ela é minúscula, não é muito maior do que a minha mão, mas tem determinação, assim como a mãe dela. Dá para ver desde já. E ela tem os seus belos dedos longos.

Uma única lágrima escorre pelo rosto inchado dela. Meu coração se estilhaça.

Seco o rosto de Sanquita com o lençol de algodão.

— As enfermeiras vão cuidar bem dela até você ficar mais forte.

— Não vou... ficar... mais forte — ela sussurra.

— Pare com isso! — Mordo a bochecha por dentro com tanta força que sinto o gosto de sangue. Não posso deixar que ela saiba como estou assustada. — Você precisa lutar, Sanquita! Sua bebê depende de você.

Com o que parece ser uma força hercúlea, ela ergue o rosto em direção ao meu.

— Você. Fique... com a minha bebê. Por favor.

Engulo em seco.

— Não vou precisar fazer isso. Você vai melhorar.

Ela me olha feio, com olhos tomados pelo desespero.

— Por favor!

Um soluço tortura o meu corpo. Eu não tento mais esconder isso dela. Sanquita sabe do seu destino. E precisa saber quanto ao de sua bebê.

— Vou ficar com a sua bebê — eu lhe digo, sufocando os soluços. — Eu vou cuidar para que ela tenha uma vida maravilhosa. Vou falar sobre você todos os dias. — Cubro a boca e um gemido escapa. — Vou falar sobre como você era inteligente... como era dedicada.

— Como a... amei.

Fecho os olhos e faço que sim com a cabeça, até que consigo falar de novo.

— Vou dizer a ela que você a amou mais do que a própria vida.



O funeral de Sanquita é um pobre reflexo de sua jovem e corajosa vida. Ela é enterrada com a roupa acadêmica dourada no Cemitério Oak Woods, três dias depois do nascimento da filha, cercada de suas amigas da Casa Joshua, Jean Anderson e mais duas professoras, além de mim e do Herbert. Parado ao lado do túmulo, o pastor de Jean faz uma prece e oferece um panegírico impessoal à garota que ele nunca conheceu. Depois disso, o grupo se divide, com Jean voltando apressada para a Casa Joshua e as professoras retornando ao trabalho. Fico observando enquanto Tanya, Julonia e o restante das mulheres vão subindo a colina gramada em direção à 67th Street para pegar o ônibus. Tanya acende um cigarro, dá uma longa tragada e o passa para Julonia.

É isso. Acabou. Os dezoito anos da vida de Sanquita Bell agora são uma lembrança, que desaparecerá um pouco a cada dia. Só de pensar nisso, eu estremeço.

Herbert olha para mim.

— Você está bem, amor?

— Preciso ir para o hospital. — Estendo a mão para pegar o cinto de segurança, mas ele a segura.

— Você está se acabando entre o trabalho e o hospital. Eu mal a vi esta semana.

— A Austin precisa de mim.

Ele ergue minha mão em direção a seus lábios e a beija.

— Meu amor, a Austin está recebendo todo o cuidado de que precisa. Tire uma folga hoje. Deixe eu levar você para jantar, um belo jantar.

Ele está certo. Provavelmente a Austin não sentiria a minha falta. Mas o fato é que eu sinto a falta dela. Olho nos olhos dele, na esperança de que ele me entenda.

— Não posso.

É claro que ele me entende. Sem um único suspiro de frustração que seja, ele engata o carro e dirige até o hospital.



Vou correndo até a incubadora de Austin, esperando ver as luzes azuis com as quais já me acostumei. Em vez disso, ela está sem a venda, e as luzes foram retiradas. Deitada em posição fetal, com a cabeça de lado, os olhos estão abertos. Eu me agacho e dou uma espiada nela.

— Olá, pequena — digo. — Você está tão bonita.

LaDonna vem para o meu lado.

— Os níveis sanguíneos dela estão normalizados. Não precisa mais da fototerapia! Você gostaria de segurá-la?

Durante os últimos dois dias, enquanto Austin estava sob as luzes, coloquei as mãos dentro da incubadora para acariciar a pele dela, mas ainda não a segurei.

— Humm, claro — concordo. — Se não tiver problema. Eu não quero machucá-la.

LaDonna dá risada.

— Você vai fazer tudo direitinho. Ela é mais forte do que você pensa, e precisa do toque humano.

As enfermeiras têm sido especialmente bondosas comigo desde a morte de Sanquita. Elas sabem do meu plano de adotar a Austin, e sou tratada como se fosse uma nova mãe agora, em vez de

visitante. Porém, ao contrário das novas mães confiantes e de olhos brilhantes que vejo ao meu redor, eu me sinto desajeitada e despreparada. Sanquita me confiou sua única filha. O bem-estar desse pequeno ser enrugado depende apenas de mim. Mas e se eu falhar com ela, da mesma maneira que fracassei com Peter Madison?

LaDonna levanta a tampa da incubadora e aninha Austin em minhas mãos enquanto ajusta os fios, o tubo de alimentação nasal e a máscara de respiração. Ela reposiciona a fotografia que coloquei na incubadora de Austin, a foto da identidade escolar de Sanquita, e pega um cobertor, envolvendo Austin em uma trouxinha apertada.

— Bebês gostam de ficar embrulhadinhos — ela explica e me entrega o pequeno “pacote”.

Austin parece não pesar nada. Ela perdeu quase cinquenta gramas desde que nasceu, o que LaDonna diz que é normal, mas eu não consigo não ficar preocupada. Ao contrário dos bebês saudáveis, Austin não tem peso de sobra. Eu a posiciono no gancho do meu braço e ela praticamente se perde ali. Sua testa fica esmagada, mas, por causa da máscara que lhe cobre a boca e o nariz, o choro dela é abafado.

— Ela está chorando. — Volto o pacotinho para LaDonna, desejando que ela pegue Austin de mim. Mas ela não faz isso. Seguro Austin, toda atrapalhada, e a mantenho mais perto de mim, mas o choro fraco continua. — O que estou fazendo de errado?

— Ela esteve chatinha o dia todo. — LaDonna toca de leve no queixo dela com o indicador. — Quer saber o que eu acho?

— Que eu sou uma droga como mãe?

Ela agita uma das mãos no ar e balança a cabeça em negativa.

— Não! Você vai ser uma ótima mãe. Eu acho que a Austin precisa de um pouco de mãe canguru.

— Exatamente o que eu pensei! — Balanço a cabeça para ela. — Ah, LaDonna, você está falando com uma novata... e não estou me referindo à Austin. Que raios é mãe canguru?

Ela dá risada.

— O método mãe canguru é o contato de pele entre a mãe e o bebê prematuro, da mesma maneira que um bebê canguru na bolsa da mãe. Esses bebês precisam do contato físico para estabelecer

ligações de afeto, mas estudos também já mostraram que manter o bebê prematuro junto ao peito da mãe estabiliza a frequência respiratória e cardíaca dele, o que conserva calorias, e o bebê ganha mais peso e até regulariza a temperatura corporal. O corpo da mãe age como se fosse uma incubadora.

— É mesmo?

— É. A temperatura dos seios da mãe realmente muda em resposta à temperatura do corpo do bebê. Os bebês ficam mais contentes, menos aptos a ter apneia e vivenciam muitas outras coisas boas. Você gostaria de tentar?

— Mas eu não sou a mãe... a mãe biológica.

— Mais um motivo para fortalecer sua ligação com ela. Vou colocar um biombo aqui, para que vocês duas possam ter um pouco de privacidade. Enquanto eu vou buscá-lo, você pode desembrulhar a Austin. Tire tudo dela, menos a fralda. Quer que eu arrume uma camisola hospitalar para você, ou prefere desabotoar a blusa?

— Hum... Eu acho que vou só desabotoar a blusa. Tem certeza que isso funciona mesmo eu não sendo a mãe verdadeira? Eu odiaria que ela pegasse um resfriado por eu não ter conseguido ser uma boa mãe canguru.

LaDonna dá risada.

— Vai funcionar. — Ela inclina a cabeça para o lado, agora séria.
— E, Brett, lembra que você me pediu para não chamar a Austin de *bebezinha*?

— Sim.

— Você quer parar de dizer que não é a mãe dela?

Inspiro e faço que sim com a cabeça.

— É justo.



Eu me deito em uma cadeira reclinável, cercada por um biombo para ter privacidade. Desabotoo a blusa e tiro o sutiã. LaDonna posiciona Austin no meu peito, com o volume do meu seio esquerdo lhe

servindo de almofada. Os cabelos macios fazem cócegas na minha pele, e eu me encolho. LaDonna coloca um cobertor por cima da Austin.

— Aproveite — ela me diz e desaparece atrás do biombo.

Espera!, eu quero lhe dizer. Durante quanto tempo eu devo ficar fazendo isso? Você pode me arrumar um livro ou uma revista?

Solto um suspiro. Cuidadosamente, deslizo a mão por debaixo do cobertor e a coloco nas costas nuas de Austin, macia como manteiga. Sinto o rápido subir e descer da respiração dela. Olhando para baixo, vejo os seus finos cabelos pretos. O rosto, de perfil, não está mais contorcido em sua lamúria silenciosa. Os olhos piscam, indicando que ela está acordada.

— Olá, Austin — digo. — Você está se sentindo triste hoje, florzinha? Eu sinto muito por sua mãe ter morrido. Nós a amávamos tanto, não é?

Ela pisca, como se estivesse me escutando.

— Eu vou ser a sua mamãe agora — digo em um sussurro. — Sou nova nisso, então você vai ter que me dar uma chance, tudo bem?

Austin fica com o olhar voltado para a frente.

— Vou cometer alguns erros, isso você já deve ter percebido, mas prometo que vou fazer tudo que puder para tornar a sua vida segura, doce, feliz e boa.

Austin se aninha no meu pescoço. Eu dou risada baixinho e esfrego a bochecha na cabeça macia dela.

— Estou tão orgulhosa por você ser minha filha.

O ritmo da respiração dela diminui e os olhos se fecham. Eu olho para esse presente maravilhoso e sou tomada por um amor tão cru, tão instintivo, que até me tira o fôlego.

Num piscar de olhos, LaDonna volta a espiar pelo biombo.

— O horário de visitas está quase acabando — ela me diz em um tom de sussurro.

Olho de relance para o relógio na parede.

— Já?

— Você já está aqui há quase três horas.

— Está brincando!
— Não. A Austin parece contente agora... e você também. Como foi?

— Foi... — Eu dou um beijo no topo da cabeça de Austin e fico pensando em um adjetivo — ... mágico.

Enquanto coloco Austin deitada na incubadora e lhe dou um beijo de boa noite, avisto a identidade escolar de Sanquita, a única foto que Jean conseguiu achar dela. Apoio a foto na incubadora, na linha de visão de Austin. Faço uma anotação mental para trazer outra foto amanhã.

Uma foto minha.



Embora o meu lado racional saiba que qualquer corpo quente teria produzido os mesmos resultados, é uma experiência quase espiritual ver a transformação de Austin. Depois de apenas sete dias que comecei a bancar a mãe canguru, ela passou da máscara de respiração para um tubo nasal. Posso finalmente ver seus belos lábios arqueados e acariciar o seu rostinho sem a interferência da desajeitada máscara de plástico. Desde o seu nascimento, há nove dias, Austin recuperou o peso que tinha perdido e ganhou a mais o mesmo peso, parecendo cada vez menos uma pequena alienígena.

São três da tarde e passo correndo pelo estacionamento do hospital falando ao celular. Todos os dias, desde que a Austin nasceu, acordo antes do amanhecer e chego ao trabalho antes das sete. Trabalho durante a minha hora de almoço e termino a última aula às duas e meia da tarde. O que me permite passar quatro gloriosas horas com a Austin.

— Esse método da mãe canguru é milagroso — digo para Shelley ao telefone. — A Austin está chegando perto de conseguir respirar sozinha. E está se esforçando para coordenar ao mesmo tempo a sugada, a deglutição e a respiração. Ela está quase conseguindo, então eles vão tirar o intravenoso e a sonda de alimentação. Ela é

tão fofa, Shel. Eu mal posso esperar para vocês a conhecerem. Você recebeu as fotos que eu enviei, não?

Shelley ri.

— Sim, ela é uma querida. Meu Deus, Brett, você realmente parece uma mãe falando.

Eu abro com tudo a porta do hospital.

— É, bom, vamos torcer para que eu não estrague a pobre criança com meus medos, minhas inseguranças e neuroses.

— Boa observação. Eu também espero.

Nós duas damos risada.

— Eu estou chegando ao hospital agora. Dê um beijo nas crianças por mim e diga ao Jay que eu mandei um “oi”.

Jogo o celular no bolso e sigo até o elevador. Abro um sorriso, me perguntando qual será a surpresa que me espera hoje. Até agora, o Herbert não perdeu nenhum dia. Como não tem permissão para fazer visitas, ele envia pacotes para a estação das enfermeiras, endereçados a Austin e a mim. Isso já se tornou um evento entre as enfermeiras, e até mesmo entre algumas outras mães, reunidas para me ver abrir o último presente do Herbert. Acho que elas esperam mais do que eu pela surpresa. LaDonna adora o chaveiro de prata com a data de nascimento da Austin gravado à mão. Eu também o adoro, mas a minha surpresa preferida é a foto minha e da Austin, de ontem. Ele imprimiu duas cópias de uma foto que eu lhe enviei e colocou cada uma delas em um porta-retratos. No meu porta-retratos prateado está escrito MÃE E FILHA e no porta-retratos cor-de-rosa e branco da Austin, MAMÃE E EU.

Porém, quando chego, parece que o quinto andar recebeu a sua própria surpresa. Lá na frente eu vejo uma mulher cercada por LaDonna, Maureen e um segurança. Eles estão reunidos perto da entrada bloqueada para a UTI. Os longos cabelos amarelos da mulher têm a textura do feno no fim de agosto, e, mesmo com o volume de um casaco de pele falsa, ela parece quase esquelética.

— Eu não vou a lugar nenhum. — As palavras dela saem arrastadas, e ela cambaleia sobre sapatos de salto vermelhos. — Tenho o direito de ver a minha neta.

Meu Deus, a pobre mulher deve estar bêbada. Que triste para a filha e para a neta. Quando LaDonna me avista, ela me dirige um olhar cortante em forma de aviso. Eu diminuo o passo e me viro, mas os sons da desordem me seguem.

— A senhora precisa sair agora — o segurança lhe diz — ou teremos que chamar a polícia.

— Vocês não vão chamar polícia nenhuma pra cima de mim. Eu não fiz nada de errado. Eu vim lá de Detroit. Não vou embora até ver minha neta, estão me ouvindo?

Ah, meu Deus! Eu viro no canto, ficando fora do campo de visão dela, e desmorono de encontro à parede. Será que é a mãe da Sanquita? Passos se aproximam e os gritos ficam mais altos.

— Tira a porra das mãos de cima de mim! Você quer ser processado, seu filho da puta?

Eles viram a esquina no corredor, e ela está tão perto que sinto o cheiro de cigarro que se demora no ar. O rosto dela está quase sem cor, como aveia, e tomado por um rosnado raivoso. Avisto dentes pretos, apodrecidos, e meu primeiro pensamento é: *Viciada em metanfetamina*. Será que ela era? Será que é? As palavras de Sanquita me voltam à mente. *Eu sei por que ela não acordou quando os meus irmãos gritaram. Quando cheguei em casa, joguei tudo na privada e dei descarga.*

Agarrando-a pelo braço, o segurança quase tem de arrastá-la em direção ao elevador, ignorando as obscenidades que ela joga para cima dele. Quando passa na minha frente, a mulher aperta os olhos, como se fosse para me ver melhor. Eu fico sem fôlego e dou um passo para trás. Será que ela sabe quem eu sou? Será que sabe que eu vou ser a mãe da Austin? Uma onda instintiva de medo percorre meu corpo.

O segurança a puxa para frente, mas ela estica o pescoço e olha com ódio para trás, para mim, com frios olhos cinzentos.

— Está olhando o quê, vadia?

Minha empatia desaparece. Em seu lugar, surge algo primal, um instinto maternal protetor, e sei que eu morreria, ou mataria, pela

vida e pela segurança da Austin. O pensamento me deixa horrorizada e perplexa — e estranhamente orgulhosa.



AUTI neonatal está alvoroçada. LaDonna me segura pelo cotovelo quando me vê e me leva até um lugar reservado.

— Nós temos um problema — ela sussurra.

— A mãe da Sanquita? — pergunto, já sabendo a resposta.

Ela assente e olha ao redor para se certificar de que ninguém está perto o suficiente para ouvir o que ela vai me dizer.

— Tia Robinson. Ela estava tão chapada, ou bêbada, ou... vai saber o quê... que mal conseguia andar.

Uma outra onda de pânico me assola.

— Ela veio atrás da neta.

Ela balança a cabeça, como se a ideia fosse uma loucura.

Levo uma mão à garganta e a aperto com força, tentando impedir a bÍlis amarga de sair.

— Ela pode pegá-la? É possível que ela fique com a bebê?

Ela dá de ombros.

— Eu já vi coisas mais estranhas acontecerem. Se um parente está disposto a ficar com a criança órfã, é mais frequente que ele consiga. É um caso a menos para o Estado se preocupar.

— Não! Ela não! Não vou deixar isso acontecer. Eu vou ficar com a Austin. Esse foi o último desejo da Sanquita.

Ela faz uma cara feia.

— Bom, acho isso maravilhoso, mas não é você quem toma a decisão. Você já conversou com a Kirsten Schertzing, a assistente social do hospital?

— Não — respondo, me sentindo tola de repente.

Por que eu achei que seria a coisa mais fácil do mundo adotar essa criança sem-teto e sem mãe?

— Venho tentando falar com uma assistente social por telefone, mas sem sucesso. Pensei em entrar em contato com a assistente social daqui, mas tenho estado tão ocupada com a Austin.

— Eu vou ligar para a Kirsten agora. Se ela estiver disponível, talvez você possa conversar com ela hoje.

Ela desaparece atrás da estação das enfermeiras e volta um pouco depois com uma anotação em um post-it.

— A Kirsten vai entrar em reunião agora, mas pode falar com você amanhã, às quatro da tarde. Ela fica no segundo andar, na sala 214. — Então me entrega o post-it. — Anotei tudo para você.

Minha cabeça gira e fico fitando a anotação.

— Pode ser que você precise brigar. A sra. Robinson está certa de que a criança é dela.

— Por quê? — pergunto. — Ela nem quis criar a própria filha.

LaDonna solta uma leve bufada.

— Essa é fácil. Ela quer os benefícios pela morte da Sanquita. Durante os próximos dezoito anos, a Austin vai receber cerca de mil dólares por mês de pensão do governo.

Um medo sombrio e atávico toma conta de mim. Essa mulher está determinada a ficar com a minha bebê, por um velho e infame motivo. E ela é a avó da Austin. Eu sou apenas a professora da Sanquita, alguém que ela conhecia havia meros cinco meses.



Passo as próximas duas horas atrás do biombo, com Austin junto ao peito, cantando baixinho com o novo presente do Herbert, um iPod repleto de músicas perfeitamente adequadas para uma nova mãe,

como “I Hope You Dance” e “You Make Me Feel Like a Natural Woman”. Estou comovida. Ele deve ter levado horas para fazer essa seleção. Mas será que algum dia eu serei uma nova mãe? Meu peito fica apertado. Baixo o olhar para Austin e tento cantar com Alison Krauss. *It’s amazing how you can speak right to my heart.*

Com sua minúscula mão fechada, Austin empurra o cobertor, abre a boca em um bocejo e fecha os olhos novamente. Dou risada em meio às lágrimas e acaricio levemente as costas dela. De repente, fico alarmada com a mão de alguém que toca em minhas costas.

— Você tem visita, Brett. Ele está esperando na recepção.

Fico surpresa quando vejo o meu irmão do lado de fora da UTI. Ele está de terno e gravata, deixando claro que veio direto do trabalho.

— Joad — eu digo. — O que você está fazendo aqui?

— Está bem difícil falar com você nas últimas semanas. — Ele se inclina na minha direção e dá um beijo estalado em meu rosto. — Ouvi dizer que você tem uma nova amiguinha. A Catherine ficou toda boba com aquelas fotos que você enviou.

— Uma coisa horrível acabou de acontecer. A mãe da Sanquita apareceu aqui hoje. Ela acha que vai ficar com a minha bebê. — A histeria novamente se apodera de mim enquanto relembro a cena horrível. — Isso não vai acontecer, Joad! Eu não vou deixar que ela tire a bebê de mim!

Ele inclina a cabeça para o lado, com a testa marcada por rugas de preocupação.

— Como exatamente você planeja impedi-la?

— Eu vou adotar a Austin.

— Venha, vamos tomar uma xícara de café. — Ele me analisa de cima a baixo. — Ou melhor, jantar. Quando foi a última vez que você comeu alguma coisa?

— Eu não estou com fome.

Ele balança a cabeça em negativa.

— Vamos. Você vai comer e depois vai me contar o que está acontecendo.

Ele me puxa pelo braço, mas eu me solto da pegada dele.

— Não! Eu não posso deixar a Austin! Aquela mulher pode voltar aqui.

Ele me olha fixamente, com os olhos alarmados.

— Controle-se! Sua aparência está péssima. Você dormiu nas últimas semanas? Esse bebê não vai a lugar nenhum. — Ele faz um gesto para Kathy, a enfermeira que está na recepção. — Voltamos logo.

— Fale para a LaDonna não tirar os olhos da Austin — digo, enquanto Joad me puxa para o elevador.



Sentados a uma mesinha de plástico no fundo do refeitório do hospital, Joad ergue de uma bandeja laranja um prato de espaguete e o coloca na minha frente.

— Coma — ele me diz. — E, entre uma garfada e outra, me conte o que você pretende fazer com a bebê da Sanquita.

Eu não gosto da forma como ele fala *a bebê da Sanquita*, como se o destino de Austin ainda fosse arbitrário. Puxo o anel de papel do guardanapo e encontro o garfo e a faca dentro dele. O espaguete revolve meu estômago, mas encho o garfo e o levo até a boca. Eu preciso de toda a força para mastigar e engolir. Limpo a boca com o guardanapo e coloco o garfo na mesa.

— Ela é a minha bebê agora. Vou adotá-la.

Ele fica ouvindo enquanto eu lhe conto sobre Sanquita e o seu último desejo, e sobre a sra. Robinson e a cena que aconteceu mais cedo.

— Amanhã vou me encontrar com a assistente social. Tenho de salvar essa criança. Ela precisa de mim. Eu prometi para a Sanquita.

Ele me olha enquanto bebe o seu café. Quando coloca a xícara na mesa, Joad balança a cabeça.

— A mamãe realmente pegou você de jeito com essas metas, hein?

— O que você quer dizer com isso?

— Você não precisa desse bebê. Você vai ter o seu próprio filho um dia. Pode demorar um pouco, mas vai acontecer. Você só precisa ter paciência.

Balanço a cabeça em negativa.

— Eu quero *essa* criança, Joad. Isso não tem nada a ver com as metas da mamãe. Eu preciso dessa bebê e ela precisa de mim.

Ele não parece me ouvir.

— Bom, você deve estar ficando sem dinheiro agora. Eu ficaria feliz em lhe emprestar...

Eu o encaro, horrorizada.

— Você acha que estou fazendo isso para receber a minha herança? — Ergo a cabeça. — Meu Deus, Joad! Você deve achar que eu sou tão gananciosa quanto a mãe da Sanquita! — Afasto o prato e me inclino para frente. — Eu não ligo a mínima para a herança. Eu abriria mão de cada centavo por esse bebê. Está me entendendo? Cada. Merda. De. Centavo!

Ele se reclina, como se estivesse com medo de mim.

— Tudo bem, então dinheiro não é o problema. Eu ainda acho que você está sendo imediatista. A mamãe plantou essa semente, e agora você está obcecada com isso. Essa criança nem se parece com a gente, Brett. Ela é o quê? Hispânica? Árabe?

Nesse momento, eu não vejo o meu irmão. Vejo o pai dele, Charles Bohlinger, balançando a cabeça e se perguntando por que diabos eu escolhi ir à formatura com Terrell Jones. A minha pressão arterial vai às alturas.

— A mãe dela era mestiça, uma garota pobre e sem-teto, vinda dos conjuntos habitacionais de Detroit. Eu não sei qual é a raça do pai da bebê, porque foi uma noite de sexo apenas. Pronto! Isso satisfaz a sua curiosidade?

Ele aperta a ponte do nariz.

— Nossa, que genética abençoada. O que o Herbert acha disso?

Eu me inclino na direção dele.

— Vai se ferrar, Joad. Eu amo essa bebê. Eu *adoro* essa bebê. E ela tem uma ligação comigo agora. Você devia ver como ela se

aconchega em mim quando eu a abraço. E, só para você saber, o Herbert me apoia totalmente, embora eu não saiba que diferença isso faz.

Ele pisca várias vezes.

— Você está falando sério? O cara está apaixonado por você. Ele realmente está pensando em algo sério.

Eu aceno para ele com a mão, em um gesto de desprezo.

— Isso é um pouco prematuro, você não acha? Ele me conhece faz dois meses.

— Quando estávamos na casa do Jay na semana passada, ele me puxou de lado. Eu sei lá, como sou seu irmão mais velho, talvez ele tenha imaginado que sou tipo um pai substituto ou algo assim. De qualquer forma, ele me disse que espera ter um futuro com você. Por pouco ele não pediu a sua mão.

Faço uma cara feia.

— Bom, essa decisão seria minha e não sua, nem do Herbert, nem de mais ninguém.

— Ele é um ótimo cara, Brett. Não ferre com tudo. Se você fizer isso, vai se arrepender, escute o que estou dizendo.

Olho direto nos olhos dele.

— Escute você o que estou dizendo: eu não vou.

Jogo o guardanapo na mesa e me levanto, deixando-o sozinho para tentar adivinhar se eu não vou ferrar as coisas com o Herbert ou se eu não vou me arrepender de fazer isso.



Nesta noite, quando chego em casa, encontro um pacote enfeitando a minha varanda, com um remetente de Wisconsin. Carrie. Que gentileza. Eu levo o embrulho para dentro e o abro com uma faca de manteiga. Dentro encontro uma coleção de bichinhos de pelúcia, livros de capa dura, macacões de algodão, babadores, cobertores e sapatinhos de bebê. Seguro cada peça à minha frente, imaginando a Austin grande o suficiente para vestir essas roupas que hoje a

engoliriam. Mas então eu me lembro da mulher vulgar com dentes podres e do desejo dela de destruir a vida da minha criança. Pego o telefone e ligo para Carrie.

— Eu acabei de abrir o pacote maravilhoso que vocês me mandaram — digo, tentando parecer animada. — Foi muita consideração.

— O prazer é nosso. Quando adotamos as crianças, a Sammy tinha apenas um mês de idade. Não fazíamos a mínima ideia do que iríamos precisar. Você vai adorar esse carregador de bebê, é só esperar pra ver. E a...

— A mãe da Sanquita quer pegar a Austin.

Segue-se um instante de silêncio do outro lado da linha.

— Ah, Brett. Eu sinto muito.

— Eu teria compaixão daquela mulher se ela não fosse tão horrível. — Conto a história de Deonte e Austin. — A mulher estava drogada quando o Deonte morreu, mas colocou a culpa no Austin. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Estou aterrorizada, Carrie. E se eu não conseguir ficar com ela? A vida da Austin vai ser um inferno.

— Reze — ela me diz. — Simplesmente reze.

E faço isso. Exatamente da mesma maneira que rezei para que a minha mãe sobrevivesse. E para que Sanquita ficasse saudável.



As paredes do modesto escritório de Kirsten Schertzing são decoradas com fotografias de crianças sorridentes e sua família, idosos sorrindo em cadeiras de rodas, amputados acenando felizes para as lentes da câmera. A obsequiosa assistente social de olhos oniscientes tem claramente um lado cálido, embora até agora eu não o tenha visto.

— Obrigada por virem — ela diz, fechando a porta atrás de nós.
— Sentem-se.

Eu e Brad nos sentamos lado a lado em uma namoradeira, e Kirsten se senta em uma cadeira de madeira à nossa frente, com uma prancheta acrílica no colo. Ela toma notas enquanto eu lhe conto sobre o meu relacionamento com Sanquita e seu desejo, à beira da morte, de que eu ficasse com a bebê.

Ela levanta a página em que está escrevendo para verificar as próprias anotações na folha de baixo.

— Segundo o prontuário médico, Sanquita entrou em coma depois da cesariana. Durante as treze horas que antecederam a morte dela, ninguém relatou que ela estivesse consciente... além de você.

De repente, isso me parece uma pergunta.

— Tudo que eu sei é que, naquela noite, no mesmo dia em que teve a bebê, ela acordou.

Ela anota.

— Apenas por tempo suficiente para lhe dizer que queria que você ficasse com a bebê?

Minha pulsação fica acelerada.

— Sim, isso mesmo.

Ela escreve com as sobrancelhas levantadas.

— Mais alguém testemunhou isso?

— No hospital, não. Mas, naquela mesma manhã, a caminho do hospital, ela disse isso para a srta. Jean, a diretora do abrigo onde ela morava. — Desvio o olhar. — Mas eu duvido que ela vá ficar ao meu lado no tribunal. — Bato as mãos suadas uma na outra. — A Sanquita falou comigo. Eu sei que parece loucura, mas é verdade. Ela me implorou que ficasse com a bebê.

Ela coloca a caneta na mesinha de canto e por fim ergue o olhar.

— Não seria a primeira vez que alguém recupera a consciência apenas por tempo suficiente para dizer adeus ou expressar um último desejo.

— Então você acredita em mim?

— No que eu acredito é irrelevante. O que importa é no que o tribunal acredita. — Ela se levanta e vai até a sua mesa. — Hoje de manhã uma sra. Robinson, muito coerente e extremamente bem-comportada, veio aqui falar comigo.

Fico ofegante.

— O que ela disse?

— Eu não posso lhe contar o que ela disse, mas é importante você saber que, em quase todos os casos de custódia de crianças, o tribunal decide a favor da família. Não tenho certeza de que essa seja uma luta na qual você queira entrar.

Brad pigarreia.

— Eu verifiquei os antecedentes de Tia Robinson. Ela recebe pensão por invalidez por um histórico de doença mental. Vive entrando e saindo da reabilitação por causa do vício em álcool e drogas. Mora em um dos conjuntos habitacionais mais assolados pelo crime em Detroit. Sanquita tem três meios-irmãos, cada um de um pai difer...

Kirsten não deixa que ele termine.

— Sr. Midar, com todo respeito, o Estado só está interessado em saber se essa mulher, que é a avó materna do bebê, já foi condenada por algum delito. E, embora ela tenha tido vários problemas de conduta, não é uma criminosa.

— E quanto ao garoto, Deonte, que morreu no incêndio? — pergunto. — Que tipo de mãe dorme enquanto os filhos estão gritando por socorro?

— Verifiquei isso para você. Não houve nenhuma acusação formal. Os registros do condado indicam que ela havia entrado debaixo do chuveiro por um breve instante. Infelizmente, acidentes acontecem num piscar de olhos.

— Não, ela estava drogada. A Sanquita me disse.

— Rumor — dizem, simultaneamente, Kirsten e Brad.

Fico encarando Brad como se ele fosse um traidor. Mas é claro que ele está certo. Minha declaração nunca teria valor no tribunal.

— Mas e essas outras coisas? — pergunto. — Os vícios, a doença mental. Isso não faz diferença?

— Agora mesmo ela está limpa. Ela já fez os testes. Se tirássemos os filhos de pais deprimidos ou com vícios anteriores, metade da cidade estaria em orfanatos. O objetivo do Estado é manter as crianças com a família sempre que possível. Ponto-final.

Brad balança a cabeça em negativa.

— Isso é errado.

Kirsten dá de ombros.

— E que tipo de sociedade seria a nossa se as crianças fossem conduzidas para lares com base em quem tem a casa mais bonita ou em quem é mais feliz?

Minha mente vai a mil. Não posso permitir que essa criança fique com a sra. Robinson. Não posso! Eu prometi para a Sanquita. E amo demais essa bebê.

— A Sanquita não queria a filha dela perto dessa mulher — digo.

— Se ela tem de ficar com alguém da família, vamos encontrar outra pessoa, algum parente que não tenha esses problemas.

— A ideia é ótima, mas não apareceu mais ninguém. Sanquita não tinha irmãos, então a avó materna é a mais próxima dos parentes. Além disso, a avó tem apenas trinta e seis anos, portanto não é difícil imaginar essa mulher criando um bebê.

Trinta e seis? A mulher que vi no corredor parecia ter cinquenta! Ergo o olhar e a srta. Schertzing me oferece um sorriso empático. Estou perdendo esse caso. Estou decepcionando a Sanquita.

— O que eu posso fazer?

Os lábios dela ficam apertados em uma linha fina.

— Honestamente? Sugiro que você comece a conter as emoções o melhor que puder. Eu tenho todos os motivos do mundo para acreditar que esse vai ser um caso de simples resolução. A custódia da menina será conferida à sra. Robinson.

Cubro o rosto e explodo em lágrimas. Sinto a mão de Brad nas minhas costas, e ele me dá leves batidinhas, da mesma maneira que faço com a Austin.

— Você vai ficar bem, B.B. — ele me diz em um tom sussurrado.

— Haverá outro bebê.

Estou chorando tanto que não lhe digo que as minhas lágrimas não são por mim. Isso é verdade, eu posso ter outro bebê. Mas a Austin só pode ter uma mãe.



Passo a próxima semana correndo para o hospital todas as tardes depois das aulas. Eu não me importo com o que a assistente social disse, vou passar todos os meus últimos minutos com essa bebê. Todas as vezes em que toco seus sedosos cachos negros ou acaricio sua pele macia, rezo para que esses momentos ternos, de alguma forma, criem raízes na memória dela e a sigam pela vida.

LaDonna se aproxima da poltrona e se abaixa para pegar a bebê de mim.

— Kirsten Schertzing acabou de ligar. Ela gostaria que você ligasse para ela antes das cinco.

Meu coração dispara. Talvez a sra. Robinson tenha mudado de ideia! Ou quem sabe o tribunal tenha lhe negado a custódia!

Saio correndo pelo corredor até um banco na frente de uma janela com vista para a cidade, o único lugar no hospital que tem sinal decente para se conseguir falar ao celular. Sinto que a Austin é minha, mas também não senti que estava grávida? E que o Brad era o homem dos meus sonhos?

— Kirsten — digo, agarrando o celular. — Aqui quem fala é Brett Bohlinger. O que está acontecendo? Estou aqui no hospital agora. Posso ir até o seu escritório...

— Não, isso não é necessário. Só quero avisar que recebi informações sobre a audiência de custódia. Está marcada para amanhã, às oito horas da manhã. O juiz Garcia, na corte do Condado de Cook, vai presidir a audiência.

Deixo escapar um suspiro.

— Nada mudou?

— Nada. Tia Robinson está de volta à cidade agora. A não ser que aconteça um milagre, ela sairá daquela corte amanhã com a custódia da neta.

Levo uma das mãos à boca para impedir um grito, e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu sinto muito, Brett. Só queria que você soubesse, para o caso de ainda estar determinada a contestar.

Consigo fazer um agradecimento e desligo o telefone. Um paciente idoso vem cambaleando pelo corredor, carregando consigo o suporte de tubo intravenoso.

— Diagnóstico ruim? — ele me pergunta quando passa por mim e vê lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Respondo que sim com a cabeça, incapaz de murmurar a palavra *terminal*.



Quando retorno à UTI, Jean Anderson está sentada em um sofá na recepção, segurando um pacote cor-de-rosa berrante no colo. Ela fica alarmada quando me vê.

— Ora, ora — diz ela, forçando-se a ficar em pé. — Vejam só quem chegou. — Ela empurra o presente cor-de-rosa para mim. — Das mulheres da Casa Joshua.

Pego o presente, mas não confio em minha voz para falar.

Ela estreita o olhar.

— Você está bem?

— A mãe da Sanquita vai pegar a bebê.

Ela faz uma cara feia.

— Mas a Sanquita queria que você ficasse com a bebê. Ela me disse isso.

— Vai ter uma audiência amanhã com o juiz Garcia. A mulher é louca, Jean. Estou tão assustada pela Austin. Você pode ir à audiência? Pode contar ao juiz o que a Sanquita lhe disse?

Ela dá uma bufada.

— E perder o meu tempo? — E solta uma risada cruel. — Não importa o que a Sanquita me disse. Isso não passa de falatório. Não temos nada para provar. E, por causa disso, a avó ganha da professora, louca ou não.

Fico encarando-a.

— Então temos que convencer o juiz Garcia de que será para o bem da Austin ser adotada por mim. Vamos dizer a ele que a Sanquita não queria que a filha morasse em Detroit e que...

Minha voz vai sumindo quando vejo que Jean está balançando a cabeça em negativa.

— Você acha que todo mundo segue as regras, não acha? Acha que, se abrir um sorriso bonito e disser a verdade ao juiz, ele vai ver as coisas do seu jeito. — Ela estreita os olhos e respira pesado. — Não. A verdade não vai conseguir libertar você dessa vez.

Começo a chorar.

— Olhe pra mim. — Ela me agarra pelos braços com tanta força que eles doem. — Essas lágrimas de crocodilo provavelmente fizeram maravilhas durante toda a sua vida, mas não vão te ajudar a conseguir aquela bebê, está me ouvindo? Se quer aquela criança, você precisa lutar por ela. Jogar pesado, você não entende?

Dou uma fungada e seco os olhos.

— Vou fazer isso. É claro que vou.

Eu adoraria jogar pesado, mas os únicos equipamentos que tenho são um taco plástico e uma bola de pelúcia.



Pintada de uma cor de caixa de papelão, a velha e mofada corte do Condado de Cook parece tão solitária e abandonada quanto eu me sinto. Seis fileiras vazias de bancos de pinho, separadas por um corredor central, estão dispostas de frente para a cadeira do juiz e para a bancada das testemunhas. Do lado direito do tribunal, as cadeiras reservadas para os jurados estão vazias. Esse é um julgamento sem júri. O juiz Garcia decidirá o caso.

Brad revê suas anotações e eu olho de relance para a mesa à nossa direita. Juntos, Tia Robinson e seu advogado designado pela corte, o sr. Croft, conversam em tons de sussurro. Olho para trás, para os bancos vazios. Ninguém se importa com esse julgamento. Nem mesmo a srta. Jean.

Precisamente às oito horas, o juiz Garcia assume o seu lugar na bancada e pede ordem no tribunal. Ficamos sabendo que a sra. Robinson não testemunhará. Não sou advogada, mas até eu sei que é arriscado demais colocar aquela mulher na bancada das testemunhas. Além disso, é um caso simples. Ela não tem nada a ganhar testemunhando.

De repente, sou chamada para a bancada das testemunhas. Faço o meu juramento, e Brad pede que eu diga o meu nome e qual era a minha relação com Sanquita Bell. Inspiro fundo e me forço a acreditar que tudo depende desse testemunho, que o caso ainda não está decidido.

— Meu nome é Brett Bohlinger — digo, esforçando-me para estabilizar a respiração. — Trabalhei com Sanquita Bell nos cinco meses anteriores à sua morte. Eu era sua professora e amiga.

— Você diria que tinha uma relação íntima com Sanquita Bell? — pergunta Brad.

— Sim, eu a amava.

— Alguma vez ela mencionou a mãe para você?

Eu tomo cuidado para não olhar para Tia Robinson, sentada a menos de quatro metros de mim.

— Sim. Ela me contou que a mãe tinha se mudado para Detroit, mas ela se recusou a ir. E me disse que não queria que o filho dela tivesse aquele tipo de vida.

Com uma das mãos repousando na beirada da bancada das testemunhas, Brad parece tão confortável quanto estaria se estivéssemos conversando no P. J. Clarke's.

— Você pode me contar o que aconteceu no hospital?

— Sim — digo, sentindo o suor escorrer pela nuca. — Foi depois da cirurgia, por volta de seis horas da tarde. Eu estava sozinha com a Sanquita. Ela acordou de repente. Fui até o lado dela na cama, e então ela me disse que queria que eu ficasse com a bebê. — Eu mordo o lábio para impedi-lo de tremer. — Falei que ela não ia morrer, mas ela foi insistente. — A minha garganta fica apertada e a minha voz está tensa. — Ela sabia que estava morrendo. E me fez prometer que eu ia ficar com a bebê.

Brad me entrega um lenço e seco as lágrimas. Quando abaixo o lenço, travo os olhos em Tia Robinson. Ela está sentada com as mãos entrelaçadas, sem demonstrar um traço sequer de emoção pelas palavras da filha à beira da morte.

— Eu pretendo cumprir essa promessa.

— Obrigado, srta. Bohlinger. Sem mais perguntas.

A enjoativa colônia do sr. Croft chega à bancada das testemunhas dez segundos antes dele. Ele ergue a calça social marrom e se vira para mim, a barriga fazendo com que ele pareça mais grávido do que a Sanquita jamais pareceu.

— Srta. Bohlinger, alguém ouviu Sanquita Bell lhe dizer que ela queria que você ficasse com a bebê?

— Não. Nós estávamos sozinhas no quarto. Mas, antes, ela disse isso a uma pessoa da Casa Joshua, Jean Anderson.

Ele balança o dedo para mim.

— Por favor, responda sim ou não. Mais alguém presenciou esse milagre que você está dizendo que aconteceu, quando Sanquita saiu do coma apenas por tempo suficiente para lhe pedir que ficasse com a bebê?

Ele acha que estou mentindo! Busco algo no rosto de Brad, mas ele simplesmente me diz para prosseguir.

Eu me forço a encontrar os lacrimejantes olhos cinzentos do sr. Croft por trás de seus óculos de armação aramada.

— Não.

— A Sanquita sabia que estava morrendo?

— Sim.

Ele assente.

— Então ela queria deixar as coisas resolvidas.

— Exatamente.

— Você acha que a Sanquita era uma garota inteligente?

— Sim, ela era brilhante.

— Então, naturalmente, ela registrou por escrito os desejos dela, não?

O ar foi sugado da sala.

— Não. Não que eu saiba.

Ele coça a cabeça.

— Isso é extremamente estranho, você não acha?

— Eu... eu não sei.

— Você não sabe? — Ele anda de um lado para o outro na minha frente. — Uma garota inteligente, que sabia que ia morrer, não planejava antecipadamente o futuro de seu bebê? É estranho, não concorda? Especialmente se o ambiente da casa dela era tão deplorável como você diz.

— Eu... eu não sei ao certo por que ela não fez isso.

— Essa vida a que a Sanquita se referia... a vida em Detroit com a mãe dela. Ela chegou a mencionar que estava em Detroit quando ficou grávida?

— Sim.

— Então você está ciente de que ela saiu furtivamente do apartamento, contra a vontade da mãe, e fez sexo sem proteção?

Eu pisco.

— Não, ela nunca me disse isso. E não acho que ela tenha saído às escondidas, como o senhor está sugerindo.

O rosto dele é o retrato da justeza moral, com o nariz erguido e a cabeça um pouco inclinada, de maneira que ele tem de baixar o olhar para me encarar.

— Ela lhe contou que saiu andando sem destino até chegar ao Festival de Jazz de Detroit naquela mesma noite e depois fez sexo com um estranho? Alguém cujo nome ela nem mesmo lembrava?

— Não... não foi bem assim. Ela estava sozinha... e muito chateada...

Ele levanta uma sobrancelha.

— Ela lhe disse que ainda ficou em Detroit durante seis semanas? Que só foi embora quando descobriu que estava grávida?

— Eu... eu não sabia que ela tinha ficado lá por mais seis semanas. O que importa é que ela foi embora. Como eu disse, ela queria o bebê dela fora daquele ambiente.

— E ela também queria sair daquele ambiente, certo?

— Sim, queria.

— Ela lhe contou que a mãe dela queria que ela fizesse um aborto?

Em um estalo, sou forçada a prestar atenção.

— Não.

— A doença renal de Sanquita Bell era tão severa que o médico recomendou um aborto para salvar a vida dela.

A minha mente vai a mil.

— Foi isso o que a dra. Chan disse a ela também.

— E ela deu ouvidos à dra. Chan?

— Não. Ela disse que queria o bebê mais do que a própria vida.

Ele abre um sorriso afetado, e sinto vontade de arrancá-lo da cara dele com um beliscão.

— A verdade é que Sanquita era uma garota teimosa. Ela se recusava a acreditar que a mãe tinha as melhores intenções.

— Protesto! — grita Brad.

— Mantido.

O sr. Croft continua.

— Sanquita saiu de Detroit no mesmo dia em que ela e a mãe discutiram sobre pôr fim à gravidez.

Fico perplexa. Será que isso pode ser possível?

O sr. Croft se vira para o juiz.

— Esse fato não está relacionado ao ambiente da casa da sra. Robinson, Excelência. A sra. Robinson simplesmente tentou salvar a vida da filha. — Ele inclina a cabeça. — Não tenho mais perguntas a fazer.

Minhas mãos tremem com tanta violência que faço um esforço gigantesco para entrelaçá-las. Ele está fazendo da sra. Robinson a salvadora de Sanquita... e transformando a Sanquita na filha rebelde que se recusava a ouvir a mãe.

— Obrigado, sr. Croft — diz o juiz Garcia. Ele faz um aceno de cabeça para mim, indicando que eu posso sair da bancada. — Obrigado, srta. Bohlinger. O senhor gostaria de chamar a próxima testemunha? — ele pergunta a Brad.

— Excelência, eu gostaria de solicitar um intervalo — diz Brad. — A minha cliente precisa de um curto recesso.

O juiz Garcia dá uma olhada no relógio e então bate o martelo.

— A corte vai recomeçar a sessão após um recesso de quinze minutos.



Brad praticamente me arrasta através das portas duplas e pelo corredor. O meu corpo se transformou em chumbo, e eu não consigo pensar direito. A minha bebê está recebendo uma sentença de prisão perpétua. Eu preciso salvá-la, mas não tenho poderes para isso. Sou a única pessoa em quem Sanquita confiava. E eu a estou abandonando. Brad me apoia de encontro a uma parede e me segura pelos braços.

— Não se atreva a desmoronar, B.B. Nós fizemos tudo que estava ao nosso alcance. Não está nas nossas mãos agora.

A minha respiração sai em surtos irregulares e sinto a cabeça zozna.

— Ele fez a Sanquita parecer uma delinquente juvenil.

— Será que isso pode ser verdade? — ele pergunta. — Será possível que ela tenha saído de Detroit por causa de uma briga sobre a saúde dela?

Jogo as mãos para cima.

— Eu não sei. Mas isso não importa agora. O que importa é a Austin. Aquela mulher não derramou uma lágrima quando falei sobre

os últimos momentos de vida da Sanquita. E você sabe o que ela fez com o filho. Ela é cruel, Brad! — Agarro a manga do casaco dele e o olho direto no rosto. — Você devia ter visto a cena na semana passada, quando ela foi arrastada para fora do hospital pelo segurança. Foi horrível. Não podemos fazer isso com a Austin. Nós precisamos fazer alguma coisa.

— Nós já fizemos tudo.

Começo a chorar, mas Brad me chacoalha.

— Coragem agora. Você vai ter tempo para chorar mais tarde. Precisamos terminar esse julgamento.

Quinze minutos depois, nos arrastamos para dentro da corte. Eu caio em uma cadeira ao lado de Brad. Nunca me senti tão inútil. A vida da minha bebê está para sofrer um desvio horrível e não há nada que eu possa fazer. As palavras de Garrett me voltam à mente. *Não se pode salvar a todos.*

Apenas essa, eu rezo. Por favor, meu Deus, apenas essa menina.

Enquanto rezo, eu me esforço para respirar, mas o ar não chega até os pulmões. O pânico toma conta de mim. Vou desmaiar. Não posso fazer isso. Não vou sobreviver a mais uma perda.

Assim que o meirinho fecha as portas duplas no fundo da sala, escuto uma voz. Eu presto atenção e depois me viro. Jean Anderson se move pesadamente pelo corredor, vestindo um elegante terninho de lã. Porém a parte de trás dos cabelos dela está emaranhada, e ela usa tênis em vez de seus costumeiros sapatos de salto.

— Jean? — digo em voz alta. Eu me viro para Brad.

— Continue sentada — ele sussurra para mim.

Em vez de se sentar em um dos bancos, Jean caminha direto até o juiz. Ela sussurra algo para ele, que resmunga alguma coisa em resposta. Então ela tira um papel de dentro da bolsa e lhe entrega; ele coloca os óculos de leitura e o examina. Por fim, ergue o olhar.

— Os advogados podem se aproximar, por favor?

Os quatro conversam em voz baixa pelo que parece um tempo interminável. Ouço o sr. Croft falando mais alto que os demais, e o juiz então ordena que ele baixe o tom de voz. Quando eles

finalmente voltam a seus assentos, Brad e Jean estão sorrindo. Aviso a mim mesma para não ficar animada.

O juiz Garcia ergue o papel para que todos possam vê-lo.

— Parece que a srta. Bell afinal registrou seu desejo por escrito. Temos uma declaração reconhecida em cartório, datada de 5 de março, várias semanas antes da sua morte. — Ele solta um pigarro e lê o documento em voz alta, em um tom monótono: — “Eu, Sanquita Jahzmen Bell, de sã consciência, declaro por meio do presente o meu propósito para o meu filho não nascido, caso ela ou ele sobreviva a mim. É o meu mais profundo e sincero desejo que a srta. Brett Bohlinger, minha melhor amiga e professora, tenha a custódia exclusiva da minha criança.” — Ele retira os óculos. — Está assinado. Sanquita Jahzmen Bell. — Ele pigarreia. — À luz desta solicitação reconhecida em cartório, concedo à srta. Bohlinger a custódia temporária da criança até que os procedimentos de adoção sejam finalizados. — Ele bate com o martelo na mesa. — A audiência está encerrada.

Deixo a cabeça cair entre as mãos e começo a chorar.



Em momento algum eu pergunto a Jean sobre o documento reconhecido em cartório. Não quero saber como ela o conseguiu nem quando. Isso não vem ao caso. Fizemos a coisa certa por Sanquita e pela bebê dela. Isso é tudo o que importa. Brad sugere uma comemoração depois da audiência, mas eu não posso. Vou direto ao hospital para ver a minha bebê. Minha bebê! Viro a esquina do corredor apressada. As portas que dão para a UTI neonatal se abrem, e eu praticamente corro até a sala 7. Entro lá e meu coração para por um instante. Vestindo calça cáqui e um casaco esportivo azul-marinho, Herbert está sentado em uma cadeira de balanço, com Austin nos braços. Ele sorri para ela, vendo-a dormir. Eu me aproximo por trás e dou um beijo no pescoço dele.

— O que você está fazendo aqui?

— Parabéns, meu amor — ele diz. — Eu vim pra cá assim que recebi a sua mensagem. Sabia que você chegaria logo depois de mim.

— Mas quem deixou você entrar?

— A enfermeira LaDonna.

É claro que ela deixou o Herbert entrar. Todas as enfermeiras estão meio apaixonadas pelo incrível e generoso Herbert. E, agora que elas puseram os olhos nele, isso não tem volta.

— Com a custódia da Austin — ele continua a dizer —, você pode ter uma pessoa de apoio. Você não se importa, não é?

Afasto os pensamentos de Shelley, Carrie, Brad e fico olhando para a minha linda filha. Eu me envolvo em um abraço.

— Eu não consigo acreditar, Herbert. Eu sou mãe!

— E você será uma ótima mãe. — Ele se levanta e estica o embrulhinho de bebê para mim. — Sente-se. Talvez você queria se apresentar adequadamente para a pequenina.

Austin soca o ar com o punho cerrado antes de voltar a dormir junto ao meu peito. Os olhos dela estão um pouco abertos e eu planto um beijo em seu nariz, agora livre de máscara de oxigênio e sonda de alimentação.

— Ei, menina bonita. Adivinha? Eu vou ser a sua mamãe. E agora eu prometo. — Ela franze o cenho, e eu sorrio em meio às lágrimas. — O que eu fiz para merecer você?

Com uma câmera posicionada à sua frente, Herbert se aproxima para conseguir foco. A câmera parece intrusiva neste momento de intimidade. Mas ele está animado. E o que mais eu poderia esperar além deste tipo de entusiasmo e apoio?

Ele pega sanduíches e café no refeitório, e ficamos com a Austin até o fim do horário de visita. É estranho, mas é mais fácil ir embora esta noite, sabendo que ela é minha. Eu não vou perdê-la, nem agora nem nunca. Enquanto caminhamos até o elevador, Herbert para de repente e estala os dedos.

— Esqueci o casaco. Já volto.

Ele volta... com um casaco cáqui da Burberry jogado por cima do braço.

Fico ofegante.

— Esse casaco! — digo, encarando-o como se fosse a capa de um mágico.

Ele parece embaraçado.

— Bom, estava friozinho hoje de manhã.

Dou risada e balanço a cabeça. Ele não é o homem do prédio do Andrew, o homem que eu vi no trem e na trilha de corrida. Mas talvez, apenas talvez, seja o meu cara da Burberry.



A noite de abril está quente, e o doce perfume de lilases permeia o ar. A leste, tão fina quanto uma unha cortada, a lua pende baixa no céu azul-acinzentado. Herbert me acompanha até o carro, com o casaco da Burberry jogado por cima do ombro.

— Se a Austin continuar evoluindo, ela poderá ir para casa dentro de duas semanas. Tenho tanta coisa para organizar. Eu pedi licença do trabalho. A escola vai entrar em recesso dentro de poucas semanas, e a Eve disse que pode me substituir. Preciso arrumar o quarto, um tapete e alguns móveis de bebê. Estou pensando apenas em um berço e um trocador por enquanto, já que isso é tudo que vai caber em nosso minúsculo quarto. — Dou risada. — E eu pensei...

Ele se vira para mim e coloca o dedo indicador nos meus lábios.

— Pare. Estou ouvindo muitas coisas sobre o que *você* precisa fazer. Você e eu somos parceiros. Me deixe ajudar.

— Tudo bem. Obrigada.

— Não precisa me agradecer. É isso o que eu quero. — Ele me toma pelos braços e me lança um olhar de fascínio. — Eu te amo. Você sabe disso?

Ergo o olhar para ele.

— Sim.

— E, se eu acreditar no que você vem dizendo, você também me ama.

Eu recuo um passo.

— Arrã.

— Vamos rever essa lista de sonhos que você deve completar.

Eu balanço a cabeça e desvio o olhar, mas ele chega mais perto de mim.

— Olha, a situação não me assusta, se é disso que você tem medo. Eu quero ajudar. Você devia considerar cada uma daquelas metas realizada.

Antes que eu possa responder, ele toma as minhas mãos nas dele.

— Eu sei que nos conhecemos faz pouco tempo, mas, como você agora tem uma filha e eu estou completa e loucamente apaixonado por você, acho que devíamos pensar em nos casar.

Fico ofegante.

— Você quer dizer... você quer...?

Ele dá risada e faz um gesto apontando para o estacionamento.

— Não se preocupe, querida. Eu nunca escolheria um cenário que não fosse digno de um pedido oficial. Só quero plantar a semente. Eu gostaria que você ponderasse sobre isso, começasse a pensar em nós dois como um casal, um casal permanente, em algum momento na estrada da vida. — Ele abre um largo sorriso. — E eu preferiria que fosse uma via expressa, em vez de uma estradinha sinuosa.

Abro a boca para falar, mas as palavras não vêm.

Ele estica a mão e a coloca na minha bochecha.

— Sei que parece loucura, mas, desde o momento em que a conheci, naquela noite na casa do Jay... eu sabia que você seria minha esposa algum dia.

— Você sabia?

Meus pensamentos se voltam de imediato para a minha mãe. Será que, de alguma maneira, ela é responsável por esse homem ter se apaixonado por mim?

— Sim. — Ele sorri e beija a ponta do meu nariz. — Mas a última coisa que quero é ficar pressionando você. Só me prometa que vai pensar, certo?

Seus cabelos espessos estão bagunçados, e os olhos parecem duas safiras reluzentes. Quando ele sorri, é como se um lírio tivesse

florescido. Esse homem é o que há de mais próximo da perfeição que eu vou encontrar na vida. Ele é inteligente e bondoso, ambicioso e amável. Meu Deus, ele até toca violino! E, por algum motivo louco, me ama. E, o melhor de tudo, ama a minha filha.

— Sim — digo. — É claro que vou pensar no assunto.



Nuvens cinzentas pulverizam o ar quente de maio com uma fina névoa. Carregando o meu guarda-chuva vermelho, desço correndo os degraus da varanda, segurando apertado a correia de Rudy. Como um filho de pais divorciados, meu cachorro ficou indo e vindo entre a minha casa e a de Selina e Blanca nas últimas seis semanas. Para minha sorte, minhas maravilhosas vizinhas amam o bobo vira-lata tanto quanto eu. Mas neste fim de semana elas irão a um concurso de bandas marciais em Springfield, então eu e Rudy nos enfiamos dentro do meu carro e seguimos para a casa do Brad.

— Essa vai ser a última vez que eu abandono você, Rudy, meu garoto — eu digo a ele rumando para o norte de Bucktown. — Amanhã a nossa bebê virá para casa.

Brad tem café e muffins com sementes de papoula me esperando quando chego a seu sobrado. Eu me sento à mesa da cozinha e, debaixo de uma tigela de morangos, vejo dois envelopes cor-de-rosa. Desde a decisão do juiz Garcia, venho esperando o envelope da meta número um, mas, quando vejo o segundo envelope, da meta número dezessete, ME APAIXONAR, minha pulsação fica acelerada.

Brad se senta de frente para mim.

— Quer esses envelopes agora ou depois do café da manhã?

— Agora, por favor — respondo, me escondendo atrás da minha xícara de café. — Mas apenas o envelope número um hoje.

Ele dá um sorriso discreto.

— Você e o Herbert já estão falando em casamento. Isso quer dizer que você está apaixonada, certo?

Eu pego um morango da tigela e fico analisando-o.

— Eu só quero prorrogar um pouco os envelopes que ainda tenho para receber. Não sobraram muitos.

Ele me olha de esguelha.

Empurro o primeiro envelope na direção dele.

— Vá em frente, abra.

Brad espera um instante, depois abre o envelope com um dedo. Antes que ele tenha tempo de sentir a falta deles, vou até a ponta da mesa e pego seus óculos. Ele sorri para mim.

— Formamos um belo time, hein?

— O melhor — eu digo e sinto um pesar emocionado.

Eu e Brad poderíamos ter sido um time, se o nosso timing tivesse sido diferente? Meu Deus, que coisa horrível ficar pensando em “e se”, agora que estou praticamente noiva do Herbert!

Querida Brett,

Certa vez perguntaram para Michelangelo como ele foi capaz de criar a impressionante estátua de Davi. Ele respondeu: “Eu não criei Davi. Ele estava lá o tempo todo, naquele imenso bloco de mármore. Eu apenas usei o cinzel para encontrá-lo”.

Como Michelangelo, espero que eu a tenha ajudado a se encontrar nesses últimos meses, que eu tenha esculpido aquele exterior duro até que a verdadeira Brett viesse à tona. Você é mãe, querida! Eu acredito que essa mulher protetora e

carinhosa sempre esteve dentro de você, e estou emocionada por ter desempenhado um papel para que você a encontrasse.

Acredito que a maternidade será um evento seminal na sua vida. Você descobrirá que ela é ao mesmo tempo gratificante, frustrante, surpreendente e irresistível. Esse será o papel mais maravilhoso, desafiador e vital que você desempenhará na vida.

Uma vez me disseram: "Como mães, nosso trabalho não é apenas criar filhos, mas criar adultos". Estou confiante de que a sua criança haverá de se tornar um ótimo adulto sob o seu cuidado de esculpir. E, em algum momento, pare para imaginar um mundo em que, em vez de ensinarmos nossos filhos a ser fortes, nós os ensinemos a ser gentis.

Agora seque os olhos e sorria. Que criança de sorte você tem. Se há um céu para o qual estou indo, e se eu receber um par de asas, prometo olhar por ela e mantê-la a salvo.

Eu amo vocês duas mais do que posso dizer em palavras.

Sua mãe

Brad pega o meu guardanapo encharcado e o troca por um novo, então coloca as mãos nas minhas costas enquanto eu choro profundamente.

— Eu gostaria que a Austin pudesse ter conhecido a avó.

— Ela vai conhecê-la — diz Brad.

E ele está certo. Ela vai conhecer a minha mãe e a mãe dela; eu vou me certificar disso.

Assoo o nariz e olho para ele.

— Ela sabia que eu teria uma filha. Você notou? — Eu pego a carta da mão dele e encontro a linha. — Bem aqui — eu digo. — “Prometo olhar por ela e mantê-la a salvo... amo vocês duas.” Como ela sabia?

Ele analisa a carta.

— Acho que foi acidental. Ela não queria se referir a um gênero específico.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Não. Ela sabia. Ela sabia que eu teria uma menina. E eu acredito que ela me ajudou a ficar com Austin Elizabeth. Ela abrandou o coração da Jean. — Se você diz... — Ele coloca a carta de lado e estica a mão para pegar sua xícara de café. — Você acha que ela ficaria feliz com o seu relacionamento com o Herbert?

Por algum motivo, o meu coração bate indeciso.

— Totalmente. — Rudy vem ficar ao meu lado, e eu coço o queixo dele. — O Herbert é o tipo de cara que a minha mãe ia querer para mim. Por que você está me fazendo essa pergunta?

Ele dá de ombros.

— Ah, é que... eu... — Ele balança a cabeça. — Olha, eu só encontrei o *doutor* Moyer uma vez. Você o conhece melhor do que eu.

— Isso mesmo, eu conheço. E ele é incrível.

— Ah, eu não duvido disso. É que... — A voz dele falha.

— Olha, Midar, se você tem algo pra me dizer, fala logo.

Ele me olha nos olhos.

— Eu só me pergunto se incrível é o bastante.

Ah, meu Deus, ele pode ver. A minúscula onda na minha bela lagoa espelhada. Aquela que venho ignorando, na esperança de que o tempo a faça desaparecer. Eu não contei a ninguém, nem mesmo a Shelley ou a Carrie. Porque algum dia essa onda vai sumir e, assim

que isso acontecer, eu não quero que ninguém duvide do meu amor por ele. Eu posso — e eu vou — amar o Herbert.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto, mantendo um tom casual na voz.

Ele empurra a tigela de morangos para o lado e se inclina para frente.

— Você está feliz, B.B.? Eu quero dizer exultante, nas nuvens?

Eu ando até a pia e lavo a minha xícara. Além de Herbert, penso em todas as coisas boas da minha vida. Austin, meu trabalho, meus novos amigos, minha nova família...

Eu me viro para ele e sorrio.

— Você não faz ideia do quanto.

Ele me analisa por um instante antes de, por fim, jogar as mãos para cima.

— Tudo bem, então. Desculpe por ter duvidado disso em algum momento. O Herbert é o cara.



Na manhã seguinte, domingo, dia 6 de maio, pesando quase dois quilos e usando uma roupinha cor-de-rosa que a tia Catherine lhe deu, Austin vem para casa. Herbert travou uma batalha feroz, insistindo que a bebê e eu nos mudássemos de volta para a Astor Street, mas eu não quis lhe dar ouvidos. Por enquanto, Pilsen é o nosso lar, e, além disso, Selina e Blanca ficariam com o coração partido. Elas vinham falando sem parar, emocionadas, sobre as fotos da Austin no último mês, comprando pequenos pares de tênis e bichos de pelúcia para ela. Abandoná-las agora? Definitivamente não.

Herbert fica tirando fotos pelo caminho do corredor do hospital até entrarmos no carro. Damos risadas, nos esforçando para colocar o corpo em miniatura dela preso ao bebê conforto. Ela parece perdida ali dentro, então acomodo uma manta à sua volta, para impedi-la de tombar para os lados.

— Tem certeza de que essa cadeirinha é do tamanho certo? — Herbert me pergunta.

— Sim. O hospital a analisou e, acredite ou não, é do tamanho certo para ela.

Ele parece cético, mas fecha a porta mesmo assim, dando a volta no carro para me ajudar na acomodação ao lado de Austin. Ele puxa o cinto de segurança e vem na minha direção para prendê-lo, como se eu fosse a segunda criança ali.

— Herbert, por favor. Você pode mimar o bebê, não a mim.

— Discordo. Pretendo mimar as minhas duas garotas.

Afrouxo a tira do cinto de segurança, de repente me sentindo confinada e enjaulada. Fico emocionada com a preocupação dele com a Austin, mas sua devoção por mim ainda me parece excessiva às vezes. Eu estendo o braço para fechar a porta, mas Herbert já a fechou. Sinto a pressão arterial subir e, em silêncio, me critico. Sou eu quem tem problemas, não ele.

Quando entro na minha pequena casa com a minha bebê nos braços, sinto a presença da minha mãe tão profundamente que quero chamá-la. Ela adoraria este momento, esta bebê, esta mulher que eu me tornei. Ela me cumprimentaria com um beijo, depois se inclinaria para ver a bebê, tirando-a de mim o mais rápido que eu permitisse.

— Onde você quer que eu coloque isso?

Eu me viro para olhar para o Herbert, que está segurando a bolsa do hospital. Ele não deveria estar aqui. Esta cena pertence à minha mãe, a mim e à Austin. Ele invadiu o nosso momento especial.

Mas ele não sabe disso, e está tão adorável segurando a bolsa marrom e rosa de bolinhas. Sorrio para ele.

— Por favor, coloque em cima do balcão. Eu vejo isso depois.

Ele volta em um piscar de olhos, esfregando as mãos uma na outra.

— E que tal almoçarmos? Eu posso preparar um omelete delicioso... a menos que você prefira pedir...

— Não! — digo, cheia de irritação, seguida de uma onda de culpa. Que tipo de pessoa fria e ingrata eu sou? Apoio a mão no

braço dele. — Quer dizer... sim. Ótima a ideia do omelete, obrigada.

Eu me lembro de uma fala do filme *Laços de ternura*: “Não me idolatre até que eu tenha feito por merecer”. Esse sentimento orgulhoso e independente sempre ressoou em mim. Mas por quê? Mais uma vez eu me pergunto se o homem que me criou deixou uma cicatriz tão profunda que eu, agora adulta, não consigo aceitar o afeto verdadeiro. Eu vivia tão desesperada para “fazer por merecer” a aprovação do Charles — e do Andrew também — que sacrifiquei a minha verdadeira identidade. E até nisso eu falhei. Mas é diferente com o Herbert. Finalmente posso ser eu mesma, e ele me adora, a verdadeira Brett. Pela primeira vez na vida, estou em um relacionamento saudável, como a minha mãe desejava.

Herbert dá uma espiada ao redor, na parede da cozinha, com uma caixa de ovos em uma das mãos e uma barra de manteiga na outra. Ele sorri para mim, um sorriso tão doce e desprezioso quanto o de um garotinho de escola. Dou um passo à frente, seguro a mão dele na minha e olho-o direto nos olhos, um olhar tão intenso que o rosto dele fica ruborizado. Então me inclino e beijo sua boca, um beijo longo, profundo e desesperado. Meu espírito e minha mente, e cada gota de sangue que corre em minhas veias, gritam: *Ame-o!*

E, com todo o meu ser, eu imploro que o meu coração obedeça.



Os narcisos da primavera se desvanecem, deixando em seu lugar uma trilha de margaridas. O ritmo do verão permite que eu aproveite cada momento com a Austin. Troco os sapatos de salto e as saias por chinelos e vestidos leves, e minhas corridas de cinco quilômetros dão lugar a preguiçosas caminhadas empurrando o carrinho de bebê. Para minha sorte, minha filha é uma garota feliz e, exceto por alguns arroubos de espirros, notavelmente saudável. Quando leio, canto e converso com a Austin, ela escuta, com olhos

arregalados e concentrada, e juro que vejo Sanquita em seu rostinho curioso. Eu comecei a escrever um diário para a Austin, apontando as semelhanças entre ela e Sanquita e registrando todos os detalhes que consigo lembrar sobre a mulher bonita e valente que deu vida a ela e a mim.

Em comemoração aos três meses da Austin, ando apressada pelo familiar corredor em direção à UTI neonatal, com a minha filha presa junto ao peito em seu carregador. LaDonna nos avista de longe e salta de sua cadeira atrás da mesa da recepção.

— Brett! — Ela joga os braços ao meu redor e depois dá uma espiada no carregador de bebê. — Ah, meu Deus! Austin Elizabeth! Nós sentimos tanto a sua falta!

Beijo a testa da minha bebê.

— Nós também sentimos falta de vocês. — Tiro a Austin do carregador para que LaDonna a segure.

— Oi, docinho — diz ela, segurando a bebê na frente dela. Austin chuta o ar e arrulha. — Olha como você está grande!

— Quase quatro quilos — digo, abrindo um sorriso. — Acabamos de voltar do consultório do dr. McGlew. Ela é a imagem da saúde.

LaDonna beija a testa de Austin.

— Que maravilha!

Eu estendo um prato de cookies com um cartão estampado em roxo com o pezinho da Austin.

— Nós trouxemos um presentinho, porque vocês cuidaram tão bem da gente durante tantas semanas.

— Ah, Brett, obrigada. Pode colocar no balcão. Eles terão acabado no fim do dia. — Sinto os olhos dela em mim enquanto coloco o prato na estação das enfermeiras. — A maternidade cai bem em você.

— É mesmo? Você gosta das minhas olheiras? — Dou risada. — Pra falar a verdade, LaDonna, nunca estive mais exausta em toda a minha vida. Nem mais grata. — Olho de relance para a maravilha que chamo de minha filha. Quando ela me vê, seu rosto explode em uma alegria absoluta, como o brilho do sol, e eu fico derretida. — Eu rezo agradecendo à Sanquita todos os dias. A Austin é a melhor

coisa que já me aconteceu — digo, com a voz carregada de emoção.
— Em toda a minha vida.

LaDonna pisca para mim.

— Que bom pra você. Agora, venha se sentar. A Maureen e a Kathy acabaram de sair para um intervalo. Elas vão querer ver a bebê.

— Não podemos ficar. — Eu olho de relance para o relógio atrás da recepção. — Temos um jantar na Casa Joshua, mas voltamos outro dia.

— Bom, antes de vocês irem embora, me conte as novidades. Você e o dr. Moyer já ficaram noivos? — Ela ergue as sobrancelhas de um jeito travesso. — Sabe, todas as enfermeiras aqui tinham uma quedinha pelo Hubert.

— Herbert — eu a corrijo. — Ele queria uma pequena cerimônia no dia 7 de agosto, dia do aniversário da minha mãe, mas é cedo demais. Eu só quero me concentrar neste docinho aqui.

— Boa decisão — diz LaDonna.

Eu olho para a minha filha.

— É claro que vai acontecer um dia. O Herbert é maravilhoso com a Austin. Você precisa ver os dois juntos.

Ela sorri e bate de leve na minha mão.

— Ah, Brett, estou feliz que as coisas tenham dado certo pra você. A bebê... o belo namorado. A sua fada madrinha cuida bem de você.

Eu penso na minha mãe e em Sanquita, e em como elas fizeram meus sonhos virarem realidade, mas isso é apenas uma parte de tudo...

— É verdade. Sou uma pessoa de muita sorte. Mas há um limite para o que as fadas madrinhas podem fazer. Eu acho que cada um tem o poder de realizar os próprios desejos. Só precisamos encontrar coragem para isso.

Ela sorri.

— Bom, você já fez isso, garota. Muito bem!

Uma sensação de vazio toma conta de mim. Será que a minha mãe concordaria com LaDonna? Ou estou abrindo mão da única coisa sobre a qual ela disse que eu nunca deveria aceitar um meio-

termo? Eu tenho coragem, a essa altura do campeonato, de dispensar o protótipo do Sr. Perfeito na esperança de encontrar o Sr. Totalmente Perfeito? Ou será que isso nem sequer é coragem? Talvez seja estupidez, ou imaturidade. Mas onde fica exatamente a linha divisória entre coragem e arrogância, entre desejar o que é certo e esperar mais do que merecemos?



Depois de trinta minutos arrumando a bolsa de passeio da Austin, trocando — no último minuto — a fralda e colocando a bebê no carrinho, finalmente saímos pela porta. O que eu fazia com todo o meu tempo extra antes de me tornar mãe?

Ao contrário da maioria dos dias quentes de julho, o céu de hoje está nebuloso, e uma brisa suave faz cócegas em meus braços nus. Conforme vamos nos aproximando do Efebina's Café, avisto Brad sentado a uma mesa debaixo de um guarda-sol. Tomando um café com leite, ele se levanta e me cumprimenta com um abraço.

— Como está a minha menina grande? — ele pergunta, erguendo Austin do carrinho.

— Diga ao tio Brad como você é incrível, Austin. Diga a ele como você sorri para a sua mamãe.

— Você é uma menina feliz?

Ele arrulha e esfrega o nariz em Austin. Com a mão livre, puxa um envelope de bolso. Meta número dezessete.

— Me apaixonar — murmuro.

— Parabéns, B.B. Faltam dois meses até o prazo de setembro e você está no caminho certo. Está na hora de seguir em frente e comprar o cavalo e a casa. Você disse que o Herbert aceita o desafio, certo?

— Arrã.

Brad se aproxima mais de mim.

— Algo errado?

— Não. Nada. — Eu pego a minha filha sonolenta dos braços dele e a coloco no carrinho. — Vá em frente. Abra o envelope.

O olhar contemplativo dele está focado em mim como se fosse laser.

— O que foi? Você sempre ficou animada quando eu lhe oferecia um envelope. Da última vez em que tentei abrir este aqui, você não deixou. O que está acontecendo?

— Nada. Abra.

Ele inclina a cabeça de um jeito que me diz que não está acreditando em mim, mas abre o envelope mesmo assim. Ele desdobra a folha cor-de-rosa e a coloca em cima da mesa, com a parte escrita voltada para baixo, e fica me olhando direto nos olhos.

— Essa é a sua última chance, B.B. — diz ele, agarrando os meus braços. — Se você não está apaixonada pelo Herbert, precisa me dizer agora.

Meu coração perde uma batida. Eu fico olhando para ele também, até que não consigo mais suportar. Quatro meses de dúvida e frustração vêm à tona. Planto os cotovelos na mesa e deixo a cabeça cair entre as mãos.

— Eu estou tão confusa, Brad. Achei que amava o Andrew, o homem mais egoísta que já conheci. E por algum motivo não consigo sentir nenhuma emoção profunda por esse cara maravilhoso que faria tudo por mim. — Agarro dois punhados do meu cabelo. — Qual é o problema comigo, Midar? Será que ainda estou procurando alguém que eu precise conquistar, como o Charles?

Ele bagunça os meus cabelos.

— O amor é caprichoso. Se pudéssemos escolher por quem nos apaixonar, você acha que eu escolheria uma mulher que vive a três mil quilômetros daqui?

— Mas o Herbert é tão bom. E ele me ama. E quer casar comigo. E se eu o perder? E se eu nunca encontrar alguém que nos ame da forma como ele ama? Eu posso ficar sozinha para sempre, e a Austin ficaria sem pai.

— Isso não vai acontecer.

— Você não tem como saber.

— Tenho sim. A sua mãe não teria deixado essa meta na sua vida se você não fosse capaz de realizá-la. Ela sabe que você vai conhecer alguém.

Solto um grunhido.

— Agora você está parecendo tão louco quanto eu.

— Estou falando sério. Já me ocorreu mais de uma vez que ela tenha engehado alguns desses eventos.

— Bom, se esse é o caso, talvez ela tenha articulado o meu relacionamento com o Herbert. Talvez ela o tenha guiado até aqui, para Chicago, até o apartamento do meu irmão, só para que pudéssemos nos conhecer e nos apaixonar.

— Eu não estou sentindo que seja isso.

— Por que não?

Ele me dá um sorriso tímido.

— Porque você não está apaixonada por ele.

Eu desvio o olhar.

— Mas devia estar. Talvez se eu tentar, me esforçar mais um pouco, der mais um tempinho pra nós dois...

— O amor não é um teste de resistência.

— Mas o Herbert acha que nascemos um para o outro, e talvez seja verdade. — Solto um suspiro e esfrego as têmporas. — Se ao menos minha mãe pudesse me dar um sinal. Se ao menos ela me enviasse um imenso e inconfundível sinal, me dizendo se ele é ou não o homem da minha vida.

Ele fica encarando a carta virada sobre a mesa.

— Vamos ler?

A visão da carta faz meu coração pular.

— Eu não sei. Seria justo?

— Acho que podemos dar uma espiadinha. Vai saber? Talvez isso ilumine os seus sentimentos.

Solto o ar que até então não tinha me dado conta de que estava prendendo.

— Tudo bem, vá em frente.

Brad pega a carta e pigarreja.

Querida Brett,

Eu sinto muito, meu amor. Este não é o homem da sua vida. Você não está apaixonada. Continue tentando, minha querida.

Eu fico espantada e deixo escapar o ar, aliviada.

— Ah, graças a Deus! — Jogo a cabeça para trás e dou risada. — Ela me deu um sinal, Brad! A minha mãe se pronunciou. Estou livre!

Sinto os olhos de Brad em mim. Ele não está mais lendo. Apenas dobrando a carta e deslizando-a para dentro do envelope. E onde estão seus óculos de leitura? Fico boquiaberta.

— Ah, meu Deus. Você inventou isso.

Tento apanhar a carta das mãos dele, mas ele a segura no alto.

— Isso não importa agora. Você tem a sua resposta.

— Mas ele adora a Austin. E acha que vamos formar uma família. Ele vai ficar destruído.

— Você prefere esperar até que ele esteja ajoelhado, lhe oferecendo um anel de diamante?

Meu estômago faz um barulho e eu aperto a ponte do nariz.

— Não, é claro que não. — Levo um minuto para conseguir levantar os olhos de encontro aos dele. — Eu vou partir o coração do Herbert, não vou?

— Ninguém disse que o amor era fácil, criança. — Ele enfia o envelope cor-de-rosa no bolso da camisa. — Vamos guardar isso para um outro momento — ele me diz, dando uns tapinhas de leve em seu bolso. — Tenho a impressão de que vai valer a pena esperar.



O meu estômago revira enquanto espero que as sete horas — e Herbert — cheguem. Assim que estou terminando de dar o jantar para Austin, o telefone toca. Dou um pulo, na esperança de que seja ele me ligando para cancelar, mas, em vez disso, ouço a voz calma

de Catherine. Ela e Joad acabaram de voltar da viagem de uma semana a Saint Barth. Coloco o telefone no viva-voz e apoio Austin no ombro.

— Bem-vinda ao lar — digo, dando uns tapinhas de leve nas costas da bebê. — Como foi a viagem?

— Perfeita — ela me diz. — O resort era all-inclusive, eu lhe contei isso, não?

— Sim, eu acho...

— Eu vou lhe dizer uma coisa, Brett, nunca fomos tão mimados. Podíamos escolher entre três restaurantes cinco estrelas, e eram todos divinos. Se não fosse pela academia de última geração deles, eu teria engordado uns cinco quilos! — Ela dá risada. — Cada necessidade nossa era atendida antes mesmo de saber que a tínhamos.

— Parece maravilhoso — digo animada, mas por dentro sou atingida pela imagem do meu próprio Hotel Herbert, com tudo incluso, me perguntando se preciso de algo, querendo saber se há alguma coisa que ele possa fazer por mim.

— Foi maravilhoso sim. Para falar a verdade, foi um dos melhores resorts que já visitamos, e já ficamos em lugares espetaculares. Você e o Herbert deviam ir até lá um dia desses. Precisaria ser insano para não se apaixonar por aquele lugar.

Sinto câibras no estômago. Eu sou insana por querer terminar com Herbert! Qualquer pessoa normal seria capaz de amá-lo.

De repente, a minha mente se volta para um tempo há quase treze anos, quando a minha mãe e eu estávamos em Puerto Vallarta. Ela me levou até a cidade portuária mexicana para celebrarmos a minha graduação na Northwestern. Era a primeira vez em que nós duas ficávamos em um resort all-inclusive. E, tal qual a experiência de Catherine, o Palladium Vallarta era um vislumbre do céu. Um day spa com todos os serviços, três piscinas com borda infinita, além de mais refeições gourmet e drinks com guarda-chuvinhas do que seríamos capazes de consumir. Mas no terceiro dia eu já estava desesperada para fugir de lá. Eu me senti horrível por não amar aquele paraíso fabricado. Deve ter custado uma fortuna para a

minha mãe. Ela ficaria arrasada se soubesse que filha ingrata havia criado.

Porém, naquela tarde, quando o atendente da piscina nos perguntou pela décima vez se queríamos outro drinque, ou uma toalha seca, ou respingos de água fresca, minha mãe balançou a cabeça. Sempre intuitiva, eu poderia jurar que ela leu minha mente.

— *Gracias*, Fernando, mas nós não precisamos de mais nada. E não precisa voltar para checar se queremos algo.

Ela abriu um sorriso gracioso, até que ele estava longe do nosso alcance e não podia mais nos ouvir, e então se voltou para mim.

— Desculpe, querida, mas estou ficando *loca* neste paraíso.

Até hoje eu não sei se ela estava falando a verdade ou se disse aquilo por mim. De qualquer maneira, quase caí da espreguiçadeira de tanto rir.

Então nós subimos correndo até o quarto, dando risadas enquanto vestíamos rapidamente um vestido de verão e sandálias. Depois pegamos um ônibus velho e vacilante até Viejo Vallarta, a cidade velha, e pechinchamos com os vendedores no mercado local. Mais tarde nos deparamos com um barzinho. Uma banda de mariachis, com os músicos de terno prateado e sombreiro, tocava em uma plataforma de madeira empoeirada. Minha mãe e eu ficamos sentadas no bar bebendo cerveja, gritando com a banda e com os fregueses locais a cada intervalo. Foi a melhor noite da viagem.

A campainha toca e meu coração para de bater por um instante.

— Desculpe, Catherine, o Herbert chegou. Estou feliz por vocês estarem de volta. Dê um beijo no Joad por mim.

Vou caminhando até a porta com Austin nos braços, sentindo-me grata pela bela lembrança instigada pelo telefonema de Catherine. É possível que existam dois tipos de pessoas, aquelas que adoram resorts com tudo incluso e aquelas que os acham sufocantes? E talvez, apenas talvez, aqueles de nós que consideram ser mimados vinte e quatro horas por dia algo opressivo não sejam, afinal, tolos ingratos.



Espero até que a Austin esteja dormindo. Quando volto para a sala na ponta dos pés, vejo Herbert no sofá, bebendo uma taça de chardonnay e analisando detalhadamente um dos meus livros. Sinto um aperto no peito. Ele ergue o olhar e sorri quando me vê.

— Missão cumprida?

Cruzo os dedos.

— Até agora tudo bem.

Eu me sento ao lado dele e dou uma olhada no que ele está lendo. De todos os meus livros maravilhosos, ele escolheu *Ulisses*, de James Joyce, possivelmente a leitura mais difícil da literatura de língua inglesa.

— Essa foi uma leitura obrigatória para mim na época da Academia Loyola — digo. — Meu Deus, eu odiei...

— Faz anos que li este livro — ele me interrompe. — Eu adoraria reler. Me empresta?

— Pode ficar — digo.

Tiro o livro das mãos dele e o coloco em cima da mesinha de centro. Como se fosse uma deixa, Herbert se inclina para me beijar. Com o desejo desesperado de que desta vez eu fique sem fôlego e sinta um frio na barriga, deixo que ele me beije.

Não fico sem fôlego. Nem sinto nada na barriga.

Recuo. Como se estivesse arrancando um curativo, solto as palavras de uma vez e rapidamente.

— Herbert, eu não posso continuar com você.

Ele abaixa o rosto junto ao meu.

— O quê?

Lágrimas se acumulam em meus olhos e cubro a boca, trêmula.

— Me desculpe. Eu não sei o que há de errado comigo. Você é um homem maravilhoso. O melhor cara que já namorei, mas...

— Você não me ama. — É uma declaração, não uma pergunta.

— Eu não tenho certeza — digo baixinho. — E não posso arriscar a sua felicidade nem a minha, esperando para descobrir.

— Você não está arriscando... — Ele para no meio da frase e ergue a cabeça para o teto, mordendo o lábio.

Eu me viro e aperto os olhos. Que diabos estou fazendo? Esse homem me ama. Eu deveria dar um pulo agora, rir e lhe dizer que foi uma brincadeira. No entanto, estou grudada no sofá, com a boca bem fechada.

Por fim, ele se põe de pé. Fica olhando para baixo, me encarando, e posso ver a expressão no rosto dele se alterar, passando de tristeza para raiva. De repente, ele está forte... mais forte do que jamais o vi.

— O que diabos você está procurando, Brett? Um outro babaca, como o seu último namorado? É isso que você quer?

Meu coração bate acelerado. Meu Deus, o Herbert tem colhões afinal. Eu nunca o vi xingar alguém antes... e eu meio que gosto disso. Talvez eu tenha sido precipitada. Talvez desse certo se...

Não. A minha decisão está tomada. Não posso desfazer tudo agora.

— Eu... eu não sei.

Como eu vou lhe dizer que estou procurando algo tão especial que, quando acontecer, eu não terei de me perguntar se encontrei?

— Você precisa pensar bem, Brett, porque está cometendo um grande erro. Lá no fundo você sabe disso. Não estarei disponível para sempre. Você precisa entender as coisas antes que seja tarde demais.

As palavras dele sugam o ar dos meus pulmões. E se ele realmente for a pessoa que eu espero, e eu descobrir isso tarde demais? Fico observando, embasbacada, enquanto ele cruza a sala e pega seu casaco da Burberry no armário da entrada. Com uma das mãos na maçaneta, ele se vira e busca o meu rosto banhado em lágrimas.

— Eu realmente amava você, Brett. E amava a Austin também. Despeça-se dela com um abraço por mim, por favor.

Com isso, ele sai pela porta e a fecha atrás de si.

Irrompo em lágrimas. Que diabos eu fiz? Acabei de deixar que o homem dos meus sonhos, o meu lindo cara da Burberry, fosse embora? Eu me aninho na cadeira ao lado da janela e fico olhando

para fora, para o céu crepuscular, como se estivesse procurando uma resposta ali, oculta em algum lugar naquele abismo escuro. Será que a minha mãe está olhando por mim agora? O que ela está tentando me dizer? Fico ali sentada até duas horas da manhã, questionando a minha decisão e esperando ouvir as palavras da minha mãe: "Haverá outro céu, meu amor".

As palavras nunca chegam.



Em vez de me preparar para o meu casamento em 7 de agosto, como Herbert havia sugerido, planejo uma festa para o que teria sido o aniversário de sessenta e três anos da minha mãe. Na manhã de sexta-feira, Zoë e John chegam ao Aeroporto O'Hare, uma cena de boas-vindas muito diferente daquela em Seattle. Depois de meses nos falando quase todos os dias, nos cumprimentamos como a família que agora somos, trocando beijos, lágrimas e abraços esmagadores. Eu e John falamos sem parar durante o caminho até o escritório de Brad, enquanto Zoë fica sentada no banco de trás tagarelando com Austin Elizabeth.

— Você é minha sombrinha — diz ela, tomando a mão de Austin na sua.

— Sobrinha — John a corrige, e nós dois rimos. Então ele se volta para mim, sério. — Como você se sentiria se a Austin me chamasse de avô? Ou vovô?

Abro um sorriso.

— Eu adoraria.

— E, Brett, você pode me chamar de pai, sabia?

Meu cálice transborda.



Meu pai aperta a mão de Brad, e os dois homens da minha vida finalmente se conhecem. Zoë, porém, se interessa muito mais pela vista da cidade do que em conhecer Brad. Ela está parada na frente da janela que vai do chão ao teto, completamente fascinada, e eu me acomodo à mesa de mogno, a mesma mesa à qual me sentei, amargurada e deprimida, há quase um ano. Eu achei que a minha vida tinha sido despedaçada naquele dia, e isso realmente aconteceu, mas, tal como um membro fraturado, hoje ela está mais forte nos pedaços partidos, agora já cicatrizados.

Enquanto o meu pai se acomoda ao meu lado, Brad vai até a janela e se ajoelha ao lado de Zoë.

— Ei, Zoë, quer pegar o elevador comigo? Eu vou te mostrar uma janela ainda mais legal.

Ela arregala os olhos e se vira para o pai, pedindo permissão com o olhar.

— Claro, meu amor, mas você pode esperar só um minuto? O sr. Midar vai ler uma carta da mãe da Brett.

Brad se levanta e balança a cabeça.

— Não. Essa vocês vão ler sozinhos. Juntos. Acho que a Elizabeth ia querer que fosse assim.

Segurando a mão de Zoë, Brad sai do escritório e fecha a porta atrás deles.

Puxo a carta do envelope e a coloco sobre a mesa à nossa frente. O meu pai cobre a minha mão com a dele e, juntos, lemos a carta em silêncio.

Querida Brett,

Há trinta e quatro anos eu fiz uma promessa da qual sempre me arrependi. Eu disse a Charles Bohlinger que nunca revelaria o segredo do seu nascimento. Em troca, ele me prometeu que a

criaria como se fosse filha dele. Se ele cumpriu a parte dele nesse acordo, é discutível. Mas acredito que eu mantive a minha promessa, até mesmo agora.

Tantas vezes desejei revelar a verdade. Você se empenhava tanto no relacionamento com o Charles. Eu implorei a ele que me deixasse lhe contar a verdade, mas ele foi inflexível. Fosse guiado pela vergonha ou pela tolice, eu senti que devia a ele essa dignidade. E, sem saber o paradeiro do seu pai, temi que, se lhe revelasse a verdade, só confirmaria seus sentimentos de rejeição paterna.

Espero que você encontre em seu coração a capacidade de perdoar a mim e ao Charles também. Por favor, entenda que não era fácil para ele. Em vez de ver a bondade e a beleza que existiam em você, ele via um lembrete constante da minha infidelidade. Mas para mim você foi um presente, uma alegria, o arco-íris depois de uma tempestade terrível. Deus sabe que eu não merecia, mas uma parte do homem que eu amava havia voltado para mim e, mais uma vez, a música era infundida em minha alma.

Sabe, o meu mundo ficou silencioso durante as semanas depois que o seu pai me deixou. Somente anos mais tarde eu entendi o ato cavalheiresco e

altruísta que ele fez em meu nome. Eu o amava com tanto desespero que teria feito qualquer coisa para ficar com ele, até mesmo algo que teria arruinado a minha alma completamente. Mas ele me poupou, e lhe sou eternamente grata.

Embora eu tenha tentado, nunca consegui localizar o seu pai. Contratei uma pessoa para isso, depois que eu e o Charles nos divorcamos, mas foi uma busca inútil. De alguma maneira, enquanto escrevo esta carta, tenho certeza de que você vai encontrá-lo. E, quando conseguir, comemore. Seu pai é um homem extraordinário. E, embora eu saiba que um relacionamento ilícito é um ato egoísta e covarde, ainda hoje acredito que o que eu sentia pelo seu pai era amor, puro, verdadeiro e forte como o vento das savanas.

Com frequência você me perguntava por que eu nunca tive nenhum outro namorado depois que me divorciei do Charles. Eu sorria e lhe dizia que eu não tinha necessidade. Eu já havia vivido o amor da minha vida. E era verdade.

Obrigada por ser a ponte entre duas vidas, minha bela filha. Seu espírito, sua bondade, todo o bem em você vêm do seu pai. Todos os dias eu agradeço a ele — e a você — por me mostrarem o que é o amor.

Eternamente sua,

Mãe



A casa da Astor Street está agitadaíssima nesta tarde de sábado. Minha mãe teria adorado este dia, que reúne o amor do passado e do presente, antigas e novas amigas e família — perdida e reencontrada. Carrie e sua prole chegam ao meio-dia, e logo depois os pais dela, Mary e David. Enquanto eu, Carrie e Stella preparamos lasanha para um batalhão, Mary e David tomam drinques no solário com Johnny, dando risada e lembrando histórias dos velhos tempos em Rogers Park. Em seu balanço perto da janela, Austin morde um peixe de borracha, olhando para os filhos da Carrie, que brincam de amarelinha com a Zoë no quintal dos fundos.

São quatro e meia quando Carrie decide fazer seu bolo de chocolate sem farinha.

— Se meus cálculos estiverem certos, ainda estará morno quando a gente for servir.

— Eu já estou salivando — digo. — As vasilhas para preparar a massa estão no armário da cozinha.

— Vou arrumar a mesa — diz Stella. Ela desaparece na sala de jantar e depois grita: — Onde você guarda a toalha de mesa, Brett?

— Ah, não! — dou um tapa na testa. — Esqueci de pegar a toalha na lavanderia.

Ela leva uma pilha de jogos americanos e guardanapos para a cozinha.

— Sem problemas, eu encontrei isso aqui.

— Não, vamos usar a toalha e os guardanapos irlandeses bordados à mão hoje. Minha mãe sempre usava esse jogo de mesa em ocasiões especiais, e o que é mais especial do que o aniversário dela? — Dou uma olhada no relógio. — Volto em meia hora.



Como os dias de agosto devem ser, hoje está radiante, com imensas nuvens de algodão pendendo do céu lápis-lazúli. Embora a previsão do tempo tenha falado em tempestades e temperaturas caindo, não seria possível imaginar isso agora. Cantarolando “What a Wonderful World”, vou descendo calmamente pela calçada com Rudy à minha frente e a minha filha no carregador aninhada no meu peito.

Do lado de fora da Lavadeira Mauer, uma loira glamourosa está sentada em um banco, segurando firme uma correia presa a um labrador preto. Rudy cheira o cachorro dócil, depois lhe dá uma cabeçada na esperança de brincar.

— Comporte-se, Rudy — digo, prendendo a correia dele em um anel de madeira no banco. Sorrio para a mulher, mas ela está conversando ao celular e parece não notar.

Sinos tocam quando entro na lavanderia. São quase cinco horas, perto do horário de fechar. Entro na fila, atrás do outro único cliente no lugar, um cara alto de cabelos escuros e ondulados. Ele está batendo papo com a mulher grisalha atrás do balcão. Meus olhos quase abrem um buraco na nuca dele. *Anda logo!* Ele dá risada de alguma coisa que ela diz e finalmente lhe entrega o tíquete. Ela se arrasta até um suporte mecanizado e procura a roupa dele, voltando um instante depois com um casaco coberto por um plástico transparente.

— Aqui está — ela diz ao cliente e pendura a roupa em uma haste de metal.

Fico encarando a roupa... depois olho para o homem... então volto a olhar para a roupa.

É um casaco da Burberry.

— Parece que ficou bom — ele diz.

De repente, fico zozza. Será que é o cara da Burberry? Não, quais são as chances de ser ele?

Ele lhe entrega o dinheiro e ergue o casaco.

— Obrigado, Marilyn. Bom fim de semana.

Ele se vira. Os olhos castanhos com pontinhos dourados param primeiro em Austin.

— Oi, gracinha — ele diz a minha filha.

Ela ergue o olhar para fitá-lo por um instante antes de abrir um largo sorriso. Linhas de riso explodem como fogos de artifício dos cantos dos olhos dele, então ele vira o olhar contemplativo em minha direção. Vejo seu rosto passar da confusão para o reconhecimento.

— Ei — ele aponta um dedo para mim. — Você é a mulher com quem eu costumava encontrar por acaso o tempo todo. Derrubei café no seu casaco quando você saía do seu prédio. Vi você naquela manhã quando eu estava fazendo cooper. — A suavidade em sua voz grave me faz sentir como se estivesse reencontrando um velho amigo, quando na verdade eu mal o conheço. — A última vez que te vi foi na estação ferroviária. Você estava tão brava por ter perdido o trem... — Ele balança a cabeça, como se estivesse com vergonha. — Provavelmente você não se lembra disso...

Meu coração bate tão forte que ressoa em minhas têmporas. Fico tentada a confessar que era o trem *dele* que eu queria pegar, mas simplesmente digo:

— Eu me lembro.

Ele dá um passo mais para perto de mim.

— Lembra?

— Arrã.

A expressão em seu rosto se suaviza; ele abre um sorriso e estende a mão para me cumprimentar.

— Meu nome é Garrett. Garrett Taylor.

Fico encarando-o, boquiaberta.

— Você... você é o dr. Taylor? O psiquiatra?

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Sim...

Repasso algumas coisas em minha mente. Aquela voz. É claro! Garrett Taylor é o cara da Burberry! Ele não é nenhum velho excêntrico. É um cara de quarenta e poucos anos, lindo, com um nariz um pouquinho torto e uma cicatriz visível ao longo do maxilar — o rosto mais perfeito que eu já vi na vida. Uma dúzia de rouxinóis se solta do meu peito. Jogo a cabeça para trás e dou risada, depois pego a mão dele.

— Garrett, sou eu, Brett Bohlinger.

Ele fica com os olhos arregalados.

— Ah, meu Deus! Eu não posso acreditar nisso, Brett. Pensei tanto em você. Eu queria te ligar, mas parecia...

Ele recua, deixando a frase no ar.

— Mas você devia ser velho! — digo. — Sua mãe deu aula em uma escola com uma sala só. Suas irmãs são professoras aposentadas...

Garrett abre um largo sorriso.

— Tem uma diferença de dezenove anos entre mim e as minhas irmãs. Eu fui o que você poderia chamar de “uma surpresa”.

De fato, uma surpresa.

— Você mora aqui perto? — pergunto a ele.

— Logo ali na Goethe.

— Eu estou na Astor.

Ele dá risada.

— Nós moramos a poucas quadras um do outro.

— Na verdade, aquela é a casa da minha mãe. Eu me mudei para Pilsen no último inverno.

Ele oferece o mindinho a Austin, que o segura com força.

— E você tem um bebê. — Um traço de tristeza colore a voz dele. — Parabéns.

— Esta é Austin Elizabeth.

Ele passa a mão pelos cachos sedosos dela, mas, quando sorri, seus olhos perderam aquela alegria.

— Ela é adorável. — Ele olha para mim. — Você está feliz agora, eu posso ver.

— Estou. Delirando de felicidade.

— Você fez um bom progresso naquela lista de sonhos. Muito bem, Brett. — Ele faz um aceno curto com a cabeça e segura o meu braço. — Estou feliz por finalmente termos tido a chance de nos conhecer. Desejo toda felicidade para você e a sua nova família.

Ele está se dirigindo para a porta agora. E acha que estou casada. Não posso deixar que ele vá embora! E se eu nunca mais o vir? A mão dele está na maçaneta.

— Lembra da Sanquita? — eu quase grito. — A minha aluna com doença renal?

Ele se vira.

— A garota do abrigo?

Faço que sim com a cabeça.

— Ela morreu na última primavera. Esta é a filha dela.

— Sinto muito por isso. — Ele volta devagar em minha direção.

— Então a Austin é adotada?

— É. Depois de várias semanas de papelada, finalmente a adotei na semana passada.

Ele sorri para mim.

— Ela é uma bebê de sorte.

Ficamos olhando fixo um para o outro até que Marilyn fala conosco detrás do balcão.

— Eu odeio interromper o pequeno reencontro de vocês, mas vamos fechar.

— Ah, desculpe. — Vou até o balcão e tiro o meu tíquete do bolso. Eu lhe entrego o papel e me viro para Garrett. — Escuta — digo, na esperança de que ele não consiga ver a dança frenética do meu coração através da minha camiseta fina. — Se você estiver livre hoje à noite, estou organizando uma pequena reunião, apenas para familiares e alguns amigos. Vamos comemorar o aniversário da minha mãe. Eu ia adorar se você pudesse passar por lá... No número 113 da North Astor.

Ele parece realmente desapontado.

— Eu tenho um compromisso hoje à noite. — Seus olhos se movem na direção da janela por um milésimo de segundo, e os meus seguem os dele. A loira com o labrador preto não está mais falando ao telefone. Está em pé, parada na frente da janela, olhando para nós, provavelmente se perguntando o que está prendendo seu namorado... ou marido.

— Ah, sem problemas — respondo, sentindo o calor subir às bochechas.

— É melhor eu ir — diz Garrett. — Parece que a minha cadela está ficando inquieta lá fora.

Uma dúzia de respostas me vem à mente, e seriam todas hilárias se eu não estivesse aqui parada, totalmente mortificada, olhando para uma mulher que está o mais longe possível de parecer uma cadela.

Marilyn volta ao balcão com meu jogo de mesa.

— Dezessete e cinquenta — ela me diz.

Procuo o dinheiro e depois olho de relance para Garrett.

— Foi ótimo conhecer você — afirmo, fazendo o máximo para soar animada. — Se cuida.

— Você também. — Ele hesita por um breve momento antes de abrir a porta e sair.



As nuvens estão espessas e roçam o céu com espirais cinza e ametista. Quase posso ver a chuva acumulada nas nuvens ameaçadoras, planejando seu ataque. Inspiro o cheiro abafado da tempestade que se aproxima e acelero o passo, na esperança de chegar em casa antes de as nuvens estourarem.

Eu me xingo o caminho todo de volta para casa. Por que, ah, por que fui abrir a minha grande boca? Ele deve achar que sou maluca, convidando-o para uma festa íntima de aniversário em família quando mal o conheço. Como pude ser tão imbecil? Um cara como o Garrett não estaria solteiro. Ele é um médico lindo, e um cara legal também. Não me admira que nunca tenhamos conseguido nos encontrar, todas as vezes em que tentamos. Minha mãe provavelmente jogou todos aqueles obstáculos na nossa frente, desesperada para manter um homem indisponível longe de mim. Será que algum dia eu vou conhecer um cara legal? Um cara legal que seja solteiro? E que ame tanto a mim quanto a Austin?

A imagem de Herbert Moyer invade meu cérebro.



A casa está cheirando a alho refogado, e da cozinha vêm risadas e conversas. Solto o clipe da correia do Rudy e me esforço para espantar da mente todos os pensamentos sobre o meu mortificante encontro com Garrett Taylor. É a comemoração do aniversário da minha mãe, e eu me recuso a deixar que qualquer coisa a arruíne.

Brad vem correndo da sala de estar e pega o jogo de mesa das minhas mãos.

— A Jenna acabou de ligar. O voo dela chegou a tempo, ela está a caminho.

— Ebaaaa! Estaremos todos aqui! — Eu puxo a Austin pela frente e depois me viro para que Brad possa soltar o carregador de bebê.

— E a Zoë estava agorinha mesmo me falando do cavalo dela, o Pluto. — Ele dá uma espiada por cima do meu ombro. — Segundo o seu pai, algum doador anônimo deu ao Centro Nelson uma quantia significativa em dinheiro para que eles reiniciassem o programa de equitação terapêutica. — Ele se inclina na minha direção e sussurra no meu ouvido: — O que você vendeu dessa vez, B.B.? Outro Rolex?

— Pra falar a verdade, peguei um pouco de dinheiro do meu fundo de aposentadoria. O programa de equitação da Zoë vale as taxas que terei de pagar.

— Bom, parabéns. Você tomou as rédeas da meta número catorze! — Ele irrompe em uma gargalhada e não consigo resistir, abrindo um sorriso.

— Você é um tremendo de um perdedor.

— Não, a única que saiu perdendo nessa história foi a Lady Lulu. Lembra da Lulu, a égua no abrigo de animais que a Gillian queria que resgatássemos? — Ele balança a cabeça e seca uma lágrima imaginária do olho. — A pobre e velhinha Lulu provavelmente vai virar cola enquanto conversamos aqui.

— Não vai não. A Lulu achou um bom lar faz meses.

— Espera. Você realmente acompanhou a situação da Lady Lulu? Dou de ombros.

— Não me dê crédito demais. Você não faz ideia de como fiquei aliviada quando descobri que ela tinha sido adotada.

Ele dá risada e ergue a mão para bater na minha com um “toque aqui”, em um gesto de aprovação.

— Estou impressionado, criança. Mais uma meta realizada. Você está quase lá.

— É, exceto pela mais difícil. — Meu ego ferido arde em chamas e balanço a cabeça em negativa. — O tempo está se esgotando, Brad. Eu tenho um mês para me apaixonar.

— Olha só, eu estive pensando nisso. Você está apaixonada pela Austin, certo? Quer dizer, não poderia ser a esse tipo de amor, *de parar o coração, de morrer pela pessoa amada*, que sua mãe estava se referindo?

Fico olhando para o rosto de uma bebê pela qual eu morreria de bom grado. Se eu disser que sim, vou receber o envelope número dezessete. Posso comprar a casa da minha mãe e todas as metas terão sido cumpridas dentro do prazo. Eu e a Austin vamos receber a nossa herança e nosso futuro estará garantido.

Abro a boca para lhe dizer sim, mas paro quando um lampejo da garota que fui aos catorze anos aparece em minha mente, com seus olhos sonhadores me implorando para não abandonar o sonho de uma vida inteira. Ouço as palavras da minha mãe: "O amor é a única coisa sobre a qual você nunca deve chegar a um meio-termo".

Dou um soquinho no braço de Brad.

— Nossa, obrigada pelo voto de confiança, Midar.

— Não, eu só...

Sorrio.

— Eu sei. Você só está tentando ajudar. E agradeço, mas vou terminar essa lista, não importa quanto tempo demore. Não é mais por causa da herança. Eu não posso desapontar a minha mãe nem aquela garota que conheci uma vez. — Beijo o topo da cabecinha macia da Austin. — Nós vamos ficar bem, com ou sem nossos milhões.



A lasanha está dourada e borbulhante. Mary coloca um arranjo de hortênsias no centro da mesa de jantar, elegante com a toalha e os guardanapos bordados da minha mãe. Catherine acende as velas, e eu diminuo a intensidade das luzes. A sala fica com o tom lavanda da tempestade que se aproxima. Se minha mãe estivesse aqui, bateria palmas e diria: "Ah, querida, que lindo!" Estou cheia de orgulho, e de uma repentina e desesperada saudade da mulher que eu perdi.

Uma trovoadas me faz sair dos meus devaneios, e imediatamente se segue o som da chuva golpeando as vidraças. Do lado de fora da janela, o carvalho da minha mãe oscila com fúria. Esfrego os pelos arrepiados dos meus braços.

— O jantar está pronto — anuncio.

Fico observando as pessoas que amo, pessoas que também me amam e amam a minha mãe, reunidas em volta de sua bela mesa de mogno. Jay puxa uma cadeira para Shelley e, enquanto ela se senta, ele lhe dá um beijo no pescoço. Shelley fica ruborizada quando se dá conta de que eu vi o pequeno ato de carinho, e pisco para ela em sinal de aprovação. Carrie e sua família ocupam um dos lados da mesa, com seus filhos discutindo sobre quem vai se sentar ao lado da Zoë. Brad e Jenna ocupam as cadeiras ao lado de Shelley, conversando sobre o voo dela. Eu pego a mão do meu pai e o conduzo até a cabeceira da mesa, onde é o lugar dele. Mary e David se sentam ao lado de Joad. Do outro lado dele, a minha linda filha sonha, aninhada junto ao peito da tia Catherine. Ouço Joad sugerir que ela coloque Austin para dormir enquanto jantamos, mas Catherine não dá ouvidos. Nossos olhares se encontram e nós duas sorrimos, o sorriso de duas mulheres tão diferentes com um amor em comum.

Por fim, quando todo mundo está acomodado, assumo o meu lugar à cabeceira da mesa, do lado oposto ao do meu pai.

— Eu gostaria de fazer um brinde — digo, erguendo a taça de vinho. — A Elizabeth Bohlinger, a mulher extraordinária que alguns de nós chamavam de mãe... — Sinto um nó na garganta e não consigo mais falar.

— Outros chamavam de amiga — diz David por sua vez, assentindo para mim e erguendo o copo.

— Um chamou de amor — diz John, com a voz carregada de emoção.

— Alguns chamavam de chefe — acrescenta Catherine.

Damos risada.

— E três chamarão, para sempre, de vovó — termina Jay.

Meus olhos param em Trevor e Emma, depois seguem até Austin.

— Um brinde a Elizabeth — digo —, uma mulher notável que tocou profundamente a vida de cada um de nós.

Estamos tilintando nossas taças quando toca a campainha. Trevor dá um pulo de sua cadeira e vai correndo com Rudy até o hall de entrada.

— Diga a quem quer que seja que estamos jantando — diz Joad.

— Isso mesmo — reforça Catherine, olhando para baixo, contemplando o embrulhinho dorminhoco em seus braços. — A pequena Austin não quer ser perturbada durante o jantar.

Estamos passando os pratos quando Trevor volta para a mesa. Coloco salada no prato de Zoë e olho de relance para o meu sobrinho.

— Quem era, querido?

— Um tal de dr. Alguma Coisa — diz Trevor. — Eu falei pra ele ir embora.

— Dr. Moyer? — pergunta Jay.

— Arrã — diz Trevor, partindo um pão.

Jay estica o pescoço e espia pela janela banhada de chuva.

— Bom, quem diria, o Herbert está aqui! — Ele sai com tudo da mesa, quase derrubando a cadeira, depois para um pouco e se volta para mim. — Você o convidou?

— Não — digo, empurrando a cadeira para trás e jogando o guardanapo de lado. — Mas nós temos bastante comida. Pode sentar, Jay. Eu vou convidá-lo para entrar.

Durante os vinte segundos que levo para chegar até a porta, minha mente pula, tropeça e cai em cima dela mesma. Meu Deus, o Herbert aparece aqui no dia que poderia ter sido o do nosso casamento. Será que é um sinal da minha mãe? Talvez ela não

tenha gostado da ideia de que eu e a Austin levássemos a vida como uma dupla apenas. Ela quer que eu dê uma nova chance para ele. E talvez agora ela vá fazer com que a magia aconteça.

Uma rajada de vento me tira o ar quando abro a porta. Do quintal dos fundos, ouço o tilintar dos sinos de vento da minha mãe. Erguendo o pescoço, espio para fora, para a varanda vazia. Meus cabelos esvoaçam para todos os lados, então eu os seguro com a mão. Aonde ele foi? A chuva forte dá ferroadas em meu rosto, como se fossem pequenos choques elétricos, e aperto os olhos para tentar enxergar em meio ao dilúvio. Por fim, recuo para dentro da casa. No entanto, tão logo vou fechar a porta, eu o avisto. Ele está atravessando a rua debaixo de um enorme guarda-chuva preto.

— Herbert!

Ele se vira. Está vestindo o casaco da Burberry, segurando um buquê de flores do campo. Minha mão voa até a boca e dou um passo para fora, entrando na fúria da tempestade. Em meio à chuva incessante, vejo seu belo sorriso.

Sem perder um segundo, desço correndo os degraus da varanda. A chuva ensopa minha blusa de seda, mas eu não me importo.

Ele vem correndo em minha direção, sorrindo. Quando nos encontramos, ele ergue o guarda-chuva para me proteger, me puxando tão para perto que posso ver um leve corte de barbear em seu queixo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

Garrett Taylor sorri e me estende as flores destruídas pelo mau tempo.

— Cancelei o meu compromisso. Eu não adiei nem deixei para uma próxima vez. Eu cancelei. Definitivamente.

O meu coração dança e enterro o nariz em uma flor cor de laranja berrante.

— Você não precisava fazer isso.

— Precisava sim. — Ele baixa o olhar contemplativo para mim e, com gentileza, coloca um cacho dos meus cabelos molhados atrás da minha orelha. — Eu não posso permitir que outro encontro não aconteça. Eu não podia esperar mais nem um dia, nem uma hora e nem um minuto para dizer a você que senti a sua falta, que senti

falta da professora divertida que conheci por telefone e com quem eu dava risada. Eu preciso dizer agora, enquanto tenho essa chance, que eu tinha uma imensa queda por aquela mulher bonita que vi no trem, no prédio e na trilha de corrida.

Ele abre um sorriso e roça a minha bochecha com o polegar.

— Então, quando eu te conheci hoje, e essas duas mulheres se mesclaram, eu tive que vir até aqui. — A voz dele está rouca, o olhar travado no meu. — Eu não podia suportar a ideia de um dia acordar e descobrir que o meu trem tinha saído da estação, e que a mulher dos meus sonhos estava parada na plataforma, acenando um adeus.

Eu me jogo nos braços dele e a sensação é de estar voltando a um lugar do qual senti falta durante toda a minha vida.

— Era você que eu queria pegar — sussurro de encontro ao peito dele. — Não aquele trem.

Ele recua um passo e ergue o meu queixo com o indicador, depois abaixa a cabeça e me beija, um beijo longo, lento e provocantemente delicioso.

— Considere-me pego — ele diz, sorrindo para mim.

Com uma das mãos segurando as flores e a outra apertando a mão de Garrett, nós subimos os degraus para a casa da minha mãe, juntos, debaixo do enorme guarda-chuva preto.

Quando vou fechar a porta atrás de nós, olho para fora. Um relâmpago corta caminho no céu nebuloso. Se a minha mãe estivesse aqui, daria uma batidinha de leve na minha mão e me diria que haveria outro céu.

E eu diria a ela que gosto deste, com nuvens de tempestade e tudo o mais.

Epílogo



Estou parada em frente ao espelho da penteadeira, no mesmo quarto que antes a minha mãe chamava de seu. Está diferente agora, com pedaços da minha nova vida espalhados por ele, mas o cheiro dela ainda está aqui, e sua lembrança me cumprimenta cada vez que entro. É engraçado como os lugares se tornam pessoas, como essa casa e sua antiga cama de ferro ainda me acolhem e me oferecem conforto quando preciso. Mas, ao contrário daqueles dias infelizes há quase dois anos, minha necessidade de conforto agora é rara.

Prendo o fecho do colar de pérolas. No cômodo descendo o corredor — meu antigo quarto —, ouço a minha filha dando risadinhas agudas. Sorrio e dou uma olhada no meu rosto uma última vez. De repente, no reflexo do espelho, aparece a minha vida. Eu me viro e os portões do céu se abrem.

— Quem está com a minha menina? — pergunto a Austin.

— Papai — ela diz, deliciosa em seu vestido de festa amarrotado e a faixa de cabelo com bolinhas.

Garrett beija a bochecha dela e aponta para mim.

— Veja o lindo vestido branco da mamãe. Ela não está bonita?

Ela dá risadinhas e enterra o rosto no pescoço dele. Bebê esperta. Eu enfiaria o nariz naquele pescoço também, barbeado e

bronzado, destacado por uma impecável camisa branca e um terno preto.

Ele estica a mão para mim.

— Hoje é o dia. Nervosa?

— Nem um pouco. Só empolgada.

— Eu também. — Ele se curva para baixo e seus lábios roçam a minha orelha. — Ninguém merece ser tão feliz quanto eu. Ninguém.

Os pelos do meu corpo ficam todos arrepiados.

Estamos quase dentro do carro quando me dou conta de que esqueci de pegar os programas da cerimônia. Enquanto Garrett prende Austin em sua cadeirinha no carro, volto correndo para dentro de casa.

A casa está em silêncio agora, sem a tagarelice da Austin e as risadas entusiasmadas do Garrett. Encontro os folhetos em cima da mesa de centro, exatamente onde eu os tinha deixado. Conforme me viro para sair, noto a foto da minha mãe. Seus olhos reluzem, como se ela estivesse satisfeita com o que estou prestes a fazer. E acho que ela estaria mesmo.

— Me deseje sorte, mãe — sussurro.

Ergo um programa cor-de-rosa de cima da pilha e o coloco ao lado da foto.

DOMINGO, 7 DE AGOSTO
ÀS 13 HORAS
CERIMÔNIA DE ABERTURA
CASA SANQUITA
ULYSSES AVENUE, 749

O MAIS NOVO ABRIGO DE CHICAGO PARA MULHERES COM FILHOS

Fecho a porta depois de sair e vou correndo até o carro, onde meu destino me espera — os amores *de parar o coração* e *pelos quais eu morreria*: meu marido e nossa filha.

Agradecimentos



Nunca antes a palavra “obrigada” me pareceu tão inadequada, mas esse simples lugar-comum haverá de ser suficiente até que alguém registre um termo melhor.

Obrigada à minha extraordinária agente, Jenny Bent, por se arriscar com uma escritora desconhecida do Meio-Oeste e tornar os sonhos dela realidade. Meus agradecimentos a Nicole Steen, por registrar e acompanhar as coisas na questão comercial. Muito obrigada a Carrie Hannigan e Andrea Barzvi, que também acreditaram em *A lista de Brett*. Tenho um imenso débito de gratidão com Brandy Rivers, da The Gersh Agency, e também com diversos agentes e editores estrangeiros, por levarem este livro a lugares que nunca imaginei.

Meu mais profundo apreço e imensa admiração à minha fantástica editora, Shauna Summers, à sua assistente supereficiente, Sarah Murphy, e a toda a equipe do Random House Publishing Group, cuja competência é ultrapassada apenas pela gentileza.

Um agradecimento especial à minha primeira leitora, minha querida mãe, que me deixou uma mensagem tão entusiasmada na caixa postal depois de ler o livro que me recusei a apagá-la durante seis meses. Eterna gratidão ao meu pai, cujo orgulho inabalável e

crença constante em mim me deram coragem para perseverar. À minha ávida leitora preliminar, tia Jackie Moyer, pelas opiniões e conselhos de primeira classe.

Friedrich Nietzsche disse certa vez: “Um bom escritor possui não somente seu próprio espírito, mas também o espírito de seus amigos”. Este livro incorpora o espírito de meus amigos, e sou especialmente grata àqueles que se ofereceram para ler o manuscrito muito antes de eu ser uma “autora”. À minha maravilhosa amiga e colega de escrita, Amy Bailey-Olle, que sempre sabia qual era a palavra ou frase exata para tornar a história melhor. Às minhas fabulosas amigas Sherri Bryans Baker e Cindy Weatherby Tousignaut, por me fazerem sentir que realmente tinha algo com este livro. À minha querida amiga e autora altamente talentosa, Kelly O’Connor McNees, pelas opiniões generosas, orientações e inspiração ao longo desta maravilhosa jornada. À muito especial Pat Coscia, cujo entusiasmo não tem paralelos. A Lee Vernasco, meu mais velho leitor, com noventa e dois anos, e o mais espirituoso. Que inspiração você é! À adorável Nancy Schertzing, por me conceder suas brilhantes e belas filhas como leitoras. Claire e Catherine, suas anotações editoriais foram algumas das melhores que recebi. Obrigada.

Um salve às meninas do Salon Meridian: Joni, Carleana e Megan em especial, por passarem o manuscrito umas às outras e me fazerem sentir uma escritora. A Michelle Burnett, por dizer a Bill que tinha de voltar correndo para casa depois do trabalho para continuar lendo a minha história. Amei! À magnífica Erin Brown, cujos serviços editoriais foram o melhor investimento que já fiz. Aos extraordinários instrutores de escrita da minha vida, Linda Peckham e Dennis Hinrichsen, sem os quais não haveria romance algum. Obrigada ao meu grupo de escrita, Lee Reeves e Steve Rall, cujo talento excede o meu de longe. E uma piscadela aos céus por nosso falecido membro, Ed Noonan, que teria curtido este momento. Agradecimentos especiais a Maureen Dillon e Kathy Marble, que pacientemente me instruíram sobre os cuidados com bebês prematuros numa UTI neonatal.

Minha mais profunda gratidão ao meu maravilhoso marido, Bill. Seu orgulho, amor e apoio fazem o meu coração cantar. Esta jornada não significaria nada sem você.

Meu humilde obrigada aos deuses e às deusas, aos anjos e aos santos por responderem às minhas preces, e a cada pessoa que já demonstrou interesse na minha escrita. Eu listaria vocês aqui, mas temo deixar alguém de fora. Vocês sabem quem são, e eu os amo por isso. E obrigada a você, querido leitor, por permitir que eu entre em sua vida, seja por um dia, uma semana ou um mês. Sinto-me honrada por compartilhar minhas palavras e meu mundo com você.

Por fim, este livro pertence a todas as garotas e mulheres que veem a palavra "sonho" e pensam no verbo, não no substantivo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.